



CONGRESSO INTERNACIONAL DE FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

ENCONTRO NACIONAL DO GT PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA - ANPEPP

“O Desassossego Humano na Contemporaneidade”

ANAIIS

2017 Vol. I

realização:



20 a 22/set/2017
Natal - RN
nucleopoiesis.com.br



realização:

patrocínio:

apoio:

organização:





EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Prof.^a Dr.^a Ângela Maria Paiva Cruz (Reitora)

Prof. Dr. José Daniel Diniz Melo (Vice-reitor)

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA

Prof.^a Dr.^a Maria das Graças Soares Rodrigues (Diretora)

Prof. Dr. Sebastião Faustino Pereira Filho (Vice-diretor)

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – DEPSI

Prof.^a Dr.^a Cândida Maria Bezerra Dantas (Chefe)

Prof.^a Dr.^a Ana Karenina de Melo Arraes Amorim (Vice-chefe)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

Prof.^a Dr.^a Izabel Augusta Hazin Pires (Coordenadora)

Prof.^a Dr.^a Ilana Lemos de Paiva (Vice-coordenadora)

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Prof.^a Dr.^a Cynara Carvalho de Abreu (Coordenadora)

Prof.^a Dr.^a Ana Karina Silva Azevedo (Vice-coordenadora)

GRUPO DE ESTUDOS SUBJETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO - GESDH/UFRN

Prof.^a Dr.^a Elza Dutra (Líder)

Prof.^a Dr.^a Ana Karina Silva Azevedo (Vice-líder)

PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES

Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano - GESDH/UFRN

Ativa Assessoria de Eventos

HOME PAGE

www.gesdhufrn.com.br

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - ANPEPP

GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda - UFPR (Coordenador)

Profa. Dra. Elza Dutra - UFRN (Vice-coordenadora)

MEMBROS DO GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA DA ANPEPP

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel (Universidade Federal do Pará)

Adriano Furtado Holanda (Universidade Federal do Paraná)

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Ana Maria Monte Coelho Frota (Universidade Federal do Ceará)

Andrés Eduardo Aguirre Antunez (Universidade de São Paulo)



O DESASSOSSEGO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE

Daniela Ribeiro Schneider (Universidade Federal de Santa Catarina)
Elza Dutra (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Fernando Gastal de Castro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Georges Daniel Janja Bloc Boris (Universidade de Fortaleza)
Ileno Izídio da Costa (Universidade de Brasília)
José Célio Freire (Universidade Federal do Ceará)
Josemar de Campos Maciel (Universidade Católica Dom Bosco)
Monica Botelho Alvim (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Roberto Novaes de Sá (Universidade Federal Fluminense)
Vera Engler Cury (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)
Virgínia Moreira (Universidade de Fortaleza)

OBSERVADORES DO GRUPO DE TRABALHO PSICOLOGIA & FENOMENOLOGIA DA ANPEPP

Alessandro Gemino (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Anna Karynne da Silva Melo (Universidade de Fortaleza)

COMISSÃO ORGANIZADORA

COMISSÃO GERAL

Elza Dutra (Presidente)
Ana Andréa Barbosa Maux
Ana Karina Silva Azevedo
Cíntia Guedes Bezerra Catão
Cynara Carvalho de Abreu
Gabriela Gibson Cunha
Ianny Felinto Medeiros de Azevedo
Kadidja Suelen de Lucena Santos
Lucila Moura Ramos Vasconcelos
Malu Nunes de Oliveira
Maria Vanessa Moraes da Silva
Melina Séfora Souza Rebouças
Zara Cristina de Andrade Barbosa

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Andréa Barbosa Maux
Ana Karina Silva Azevedo
Cíntia Guedes Bezerra Catão
Cynara Carvalho de Abreu
Danielle de Gois Santos Caldeira
Elza Dutra
Lucila Moura Ramos Vasconcelos
Maíra Leite Escórcio
Melina Séfora Souza Rebouças
Symone Fernandes de Melo
Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
Ana Maria Monte Coelho Frota

Daniela Ribeiro Schneider
Georges Daniel Janja Bloc Boris



O DESASSOSSEGO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE

José Célio Freire
Sílvia Raquel Santos de Moraes

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO DOS ANAIS

Amanda Melo Queiroz da Costa
Cynara Carvalho de Abreu
Fátima de Menezes Dantas
Maria Vanessa Moraes da Silva
Symone Fernandes de Melo

SECRETARIA GERAL

Gabriela Gibson Cunha
Ianny Felinto Medeiros de Azevedo
Malu Nunes de Oliveira
Zara Cristina de Andrade Barbosa

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Malu Nunes de Oliveira
Maria Vanessa Moraes da Silva

MONITORES

Amanda Melo Queiroz da Costa
Bianca Caroline Noronha Sousa Barbosa
Caroline da Costa Oliveira
Daphne Trindade Siqueira
Fátima de Menezes Dantas
Karina Silva de Paiva
Laís Esterfânia de Franca Maia
Lucas Araújo Soares
Mariana Maia de Medeiros
Thayse Lira Santana

COBERTURA FOTOGRÁFICA

Marcos Barbosa da Silva (Cobertura fotográfica)

REALIZAÇÃO

Grupo de Estudos Subjetividade e Desenvolvimento Humano – GESDH/UFRN
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP
Grupo de Trabalho Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP

PATROCÍNIO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Pró-Reitoria de Pós-Graduação – PPG
Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD



O DESASSOSSEGO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE

Pró-Reitoria de Pesquisa – PROPESQ
Pró-Reitoria de Extensão – PROEX
Departamento de Psicologia - DEPSI
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPsi
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

APOIO
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA
Cooperativa Cultural Universitária
Edições IFEN
Editora Via Verita
Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Prefeitura Municipal do Natal
SICREDI

ORGANIZAÇÃO
Ativa Assessoria de Eventos



Coordenação de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Congresso Internacional de Fenomenologia existencial (1 : 2017 : Natal, RN)

Anais do Congresso Internacional de Fenomenologia existencial [e do] Encontro Nacional do GT Psicologia & Fenomenologia – ANPEPP [recurso eletrônico], 20, 21 e 22 de set em Natal, RN, Brasil – Natal, UFRN, CCHLA, 2017.

211 p. : PDF.

Disponível em: www.nucleopoiesis.com/congressos

1. Psicologia fenomenológico-existencial – Congressos. 2. Fenomenologia existencial – Congressos. 3. ANPEPP – Congressos. I. Título.: O desassossego humano na contemporaneidade.

RN/UF

CDU 159.961



SUMÁRIO

TRABALHOS

1. PRÁTICAS CLÍNICAS E SAÚDE MENTAL

A “DESCORPORIFICAÇÃO DO SELF” NA ESQUIZOFRENIA: O OLHAR DE THOMAS FUCHS 27

VICTOR MONTEIRO
CAMILA SOUZA
VIRGINIA MOREIRA

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CRAS SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 28

SUZANI GABRIELLI DE LIMA E SOUSA
CÍNTIA GUEDES BEZERRA CATÃO

A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM UM ENCONTRO COM A VIVÊNCIA MANÍACO-MELANCÓLICA..... 29

ANTONIA NATHALIA DUARTE DE MORAES
CÍNTIA GUEDES BEZERRA CATÃO

O PLANTÃO PSICOLÓGICO E AS POSSIBILIDADES DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA NO ATENDIMENTO A PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA..... 30

SILVIA MARIA EMERENCIANO DE MELO
ITAMAR SOUSA DE LIMA JUNIOR
JANUSY MARA DE ALENCAR ALMEIDA (BOLSISTA CAPES)
SIMONE DALLA BARBA WALCKOFF

UMA EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO NO CONTEXTOUNIVERSITÁRIO: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 31

MARIANA DA NÓBREGA GALVÃO DUARTE
CAROLINA FREIRE DE ARAÚJO DHEIN

A CAMINHO DA LINGUAGEM NA EXPERIÊNCIA DA DASEINSANALYSE CLÍNICA 32

DANIELLE PISANI DE FREITAS

A ESCRITA E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA: UMA POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA..... 33

JANAÍNA MELO
ANA KARINA AZEVEDO

A ESQUIZOFRENIA SOB O OLHAR FENOMENOLÓGICO DE GIOVANNI STANGHELLINI..... 34

LIA MATOS DE FIGUEIREDO



JULIANA PITA
VIRGÍNIA MOREIRA

UMA EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO EM UMA OCUPAÇÃO DE MORADIA 35

ANDRÉIA BADAN FISCHER
BATSHEVA SIQUEIRA ASCHERMANN

A CORPOREIDADE NA PSICOTERAPIA 36

LUIZA CARDINALLI DE FARIA

A FALA COMO RECURSO DURANTE A HOSPITALIZAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA HOSPITALAR..... 37

ANA GÉLICA ALVES GOMES
MAIANNA COSTA FERNANDES
FERNANDA LÚCIA N. FREIRE

A EXPERIÊNCIA DE SOFRIMENTO EM ESTUDANTES DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UFRN SOB O ENFOQUE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 38

CÍNTIA GUEDES BEZERRA CATÃO
ELZA DUTRA

CUIDADOS PALIATIVOS NAS UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA: PENSANDO AS PRÁTICAS DE SAÚDE NA ERA DA TÉCNICA 39

BEATRIZ MENDES PEREIRA
MELINA SÉFORA REBOUÇAS
GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DOS DIAGNÓSTICOS NA CLÍNICA PSICOTERÁPICA..... 40

JULIA NOVAES SILVA

EXPERIÊNCIA DE GRUPO DE APOIO À MULHER DIANTE DA PERDA GESTACIONAL E NEONATAL: UMA ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE NA MATERNIDADE ESCOLA JANUÁRIO CICCIO 41

CAROLINE ARAÚJO LEMOS FERREIRA
MARIA DE LOURDES COSTA DA SILVA
GILDECI BATISTA ALVES PINHEIRO
JANINE CONCEIÇÃO DE ARAÚJO E SILVA
ROBSON MICHEL BERTO DA SILVA

O DESVELAR DA EXPERIÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE COM A MORTE À LUZ DA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA 42

JÉSSICA PRISCYLLA MEDEIROS DE OLIVEIRA
ANA ANDRÉA BARBOSA MAUX
GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL: PSICOTERAPIA BREVE OU FOCAL? 43

IDA ELIZABETH CARDINALLI



ATUAÇÃO FENOMENOLÓGICA EM CONTEXTO HOSPITALAR 44

MAIANNA COSTA FERNANDES
ANA GÉLICA ALVES GOMES
MARIA MABEL NUNES DE MORAIS
EMANUELA VARELA DE AGUIAR
FERNANDA LÚCIA N. FREIRE

A EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA E O NÃO-DITO: REFLEXÕES DA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA DAURGÊNCIA..... 45

ANDERSON BARBOSA DE ARAÚJO
MARCELA ALMEIDA FIGUEIREDO
DAVI CORLETT SILVA
SANDRA SOUZA

A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO À TRIÁDE FAMÍLIA-EQUIPE-PACIENTE EM CASOS DE TENTATIVA DE SUICÍDIO..... 46

IVINA ALENCAR DE FIGUEIREDO
MAISSE LEONCIO CATUNDA
ANNA KARYNNE MELO

A LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL NA PRÁTICA CLÍNICA 47

FLÁVIA NEVES FERREIRA

A PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE SAÚDE SOBRE A PESSOA QUE TENTOU SUICÍDIO: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UM HOSPITAL DE EMERGÊNCIAS..... 48

JEFFERSON DOS SANTOS MELO

ACOLHENDO O SILÊNCIO: OS DESAFIOS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA JUNTO À PESSOA SURDA 49

TALITA ALVES ESTRELA
LILIANE BRANDÃO CARVALHO

ATENDIMENTO CLÍNICO DE PESSOAS SURDAS EM LIBRAS E OUTRAS CONDIÇÕES LINGÜÍSTICAS..... 50

DÉLIO HENRIQUE DELFINO DE OLIVEIRA

A OPERACIONALIDADE DA FENOMENOLOGIA DA VIDA DE MICHEL HENRY NO ÂMBITO CLÍNICO: ESTUDO DE CASOS SOBRE A MODALIZAÇÃO DO SOFRER EM FRUIR EM UM GRUPO TERAPÊUTICO VOLTADO À PRIMEIRA INFÂNCIA..... 51

REYNALDO THIAGO DA SILVA ROCHA
ANDRÉS EDUARDO AGUIRRE ANTÚNEZ

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL E DAS FORMAS DE ADOECIMENTO DAS PESSOAS QUE PROCURAM A CLÍNICA PSICOLÓGICA ANA MARIA POPPOVIC – CURSO DE PSICOLOGIA – FACHS – PUC/SP 52

IDA ELIZABETH CARDINALI
LUIZA CIZIK FRANCO,
MARIANA CAMPOS LICHTSZTEJN
VINÍCIUS LACERDA GOMES



PLANTÃO PSICOLÓGICO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE UM NOVO FAZER CLÍNICO..... 53

JEFFERSON DOS SANTOS MELO
MARCILENE DOS SANTOS SENA

A MORTE E O TRABALHO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR NA UTI: RELATO DE EXPERIÊNCIA 54

ANA GÉLICA ALVES GOMES
MAIANNA COSTA FERNANDES

O NILISMO E A ESCUTA PSICOLÓGICA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO..... 55

DAVI CORLETT SILVA
ANDERSON BARBOSA DE ARAUJO
MARCELA ALMEIDA FIGUEIREDO
HAMMINA REBECCA SIQUEIRA NUNES
SANDRA SOUZA

O DESASSOSSEGO DE UM PLANTONISTA NO CONJUNTO RESIDENCIAL DA USP 56

CÉSAR DIAS DE OLIVEIRA

A PRÁTICA NO ESTÁGIO DE PSICOLÓGICA CLÍNICA NO AMBULATÓRIO DE ESPECIALIDADES MÉDICAS DE UMA UNIVERSIDADE 57

ARTUR ALVES DE OLIVEIRA CHAGAS
CARLA DE OLIVEIRA PAULO

ADOLESCÊNCIA E EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO NA ESCOLA..... 58

EDVÂNIA DOS SANTOS ALVES

ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVANEONATAL DA MATERNIDADE ESCOLA JANUÁRIO CICCIO / NATAL-RN..... 59

THATIANE GUEDES DE OLIVEIRA MACHADO
CAROLINE ARAÚJO LEMOS FERREIRA

A PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA GENÉTICO-ESTRUTURAL NO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISOCIAL 60

DÁRIA MARIA BARBOSA DEDE
LUANNA MARA CÂNDIDO DA SILVA
BRUNA BORGES COSTA
ANDRÉ DE CARVALHO BARRETO

A MORTE EM UM LOCAL DEDICADO À VIDA: A MATERNIDADE 61

LUCILA MOURA RAMOS VASCONCELOS
ELZA DUTRA

AUTOCUIDADO DIANTE DO DESASSOSSEGO CONTEMPORÂNEO: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA A PRÁTICA CLÍNICA DA GESTALT 62

CIRO DE ALMEIDA SAMPAIO
AMANDA BRITO LISBOA ORNELLAS



EDNA CORREIA DA SILVA LUCIANO DE OLIVEIRA
LILLIAN ARGOLO AMARAL
MILENA VIEIRA DA SILVA

**ATENÇÃO PSICOLÓGICA EM DIÁLOGO COM HANNAH ARENDT:
ALGUNS DELINEAMENTOS SOBRE A NATALIDADE FRENTE A EXPERIÊNCIAS
DE RUPTURAS 63**

ITALA DANIELA DA SILVA
SIMONE DALLA BARBA WALCKOFF

**RODAS DE CONVERSA COM ACOMPANHANTES DE PACIENTES CRÔNICOS:
ESPAÇO DE DIÁLOGO E REFLEXÃO 64**

ROSANA CAMPOS ALVES
THALYTA DANIELLE PINTO DA SILVA
GLASY SOUZA E SILVA SANTOS
ANDRÉA CRISTINA TAVELIN BISELLI
FLÁVIO BARBOSA DE OLIVEIRA

**CONFLITOS FAMILIARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOTERAPIA
INDIVIDUAL 65**

ANTONINO JOSÉ DE MELO
CAROLINY BARBOSA SILVA
MILENE MARTINS

**EXPERIÊNCIA NO ACOMPANHAMENTO DE PACIENTES ADOLESCENTES
CANDIDATOS À CIRURGIA BARIÁTRICA E METABÓLICA 66**

CAMILLA ACCIOLY PEREIRA
ANDRÉA CRISTINA T. BISELLI
SARAH XAVIER VASCONCELOS DE FIALHO RODRIGUES
VLADYA TATYANE PEREIRA DE LIRA

EXPERIÊNCIA VIVIDA DE JOANA NA DEPENDÊNCIA DE SMARTPHONE 67

LOUISE MACEDO
VIRGÍNIA MOREIRA

**ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE O CÂNCER
INFANTIL NO ÂMBITO FAMILIAR SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAL 68**

SUZANI GABRIELLI DE LIMA E SOUSA
CÍNTIA GUEDES BEZERRA CATÃO

**DE FRENTE COM O FIM: OS PROFISSIONAIS DOS CUIDADOS PALIATIVOS E O
LUTO 69**

JÉSSICA PRISCYLLA MEDEIROS DE OLIVEIRA
GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

**EM BUSCA DO SENTIDO DO DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIAS: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA PERSPECTIVA DE
MÃES E PROFESSORAS 70**

LIA SPADINI DA SILVA



DO PLANTÃO PSICOLÓGICO À PSICOTERAPIA: UM PROCESSO DE ABERTURA AO CRESCIMENTO..... 71

MARIA LILIAN LEAL DE SOUZA
SAID ZAREH
IZAÍAS CARLOS DE MENDONÇA JUNIOR
SANDRA SOUZA

ESCUTA FENOMENOLÓGICA DOS PACIENTES EM PERÍODO PRÉ-OPERATÓRIO DE UM HOSPITAL LOCALIZADO EM NATAL-RN: RELATO DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO 72

SIMONE ROCHA FREITAS
GABRIELA SILVA DE SOUSA
IANNY FELINTO MEDEIROS DE AZEVEDO

EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA GRUPAL COM IDOSAS NO AMBULATÓRIO DE PSICOLOGIA DE UM HOSPITAL DE REFERÊNCIA DA CIDADE DO RECIFE – PE 73

ANDRÉA CRISTINA TAVELIN BISELLI
CARMEM LÚCIA BRITO TAVARES BARRETO
FLÁVIO BARBOSA DE OLIVEIRA
SARAH XAVIER VASCONCELOS DE FIALHO RODRIGUES
VLADYA LIRA

DESAFIOS DA AÇÃO CLÍNICA AOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS) 74

EDVÂNIA DOS SANTOS ALVES
ANA LUCIA FRANCISCO

ERA UMA VEZ... HISTÓRIAS DE CRIANÇAS (CON)VIVENDO COM A RECIDIVA DO CÂNCER E SEUS ENSINAMENTOS SOBRE O CUIDADO 75

RAFAELLA MARIA DE VARELLA DOMINGUES
GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL NA PERSPECTIVA DA SAÚDE MENTAL A PARTIR DO CASO DE JORGE 76

JULIANA FARIAS SANTIAGO
BEATRIZ ABREU MAIA

FENOMENOLOGIA: ESTUDO DA PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO CAPS ACERCA DO SENTIDO DA VIDA 77

HERIKA DAYANE SILVA SANTOS GOMES
MARIA RITTA ALVES DE ARAÚJO
GILDEVAN ESTRELA DANTAS
GRACYELLY FLORENCIO NUNES

FINITUDE EXISTENCIAL: O SUICÍDIO ENQUANTO POSSIBILIDADE DE ESCOLHA 78

ANA PRISCILA DA SILVA FERRAZ
JANNE FREITAS DE CARVALHO

MECANISMOS DE EVITAÇÃO DE CONTATO NO ATENDIMENTO INFANTIL – CASO LÉO 79



YARA PIMENTA RODRIGUES
ANA KARYNNE MELO

A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA PARA PACIENTES SOB CUIDADOS PALIATIVOS 80

SARAH XAVIER VASCONCELOS DE FIALHO RODRIGUES
ANDRÉA CRISTINA T. BISELLI
VLÁDYA TATYANE P. DE LIRA
MARCUS TÚLIO CALDAS

**ENTRE A CIÊNCIA E A RELIGIÃO: ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE CAPS
FRENTE À RELIGIÃO DE PACIENTES..... 81**

ALICE PAIVA
LUCIANA SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE EDITH STEIN
PARA A CLÍNICA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE 82**

MAK ALISSON BORGES DE MORAES
ILENO IZÍDIO DA COSTA
TOMMY AKIRA GOTO

**O VELAR COMO DES-VELA-DOR DA VIDA: A POSSIBILIDADE DA NATALIDADE
(RE)VELADA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO..... 83**

ITALA DANIELA DA SILVA
SIMONE DALLA BARBA WALCKOFF

**O SENTIDO DA VIDA DO SUICIDA: UMA ANÁLISE EXISTENCIAL
LOGOTERAPÊUTICA..... 84**

DÁRIA MARIA BARBOSA DEDÊ
KARINY PATRÍCIO DO AMARAL
BRUNA BORGES COSTA
ANDRÉ DE CARVALHO-BARRETO

O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM DIANTE DA MORTE DE PACIENTES..... 85

LUCILA MOURA RAMOS VASCONCELOS
ELZA DUTRA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O LÚDICO
COMO DIMENSÃO DA EXISTÊNCIA 86**

TATIANA DE MORAIS BARBOSA
MARIANA CELA

**O ESTÁGIO DE CONVIVÊNCIA EM CASOS DE ADOÇÃO: UMA COMPREENSÃO
FENOMENOLÓGICA 87**

LAURA CRISTINA SANTOS DAMÁSIO DE OLIVEIRA
ANA ANDRÉA BARBOSA MAUX

**LITERATURA E INFÂNCIA: A COMPREENSÃO DO LUGAR DA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL 88**

LUCIANA SZYMANSKI
ALESSANDRA MARQUES
CYNTHIA PRADO
DEBORA ANDRADE



NATHÁLIA MACHADO

PROCESSO DE MUDANÇA EM PSICOTERAPIA INFANTIL NA GESTALT-TERAPIA: UM ESTUDO DE CASO..... 89

TATIANA DA SILVA TEIXEIRA
SANDRA SOUZA

OS SENTIDOS SOBRE HISTÓRIA DE VIDA E O DESVELAR DE NOVAS POSSIBILIDADES – UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UM SCRAPBOOK COM UMA ADOLESCENTE EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL 90

THALITA TRAJANO DA FONSECA SANTOS
CLARA MARIA MELO DOS SANTOS
SYMONE FERNANDES DE MELO

EXPERIÊNCIA DE MÃES DE RECÉM-NASCIDO COM ÓBITO EM UTI NEONATAL 91

SEBASTIÃO ELAN DOS SANTOS LIMA

TANIA, AQUÉM E ALÉM DA ANOREXIA..... 92

MAÍRA MENDES CLINI

NOSSOS ATOS QUE NOS DEFINEM: UM ESTUDO SOBRE ABUSO DE SUBSTÂNCIAS EM ADOLESCENTES 93

JAQUELINE AQUINO
FERNANDA GUITER,
DAMILLA MARCIELLE
GABRIEL BRASIL
LILIANE CARVALHO

O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 94

CÍNTIA GUEDES BEZERRA CATÃO
ANA PAULA DE ARAÚJO FERREIRA

PLANTÃO PSICOLÓGICO COM UNIVERSITÁRIOS À LUZ DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA 95

MILENA RODRIGUES SOUZA E SILVA
CÍNTIA GUEDES BEZERRA CATÃO
MOZART GALVÃO DE BARROS NETO

O CORPO NA DOR: AMANDA, A SOLIDÃO, A CULPA E A AUTOMUTILAÇÃO – RELATO DE CASO DE ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO A UMA ADOLESCENTE COM IDEIAÇÃO SUICIDA 96

ALLANE CRISTINA COSME RODRIGUES 96
GLÊNIO TAVARES COSTA 96

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA EXPERIÊNCIA DE LUCAS..... 97

RAYANE LIMA
THAÍS MENDES



**A BUSCA DE SENTIDO NA REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL PARA OS
DEPENDENTES QUÍMICOS E ALCOÓLICOS EM UM CAPS - AD: SOB UMA
LEITURA LOGOTERAPÊUTICA..... 98**

MATUZALÉM LIMA E SOUSA
JOELMA ANA GUTIÉRREZ ESPÍNDULA

**SER PLANTONISTA NO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO: DESAFIOS
E SUPERAÇÕES 99**

JOYCE CRISTINA DE OLIVEIRA REZENDE
PATRÍCIA MOURA FERNANDES SILVA
MONICA CAMPOS GONÇALVES
ANDRÉ PRADO NUNES
HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO

**SERVIÇO DE ESCUTA PSICOLÓGICA: ATENÇÃO E ACOLHIMENTO IMEDIATO
À COMUNIDADE 100**

LARISSA RIBEIRO FLORENTINO
TÂMARA DELLES FERREIRA PINTO DE ALBUQUERQUE
CARLA DE SANT'ANA BRANDÃO
ANNA PAULA FREITAS DE OLIVEIRA
LINNIE EMANUELLE CRISTÓVÃO DA LUZ

**PSICOLOGIA CULTURAL E FENOMENOLOGIA: DIÁLOGOS ENTRE WUNDT E
HUSSERL 101**

BRUNA BORGES COSTA
JOÃO GOMES DE OLIVEIRA NETO
ANTÔNIA APARECIDA VICTOR
DÁRIA MARIA BARBOSA DEDÊ
ANDRÉ DE CARVALHO-BARRETO

**PENSAR A CLÍNICA A PARTIR DE IDEIAS DO SEGUNDO HEIDEGGER: ARTE E
ESPAÇO..... 102**

MAÍRA MENDES CLINI

**O SER-PARA-A-MORTE E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA 103**

IANNY FELINTO MEDEIROS DE AZEVEDO
ELZA DUTRA
LUCILA MOURA RAMOS VASCONCELOS

**PLANTÃO PSICOLÓGICO EM INSTITUIÇÕES: UMA COMPREENSÃO
FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL..... 104**

JÉSSICA CAROLINE DE MORAES VERÍSSIMO
CARMEM LÚCIA BRITO TAVARES BARRETO

**POR ENTRE FIOS E BURACOS: UMA EXPERIÊNCIA PARA CONSTRUÇÃO DE
UMA REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE NO IPUSP 105**

LAIZ MARIA SILVA CHOFI

**SARTRE: DA APROPRIAÇÃO DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL AO
DELINEAMENTO DE UMA PSICOLOGIA MORALIZANTE 106**



CAROLINA FREIRE DE A. DHEIN

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA SÍNDROME DE TOURETTE..... 107

YARA PIMENTA RODRIGUES
ANA KARYNNE MELO

UMA NOÇÃO DA ESQUIZOFRENIA NA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA 108

ANTONIA DO CARMO BRASILEIRO ANDRADE
ANNA KARYNNE MELO
SILVIA FERNANDES DO VALE

UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE MERLEAU-PONTY E BLANKENBURG PARA COMPREENDER A ESQUIZOFRENIA..... 109

JULIANA PITA
VIRGÍNIA MOREIRA
MAREIKE WOLF-FÉDIDA

PASSEIO TERAPÊUTICO E LOGOTERAPIA: A EXPERIÊNCIA DE UMA INTERNAÇÃO NO PUERPÉRIO 110

SEBASTIÃO ELAN DOS SANTOS LIMA

PLANTÃO PSICOLÓGICO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: REFLEXÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA ENQUANTO DISCENTE DE PSICOLOGIA 111

TATIANA DE MORAIS BARBOSA
MARIANA CELA

PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UNIVERSIDADE: POSSIBILIDADE DE ATENÇÃO AO MAL-ESTAR DISCENTE 112

VIRGINIA TELES CARNEIRO

PLANTÃO PSICOLÓGICO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS 113

ILANA CORRÊA DO NASCIMENTO SABINO
CÍNTIA GUEDES BEZERRA CATÃO

IDEAÇÃO E TENTATIVA DE SUICÍDIO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: UMA DOR QUE TEM MORADA NA UNIVERSIDADE 114

AIRLLANNE PALLOMA DA SILVA LIMA
MARIA VANESSA MORAIS DA SILVA
ANA KARINA SILVA AZEVEDO

A QUESTÃO DO TEMPO E A MORADA HUMANA: CONSIDERAÇÕES HEIDEGGERIANAS SOBRE A CLÍNICA PSICOLÓGICA..... 115

FERNANDO DA ROCHA MAGLIANO

2. DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES



A IMPESSOALIDADE E A FUGA DA ANGÚSTIA NA ERA DA TÉCNICA: UMA BREVE ANALÍTICA DE *BLACK MIRROR* À LUZ DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA..... 116

AMANDA MELO QUEIROZ DA COSTA
LUCAS ARAÚJO SOARES
MARIA ISABEL SILVA DO NASCIMENTO
CYNARA CARVALHO DE ABREU

A DANÇA DE ANITA: IMPROVISÇÃO E CRIAÇÃO EM PROCESSOS ARTÍSTICOS E PSICOTERAPÊUTICOS SOB UMA PERSPECTIVA SARTREANA 117

CRISTIANA FERNANDES MOURA
ISABEL MARIA DE ARAÚJO BOTELHO
GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS

OFICINA DE ARTESANATO COMO POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA 118

MARIA EDUARDA PADILHA GIAMATTEY

DESEMPREGO E JUVENTUDE NA ERA DA TÉCNICA: TEMOS NOSSO PRÓPRIO TEMPO? 119

MALU NUNES DE OLIVEIRA
ELZA DUTRA

ANÁLISE DA SÉRIE *THIRTEEN REASONS WHY* SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 120

MANUELLA BILA DE MELO
CYNARA CARVALHO DE ABREU
MALU NUNES DE OLIVEIRA

“O SERTÃO É UM MUNDO” – UMA APROXIMAÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS MODOS DE SER-NO-MUNDO DE SERTANEJOS DO SEMIÁRIDO NORDESTE 121

MAÍRA LEITE ESCÓRCIO
ELZA DUTRA

A ALTERIDADE DA CAPOEIRA: DE SEUS SENTIDOS VIVIDOS AOS SEUS SABERES SOCIAIS 122

PEDRO HENRIQUE MARTINS VALÉRIO
(BOLSISTA FAPESP, NÚMERO DO PROCESSO: 2016/21169-1)

CONVERSAS SOBRE MORTE E DANÇA: OS FIOS TRAMADOS POR THANATOS E TERPSÍCORE..... 123

ANA CLÁUDIA ALBANO VIANA

MÚSICA COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO NA MATERNIDADE ESCOLA JANUÁRIO CICCIO 124

MONIQUE PIMENTEL DIÓGENES
MARIANA CARVALHO DA COSTA
MARIA CLARA DE ARAÚJO SILVA CAVALCANT
KAIO GRACO ROQUE DANTAS
DJÁNAME ERLAINE FERNANDES DOS SANTOS



**O RESGATE DA PRÓPRIA HISTÓRIA COMO RESSIGNIFICAÇÃO DO VIVIDO:
UM ESTUDO DE CASO 125**

KARINA SILVA DE PAIVA
KAREN RENATA ATAÍDE DA CRUZ

**REFLEXÕES SOBRE O FILME “COMO ESTRELAS NA TERRA- TODA CRIANÇA É
ESPECIAL”, À LUZ DA FENOMENOLOGIA 126**

ERIKA VASCONCELOS DE CASTRO VALE
APARECIDA INÁCIA GUEDES SANTOS
SUELLEN CRISTINA COSTA FREIRE
ANTONIA NATHALIA DUARTE DE MORAES

A EXPERIÊNCIA DE SER MÃE EM CONTEXTO DE HOSPITALIZAÇÃO 127

DÉBORA DE SOUSA RODRIGUES
GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS
ANNA KARYNNE DA SILVA MELO

3. FENOMENOLOGIA, PESQUISA E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

A HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA NA PESQUISA EM CLÍNICA 128

MELINA SÉFORA SOUZA REBOUÇAS
ELZA DUTRA

**CLÍNICA-ESCOLA E SUPERVISÃO CLÍNICA: ORIENTAÇÃO
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM GRUPOS DE APOIO NA FORMAÇÃO DE
PSICÓLOGOS 129**

TELMA REGINA LAGO COSTA

**UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE AS PRIMEIRAS SESSÕES DO
ATEDIMENTO INDIVIDUAL NA CLÍNICA SOCIAL PSICOLÓGICA..... 130**

EDNA CORREIA DA SILVA LUCIANO DE OLIVEIRA
CIRO DE ALMEIDA SAMPAIO
LILLIAN ARGOLO AMARAL
TIARA FERREIRA E ANDRADE
MARCIA ESTARQUE PINHEIRO

**FUNDAMENTOS FENOMENOLÓGICOS EM DESCARTES, KANT E FREGE:
CAMINHO HUSSERLIANO PARA A SUBJETIVIDADE TRANSCENDENTAL..... 131**

ANDRÉ VINÍCIUS DIAS SENRA

KIERKEGAARD NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL..... 132

MYRIAM MOREIRA PROTASIO

**O IMPACTO DA EXPERIÊNCIA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA FORMAÇÃO
DO PSICÓLOGO: UM ESTUDO SOBRE A APRENDIZAGEM DO PESQUISADOR 133**

VINICIUS RONDI BÓRNEA

A ÉTICA AMPLIANDO POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA 134

DANIELLE DE GOIS SANTOS CALDEIRA



MALU NUNES

HISTÓRIAS DE ADOÇÃO TARDIA: UM OLHAR A PARTIR DA ANALÍTICA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA 135

SAYONARA OLIVEIRA FREITAS
SYMONE FERNANDES DE MELO

O DESENHO INFANTIL COMO VERSÃO DE SENTIDO NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO..... 136

SANDRA SOUZA
TATIANA DA SILVA TEIXEIRA
HAMMINA REBECCA SIQUEIRA NUNES

A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E A MONITORIA EM TEMPOS DE OCUP(AÇÃO) 137

AMANDA DIAS DA SILVA
AMANDA GABRIELA DE SÁ FERRAZ SOUZA
ANA PRISCILA DA SILVA
MICHELLY FARIAS ROCHA
JANNE FREITAS DE CARVALHO

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A VIVÊNCIA DO ENCONTRO TERAPÊUTICO EM UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA 138

ALISSON DE OLIVEIRA SANTOS
ANA ANDRÉA BARBOSA MAUX

SCRAPBOOK COM ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA: RELATO DE EXPERIÊNCIA 139

MANUELLA BILA DE MELO
CLARA MARIA MELO DOS SANTOS
SYMONE FERNANDES DE MELO

PSICOTERAPIA ANCORADA NA ONTOLOGIA FUNDAMENTAL: UM ENSAIO METODOLÓGICO 140

DIOGO ARNALDO CORRÊA
MARLISE APARECIDA BASSANI

A HISTORIOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE DE METODOLOGIA DE PESQUISA..... 141

JANUSY MARA DE ALENCAR ALMEIDA (BOLSISTA CAPES)
SIMONE DALLA BARBA WALCKOFF

A PRÁTICA DE SUPERVISÃO NA CLÍNICA COM BASES FENOMENOLÓGICAS – PARA ALÉM DO CASO CLÍNICO 142

MARCELLO FURST DE FREITAS ACCETTA
CAMILA STEFAN DE ANDRADE
JULIA NOVAES SILVA

O DESPERTAR DE UM GRUPO DE PESQUISA EM DASEINSANALYSE: ESTUDOS E REFLEXÕES DE “CONVERSA SOBRE TERAPIA”, DE BILÊ TATIT SAPIENZA... 143



ÁGNES CRISTINA DA SILVA PALA
TAMIRIS DE ABREU FONSECA
STEPHANY CECILIA DA ROCHA
RAQUEL PASSERI DE AGUIAR
SOLANGE DOS SANTOS LIMA

**E A PSICOLOGIA CHEGA À COMUNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE PRÁTICA FORMATIVA POR MEIO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO..... 144**

DANIELA RIBEIRO BARROS

**O CARÁTER PROCESSUAL DA EXPERIÊNCIA DE SER PSICÓLOGO
HOSPITALAR 145**

THAÍS DE CASTRO GAZOTTI
MHARIANNI CIARLINI DE SOUZA BEZERRA
VERA ENGLER CURY

O ABSURDO EM ÁLVARO DE CAMPOS..... 146

MAIANNA COSTA FERNANDES
ANA GÉLICA ALVES GOMES

**O TEMPO VIVIDO NA OBRA *MRS. DALLOWAY*: UMA DISCUSSÃO
FENOMENOLÓGICA 147**

CAMILA SOUZA
VIRGINIA MOREIRA

O HABITAR COMO EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL DO SER 148

LÍVIA MARIA GUEDES DE LIMA ANDRADE
AMILTON CARLOS CAMARGO

A INFLUÊNCIA DA FENOMENOLOGIA NA PRÁTICA CLÍNICA GESTÁLTICA.. 149

EDNA CORREIA DA SILVA LUCIANO DE OLIVEIRA
CIRO DE ALMEIDA SAMPAIO
LILLIAN ARGOLO AMARAL
MILENA DA SILVA VIEIRA
TIARA ANDRADE E FERREIRA

A NÃO ESCUTA NA OBRA THIRTEEN REASONS WHY..... 150

FÁTIMA DE MENEZES DANTAS

**O CAMINHO FENOMENOLÓGICO DA HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE NO
JOVEM HEIDEGGER (1919-1923)..... 151**

FLÁVIA NEVES FERREIRA

**ACESSANDO O VIVIDO NO PROCESSO GRUPAL DE PESSOAS QUE PENSARAM
OU TENTARAM SUICÍDIO 152**

ARETHUSA EIRE MOREIRA DE FARIAS
SANDRA SOUZA

CIÊNCIA EXISTENCIAL COMO PSICOLOGIA DA POSSIBILIDADE..... 153

MYRIAM MOREIRA PROTASIO



ESTUDOS ATUAIS SOBRE O SUICÍDIO INFANTO-JUVENIL..... 154

ELAINE LOPEZ FEIJOO

**A PESQUISA INTERVENTIVA E DE BASE FENOMENOLÓGICA: ESTREITANDO O
DIÁLOGO ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE 155**

LUCIANA SZYMANSKI
ALEXANDRE FAUSTO
ANA LUIZA TELLES
JULIANA SOMEKH
FELIPE FACHIM

**A EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO CONTATO COM A PRÁTICA PSICOLÓGICA:
ATENÇÃO E CUIDADO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ACOLHIMENTO
INSTITUCIONAL 156**

MARINNA REZENDE DE LUCENA MARINHO
MANUELLA BILA DE MELO
JULIANA DE OLIVEIRA SILVEIRA
SYMONE FERNANDES DE MELO
CLARA MARIA MELO DOS SANTOS

A INCLUSÃO PELOS OLHOS DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL..... 157

ALYNE MAYARA SILVA DE MORAIS
ANA ANDRÉA BARBOSA MAUX
ALISSON DE OLIVEIRA SANTOS

**ACOLHIMENTO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA
URGÊNCIA DE UMA MATERNIDADE ESCOLA EM NATAL/RN..... 158**

MANUELLA MAYARA DE MEDEIROS NUNES
JANICE FRANÇA DE QUEIROZ
MARIANA CARVALHO DA COSTA
MELISSA DE OLIVEIRA ARAÚJO

**O VAZIO DA ESPERA: INQUIETAÇÕES ANTE A ESCASSEZ DE UMA PROCURA
..... 159**

AMANDA DIAS DA SILVA
JANNE FREITAS DE CARVALHO

NOTAS SOBRE A GEOGRAFIA DA DIVERSIDADE SEXUAL 160

WASHINGTON RAMOS DOS SANTOS JUNIOR
NUBIA DE FÁTIMA BALDOÍNO LIRA

**PANORAMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO PÚBLICA:
CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 161**

FELIPE LUIS FACHIM
ANA LUIZA TELLES PEREIRA
LUCIANA SZYMANSKI

**SOBRE MÃES DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL: CONSIDERAÇÕES
FENOMENOLÓGICAS..... 162**

GABRIELA GIBSON CUNHA
ELZA DUTRA



UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA ACERCA DA EXPERIÊNCIA DE UMA EX-ABRIGADA DA CASA CLARA CAMARÃO 163

KADIDJA SUELEN DE LUCENA SANTOS
ELZA DUTRA
ANA KARINA SILVA AZEVEDO

REFLEXÕES SOBRE CLÍNICA, SOCIEDADE E FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA 164

LUIS EDUARDO FRANÇÃO JARDIM

DA EXISTÊNCIA À LOGOTERAPIA: A RELAÇÃO ENTRE KIERKEGAARD E FRANKL NO SENTIDO DA VIDA 165

ANDRÉ DE CARVALHO-BARRETO
BRUNO EMANOEL DE MELO BRASILINO

FENOMENOLOGIA, EXISTENCIALISMO E AUTOAJUDA: NOTAS SOBRE A BUSCA HUMANA POR RESPOSTAS “DADAS” PARA O VIVER 166

RAISA GRASIELE RODRIGUES DE ALMEIDA
EMMANOEL DE ALMEIDA RUFINO

PSICOLOGIA DO ESPORTE, SAÚDE MENTAL E FENOMENOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA COM AS PRÁTICAS CORPORAIS..... 167

ADRIELI Y. ISHIMOTO
KAROLINE MICHALSKI
LUIZA FIGUEIREDO
RODRIGO SALOMÃO;
TELMA SARA Q.MATOS

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM A REDOMA DE VIDRO DE SYLVIA PLATH..... 168

MARCELA ALMEIDA FIGUEIREDO
ANDERSON BARBOSA DE ARAUJO
DAVI CORLETT SILVA
SANDRA SOUZA

OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SOBRE O CASTELO, DE FRANZ KAFKA 169

BRUNA BORGES COSTA
DÁRIA MARIA BARBOSA DEDÊ
ANDRÉ DE CARVALHO-BARRETO

FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE EXISTENCIAL: A ESCOLHA ORIGINAL COMO ALTERNATIVA AO INCONSCIENTE..... 170

LUCIANO DONIZETTI

IMPLICAÇÕES DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA NA PSICOLOGIA (HANS GEORG GADAMER) 171

VYTAL HÍRVEY MAGALHÃES ARRUDA LINHARES
GUSTAVO FREITAS PEREIRA



O CUIDADO NA PSICOTERAPIA-VIVENCIAL: UM DIÁLOGO ENTRE LEONARDO BOFF E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL..... 172

ISABELA FLORENZANO DA MOTTA
LUÍZ JOSÉ VERÍSSIMO

CHEGANDO PERTO DA CASA NA MONTANHA: DESENVOLVIMENTO DO VÍNCULO NA PSICOTERAPIA DE ANDRÉ 173

ROSA ANGELA CORTEZ DE BRITO
VIRGINIA MOREIRA

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA EXPERIÊNCIA DO VER 174

FLÁVIA MOREIRA PROTASIO

NOTAS SOBRE A ESTRUTURA DA INTENCIONALIDADE EM BRENTANO E HUSSERL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA HUMANISTA DE BASE FENOMENOLÓGICA 175

KATIANE FERNANDES NÓBREGA
MARIANA CELA

NARRATIVAS COMPARTILHADAS: RECONSTRUINDO SIGNIFICADOS 176

LÍVIA MARIA GUEDES DE LIMA ANDRADE
ROSA DE PAULA PRADO
AMILTON CARLOS CAMARGO

O DESABROCHAR DA FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS(AS): O SERVIÇO-ESCOLA COMO POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO 177

JÉSSICA CAROLINE DE MORAES VERÍSSIMO
JANNE FREITAS DE CARVALHO

O DESVELAMENTO DE NOVOS MÉTODOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA FENOMENOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA..... 178

ÁGNES CRISTINA DA SILVA PALA
TAMIRIS DE ABREU FONSECA
STEPHANY CECILIA DA ROCHA
NAYRA CLYCIA DA COSTA MUNIZ RODRIGUES
MARIANA ROCHA LEAL GARCEZ

O PROBLEMA MENTE-CORPO NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE EDITH STEIN:IMPLICAÇÕES PARA UMA FUNDAMENTAÇÃO DA CIÊNCIA PSICOLÓGICA 179

MAK ALISSON BORGES DE MORAES
TOMMY AKIRA GOTO

SAÚDE MENTAL, PSICOLOGIA E FENOMENOLOGIA: COMO PENSAR ESSA INTERLOCUÇÃO?..... 180

JOÃO MARCOS DE ARAÚJO LEITE
ANNA KARYNNE MELO
VIRGÍNIA MOREIRA



**PLANTÃO PSICOLÓGICO NO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO:
ATENDIMENTO A ASSISTIDOS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE 181**

JOYCE CRISTINA DE OLIVEIRA REZENDE
GIULIA DE ARRUDA MALUF
LYGIA ARIAS BAGNO
ANDRÉ PRADO NUNES
HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO

**CORPO, PERCEPÇÃO E CULTURA DE MOVIMENTO NO CINEMA DE CARLOS
SAURA 182**

RAPHAEL RAMOS DE OLIVEIRA LOPES
TEREZINHA PETRUCIA DA NÓBREGA

**EXISTÊNCIA E DITADURA CIVIL-MILITAR: REVERBERAÇÕES NO COTIDIANO
DO BRASILEIRO 183**

LUIS EDUARDO FRANÇO JARDIM

**PLANTÃO PSICOLÓGICO: CUIDADO, AÇÃO E CRIAÇÃO DE ESPAÇOS E
ATUAÇÃO 184**

DIMITRI CARLO GABRIEL DA SILVA
(BOLSISTA DO CNPQ)

O EXISTENCIALISMO NA OBRA *O PLANETA DOS MACACOS* 185

FÁTIMA DE MENEZES DANTAS
TAINÁ FERREIRA BARROS

**AUTOCUIDADO DISCENTE: UM NOVO OLHAR SOBRE A PRÁTICA DA
PSICOPEDAGOGIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA E
FENOMENOLÓGICA 186**

CIRO DE ALMEIDA SAMPAIO
EDNA CORREIA DA SILVA LUCIANO DE OLIVEIRA
LILLIAN ARGOLO AMARAL
MILENA VIEIRA DA SILVA
TIARA FERREIRA E ANDRADE

**ATUAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO PLANEJAMENTO FAMILIAR DA
MATERNIDADE ESCOLA JANUÁRIO CICCO 187**

MANUELLA MAYARA DE MEDEIROS NUNES
MARIANA CARVALHO DA COSTA
JANICE FRANÇA DE QUEIROZ

4. SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

**A MÃE QUE ENTREGA UM FILHO EM ADOÇÃO: UMA COMPREENSÃO
HERMENÊUTICA DA EXPERIÊNCIA DE DOR E DE PRECONCEITOS 188**

LAURA CRISTINA SANTOS DAMÁSIO DE OLIVEIRA
GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

**ANALISANDO OS CONCEITOS DE SAÚDE, DE DOENÇA E DE CLÍNICA NOS
SERVIÇOS DE PSICOLOGIA DO BRASIL 189**

DAVI BARRETO



ANNA KARYNNE MELO
VIRGÍNIA MOREIRA

O ZELA-A-DOR: UM ENREDO PROTAGONIZADO PELO IDOSO INSTITUCIONALIZADO SOBRE O CUIDADOR..... 190

MONIQUE PIMENTEL DIÓGENES
GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

O CUIDADO INTRÍNSECO À FORMAÇÃO DE PSICÓLOGO(A) 191

ANA PRISCILA DA SILVA FERRAZ
AMANDA DIAS DA SILVA
AMANDA GABRIELA DE SÁ FERRAZ SOUZA
JANNE FREITAS DE CARVALHO
MICHELLY FARIAS ROCHA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM CENTRO DE CONVIVÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO DO VIVIDO 192

EBERSON DOS SANTOS ANDRADE
NILTON JÚLIO DE FARIA

REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL DE PACIENTES NO AMBULATÓRIO PSIQUIÁTRICO EM UM HOSPITAL: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL 193

FERNANDA INGREDY DANTAS DE ARAÚJO
JOELMA ANA GUTIÉRREZ ESPÍNDULA

HISTÓRIAS DE QUEM CUIDA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE CUIDADORES INFORMAIS DE IDOSOS 194

GESSICA RAQUEL CLEMENTE RODRIGUES
ANA ANDRÉA BARBOSA MAUX

MATRIMÔNIOS DITOS BEM-SUCEDIDOS: UMA ANÁLISE DA CONTEMPORANEIDADE 195

WILLI UHLENDORF DE OLIVEIRA
SANDRA SOUZA

O PRECONCEITO RACIAL VISTO COM BASE NA CONCEPÇÃO NIETZSCHIANA DOS VALORES MORAIS..... 196

SÉRGIO GONÇALVES FERREIRA

SERES REDUNDANTES? OS REFUGIADOS E A INOSPITALIDADE PÓS-MODERNA – REFLEXÕES A PARTIR DE HEIDEGGER E BAUMAN..... 197

SYMONE FERNANDES DE MELO
FRANCISCO BENTO DA SILVA FILHO

VIVÊNCIA COMUNITÁRIA DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS EM BOA VISTA-RR: UM OLHAR DA FENOMENOLOGIA STEINEANA 198

MATUZALÉM LIMA E SOUSA
JOELMA ANA GUTIÉRREZ ESPÍNDULA
EMERSON ALMEIDA DA SILVA



O (NÃO) LUGAR DA(S) FENOMENOLOGIA(S) NA SAÚDE COLETIVA 199

ANNA KARYNNE MELO
MARIA LÚCIA MAGALHÃES BOSI

5. SEXUALIDADE E GÊNERO

UMA FENOMENOLOGIA DOS AFETOS EM MERLEAU-PONTY: NINGUÉM ESTÁ SALVO, NINGUÉM ESTÁ PERDIDO 200

TEREZINHA PETRUCIA DA NOBREGA

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O ASSUJEITAMENTO DA MULHER NA RELAÇÃO EU-ISSO..... 201

MARIA TAMIRES
ANA JAMILY
CAMILA SOUZA

AMOR COMO TEMA DA CLÍNICA PSICOLÓGICA – DIÁLOGOS COM JOAQUIN XIRAU E MARTIN HEIDEGGER..... 202

MARCELLO FURST DE FREITAS ACCETTA

DIFICULDADES NO ACESSO E USO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE PELAS TRAVESTIS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM NATAL- RN/BRASIL 203

ANTONIA NATHALIA DUARTE DE MORAES
GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

HOMOEROTISMO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SÃO RAIMUNDO NONATO 204

WASHINGTON RAMOS DOS SANTOS JUNIOR
MARIANA DE FÁTIMA DA SILVEIRA NEGREIROS

OS SENTIDOS DAS MASCULINIDADES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS SENTIDOS DAS MASCULINIDADES NA CONTEMPORANEIDADE..... 205

RAFAELLE FERNANDA COSTA BENEVIDES
VANNESSA BRASIL FERNANDES DE OLIVEIRA
GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS

6. RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

(DES)QUALIFICAÇÃO DO COPING RELIGIOSO NA SAÚDE MENTAL 206

THAUANA GABRIELA ALMEIDA FERREIRA

A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER INFANTIL: RECURSOS PARA UM CUIDADO HUMANIZADO? 207

BEATRIZ MENDES PEREIRA
GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE NO CONTEXTO DA ONCOLOGIA: UMA VISÃO DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL 208

SARAH XAVIER VASCONCELOS DE FIALHO RODRIGUES
ANDRÉA CRISTINA T. BISELLI



VLÁDYA TATYANE P. DE LIRA
MARCUS TÚLIO CALDAS

A RELIGIOSIDADE NA PRÁTICA DE PSICÓLOGOS(AS) QUE ATENDEM MULHERES COM DEMANDAS DE ABORTAMENTO 209

RAFFAELA DA SILVA BOMFIM
LUCIANA DA SILVA SANTOS

O DESPERTAR DE UM GRUPO DE PESQUISA EM DASEINSANALYSE: ESTUDOS E REFLEXÕES DE “CONVERSA SOBRE TERAPIA”, DE BILÊ TATIT SAPIENZA... 210

ÁGNES CRISTINA DA SILVA PALA
TAMIRIS DE ABREU FONSECA
STEPHANY CECILIA DA ROCHA
RAQUEL PASSERI DE AGUIAR
SOLANGE DOS SANTOS LIMA

A DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE EM USUÁRIOS DO PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UM HOSPITAL GERAL..... 211

ANDERSON BARBOSA DE ARAUJO;
MARCELA ALMEIDA FIGUEIREDO;
DELBY FERNANDES DE MEDEIROS NETO;
DAVI CORLETT SILVA;
SANDRA SOUZA



A “DESCORPORIFICAÇÃO DO SELF” NA ESQUIZOFRENIA: O OLHAR DE THOMAS FUCHS

Victor Monteiro
Camila Souza
Virginia Moreira

Segundo o DSM-V, por tratar-se de um transtorno psicótico, a esquizofrenia caracteriza-se pela presença de alucinações, delírios, sintomas negativos, desorganizações no discurso e no comportamento motor. De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que, atualmente, mais de 21 milhões de pessoas no mundo apresentem esquizofrenia. Por constituir um quadro de profunda complexidade, muitas das alternativas de tratamento hoje se voltam para a eliminação dos sintomas do paciente e desconsideram um olhar compreensivo para essa experiência. Fazem-se necessários estudos capazes de abranger o vivido psicopatológico na esquizofrenia. Como objetivo deste trabalho, ressaltamos a categoria do corpo como via de acesso à experiência psicopatológica na esquizofrenia e utilizamos como referencial teórico a obra do psiquiatra alemão Thomas Fuchs. Realizamos uma pesquisa de revisão de literatura na obra do referido autor, buscando compreender a dinâmica implícita do corpo, a hiper-reflexão experienciada pelo esquizofrênico e a perturbação na relação homem-mundo. Para Fuchs, a experiência do corpo é constituída pela oscilação de duas dimensões fundamentais: o corpo-objeto – referente à experiência explícita do corpo, percebido por si e pelos outros reflexivamente – e o corpo-sujeito – correspondente à experiência pré-reflexiva do corpo, o que confere uma autoconsciência implícita de si em cada experiência no mundo. Ao compreender a esquizofrenia como uma perturbação na experiência do corpo-sujeito, o autor referir-se-á a ela enquanto uma descorporificação do self, isto é, uma experiência de cisão entre self e corpo. Nesse sentido, o paciente sente como se não mais “habitasse” o seu próprio corpo e perde a sensação de pertencimento a ele. Concluimos que a vivência tácita do corpo-sujeito é distorcida, o que exige do esquizofrênico a reflexão explícita sobre cada um dos movimentos os quais outrora realizava espontaneamente, ou seja, uma hiper-reflexão. Consequentemente, o sujeito que vivencia a experiência esquizofrênica percebe-se como mero espectador de suas experiências e experimenta uma alienação da sua participação no mundo.

Palavras-chave: Esquizofrenia, Psicopatologia fenomenológica, Corpo, Thomas Fuchs.



A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CRAS SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Suzani Gabrielli de Lima e Sousa
Cíntia Guedes Bezerra Catão

O Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública estatal descentralizada, que compõe a política de assistência social responsável pelos serviços de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), atuando no acompanhamento sociofamiliar em contextos de risco e vulnerabilidades sociais. A inserção do profissional de Psicologia na equipe técnica desse serviço é recente; desse modo, faz-se necessário o compartilhamento de experiências profissionais e a relação da atuação prática com os referenciais teórico-metodológicos que norteiam o exercício do psicólogo nesse campo. Apresenta-se um relato de experiência do modo de atuação de uma psicóloga em um CRAS, em Natal/RN, sob o olhar teórico da fenomenologia existencial de inspiração heideggeriana. Objetivou-se compreender a atuação dessa profissional na unidade e analisar as possibilidades e limitações da intervenção, bem como as contribuições no campo da Psicologia, mais precisamente da atenção psicossocial. A psicóloga realiza acolhimento, atendimento socioassistencial individualizado, busca ativa, oficinas e intervenções contínuas em grupos, encaminhamentos e articulação com a rede socioassistencial. Sua atuação na área da proteção básica é perpassada pela perspectiva fenomenológico-existencial; sendo assim, em seu acompanhamento às famílias atua como “profissional do encontro” que, sob a ontologia heideggeriana, revela-se existência encontrando outra existência, ambas assumindo um poder-ser fáctico. A psicóloga promove a preservação da autonomia do sujeito e, em sua atitude fenomenológica, antinatural, não diagnostica nem interfere, mas posiciona de modo que aquele que está dizendo alguma coisa ganhe voz em si mesmo. Ressalta-se a atuação na perspectiva de transformação da realidade de seus usuários, porém o processo clínico, bem como o da existência em geral, não acontece pela vontade do técnico de Ensino Superior ou do usuário; sendo esse um limite. Há algo que mobiliza a transformação que se encontra em um horizonte mais originário, como as tonalidades afetivas fundamentais. Destaca-se a presença da angústia nas carências quanto à insegurança alimentar e/ou ao risco social dos indivíduos em vulnerabilidade social e ao tédio em uma falta de sentido da existência do sujeito. Ademais, a psicóloga atua com a noção de projeto e cuidado, interessando-se pela intencionalidade das possibilidades do ser no contexto de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Prática do psicólogo, CRAS, Assistência psicossocial, Fenomenologia, Proteção social básica.



A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM UM ENCONTRO COM A VIVÊNCIA MANÍACO-MELANCÓLICA

Antonia Nathalia Duarte de Moraes
Cíntia Guedes Bezerra Catão

O presente trabalho tem como finalidade iniciar uma discussão acerca dos sentimentos presentes em uma vivência maníaco-melancólica, numa perspectiva fenomenológico-hermenêutica heideggeriana, interrogando sobre os sentidos existenciais dessa vivência, ao considerar a condição de ser-no-mundo do sujeito. Para isso, utilizamos as narrativas, obtidas através de e-mails, de um colaborador que estava em atendimento clínico psicológico com uma das autoras. O cliente em questão recebeu o diagnóstico de Transtorno Bipolar, porém, o foco do trabalho não foi nos sintomas apresentados pelo cliente, mas sim, no significado dos sentimentos que o mesmo expressa em sua vivência. Foram relatados sentimento de vazio, tristeza, desesperança, falta de sentido e desejo de morte em suas falas. O cliente, diante da constatação do vazio, da tristeza, da desesperança e da falta de sentido com os quais ele tem de lidar diariamente, passa a se questionar se o suicídio não seria o fim do sofrimento, à medida que acredita ter esgotado todas as possibilidades da sua existência, pois não consegue visualizar o término de um projeto ou atividade, devido a sua forma de funcionar, ora desmotivado, ora acelerado demais para o tempo dos outros. Percebemos o não lugar no mundo da condição de sofredor, de tristeza ou de ser diferente do que a sociedade capitalista propõe. Com isso, o mundo vira um lugar cada vez mais difícil de habitar pelo ser humano, que perde as suas raízes. O desejo de viver a plenitude do seu ser sem a necessidade de um enquadramento perpassa todo o relato, sem passar pelas discriminações associadas aos “transtornos mentais”, aos “doentes mentais”, aos “loucos”, aos que expressam uma forma de viver diferente do padrão social. O adoecimento diz respeito a uma limitação da possibilidade de viver, a uma perda de liberdade. Porém, mesmo diante das limitações, o Dasein encontra um lugar de possibilidade entre seres que não o julgam, diante da abertura ao mundo e da necessidade de uma existência autêntica. Esperamos que este trabalho possa contribuir com a produção científica sobre essa temática, e que também possa auxiliar aqueles que estão na prática das ciências psicológicas e psiquiátricas.

Palavras-chave: Mania, Melancolia, Fenomenologia-existencial, Heidegger.



O PLANTÃO PSICOLÓGICO E AS POSSIBILIDADES DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA NO ATENDIMENTO A PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Silvia Maria Emerenciano de Melo

Itamar Sousa de Lima Junior

Janusy Mara de Alencar Almeida (Bolsista CAPES)

Simone Dalla Barba Walckoff

Esta proposta é um convite à reflexão sobre a dupla condição do homem como ser plural/singular, conforme compreendido por Hannah Arendt. A autora propõe que não há singularidade sem pluralidade e que o nosso modo de existir no mundo constrói-se por meio de nossa relação com os outros, que somos parte de uma teia de relações e, só a partir desse ponto de vista, singularizamo-nos. Nos atendimentos realizados no plantão psicológico, em um contexto de atendimento a pessoas em situação de rua que residem na cidade do Recife, essa realidade traduz-se visivelmente. O psicólogo é convocado a uma escuta na qual prevalece esse movimento, pois as pessoas que ali compartilham suas histórias – e, portanto, a narrativa que fazem de si, de sua singularidade – com o plantonista, constroem-nas a partir de uma narrativa constituída no entrelaçamento de relações. Esta experiência tem por objetivo refletir sobre a demanda das pessoas em situação de rua e as possibilidades de práticas psicológicas com base nas narrativas colhidas no plantão psicológico. O serviço, oferecido por um grupo de psicólogos, atende a esse público sempre às terças-feiras no centro da cidade – e leva uma possibilidade de escuta e constituição conjunta de narrativa para os que vivem nessa situação de invisibilidade perante a sociedade e o poder público. Após esse momento de escuta, ao término dos atendimentos, cada plantonista faz o seu diário de bordo; que serve, em conjunto com a supervisão coletiva dos atendimentos, como instrumento para compreensão das demandas contidas nas narrativas dessas pessoas. A experiência do plantão psicológico, especificamente no atendimento à população em situação de rua, conduz-nos sempre à reflexão de que há um caminho a trilhar em que precisamos ser acolhidos pelo campo de atendimento para que, assim, possamos acolher à demanda emergente. À medida que vamos tecendo a teia, vamos enredando-nos em nossa própria prática.

Palavras-chave: Pessoas em situação de rua, Plantão psicológico, Escuta na rua, Narrativa.



UMA EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Mariana da Nóbrega Galvão Duarte
Carolina Freire de Araújo Dhein

Este trabalho pretende apresentar, a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, reflexões sobre a atividade de plantão psicológico que foi oferecida aos alunos da UFRN. Tal atividade funcionou no Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) – clínica-escola da UFRN – e surgiu como um programa institucional que visou promover uma atenção ao sofrimento existencial do estudante. O plantão é uma modalidade de ação clínica caracterizada pelo atendimento no momento da urgência, com o acolhimento da pessoa no instante de sua necessidade; além de se apresentar como espaço de reflexão, no qual o plantonista está sempre atento ao cliente que o procura e ao modo como esse conduz-se diante das solicitações da existência. O atendimento do plantão é pontual e possibilita a legitimação da experiência do outro por meio do diálogo. A perspectiva a qual orienta este trabalho fundamenta-se na compreensão do ser humano enquanto ser-no-mundo que articula sentidos e significados em sua existência. Em alguns momentos da existência, é possível que haja uma experiência de restrição das possibilidades de ser e de se relacionar com o mundo, o que torna de extrema importância um espaço no qual as pessoas possam tematizar suas vidas e, talvez, ampliar os seus leques de possibilidades. Tal ideia justifica a existência de um serviço como o plantão. A busca elevada pelo serviço, durante o ano de 2012, demonstrou o quão relevante é, para os alunos, usufruir desse espaço, tendo em vista os diversos sofrimentos no âmbito existencial. O plantão psicológico é oferecido a todos os estudantes da instituição e sua proposta é que o aluno possa buscá-lo caso dele precise. A elevada procura pelo serviço aponta para a necessidade de escuta ao sofrimento existencial do estudante universitário; sobretudo, mostra que esta modalidade de ação clínica, o plantão psicológico, constitui uma ótima alternativa para atendimento clínico em instituições. Este trabalho pretende pensar, a partir da descrição do serviço de plantão psicológico orientado por uma perspectiva fenomenológico-existencial, quais as possibilidades que se tem para refletir sobre as questões contemporâneas e acolher o sofrimento existencial advindo delas.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Estudantes, Fenomenologia-existencial.



A CAMINHO DA LINGUAGEM NA EXPERIÊNCIA DA DASEINSANALYSE CLÍNICA

Danielle Pisani de Freitas

Este trabalho descreve um caminho de procura fenomenológica pelo modo peculiar em que a linguagem imbrica-se na experiência da Daseinsanalyse clínica. O exercício da Daseinsanalyse clínica pressupõe linguagem. Mas qual é o modo de linguagem mais fértil para o encontro terapêutico? Segundo João Augusto Pompéia em seu artigo *Uma caracterização da psicoterapia* – capítulo do livro do autor *Na presença do sentido*, publicado em 2004 – seria através da linguagem da poiesis que pacientes e terapeutas procuram pela verdade que liberta o paciente para a dedicação ao sentido que se revela, a cada vez, como o horizonte mais próprio de seu existir. Como, entretanto, experimentamos, reconhecemos, compreendemos e aproximamos fenomenologicamente a linguagem da poiesis acontecendo na terapia Daseinsanalítica? De que modo essa linguagem dá-se como o caminho do encontro terapêutico? Partindo do modo como Heidegger descreve fenomenologicamente a linguagem da poiesis como morada e condição da estrutura ontológica do nosso existir como Dasein, seguiremos em uma procura fenomenológica que terá como ponto de partida, pano de fundo e projeto de procura o fenômeno mesmo da linguagem no acontecer do processo terapêutico da Daseinsanalyse. Segundo Heidegger na conferência *A essência da linguagem*, fazer experiência de alguma coisa significa colocar-se a caminho, em um caminho onde a coisa pode aparecer, encontrar-nos, comover-nos e transformar-nos enquanto nos revela seu sentido. A experiência da Daseinsanalyse clínica só pode ser alcançada se estivermos no próprio caminho de seu acontecer, em que ela pode ser encontrada e comover-nos a ponto de transformar-nos. Participam e transformam-se nesse caminho necessariamente paciente, terapeuta e o próprio dar-se da linguagem, cada qual no seu lugar e de acordo com seu modo peculiar de movimento. Proponho descrever fenomenologicamente a peculiaridade dos lugares de paciente, de terapeuta e da linguagem dando-se como poiesis na experiência da Daseinsanalyse clínica. Este trabalho pretende esclarecer a relevância e o modo próprio da linguagem da poiesis realizando-se como fundamento ontológico e percurso ôntico do cuidado terapêutico fenomenológico-existencial daseinsanalítico.

Palavras-chave: Linguagem, Heidegger, Daseinsanalyse, Clínica, Fenomenologia.



A ESCRITA E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA: UMA POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA

Janaína Melo
Ana Karina Azevedo

A expressão por meio da escrita é abordada neste trabalho como potencial mobilizadora do indivíduo, podendo ser utilizada em contexto psicoterápico. Propõe-se que ela é sempre direcionada de acordo com uma disposição afetiva, a exemplo da angústia. A contemplação da questão de pesquisa foi feita considerando-se o momento contemporâneo, cujo modo de expressão escrita prevalente se dá por meio de redes sociais. Nesse contexto, o ato de escrever é influenciado por aspectos notórios da pós-modernidade, tais como a imediatividade e a efemeridade, havendo pouco lugar para a produção de sentidos. Diante do exposto, apresenta-se como problema de pesquisa: a escrita pode ser considerada um recurso terapêutico para a perspectiva fenomenológica? Objetiva-se, pois, problematizar o uso da escrita, como possibilidade terapêutica, à luz da fenomenologia existencial. Trata-se de um estudo teórico e, como tal, trabalhou-se a partir de existenciais como a compreensão, interpretação e discurso para tecer relações com o pensamento de Heidegger. Priorizou-se lançar propostas de reflexão e caminhos de compreensão, a realizar afirmações definitivas. Observa-se que foram encontrados poucos trabalhos relacionados à temática, não havendo nenhum achado que se fundamentasse na fenomenologia de forma expressa. Parte-se da concepção de Heidegger de que a linguagem é um traço ontológico do ente humano, que o torna partícipe do mundo, e morada do ser. A escrita permite o desvelamento e aparece como um convite ao Dasein para se debruçar sobre suas questões existenciais e apropriar-se de seu ser, projetando-se em direção às possibilidades. Em contexto clínico, o texto pode ajudar terapeuta e cliente a compartilharem mundo, facultando a ambos uma oportunidade de acessar de forma contundente a experiência narrada. Apesar de poucos achados, foi possível encontrar elementos de estudo, como determinados existenciais, que oferecem sustentação teórica para responder ao problema de pesquisa, qual seja, o de que o uso da escrita é uma via terapêutica válida na prática clínica psicológica de orientação fenomenológica. Ressalva-se que não se trata de um recurso absoluto, o que significa dizer que não há a pretensão de ser proposto a todos os clientes.

Palavras-chave: Escrita, Clínica, Fenomenologia.



A ESQUIZOFRENIA SOB O OLHAR FENOMENOLÓGICO DE GIOVANNI STANGHELLINI

Lia Matos de Figueiredo
Juliana Pita
Virgínia Moreira

Este presente trabalho tem como objetivo apresentar as principais discussões fenomenológicas sobre o conceito de esquizofrenia desenvolvidas pelo psicólogo e psiquiatra italiano Giovanni Stanghellini. Como o próprio autor define, a esquizofrenia é uma condição que desafia a descrição nosográfica. Dessa forma, para que possamos cada vez mais nos aproximar da experiência adoecida na esquizofrenia, é imprescindível pensar na construção de uma discussão e em um olhar crítico inspirado nos múltiplos contornos que a envolvem, sendo isso possível devido a Stanghellini ser influenciado pela fenomenologia da ambiguidade do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. Como recursos metodológicos, foram realizados levantamento bibliográfico de trabalhos sobre a esquizofrenia publicados por Stanghellini no período entre 1995 e 2017 e, em seguida, foi realizada uma leitura crítica desse material. Percebemos que, ao elaborar a compreensão da pessoa com sua experiência esquizofrênica enquanto interrelação/intercorporeidade, Stanghellini elenca alguns pontos principais para o entendimento dessa patologia. São eles: a profunda fragmentação do mundo vivido; a desincorporação (embodiment) da intersubjetividade, enquanto uma estruturação defeituosa de eu (self), como um processo de despersonalização; e, por fim, a perturbação do eu (self-disorder) como o principal caminho para uma discussão fenomenológica acerca da esquizofrenia. Concluímos então que Stanghellini oferece caminhos para uma compreensão da pessoa com sua experiência esquizofrênica enquanto uma pessoa que vivencia um adoecimento com severas dificuldades em seu envolvimento significativo com o mundo, o que afeta suas experiências intersubjetivas. Diante do exposto acima, a experiência de eu (self) é percebida de modo ausente, ou seja, os sentidos da pessoa com sua experiência esquizofrênica são vivenciados de maneira objetivada e especializados em um espaço exterior. Dessa maneira, é como se os pensamentos, sentimentos e sensações fossem experienciados fora dos limites do self, em uma perspectiva de terceira pessoa de sua própria vida. Por fim, Stanghellini descreve a pessoa em sua experiência esquizofrênica como expectadora de seu próprio mundo vivido.

Palavras-chave: Esquizofrenia, Desincorporação, Intersubjetividade, Stanghellini.



UMA EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO EM UMA OCUPAÇÃO DE MORADIA

Andréia Badan Fischer
Batsheva Siqueira Aschermann

Pretende-se apresentar a experiência de atendimento psicológico o qual é realizado, semanalmente, por uma dupla de psicólogas em uma ocupação de moradia na Zona Oeste da cidade de São Paulo/SP. Tal experiência teve início no segundo semestre de 2016, quando, amparadas na abordagem fenomenológico-existencial heideggeriana, a dupla procurou uma forma de acolher os moradores do prédio que acompanhasse o caráter móvel e fluido o qual caracteriza o espaço. Encontraram, no Plantão Psicológico, uma modalidade clínica correspondente a essa demanda, uma vez que o Plantão Psicológico caracteriza-se como um atendimento aberto, sem necessidade de agendamento prévio ou obrigatoriedade, o que possibilita à pessoa ser atendida no momento da procura e respeita a forma e o tempo em que a queixa aparece. Compreende-se o Plantão como a abertura para um encontro singular entre o plantonista e a pessoa que o procura, indefinível a priori; sendo, então, o próprio encontro o setting dos atendimentos. Os acolhimentos desvelaram diferentes dimensões do cotidiano da ocupação, a maioria dos temas que emergiram vinham atravessados pelo preconceito vivido pelos moradores por serem negros, pobres e fazerem parte de um movimento de luta por moradia. Foi também a partir dos diferentes sentidos que se revelaram na singularidade desses encontros que foram construídas novas intervenções junto aos moradores, por meio de grupos reflexivos com adolescentes, comissões para discutir a relação das crianças com a escola, atendimentos a casais, entre outros. Toda a experiência é registrada e sistematizada pelas profissionais em um diário de campo.

Palavras-chave: Fenomenologia, Moradia, Acolhimento, Plantão Psicológico.



A CORPOREIDADE NA PSICOTERAPIA

Luiza Cardinali de Faria

O objetivo desta apresentação é mostrar e refletir sobre a maneira de compreender o corpo e as doenças que envolvem a dimensão corpórea da existência dentro da psicoterapia fenomenológico-existencial. Desde o advento da psicologia até o atual desenvolvimento da neurociência, tem-se estudado a relação entre psique e soma, de forma que ora os aspectos psicológicos são compreendidos como causas de um determinado transtorno somático, ora estruturas e características somáticas são entendidas como substrato de comprometimentos psicológicos. Entretanto, a ontologia fundamental de Martin Heidegger possibilita-nos ultrapassar tanto a noção de determinação causal para o entendimento do adoecimento, quanto superar a dicotomia entre o âmbito somático e o psíquico subjacente a essas teorias. Partiremos da compreensão heideggeriana do existir humano como ser-aí (Dasein) e ser-no-mundo – que compreende o homem na sua totalidade, abarcando as dimensões da temporalidade e ser-para-morte, espacialidade, ser-com-o-outro, disposição afetiva, abertura e corporeidade. Nesse sentido, na psicoterapia, olhar também para a corporeidade implica buscar a qualidade de uma experiência que está relacionada com a dimensão corpórea. Nesta apresentação, partiremos do relato de vinhetas de um processo terapêutico no qual uma paciente apresenta o diagnóstico médico da Síndrome do Vaso Vagal, cujo principal sintoma é a ocorrência de frequentes desmaios. A partir disso, discutiremos de que maneira esse sintoma está relacionado com o modo que a paciente realiza o seu existir. Destacamos que na psicoterapia o foco não será procurar explicações somáticas ou psíquicas para os sintomas que caracterizam essa doença, mas sim compreender os significados e o sentido dessa forma de adoecimento para possibilitar a aproximação da paciente com o seu modo de existir. Para finalizar, destacaremos a importância do entendimento do existir do paciente em sua totalidade no processo terapêutico e como essa compreensão, que inclui os fenômenos corpóreos sadios ou adoecidos, potencializa o processo de autoconhecimento do paciente sobre seu modo de ser.

Palavras-chave: Psicoterapia, Fenomenologia existencial, Corporeidade.



A FALA COMO RECURSO DURANTE A HOSPITALIZAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA HOSPITALAR

Ana Gélica Alves Gomes
Maianna Costa Fernandes
Fernanda Lúcia N. Freire

Partindo-se de referencial fenomenológico, principalmente relacionado ao trabalho de Merleau-Ponty, compreende-se a fala como recurso central na experiência do ser-no-mundo. Ela é uma fonte originária do pensamento. É a partir do ato de expressividade que o Ser-aí atua sobre o mundo, responde à sua demanda e define sua existência com os outros. Projetando o Ser-aí para fora, a fala tem, portanto, papel definidor na articulação do projeto de vida do Ser-aí; ela opera sobre e transforma as relações de sentido do ser-no-mundo. Objetiva-se, com este trabalho, refletir sobre o papel da fala para pacientes em processo de hospitalização. O tema é abordado a partir das observações realizadas pelas autoras, residentes no serviço de psicologia hospitalar do Hospital Universitário Onofre Lopes (Natal-RN). Entende-se que o momento do adoecimento representa uma interrupção, alteração ou mesmo rompimento no projeto de vida do Ser-aí, devido à angústia evocada pela situação e às alterações físicas e sociais decorrentes. Nesse momento, é fundamental que o indivíduo possa compartilhar seus sentimentos, desenvolver uma compreensão sobre o momento que vivencia e atribuir significado à sua experiência. Expressar-se, com a interlocução de um outro disposto a criar um espaço em que prevaleça a verdade do Ser-aí, irá contribuir para que o paciente reorganize e reorienta sua vivência. Falar o que sente e vive é, para o paciente, não apenas comunicar sua vivência, seus sentimentos; é, antes de tudo, produzir sentido para sua experiência, visto que a fala não é estática, mas sim movimento e mudança. Ao perceber a fala como recurso de transformação durante adoecimento, pode-se interpretá-la como decisiva para a atualização do projeto de vida do paciente. Ao falar – e, conseqüentemente, perceber-se –, o Ser-aí é reconduzido ao centro de sua experiência, realocado como ser-no-mundo, já que durante a hospitalização passa a responder como corpo biológico passivo a intervenções, procedimentos e orientações de ordem biomédica. Restituído como ser-no-mundo, com sua capacidade de atuar no mundo restabelecida, o paciente pode então se compreender como ser capaz de escolher, definir o sentido de sua vivência e reordenar suas possibilidades frente ao adoecimento e aos limites impostos pela situação de hospitalização.

Palavras-chave: Fala, Adoecimento, Projeto de vida, Psicologia Hospitalar.



A EXPERIÊNCIA DE SOFRIMENTO EM ESTUDANTES DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UFRN SOB O ENFOQUE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Cíntia Guedes Bezerra Catão
Elza Dutra

As universidades têm apresentado, nos últimos anos, aumento na incidência de estudantes vivenciando experiências de sofrimento e uma intensificação na procura por atendimento psicológico; merecendo atenção o complexo contexto que atravessa o universitário, por se partir da concepção de que o ser humano é um Dasein, um ser-aí que não se encerra como interioridade psíquica, mas é expressão particular e reflexo do seu copertencimento ao mundo. A pesquisa objetivou problematizar o sofrimento na universidade, compreender e explicitar os sentidos presentes na vivência de sofrimento de estudantes do Curso de Bacharelado em Ciências e Tecnologia (C&T) da UFRN e discutir sobre as possibilidades de atenção dispensadas ao estudante universitário. Foi feito um levantamento bibliográfico sobre o sofrimento em universitários, discriminou-se o contexto acadêmico do aluno de C&T, bem como foi dada ênfase à conjunção da contemporaneidade e suas solicitações. Procedeu-se com a realização de entrevistas semiabertas com quatro estudantes, que foram interpretadas de acordo com a perspectiva fenomenológico-existencial. Revelou-se que a lógica da ideologia contemporânea perpassa a experiência de sofrimento dos estudantes e que o curso de C&T tem particularidades as quais podem acirrar o mal-estar tão comum na atualidade, ao passo que se verificou o quanto a experiência de sofrimento é singular e depende dos sentidos que cada um atribui à sua vivência. Mostrou-se decisivo implicar a própria universidade para que seja possível promover ações e ofertar medidas pedagógicas que tributem para o êxito no nível superior e, sobretudo, provocar o questionamento do estudante acerca do seu modo de existir no mundo contemporâneo, convocando-o para o caminho de uma construção pensante. Destaca-se, portanto, a importância da criação de espaços que possibilitem e estimulem o pensar – rompendo com o círculo vicioso do ritmo acelerado em que se vive e de ocupações desviantes – como estratégias para uma melhor atenção ao estudante universitário.

Palavras-chave: Sofrimento, Ensino Superior, Fenomenologia existencial, Hermenêutica, Pesquisa qualitativa.



CUIDADOS PALIATIVOS NAS UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA: PENSANDO AS PRÁTICAS DE SAÚDE NA ERA DA TÉCNICA

Beatriz Mendes Pereira
Melina Séfora Rebouças
Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

As Unidades de Terapia Intensiva (UTI) são conhecidas por sua assistência prestada ao paciente em estado crítico, dado o suporte intensivo destinado ao suprimento de falhas reversíveis e prolongamento da vida. Entretanto, muitos dos pacientes em processo de terminalidade estão internados nessas unidades, recebendo uma assistência pautada em uma lógica obstinada a derrotar a morte iminente. Destarte, questionar os cuidados disponibilizados aos pacientes fora de possibilidade curativa na UTI é fundamental para pensarmos movimentos, nesses espaços, em prol de um processo de morte humanizado, com sofrimento reduzido e cuidado integral. Nessa perspectiva, os Cuidados Paliativos (CP) despontam como alternativa, por proporcionarem um cuidado guiado pela qualidade de vida e dignidade humana no decorrer da doença, no processo de terminalidade, na morte e no luto. Assim, busca-se, através deste trabalho teórico, iluminar alguns aspectos do CP na UTI, enveredando por uma reflexão que utilizará a fenomenologia existencial para repensar o cuidado nas práticas de saúde, pensando o CP como um despertar para a serenidade no sentido cunhado por Heidegger. Desse modo, percebe-se que as práticas médicas – gradativamente especializadas – não têm levado em conta a totalidade da existência do paciente, uma vez que o modelo biomédico assume como foco central o diagnóstico e sua cura, tendo o aparato tecnológico como seu principal aliado. Contudo, as questões éticas, o sofrimento dos pacientes, além da necessidade do cuidado integral no âmbito da assistência intensiva enfatizam a indispensabilidade da ampliação do olhar que, muitas vezes, encontra-se restrito aos encargos técnicos. O pensamento heideggeriano, ao construir um caminho de questionamento acerca da técnica, ilumina outra forma de aproximação desse fenômeno moderno em seu sentido mais essencial. Valendo-se disso, pensamos a construção do lugar do CP na UTI como um despertar para a serenidade, provocando abertura para que os profissionais de saúde reflitam e apropriem-se do nosso horizonte histórico, desvelando como se relacionam com os outros e com o mundo, dimensionando a utilização das intervenções que lhes cabem sem perder de vista a existência do paciente.

Palavras-chave: Unidade de terapia intensiva, Cuidado paliativo, Era da Técnica, Fenomenologia heideggeriana.



UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DOS DIAGNÓSTICOS NA CLÍNICA PSICOTERÁPICA

Julia Novaes Silva

As últimas décadas foram marcadas por um avanço tecnológico expressivo, que trouxe consequências diretas para a área da saúde. Entre elas, a possibilidade de realizar diagnósticos cada vez mais cedo e o desenvolvimento de medicações avançadas, o que trouxe maiores oportunidades de tratamento. No entanto, quando se trata da psicopatologia, uma reflexão cuidadosa sobre o uso dos diagnósticos e dos medicamentos torna-se essencial. O presente trabalho tem o objetivo de contribuir para essa reflexão a partir das ideias do filósofo alemão Martin Heidegger e de Medard Boss – psiquiatra suíço –, utilizando-se também da análise de um caso clínico de uma jovem de 19 anos que, após queixar-se de “déficit de atenção”, é encaminhada por sua médica psiquiatra para um acompanhamento psicoterapêutico individual realizado semanalmente. Durante o acompanhamento desse caso, refletiu-se sobre o risco de um diagnóstico ser tomado como algo determinante, permanente e, principalmente, alheio à existência como um todo. Percebeu-se a importância de uma discussão também sobre os limites entre saúde, doença e os possíveis modos de ser-no-mundo. Martin Heidegger, pensador do século XX que retomou a questão do ser e da existência, buscou desconstruir a concepção de homem compreendido como sujeito, animal racional ou outras determinações prévias; para apresentar a ideia de ser-aí (Dasein), considerando que o homem é um ente constituído de uma negatividade originária e, portanto, seu modo de ser está sempre em jogo no existir. Medard Boss vai, junto com o Heidegger, relacionar essa compreensão da existência desenvolvida por Heidegger com a psiquiatria. Assumindo essas ideias, percebe-se que a compreensão de um transtorno psiquiátrico qualquer não pode dar-se a partir somente de sua classificação ou de suas características diagnósticas. É imprescindível que se apreenda a forma pela qual esse transtorno pertence a determinada existência histórica, de que forma ele relaciona-se e mostra-se naquele modo de ser-no-mundo. Essa discussão mostra-se essencial para pensar o acompanhamento psicoterapêutico, pois terá interferência direta na disposição do profissional e na forma como o mesmo conduzi-lo-á.

Palavras-chave: Medicação, Diagnóstico, Heidegger, Medard Boss.



**EXPERIÊNCIA DE GRUPO DE APOIO À MULHER DIANTE DA PERDA
GESTACIONAL E NEONATAL: UMA ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO ENSINO-
SERVIÇO-COMUNIDADE NA MATERNIDADE ESCOLA JANUÁRIO CICCO**

Caroline Araújo Lemos Ferreira
Maria de Lourdes Costa da Silva
Gildecil Batista Alves Pinheiro
Janine Conceição de Araújo e Silva
Robson Michel Berto da Silva

Apesar de não ser o esperado, a morte está presente mais do que se imagina nesse contexto da assistência materno-infantil. A perda de uma gravidez desejada envolve diversas perdas, tais como a da maternidade idealizada, da autoestima, da pessoa amada, do estatuto social e de um futuro antecipado imaginado. Observa-se a necessidade da criação de um espaço de diálogo entre profissionais, discentes de graduação e pós-graduação e comunidade sobre a assistência diante do processo de enlutamento. O projeto busca promover cuidado integral à mulher diante da perda gestacional e neonatal, com vista à resignificação e adaptação à nova realidade. Desde outubro de 2016, foram realizados encontros quinzenais com a participação de 10 mulheres atendidas pela MEJC e 4 familiares que vivenciaram perda gestacional ou neonatal. Os encontros contaram com a participação de 7 profissionais de saúde, 3 discentes da graduação e 4 de pós-graduação. Foram realizadas ainda 4 reuniões de estudo científicos com troca de saberes e olhares de modo a contribuir para a consolidação de um trabalho em equipe ante as demandas e necessidades apresentadas pelas participantes. A perda gestacional e perinatal é um episódio indescritível para os pais, uma vez que os bebês representam o início da vida e não o fim; nesse momento, surge o processo de elaboração do luto, que é uma experiência profunda e sofrida. Todos os membros da família são afetados de alguma forma, podendo haver afastamento, mudanças de papéis, realinhamentos, entre outras dificuldades que precisam ser trabalhadas e reposicionadas de acordo com o bem-estar dos envolvidos. Observa-se que os encontros proporcionam um espaço de troca no processo de elaboração do luto, favorecendo o estabelecimento do estado de aceitação, encorajamento e confiança; promovendo assistência capaz de favorecer a adaptação à perda, contribuindo ainda para a reorientação da formação de profissionais de saúde para o SUS. A partir da complexidade da temática, observa-se a necessidade do cuidado interprofissional como um canal capaz de acolher, escutar e pactuar respostas adequadas aos envolvidos.

Palavras-chave: Perda gestacional, Psicologia, Grupo de Apoio, Atuação interprofissional.



O DESVELAR DA EXPERIÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE COM A MORTE À LUZ DA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Jéssica Priscylla Medeiros de Oliveira
Ana Andréa Barbosa Maux
Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Este trabalho refere-se a uma revisão integrativa de literatura que versa sobre a relação dos profissionais de saúde com a morte, aprofundando-se em reflexões a partir do filósofo Martin Heidegger. A finitude humana ainda é vista como um tabu, temática interdita, o que reverbera no seu encobrimento. Contudo, pela própria dinâmica de trabalho, alguns profissionais se colocam frente a essa condição existencial. À vista disso, desenvolveu-se a explanação acerca do que a literatura vem produzindo sobre a experiência dos profissionais de saúde diante da morte, a partir da fenomenologia. No tocante à trajetória metodológica, a revisão integrativa foi escolhida. A busca foi realizada nas bases de dados SCIELO, PEPSIC, além da biblioteca BVS SALUD, filtrando para as bases LILACS e Index, com os descritores “Morte”, “Profissionais de Saúde”, “Fenomenologia”, “Fenomenológica” e “Fenomenológico”, no intervalo de 10 anos. Foram encontrados 13 estudos. Todavia, no âmbito deste escrito, objetiva-se realizar um recorte referente às publicações encontradas que utilizam a hermenêutica heideggeriana como aporte teórico, identificando-se 6 artigos. A dificuldade e o sofrimento do profissional de saúde em dar-se conta de sua condição de ser-para-a-morte, estrutura fundamental que restringe todas as possibilidades do ser-no-mundo, de todo ser-com-outro, foi encontrada nos estudos aqui vistos. Apesar da morte se colocar como possibilidade mais própria, os profissionais de saúde tendem a desenvolver sentimentos de negação, em uma suposta tentativa de driblá-la, colocando-se na impessoalidade. Contudo, quando não é mais possível escondê-la, quando há a morte do paciente, lançam-se na angústia de sua própria finitude e da possibilidade da finitude dos seus entes queridos. Diante da dificuldade de manejo dessa mobilização da angústia, com a morte, distanciam-se cada vez mais da experiência dos próximos pacientes, o que resulta no cuidado indiferente com estes, para que a morte se apresente o mínimo possível. Destarte, torna-se oportuno o desenvolvimento e discussão da inserção da finitude como possibilidade existencial e da produção científica sobre a relação desses sujeitos com a morte, a partir da fenomenologia, perspectiva esta que apresenta reflexões relevantes acerca desse fenômeno.

Palavras-chave: Morte, Profissionais de Saúde, Fenomenologia, Hermenêutica heideggeriana.



FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL: PSICOTERAPIA BREVE OU FOCAL?

Ida Elizabeth Cardinalli

O objetivo deste relato é caracterizar a Psicoterapia Breve Fenomenológico-Existencial e destacar as suas especificidades ao estar fundamentada na compreensão heideggeriana do ser humano. Considerando a existência humana como ser-aí (Dasein) no atendimento psicoterápico, o existir do paciente é compreendido como maneiras de existir no mundo e, desse modo, enfocam-se as maneiras como ele relaciona-se consigo mesmo, com os outros e com tudo o que se apresenta em seu mundo – que se mostra sempre em um contexto significativo e temporal. A caracterização da Psicoterapia Breve Fenomenológico-Existencial está baseada nas minhas atividades de atendimento e supervisão de psicoterapia fenomenológico-existencial em consultório particular e na Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic da PUC/SP. Também serão consideradas as observações descritas na minha tese *Transtorno de Estresse Pós-Traumático: um estudo fenomenológico-existencial da violência urbana*, na qual foi utilizada a Psicoterapia Breve como instrumento para levantamento de dados das vítimas de violência urbana. A apresentação incluirá também o relato sucinto do processo psicoterápico breve de dois pacientes para elucidar a nossa proposta. Pretendemos esclarecer a nossa opção pela denominação psicoterapia fenomenológico-existencial focal e não psicoterapia breve ao mostrar que, no nosso entendimento, a determinação prévia do período de temporal não é a sua principal característica. Para isso, será necessário diferenciar a compreensão heideggeriana da temporalidade do existir humano da noção de tempo cronológico, que é mais habitual na nossa época. Nessa perspectiva, concebemos que o trabalho psicoterápico é focal, pois tem em seu cerne a focalização de um ou de alguns âmbitos do existir dentre os diversos modos de ser-no-mundo do paciente. Para o esclarecimento de nossa proposta, será necessário refletirmos ainda sobre a queixa, o motivo da procura de ajuda terapêutica e a compreensão do sofrimento do paciente. Destacamos que a psicoterapia focal pode ser um modalidade terapêutica importante e interessante para o atendimento de pacientes em diversos contextos clínicos e, em especial, para as pessoas que estão vivendo momentos críticos em decorrência de vivência de situações traumáticas, críticas e/ou de crises existenciais.

Palavras-chave: Psicoterapia Breve, Psicoterapia Focal, Fenomenologia existencial, Heidegger.



ATUAÇÃO FENOMENOLÓGICA EM CONTEXTO HOSPITALAR

Maianna Costa Fernandes
Ana Gélica Alves Gomes
Maria Mabel Nunes de Moraes
Emanuela Varela de Aguiar
Fernanda Lúcia N. Freire

A Psicologia Hospitalar vai além do campo de atuação em uma determinada localização e estende-se ao campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento. Ser doente reflete na desorganização da identidade psíquica do sujeito e na sua subjetividade, por gerar sentimento de vulnerabilidade, medo e ansiedade. Tradicionalmente, o acompanhamento psicológico no contexto hospitalar dá-se de forma mais pontual e breve, uma vez que o atendimento foca no contexto da hospitalização e o setting terapêutico estabelece-se na enfermaria, ao lado do leito e sem privacidade. Apesar de fazer parte da equipe de saúde, que busca categorizar e tratar as enfermidades a partir de um modelo biomédico, o papel do psicólogo hospitalar faz-se diferenciado por buscar proporcionar espaço para que o paciente resgate a sua subjetividade diante do processo de despersonalização que o ambiente e as condutas hospitalares propiciam uma vez que impõem regras e rotinas. Na instituição, o atendimento deverá ser norteado pelos princípios institucionais. É papel do profissional buscar a minimização do sofrimento provocado através da internação. Mas, além de informar, apoiar, esclarecer e melhorar o relacionamento com a equipe, o profissional deve transcender as práticas tecnicistas e buscar estabelecer uma escuta atenta da fala do paciente. Mobilizando para a necessidade de refletir sobre o sentido do adoecer para que ele encontre recursos próprios para o seu processo de restabelecimento. Estabelecer espaço para que haja a livre expressão dos seus sentimentos, a fim de que o sujeito sinta-se dono da sua vida. O olhar atendo para o indivíduo implica na esquivia da rigidez do cuidado hospitalar, por permitir acompanhar o sujeito na busca pela melhora do seu bem-estar a partir do significado que a vivência da hospitalização traz para a sua vida. Possibilitando, assim, promover ao paciente uma atenção mais completa e que não se prenda apenas ao corpo e à doença.

Palavras-chave: Hospitalização, Escuta atenta, Atendimento fenomenológico.



A EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA E O NÃO-DITO: REFLEXÕES DA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA DA URGÊNCIA

Anderson Barbosa de Araújo
Marcela Almeida Figueiredo
Davi Corlett Silva
Sandra Souza

A ideia de trauma psíquico, segundo Maldonado e Cardoso, surge na psicanálise, sendo considerada uma experiência que atinge a subjetividade tão agressivamente que impõe a incapacidade de simbolização. Apesar disso, deixa marcas indeléveis na memória, representando um vivido incapaz de se desvelar. Esse fenômeno aproxima-se do que Feijoo chama de experiência não-dita, uma suposta verdade escondida, que está nas entrelinhas do dito e foi, por muito tempo, objeto de busca e tentativa de revelação na psicoterapia. Diante disso, o objetivo desse trabalho é apresentar reflexões sobre um caso clínico atendido em um plantão psicológico, na Universidade Federal da Paraíba, a partir das noções de trauma e de experiência não-dita, buscando questionar se a revelação da verdade escondida seria o melhor meio de intervenção clínica. O método utilizado foi uma análise fenomenológico-existencial das descrições dos atendimentos realizados com L., de 22 anos, estudante de engenharia, e que buscou o plantão por ter vivido o que denominou de uma experiência traumática, anos antes, e que estava causando novas repercussões em sua vida. Durante todos os quatro atendimentos, L. não relatou o acontecido, no entanto, a relação terapêutica baseada nos princípios fenomenológicos possibilitou a não obrigatoriedade da expressão desse fato. Feijoo alerta para as práticas tradicionais da psicoterapia e sua relação com a epistemologia cristã, onde a revelação das verdades, por meio do processo de confissão, seria a base da cura. Entretanto, o que se observou nesse caso foi que, apesar de não haver comunicado o ocorrido, o espaço clínico possibilitou ao cliente a expressão de todas as repercussões do evento em sua vida, além de proporcionar um clima de liberdade experiencial que lhe permitiu criar momentos em que poderia falar sobre outros eventos de sua vida, relacionados a vivências de alegria, criatividade, paixão pela música e relacionamentos. Então, apesar da incapacidade de simbolização e comunicação da experiência traumática, as repercussões desta foram mais percebidas por L., inclusive mobilizando-o a tomar decisões, como sair do curso onde estava. Por fim, faz-se necessário mais estudos sobre o trauma e o não-dito, para traçar reflexões que possibilitem uma independência das posturas clínicas tradicionais.

Palavras-chave: Trauma, Experiência não-dita, Plantão psicológico.



A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO À TRIÁDE FAMÍLIA-EQUIPE- PACIENTE EM CASOS DE TENTATIVA DE SUICÍDIO

Ivina Alencar de Figueiredo
Maise Leoncio Catunda
Anna Karynne Melo

Entendemos que hoje o suicídio é uma questão de saúde pública e que estamos diante de um crescente número de tentativas de suicídio no Brasil, assim como na cidade de Fortaleza. Verificamos que esses sujeitos em tentativas de suicídio, em sua maioria, chegam a ser hospitalizados. Este trabalho tem como objetivo buscar descrever a importância do atendimento do psicólogo hospitalar à tríade paciente-equipe-família no caso de pessoas internadas por causa de tentativas de suicídio em um hospital geral de Fortaleza. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico, na qual foram realizadas entrevistas com quatro profissionais de psicologia, que atendem cotidianamente indivíduos perpassados pelo contexto do suicídio. Os resultados refletem a importância da inserção do profissional de psicologia no hospital geral, pois ele é capaz de atuar em um meio multidisciplinar de modo a trazer reflexões para os outros profissionais, promover uma escuta atenta, uma postura empática e compreensiva e de promover um entendimento aos familiares sobre o fundamental papel que eles podem ter na recuperação do paciente, pois seu apoio, escuta e cuidado tornam-se imprescindíveis para que não ocorra uma outra tentativa. Foi constatada a grande curiosidade e o choque que a equipe multiprofissional ainda tem quando se depara com pacientes suicidas. É nesse ponto que, mais uma vez, a psicologia atua para auxiliar no atendimento desse profissional que cuida, mas que muitas vezes não recebeu o preparo para lidar com aquele que não quer ser salvo. Foi constatada a existência e a necessidade de se realizar encaminhamentos, visto que o diagnóstico é de grande importância para embasar a atuação dos demais profissionais que lidam com esse paciente. Além disso, foi possibilitada uma reflexão acerca da importância do papel do psicólogo no processo de humanização dentro do ambiente hospitalar, visto que a qualidade de vida nesse ambiente está submetida à uma série de condições. Concluímos que a atuação do psicólogo hospitalar com a tríade paciente-família-equipe é essencial no processo de humanização, sendo esse profissional quem vai intermediar tal relação.

Palavras-chave: Suicídio, Tentativa, Psicologia, Hospitalar, Tríade.



A LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL NA PRÁTICA CLÍNICA

Flávia Neves Ferreira

Pretende-se apresentar algumas considerações acerca da Logoterapia e Análise Existencial na prática clínica, respaldando-se da pesquisa bibliográfica. A Logoterapia e Análise Existencial, desenvolvida por Viktor Emil Frankl (1907-1997), esforça-se especialmente por trazer o homem à consciência do seu ser responsável enquanto fundamento essencial da existência humana, cuja explicação assenta-se sobre três pilares: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida. A dimensão da liberdade remete à capacidade do homem de decidir, ou seja, ele pode ser o sujeito de uma realização, pensamento ou emoção; mesmo perante todos os condicionamentos com que possa confrontar-se no decurso de sua vida. O homem está direcionado a algo, toda experiência é a vivência de ter consciência de alguma coisa e esse dirigir-se para algo é sempre uma abertura. Se ele não se dirige a algo, frustra a vontade de sentido e pode deparar-se com o vazio existencial. Desse modo, o método psicoterapêutico da Logoterapia e Análise Existencial tem, como objetivo último, conscientizar o homem sobre seu ser-responsável, ou trazer perante sua consciência o caráter de responsabilidade de sua existência. Ressalta-se que a responsabilidade não está somente na ação, mas no “aqui agora”, ou seja, na concretidade de determinada pessoa em uma determinada situação. Nessa direção, o logoterapeuta tem como principal tarefa ajudar a despertar a consciência para a realização de valores e o encontro de sentido. O que interessa é fazer com que o homem experimente vivencialmente a responsabilidade pelo cumprimento da sua missão: quanto mais o homem apreender o caráter de missão que a vida tem, tanto mais lhe parecerá carregada de sentido a sua vida. Contata-se, portanto, que ao responder as situações que se apresentam na vida, o homem caminha em direção à autotranscendência; e é somente quando o ser humano autotranscende-se que lhe é possível realizar a si próprio.

Palavras-chave: Logoterapia e Análise Existencial; Prática clínica; Responsabilidade; Sentido.



A PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE SAÚDE SOBRE A PESSOA QUE TENTOU SUICÍDIO: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UM HOSPITAL DE EMERGÊNCIAS

Jefferson dos Santos Melo

A percepção funda-se na experiência do sujeito corporeificado, do sujeito que olha, que sente e reconhece o espaço como expressivo e simbólico. A relação construída entre os profissionais de saúde e as pessoas por eles “cuidadas”, anuncia-se como uma realidade complexa, mas de instigante compreensão. As teias relacionais que se estabelecem no interior do hospital são solo fértil para a realização de estudos acerca da busca por compreensão da realidade institucional. Surgiu assim uma inquietação que norteou o desenvolvimento do presente trabalho: qual a percepção da equipe do atendimento emergencial de saúde sobre a pessoa que tentou suicídio? Partindo do pressuposto básico de que o processo de subjetivação do humano dá-se dentro de uma perspectiva relacional, a maneira como se percebe o outro ajuda a construí-lo subjetivamente. O O objetivo foi compreender a percepção dos profissionais de saúde sobre a pessoa que tentou suicídio, suas práticas profissionais e os processos de trabalho estabelecidos. Foi realizado levantamento de informações através da técnica de observação direta intensiva e assistemática. Foram realizadas observações no período compreendido entre os meses de janeiro e dezembro do ano de 2016. Nesse período, foram observados os atendimentos de cinco pessoas vítimas de tentativa de suicídio. Foi observado um comportamento predominantemente judicativo dos profissionais de saúde sobre as pessoas que tentaram suicídio e pouca compreensão acerca do fenômeno e das motivações suicidas por parte da equipe assistencial. Notou-se uma mudança na maneira de o profissional da equipe de saúde perceber a pessoa vítima de suicídio quando em situação de grupo ou quando individualmente. A maior parte da equipe de saúde parece não conseguir alcançar um nível de compreensão da experiência da pessoa atendida, de maneira que se aproxime da vivência de sofrimento experienciada por ela. Isso cria uma barreira, muitas vezes intransponível, na comunicação entre essas pessoas, dificultando a relação de cuidado.

Palavras-chave: Percepção, Equipe de saúde, Suicídio.



ACOLHENDO O SILÊNCIO: OS DESAFIOS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA JUNTO À PESSOA SURDA

Talita Alves Estrela
Liliane Brandão Carvalho

O presente artigo pretende discutir os desafios enfrentados na clínica psicológica junto à pessoa surda. Assim, nosso objetivo é descrever uma experiência de atendimento psicoterápico individual, em uma clínica-escola na cidade de Fortaleza (CE), articulando às questões culturais do povo surdo. O atendimento a essa cliente iniciou no mês de outubro de 2016 e perdurou até a penúltima semana de dezembro do mesmo ano; os encontros eram semanais, com duração de 50 minutos. Este estudo assumirá a perspectiva da pesquisa qualitativa, na qual se privilegia a subjetividade, buscando entender os significados da experiência a partir da descrição desta. Sendo assim, esta pesquisa assume o referencial da pesquisa fenomenológica, a qual se ocupa com o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado. É um campo novo a ser explorado, por se tratar de um cuidado que requer a apropriação de uma nova língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a compreensão de um modo de ser diferenciado, de uma cultura – a cultura surda –, visto que o surdo tem uma apreensão de mundo distinta, é sujeito visual. É fundamental o profissional apropriar-se não somente da Língua Brasileira de Sinais, mas da história do povo surdo, para assim proporcionar um espaço de escuta e maior cuidado. É importante também atentar para como os surdos sentem-se em um mundo onde a maioria é ouvinte e, sendo minoria, como percebem seu modo de estar no mundo, como é circular nos dois mundos – ouvintes e surdos –, como sentem-se a respeito da comunicação, de não serem compreendidos e de muitas vezes se tornarem objeto de curiosidade e promoção por parte dos ouvintes/intérpretes. Além disso, no atendimento a surdos, faz-se necessário envolver a família, visto que muitos problemas relacionados à comunicação originam-se no ambiente familiar. Percebemos que há poucos estudos na área da Psicologia acerca dessa questão, além de poucos profissionais que dominam Libras, tornando o acesso desse público a uma psicoterapia mais restrito.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, Clínica fenomenológica, Surdos, Libras.



ATENDIMENTO CLÍNICO DE PESSOAS SURDAS EM LIBRAS E OUTRAS CONDIÇÕES LINGUÍSTICAS

Délio Henrique Delfino de Oliveira

A atuação em psicoterapia fenomenológico-existencial, de inspiração heideggeriana, exige constante integração com o contexto social contemporâneo, atenta ao sofrimento humano e suas demandas que convocam o psicólogo a sair da atuação tradicional e buscar novas possibilidades para o exercício da prática clínica. Nesse sentido, faz-se pertinente discutir o atendimento psicoterápico de pessoas surdas e suas demandas específicas, questão emergente e que precisa do olhar da psicologia. Esse tipo de atuação necessita que o profissional esteja capacitado para desempenhar o seu fazer enquanto psicólogo bilíngue, preparado para exercer a comunicação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) junto aos clientes sinalizantes ou em comunicação oral ao atender aqueles que fazem uso de algum recurso tecnológico auditivo. Este trabalho tem por objetivo tecer reflexões acerca da atuação clínica junto ao cliente surdo e pensar nas implicações de cada ser-com em seu modo de ser-aí lançado na inospitalidade do mundo e suas interfaces linguísticas, familiares, educacionais, normativas e legais. Para facilitar essa tematização será adotado o contexto clínico de atendimentos a pessoas surdas e suas singulares condições linguísticas realizados nos últimos sete anos, apresentando as particularidades que surgiram ao longo desse período, as condições necessárias para desenvolver essa prática clínica, suas modificações e perspectivas futuras. Essa atuação evidenciou o quanto a psicologia está distante da realidade dos sujeitos surdos no que tange ao atendimento clínico em língua de sinais, bem como as discussões estão mais voltadas ao campo educacional. A partir dessa questão, coloca-se ao psicólogo clínico a tarefa de compreender outras possibilidades linguísticas e, junto ao cliente, pensar o que pode ser feito no cuidado desse existir humano. Destaca-se que o atendimento clínico deve ser ofertado em Libras para os que fazem uso dessa língua, mas também é importante compreender quais são as necessidades de cada cliente e reconhecer que alguns não fazem uso dessa língua, estão em processo de treinamento da fala oral ou não aceitam o modo de ser surdo como uma condição para sua vida. Cabe ao psicólogo, portanto, ter sensibilidade para abordar essas questões com familiares e instituições que façam parte da vida do cliente.

Palavras-chave: Clínica fenomenológico-existencial, Heidegger, Libras, Psicoterapia, Surdo.



A OPERACIONALIDADE DA FENOMENOLOGIA DA VIDA DE MICHEL HENRY NO ÂMBITO CLÍNICO: ESTUDO DE CASOS SOBRE A MODALIZAÇÃO DO SOFRER EM FRUIR EM UM GRUPO TERAPÊUTICO VOLTADO À PRIMEIRA INFÂNCIA

Reynaldo Thiago da Silva Rocha
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Compreender como se manifesta o corpo no encontro mútuo, dialético afetivo, em atendimento em grupo na primeira infância é um dos objetivos deste trabalho. O texto *Sofrimento e Vida* (2001) apresentado por Michel Henry (1922-2002) na Va Conferência internacional Filosofia e Psiquiatria, na Faculdade de Medicina de Paris, será usado como base para desenvolver uma clínica pautada na revelação da vida como auto- revelação. Michel Henry afirma que a vida apenas a si se revela, assim para conhecer a vida não precisamos de um conhecimento diferente dela mesma para poder conhecê-la. Diante deste cenário pretende-se desenvolver estudo de casos em um grupo terapêutico de um CAPS IJ da Região Sul de São Paulo, que atende crianças até 3 anos com fatores de risco para diagnósticos relacionados a transtornos globais do desenvolvimento. O Grupo é composto por um psicólogo, uma fonoaudióloga, um educador físico e uma enfermeira. A partir de dados desse grupo procuraremos narrar o *pathos*, operacionalizando assim dor e sofrimento, bem como prazeres, desejos e felicidades contidos nele. Discutiremos sobre a experiência vivida em grupo terapêutico. Debruçaremos-nos sobre a modalização sofrer-fruir e a corpopropriação e suas dificuldades inerentes à vida, discutidos por Michel Henry. A partir do brincar espontâneo, da afetividade e do corpo nos constituímos e nos apropriamos, em conjunto com as crianças, de uma relação que visa, a partir do processo originário da vida relacional, o próprio aparecer da vida. Tal encontro intersubjetivo busca potencializar os poderes do corpo e possibilitar a modalização dos afetos das crianças para assim dar-lhes condições de se desenvolverem ou como afirma Henry, de devolver uma vida doente ao seu poder e felicidade de viver.

Palavras-chave: Fenomenologia da vida, Michel Henry, Primeira infância, Modalização, Grupos terapêuticos.



CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL E DAS FORMAS DE ADOECIMENTO DAS PESSOAS QUE PROCURAM A CLÍNICA PSICOLÓGICA ANA MARIA POPPOVIC – CURSO DE PSICOLOGIA – FaCHS – PUC/SP

Ida Elizabeth Cardinalli
Luiza Cizik Franco,
Mariana Campos Lichtsztejn
Vinícius Lacerda Gomes

A apresentação refere-se à pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida por 3 alunos do quinto ano do Curso de Psicologia – PUC/SP. O seu objetivo principal é a caracterização do perfil e o levantamento das formas de sofrimento apresentadas pelas pessoas que procuraram ajuda psicológica na Clínica AMP no 1º semestre de 2016. O problema da pesquisa surgiu da observação de profissionais da clínica que estava aumentando o número de pacientes com sintomas de ansiedade intensos, depressivos, psicóticos e/ou ideias suicidas. A primeira etapa da pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico dos dados epidemiológicos de doença mental no Brasil e na cidade de São Paulo e das queixas dos usuários de clínicas-escola do Brasil através de revisão de literatura nas bases de dados BVS-Psi, PEPsic, Lilacs e Scielo. No total, foram encontradas 68 pesquisas publicadas entre 2002 a 2016, mas foram utilizadas 18 que correspondiam aos objetivos da pesquisa, sendo 13 sobre clínicas-escola e 5 sobre dados epidemiológicos atuais. Na segunda etapa, para a caracterização do perfil e das queixas dos pacientes atendidos em triagem na Clínica AMP no primeiro semestre de 2016, foram tabulados os dados obtidos nas fichas de inscrições dos pacientes. Os resultados mostraram que o perfil dos pacientes é majoritariamente feminino, adulto, solteiro, branco, ganha até 3 salários mínimos e possui Ensino Superior. A terceira etapa consistiu na seleção aleatória de 30 relatórios de triagem com objetivo de verificar se as queixas correspondiam à descrição do relatório de triagem, o que permitiu esclarecer as queixas e estabelecer eixos temáticos. Nessa etapa, foi realizada a análise fenomenológico-existencial das queixas dos pacientes, dos relatórios e da maneira como o entrevistador descrevia os pacientes. Em relação às queixas, evidenciou-se que a maior parte dos pacientes procuram a clínica devido à depressão, à ansiedade e a problemas de relacionamento, acompanhando os dados epidemiológicos. Nos relatórios, observamos diferentes formas de registro das queixas as quais denominamos: interpretativos, descritivos e diagnósticos. Acreditamos que a pesquisa oferecerá elementos para a clínica rever suas propostas de atendimentos aos pacientes e também para aprimorar as formas de registro das futuras triagens.

Palavras-chave: Clínica-escola, Perfil de usuário, Formas de sofrimento.



PLANTÃO PSICOLÓGICO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE UM NOVO FAZER CLÍNICO

Jefferson dos Santos Melo
Marcilene dos Santos Sena

O Plantão Psicológico desenvolvido neste trabalho assenta-se nos pressupostos da Psicologia Humanista, especificamente na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Configura-se como uma modalidade de atendimento clínico de caráter emergencial, a qual privilegia a demanda emocional imediata do cliente e funciona como um serviço que não apresenta necessidade de agendamento prévio. Esse serviço atende o público que a ele recorre de forma espontânea. É um atendimento emergencial, distinguindo-se, portanto, de uma psicoterapia tradicional. Consiste em uma sessão com possibilidade de até três retornos espontâneos, sem necessidade de agendamento, auxiliando na resolução de conflitos psicológicos e focando em questões urgentes, as quais nem sempre precisam de acompanhamento prolongado. O objetivo foi descrever as vivências experienciadas durante o desenvolvimento do serviço do Plantão Psicológico em uma escola pública na capital amapaense. O relato deste estudo é fruto da experiência em uma escola pública estadual na cidade de Macapá-AP, durante a realização do estágio supervisionado em Psicologia Clínica, pelos graduandos do curso de Psicologia da Faculdade de Macapá (FAMA). Os atendimentos foram realizados duas vezes por semana, nos turnos matutino e vespertino, podendo cada pessoa receber de um a quatro atendimentos. Foram realizados 26 atendimentos, de agosto a novembro de 2016. As escutas foram realizadas a partir da demanda suscitada pelas pessoas que recorriam ao serviço oferecido, conforme o objetivo do serviço, possibilitando que os clientes se situassem na crise, identificassem a urgência e clarificassem o necessário – sempre na perspectiva do enfoque no cliente e não no problema. Foi possível perceber o quanto a experiência da escuta no Plantão, oportunizada pelo psicoterapeuta em formação, facilita o processo de crescimento pessoal do graduando de psicologia, além de facilitar seu aprimoramento profissional; apresentando-se, dessa maneira, como excelente ferramenta para a qualificação da escuta dos novos psicólogos e alternativa ao modelo de atendimento clínico tradicional oferecido durante sua formação.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), Plantão Psicológico, Escuta Clínica.



A MORTE E O TRABALHO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR NA UTI: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Gélica Alves Gomes
Maianna Costa Fernandes

O homem é, como considerado pela filosofia de Martin Heidegger, um ser-para-a-morte. Como possibilidade última do Dasein, a morte permite a esse singularizar sua existência, pois revela-lhe seu caráter individual. Contudo, estar diante da morte representa também um questionamento de todo o ser. A angústia que acompanha a percepção da finitude conduz o Dasein a um estranhamento em relação ao mundo, o que remete à sua natureza de ser lançado, em que não há determinações ou garantias. A morte, portanto, desvela no Dasein a compreensão da existência como projeto, como poder-ser. Objetiva-se, a partir deste trabalho, discutir a experiência de trabalhar como psicólogo hospitalar em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) enquanto vivência que suscita o encontro com a finitude e inconstância da vida, levando o profissional a reconhecer-se enquanto ser-para-a-morte. A UTI é um espaço diferenciado do hospital, onde se encontram os pacientes mais graves, críticos, que necessitam de cuidados intensos e constantes. É marcada pela imprevisibilidade e demanda do psicólogo que nela atua um contato direto com a dor, o sofrimento e a angústia de pacientes, familiares e da equipe de trabalho. Encarar a morte do outro passa a fazer parte da rotina; diariamente o profissional é convocado a reconhecer a morte enquanto concreta e real. É necessário que ele passe a compreender a morte, compreender-se enquanto ser-para-a-morte para que possa, enquanto profissional, auxiliar na forma como pacientes e familiares lidam com a angústia associada à situação. Nesse percurso, ele próprio deverá questionar sua existência, seus projetos, o sentido da sua vida; ou melhor, a falta de sentido dessa, a falta de ordem intrínseca à vida. Ver-se-á diante do nada, da imprevisibilidade dos acontecimentos; além de encontrar a angústia, que conduz ao desvelamento do Ser, serve de ponte entre uma existência inautêntica – regida pelas marcas do impessoal – e uma possibilidade de atualização dessa, de uma vivência autêntica, assumindo a real condição do Ser, reconhecendo-se enquanto poder-ser.

Palavras-chave: Ser-para-a-morte, Angústia, Psicologia Hospitalar.



O NIILISMO E A ESCUTA PSICOLÓGICA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO

Davi Corlett Silva
Anderson Barbosa de Araujo
Marcela Almeida Figueiredo
Hammina Rebecca Siqueira Nunes
Sandra Souza

Este trabalho baseia-se na filosofia de Friedrich Nietzsche, especificamente sobre o conceito de niilismo que traz a ideia de negação de si mesmo em prol de algo para além de sua existência. Para tal, considera-se o aprofundamento desse conceito, chegando à ideia de niilismo negativo. Fuganti o define como a negação de si mesmo por meio de afirmações, cujo foco seja algo superior à vida, pressupondo algo maior do que o próprio existir. Nesse aspecto, acontece a negação do corpo e do mundo, em prol da transcendência. Considerando-se a ideia do niilismo negativo, objetiva-se fazer uma análise fenomenológica de um relato de caso atendido no contexto do Plantão Psicológico de um projeto de extensão vinculado à Clínica-escola de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O plantão psicológico é espaço de escuta emergencial, sendo um serviço que pode se completar em si e realizado em uma ou mais consultas, buscando a facilitação e compreensão das vivências. O relato em questão diz respeito a um único atendimento realizado no contexto supracitado, em que a cliente M. com a idade de 49 anos, procurou o serviço trazendo como principal demanda a traição conjugal do esposo. Observa-se na fala da cliente angústia e sofrimento pela situação em que se encontra, porém, a mesma se mantém na condição de esposa, por acreditar que seja a vontade de Deus, sendo, então, a designação para sua vida mundana. Desta forma, é possível analisar tal situação de sofrimento por meio do conceito de niilismo negativo, em que o discurso da cliente aproxima-se do judaico-cristão, no qual o mundo é negado e o sofrimento encarado como ponte para o “mundo posterior”. Corroborando isso, a cliente relata que em conversas com Deus percebeu que tinha que vivenciar o sofrimento no qual está inserida. Por fim, o plantonista percebeu o sofrimento ao qual ela parecia ser obrigada a suportar. Buscou acompanhá-la no seu próprio caminho, com as possibilidades que lhe eram possíveis naquele momento. O foco foi libertá-la para si mesmo. A cliente chegou mais próxima de si, enfrentando seu sofrimento.

Palavras-chave: Niilismo negativo, Sofrimento, Plantão Psicológico, Nietzsche.



O DESASSOSSEGO DE UM PLANTONISTA NO CONJUNTO RESIDENCIAL DA USP

Cesar Dias de Oliveira

Esta apresentação trata de um relato de experiência acerca do desassossego com o qual psicólogo e equipe de estagiários depararam-se ao se lançarem em cartografia clínica no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP). Tal equipe de psicologia adentra o campo após o pedido feito pela Superintendência de Assistência Social (SAS) da Universidade de São Paulo (USP) ao Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) do Instituto de Psicologia da USP. A cartografia clínica marca a equipe de psicologia, que se vê um tanto perdida no que diz respeito ao tipo de cuidado a ser proposto para a moradia estudantil, como pedido pela SAS. Nessa direção, surge para a equipe a necessidade de compreender o sentido de habitar o CRUSP, conhecendo os alunos-moradores, uma vez que a população do conjunto residencial é que comumente se mostra desassossegada com o viver cotidiano da moradia. Ao mesmo tempo em que a equipe indaga-se sobre esse sentimento, também óbvio entre os pesquisadores como escrito nos diários de bordo, reflete acerca das possibilidades e impossibilidades da moradia estudantil em ser habitada ou habitável. Que população é essa que adentra a universidade e precisa de um lugar na moradia estudantil? Como essa população habita o CRUSP? Ou melhor, eles habitam o CRUSP? A atitude de plantão psicológico dá sustentação para que a equipe permaneça nesse lugar incômodo do desassossego e prossiga caminhando pela instituição, debruçando-se em direção à experiência dos moradores do conjunto residencial. Descobrimos, mas não se cristalizando nesse lugar de uma espécie de serviço-meio, que se propõe a ser abertura para as demandas daquela instituição, bem como encontrar parceiros os quais possam cuidar das demandas desveladas. Por fim, este relato de experiência objetiva, em conversa com outros, discutir as possibilidades do trabalho de um psicólogo-plantonista dentro de uma instituição que se pretende moradia estudantil, partindo da experiência do campo em questão.

Palavras-chave: Cartografia clínica, Prática psicológica, Moradia estudantil.



A PRÁTICA NO ESTÁGIO DE PSICOLÓGICA CLÍNICA NO AMBULATÓRIO DE ESPECIALIDADES MÉDICAS DE UMA UNIVERSIDADE

Artur Alves de Oliveira Chagas

Carla de Oliveira Paulo

O presente artigo trata da experiência de estágio em Psicologia Clínica no ambulatório de especialidades médicas em uma Universidade da região do Alto Tietê, no estado de São Paulo, realizada durante o oitavo semestre do curso de graduação em Psicologia. A Psicologia Clínica contemporânea traz como possibilidade o atendimento focado na escuta e no acolhimento do outro que em caráter emergencial apresente essa urgência. Nesse sentido, o Plantão Psicológico possibilita ampliar o campo de entendimento da pessoa atendida, por meio do auxílio do plantonista de forma rápida. Outra característica que configura a postura do plantonista é estar aberto para ouvir e compreender a pessoa a qual ali se apresenta, tendo cuidado com o conjunto de vivências e de possibilidades que a pessoa atendida traz em seu existir. O Plantão não se configura como triagem para Psicoterapia, porém pode ser necessário o encaminhamento para esse serviço, se não puderam ser solucionadas as questões emergenciais do atendido no momento do atendimento. O ambulatório de especialidades médicas no qual o estágio de Psicologia Clínica foi efetuado oferece atendimentos de diversas especialidades da área da saúde para a população da região do Alto Tietê, inclusive o atendimento psicológico, resultante de encaminhamentos internos e externos, prevalecendo entre esses os encaminhamentos internos derivados de acompanhamento em outras especialidades da instituição. O estágio foi realizado no período vespertino, com atendimentos e supervisão nesse mesmo período. Utilizou-se o referencial da abordagem fenomenológica-existencial para nortear os atendimentos. A partir da revisão teórica e das orientações nas supervisões, discutiram-se os casos atendidos e estratégias para o aperfeiçoamento do manejo clínico. Contrastou-se a vivência de atendimentos clínicos em um ambulatório com o conhecimento apresentado teoricamente e com a prática em outros campos de estágio. Por causa das especificidades da instituição e do fluxo de encaminhamentos, houve dificuldades para atendimentos mais ajustados à população infantil, bem como – de modo mais geral – para o acompanhamento prolongado dos demais atendidos; emergindo, por consequência, a prática de plantão psicológico, ao invés de um acompanhamento psicoterapêutico de fato.

Palavras-chave: Clínica, Fenomenologia, Ambulatório, Psicoterapêutico e Plantão Psicológico.



ADOLESCÊNCIA E EXPERIÊNCIA DA SOLIDÃO NA ESCOLA

Edvânia dos Santos Alves

Este trabalho tem como propósito pensar sobre a solidão no ciclo da adolescência, tendo como aporte teórico a fenomenologia. Nesse sentido, a adolescência é percebida como possibilidade de relação com outros e, por isso, responsável por sua trajetória de reflexões e ações. Para a compreensão dessa dinâmica, foi realizada uma pesquisa de registros arquivados e observaram-se relatos de sentimento de solidão, nos quais a menção da palavra solidão chamou atenção. Pretende-se aprofundar o tema, a fim de entender a concretude das experiências relatadas e propor atividades que possam contribuir para o fortalecimento da existência humana nesse ciclo da vida e no ambiente escolar. A solidão pode ser definida, segundo alguns aportes literários, como uma rede fragilizada de relações significativas entre o esperado e o desejado, muitas vezes relacionada a experiências negativas que levam ao isolamento social e a doenças psiquiátricas; entretanto, tal temática, para os estudiosos da fenomenologia, dá-se na condição entre as possibilidades de existência de ser e a condição humana de existir – o que denota a liberdade de escolher dentre as formas de experienciar o mundo. Observa-se que os adolescentes, no contexto escolar, revelam fragilidades em lidar com as experiências que implicam vertigem, no sentido de escolhas, de liberdade e de solidão profunda; pois há, nesse espaço, demanda que implica decisão entre o modo de ser e de agir na relação apropriada consigo e com o outro. Embora, nesse ciclo da vida, fortalecer a compreensão sobre a solidão e suas vicissitudes pareça ser conflituoso, há possibilidades próprias constituintes do ser adolescente que podem potencializar a relação pessoal e interpessoal. Nesse sentido, compreender o revelado no contexto prático de intervenção na adolescência é um desafio do psicólogo, da escola e das políticas públicas, podendo gerar indagações acerca do abismo que provoca a vertigem na existência humana e, transfigurada em responsabilidade, questiona a vulnerabilidade de todos os implicados em relação ao que está aí na concretude do fazer cotidiano. Nessa concretude, as relações contemporâneas tendem a conduzir ao afastamento da solidão existencial e à impessoalidade.

Palavras-chave: Adolescência, Solidão, Escola.



ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL DA MATERNIDADE ESCOLA JANUÁRIO CICCO / NATAL-RN

Thatiane Guedes de Oliveira Machado
Caroline Araújo Lemos Ferreira

O presente trabalho descreve a atuação da psicologia na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) da Maternidade Escola Januário Cicco, no período de outubro de 2014 a maio de 2017. A UTIN é marcada pela utilização de alta tecnologia e pela urgência e precisão das ações, no sentido de manter a vida do bebê. Nesse contexto, o risco de morte, doença e/ou deficiência ocorre em paralelo ao nascimento, podendo desdobrar-se em uma incerteza insuportável. Muitos pais sentem-se incapazes de cuidar de seu filho, acreditando que apenas a equipe de saúde está habilitada para fazê-lo. Torna-se então necessário inserir os familiares no ambiente e na rotina da UTIN, sensibilizando-os acerca da importância da interação com o recém-nascido, o que constitui uma intervenção precoce em saúde mental. É relevante acolher cada família de forma individualizada, valorizando a competência materna/paterna. A assistência psicológica é embasada em uma prática humanizada de atendimento, buscando-se entender e respeitar o paciente na sua singularidade. É estimulada a livre expressão de sentimentos, o revelar de possíveis sentidos e o desvelar de significados existentes. Nessa perspectiva, a psicologia proporciona um espaço de escuta no qual os familiares podem expor suas dúvidas, medos e expectativas diante da internação do bebê, bem como diante da possibilidade de morte. O trabalho desenvolvido na UTIN envolve tanto atividades multiprofissionais em grupo como atendimentos individuais regulares. As atividades grupais ocorrem semanalmente, visando oferecer informações, esclarecer dúvidas e acolher os sentimentos decorrentes da hospitalização. O atendimento individual visa prestar apoio emocional aos familiares, favorecer a aproximação e o fortalecimento do vínculo entre os pais e o bebê de risco, preparar e acompanhar as visitas dos irmãos dos bebês internados, bem como estimular o aleitamento materno. Percebeu-se que o trabalho desenvolvido pela psicologia na UTI Neonatal possibilitou a expressão e ressignificação dos sentimentos por parte dos familiares, minimizando assim a angústia, culpa, medo, tristeza, dúvida, revolta e ansiedade, assim como favoreceu o estabelecimento e o fortalecimento de um vínculo afetivo saudável entre a família e o bebê em situação de risco.

Palavras-chave: Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, Psicologia, Humanização.



A PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA GENÉTICO-ESTRUTURAL NO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL

Dária Maria Barbosa Dedê
Luanna Mara Cândido da Silva
Bruna Borges Costa
André de Carvalho Barreto

A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma análise do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) pela perspectiva da Psicopatologia Fenomenológica Genético-Estrutural (PPGE) de Minkowski. O TPAS é um transtorno que vem sendo estudado pelos mais diferentes estudiosos recebendo variadas denominações e hipóteses explicativas. Cleckley e Hare foram responsáveis por formular o termo psicopatia que por vezes se confunde com o TPAS, mas que entre alguns críticos é tido como outro transtorno. Estes autores se utilizam principalmente de traços de personalidade – sujeitos autocentrados ou manipuladores – para elaboração do diagnóstico de TPAS. De acordo com a visão PPGE, o fenômeno psicopatológico não deve ser delimitado por seu caráter mórbido ou doentio, mas como constituinte de uma forma de ser. Para a identificação de uma patologia, é preciso contemplar a experiência vivida de cada indivíduo e a relação historicamente construída em um dado período entre a noção de saúde e doença. Na medida em que para esta corrente teórica, a síndrome mental deixa de ser apenas uma associação de sintomas, e passa a ser vista como uma expressão de uma modificação profunda e característica da personalidade humana. Apresentando-se assim, secundariamente, como um processo consequente dos mecanismos de compensação fenomenológica. Seguindo esta noção, a PPGE propõe uma abordagem diagnóstica e terapêutica do homem em sua totalidade de estruturas, permeadas pela sua experiência temporal e relações interpessoais como partes inalienáveis de sua existência. Neste contexto, o TPAS não é compreendido com foco nos sintomas, mas dentro da experiência e relações da pessoa com o tempo e com os outros. O foco na intervenção é na personalidade vivente, na pessoa, no pessoal. Busca-se com isso estabelecer um processo de reelaboração de sentidos e significados da pessoa com seu mundo total e não com os sintomas determinantes do TPAS. Considera-se que poucos estudos se dispuseram a explorar de maneira sistemática a correlação entre eventos/experiências de vida e personalidade antissocial, provavelmente devido a complexidade inerente ao delineamento de projetos capazes de controlar alguns vieses metodológicos.

Palavras-chave: Transtorno de personalidade antissocial, Psicopatologia genético-estrutural, Minkowski.



A MORTE EM UM LOCAL DEDICADO À VIDA: A MATERNIDADE

Lucila Moura Ramos Vasconcelos
Elza Dutra

Desde a transferência dos doentes para os hospitais, foi relegado aos profissionais de saúde o papel de promover o cuidado aos pacientes. Nesses contextos, a morte é evitada, podendo ser justificada pela ocorrência de falhas e erros. Em instituições de saúde específicas, as maternidades, menos se fala na possibilidade da morte, apesar da sua presença em meio à vida. Com a evolução da medicina e a consequente ampliação das técnicas e tipos de equipamentos a serem utilizados, as maternidades tornaram-se locais munidos de um aparato tecnológico considerado necessário à manutenção da vida. Entretanto, apesar de toda a estrutura, ocorrem eventos adversos, inclusive a morte de recém-nascidos. Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo realizar uma análise documental dos relatórios de vigilância epidemiológica da Maternidade Escola Januário Cicco, propondo reflexões sobre as mortes na maternidade e sobre a atuação dos profissionais de saúde. A análise contemplou o período de 2010 a 2016 e os resultados apontam a ocorrência da morte de recém-nascidos em todos os meses do ano, correspondendo a uma média de 80 mortes por ano. Esse número só não é menor do que os óbitos fetais que chegaram a atingir a marca de 124 no ano de 2015. Diante do exposto, pode-se constatar que a morte faz parte do cotidiano dos profissionais de saúde que trabalham na maternidade. Esses profissionais, além de precisarem do conhecimento técnico e do entendimento e cumprimento dos protocolos de segurança, ainda lidam com a angústia e o abalo emocional ao vivenciarem situações de morte e perdas no cotidiano de trabalho. A partir dessa realidade, surgiram alguns questionamentos: como esses profissionais sentem-se nesse contexto de trabalho? Como enfrentam a morte de recém-nascidos? Qual assistência oferecem aos seus familiares? Para compreender a experiência desses profissionais, torna-se relevante realizar pesquisas que utilizem a fenomenologia hermenêutica heideggeriana como caminho para desvelar os fenômenos, de forma a gerar reflexões não só para os profissionais de saúde, como para as instituições hospitalares e para as universidades; com o intuito de oferecer suporte aos profissionais e contribuir para a assistência aos pacientes e seus familiares.

Palavras-chave: Profissionais de saúde, Morte, Recém-nascido.



AUTOCUIDADO DIANTE DO DESASSOSSEGO CONTEMPORÂNEO: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA A PRÁTICA CLÍNICA DA GESTALT

Ciro de Almeida Sampaio
Amanda Brito Lisboa Ornellas
Edna Correia da Silva Luciano de Oliveira
Lillian Argolo Amaral
Milena Vieira da Silva

O presente trabalho traz como tema a possibilidade de um novo olhar sobre a prática clínica, a partir das contribuições da Fenomenologia na Gestalt-terapia, com enfoque no autocuidado do cliente, sendo essa linha de atenção respaldada por pressupostos filosóficos que circunscrevem a abordagem supracitada. Em face das vivências pessoais trazidas pelo cliente no setting terapêutico, as quais permeiam o desassossego presente no modo de vida contemporâneo, a atual pesquisa propõe a investigação de contribuições da Fenomenologia para a prática clínica da Gestalt, ampliando o olhar do profissional diante de tais inquietações através de uma práxis que privilegia o como dar-se conta, isto é, a promoção da conscientização, e o como vivenciar experiências de autocuidado. Como metodologia, optou-se pela revisão bibliográfica que engloba autores os quais contribuíram para a elucidação da temática, utilizando uma literatura abrangente, correlata à visão de homem e de mundo concernentes tanto à Fenomenologia quanto à Gestalt-terapia; bem como das principais demandas comuns ao modo de viver atual e seus desdobramentos para a subjetividade humana. Ao longo da pesquisa, verificou-se contribuição tangível da Fenomenologia para a prática gestáltica no que concerne ao autocuidado do cliente, especialmente no que diz respeito ao modo como se apresenta a experiência de consciência do desassossego, ponto de partida para o redirecionamento de uma intencionalidade que privilegie um cuidado próprio através da psicoterapia. Notou-se, ainda, a importância da atuação do profissional psicólogo contextualizado com as demandas da contemporaneidade que surgem na clínica, ratificando a oportunidade de elucidar contribuições da própria base filosófica e epistemológica tanto da Fenomenologia, quanto da Gestalt-terapia como ferramentas para uma metodologia de trabalho que estreite a intersubjetividade entre profissional e cliente; facilitando o processo de tomada de consciência e resolução do fenômeno em questão que está trazendo impacto em sua vida, focalizando no aqui e agora. O resultado possibilitou ampliar essa investigação, cujos detalhes foram devidamente esmiuçados.

Palavras-chave: Autocuidado, Clínica, Fenomenologia, Gestalt-terapia.



ATENÇÃO PSICOLÓGICA EM DIÁLOGO COM HANNAH ARENDT: ALGUNS DELINEAMENTOS SOBRE A NATALIDADE FRENTE A EXPERIÊNCIAS DE RUPTURAS

Itala Daniela da Silva
Simone Dalla Barba Walckoff

Ao contemplarmos a contemporaneidade e suas múltiplas facetas tecnológicas e capitalistas, percebemos o quanto novos modos de singularização apresentam-se cotidianamente. Atualmente, os modos de relacionar-se com as pessoas e as coisas são (re)configurados a partir das múltiplas cosmovisões e complexas manifestações socioculturais. No cenário emergente, alguns sociólogos dizem que estamos em um momento sociocultural onde as relações líquidas, a fragilização dos laços, o espetáculo, o consumo exacerbado e as múltiplas facetas tecnológicas acabam por influenciar os modos com que lidamos com o mundo, com as pessoas e com nós mesmos. Em uma sociedade “guiada” por tais parâmetros, o modo de existir e as experiências acabam por serem influenciadas por tais perspectivas. Nesse cenário, a morte, as rupturas e os lutos também ganham contornos a partir de tais atravessamentos epocais. Levando em consideração esses aspectos, inclinamo-nos, portanto, para interrogar e compreender novas possibilidades para atenção psicológica diante de experiências de rupturas em diálogo com o pensamento Hannah Arendt. Com vias a pensar a atenção psicológica nesses contextos, delineamos alguns apontamentos do pensamento de Hannah Arendt que têm inspirado o nosso fazer clínico. Compreendemos que a atenção psicológica inspirada pelo pensamento arendtiano pode constituir-se como esse espaço político onde cada pessoa – clínico e paciente –, em uma posição de igualdade, aparece uma para a outra através das histórias narradas – por parte do paciente – e da história percebida/ouvida – por parte do espectador que, nesse contexto, é o clínico. Desse modo, a atenção psicológica pode oferecer um espaço privilegiado para que, saindo da cotidianidade insensível e “invisível”, o dizer possa fazer-se palavra, pois “todas as mágoas são suportáveis quando fazemos uma história ou contamos uma história a seu respeito”. Destarte, em contextos de rupturas, a atenção psicológica pode possibilitar que o paciente, ao narrar sua história, compreenda a sua condição de natalidade que o faz poder iniciar algo novo em sua biografia em contextos de lutos e mortes. O presente trabalho foi elaborado de modo bibliográfico com o intuito de iniciar as articulações possíveis entre o pensamento de Arendt e a atenção psicológica.

Palavras-chave: Atenção psicológica, Luto, Rupturas, Hannah Arendt, Natalidade.



RODAS DE CONVERSA COM ACOMPANHANTES DE PACIENTES CRÔNICOS: ESPAÇO DE DIÁLOGO E REFLEXÃO

Rosana Campos Alves
Thalyta Danielle Pinto da Silva
Glasy Souza e Silva Santos
Andréa Cristina Tavelin Biselli
Flávio Barbosa de Oliveira

Doenças crônicas comumente entrelaçam a vida do paciente e dos cuidadores/acompanhantes em ações de cuidados específicos às demais atividades cotidianas de seus cuidadores, sejam elas no âmbito doméstico, profissional, financeiro e familiar. Rotinas e papéis, outrora estabelecidos, passam a enfrentar novos desafios emocionais e organizacionais em decorrência dos longos períodos de hospitalização, reinternações frequentes e da presença de sentimentos de angústia e impotência diante da doença e da iminência da morte. Com frequência, passam a não prestar atenção às suas necessidades pessoais, o que implica uma diminuição de cuidado consigo mesmos. Portanto, o cuidado aqui referido não se trata somente daquele que temos ou não com algo, alguém ou determinadas circunstâncias, mas que o homem é cuidado. O cuidado como estrutura ontológica define o modo de o homem existir. Homem é cuidado e – assim –, simultaneamente, a origem e base ontológica do seu agir, sua marca. Cuidando de ser ele, escreve a história de sua passagem pelo mundo. Este estudo objetivou relatar a experiência de intervenção com cuidadores/acompanhantes de pacientes crônicos em um hospital de referência da cidade do Recife-PE. O método adotado para a intervenção foi a roda de conversa, por ser uma técnica que consiste na criação de espaços de diálogo e interação, facilitando escutar os outros e a si mesmo. Como instrumento, foi utilizada a contação da história infantil *A fada afilhada* (Vassalo, 2008), que possibilita a tematização do cuidado ôntico. Após a leitura, abriu-se espaço para favorecer a expressão relacionada ao cuidado com o cuidador no processo de acompanhamento de pacientes hospitalizados, a partir da questão disparadora: qual a parte da história que vocês mais gostaram? Os participantes puderam apontar a parte da história com a qual se identificavam e relatar como estavam vivenciando o processo de cuidador/acompanhante, ressaltando as mudanças de rotina e o desgaste físico e emocional, bem como um afastamento de si mesmos. Apontaram, ainda, a importância do acolhimento como um espaço de reflexão e cuidado de si. Tal intervenção possibilitou colocar em movimento nos participantes outros modos de estar e ser-no-mundo-com-os-outros.

Palavras-chave: Acompanhantes, Doença crônica, Cuidado, Fenomenologia, Contação de história.



CONFLITOS FAMILIARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOTERAPIA INDIVIDUAL

Antonino José de Melo
Caroliny Barbosa Silva
Milene Martins

O trabalho vem apresentar o relato de experiência de vivências em psicoterapia com enfoque em relacionamentos familiares, sendo esta a principal demanda encontrada no período de tempo de um ano (2015-2016) na atuação clínica realizada por dois psicólogos na cidade de Teresina – PI, bem como apontar possíveis causas e intervenções na resolução de conflitos. Dessa forma a atuação teve como referencia os estudos descritos por ROGERS (1970) e Perls (1977), onde as intervenções são focadas nas emoções, uma vez que ela é entendida como o organizador primário da experiência íntima, influenciando significativamente os padrões interacionais, percepções e atribuições de significado das interações, possibilitando a reaproximação entre a tradição da terapia de família e casal e a abordagem humanística e experiencial. Tendo como objetivo geral analisar os presentes conflitos familiares trazidos para o processo terapêutico. E objetivos específicos, identificar as causas dos conflitos familiares; descrever as intervenções, na perspectiva da psicologia existencial-fenomenológica, que auxiliam na resolução de conflitos. Atendimentos feitos individualmente em psicoterapia individual, com demanda de conflitos familiares. Escuta ativa, vivências com o intuito de gerar reflexão sobre si e sobre suas relações, respostas reflexos, com o objetivo de explorar a visão que o parceiro tem sobre si mesmo e sobre o outro, como organizada pela experiência afetiva imediata; e auxiliar o cônjuge a acessar os sentimentos não reconhecidos em si mesmo e no parceiro, criando meios para sua expressão na sessão terapêutica. Nesse sentido é possível observar durante os atendimentos causas semelhantes como, insegurança por uma das partes do casal, conflitos com membros das famílias de origem (sogra), falta de individualidade, sexualidade. Assim espera-se criar um espaço para discutir as questões individuais e o processo de autoconhecimento levando em consideração o contexto familiar e de casal, considerando também os fatores que podem favorecer ou não este processo psicoterápico.

Palavras-chave: Psicoterapia individual, Conflitos familiares; Psicologia humanista.



EXPERIÊNCIA NO ACOMPANHAMENTO DE PACIENTES ADOLESCENTES CANDIDATOS À CIRURGIA BARIÁTRICA E METABÓLICA

Camilla Accioly Pereira
Andréa Cristina T. Biselli
Sarah Xavier Vasconcelos de Fialho Rodrigues
Vladya Tatyane Pereira de Lira

Este relato parte de uma reflexão acerca dos atendimentos realizados em consultório particular no processo de acompanhamento pré e pós-operatório da cirurgia bariátrica e metabólica com adolescentes candidatos à cirurgia. A partir de 2012, o Ministério da Saúde reduz para 16 anos a idade mínima para submeter-se à cirurgia bariátrica e metabólica, por compreender o risco da obesidade entre adolescentes com elevação das doenças associadas: síndrome metabólica, dislipidemia, hipertensão arterial, trombose e diabetes. Para além desse cenário, é importante compreender que os transtornos alimentares surgem como um resultado às demandas sociais em detrimento aos encaixes do sujeito na busca de uma imagem corporal aceitável. Possuem uma etiologia multifatorial determinada por diversos fatores que se entrelaçam de forma complexa. Consequentemente, o adolescente – que está constituindo-se como sujeito e ainda mais um sujeito obeso – traz uma maior vulnerabilidade, que resulta em uma autoimagem negativa em decorrência das pressões culturais pela magreza (MORGAN et al. 2002). Na perspectiva da Gestalt terapia, trazemos a concepção do sujeito como ser em relação, coexistente em processo dialógico no devir. Desse modo, a ideal expressão para esse ser no mundo dá-se por meio de um contato genuíno, possibilitado pela flexibilidade em ajustar-se criativamente às demandas do meio, ao mesmo tempo em que consegue suprir suas necessidades individuais. Cristalizam-se os mecanismos de contato quando a relação causa estranheza e uma sensação negativa de não saber. Busca-se não mais estar ali, o sujeito fixa-se no processo de encaixar os mecanismos neuróticos na relação que emergiu, acarretando um devir limitante: a figura para suprir as demandas torna-se única – a comida – mesmo que o plano de fundo existencial seja mutável. A cirurgia surge como um instrumento positivo para esse adolescente ao passo que quebra seu ajustamento criativo cristalizado em suprir seus motes emocionais pelo alimento, compreendida como única fonte de prazer, e encaminha-o a experimentar outras possibilidades de estar no mundo nas suas relações com os outros, o meio e o alimento.

Palavras-chave: Cirurgia bariátrica, Adolescência, Ajustamento criativo, Obesidade, Gestalt terapia.



EXPERIÊNCIA VIVIDA DE JOANA NA DEPENDÊNCIA DE SMARTPHONE

Louise Macedo
Virgínia Moreira

Cada vez mais presentes na vida moderna, os aparelhos celulares com acesso à internet (smartphones) ocupam um espaço decisivo na rotina e na saúde dos indivíduos. A grande ascensão tecnológica cria aplicativos que substituem idas aos bancos, máquinas fotográficas e medidores de pressão arterial, por exemplo. Muitos serviços, que antes demandavam tempo e relações sociais diversas, hoje estão acessíveis e condensados em um só dispositivo. Embora esse novo costume seja aceito por um lado benéfico e estimulado, surgem continuamente queixas sobre os prejuízos causados pelo uso excessivo desses aparelhos. De maneira semelhante ao uso de bebidas alcoólicas, que inicialmente não eram consideradas um transtorno e sim um hábito social, definir quando o uso de smartphones passa a produzir prejuízos ao indivíduo e como se dá o impacto dessa ferramenta nas pessoas é o grande desafio do século XXI. Perguntamo-nos se há um limiar adequado entre o hábito cultural no qual estamos inseridos e o uso abusivo e adoecido, chegando a ser nomeado por alguns autores como dependência. Esse trabalho tem o objetivo de compreender, através de um estudo de caso, a experiência do uso de smartphone para uma jovem em atendimento psicoterápico na clínica que relatava sintomas atribuídos ao uso de smartphones. Foi percebida a distorção de tempo e espaço no mundo vivido descrito, bem como o forte entrelaçamento com o contexto ambíguo atual. A possibilidade de estar em vários locais ao mesmo tempo e de ser vista a partir de suas produções conecta-a cada vez mais com o virtual e menos com as outras pessoas que estão à sua volta. A fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty reforça a fisiologia e patologia da percepção, evidenciando a relação entre conhecimento sensível e inteligência. Uma vez que não existe um saber científico fechado em si mesmo para a atuação na clínica psicológica, compreender a vivência do ser humano como ela apresenta-se é tão fundamental quanto a teoria psicopatológica.

Palavras-chave: Mundo vivido, Merleau-Ponty, Fenomenologia, Smartphone.



ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE O CÂNCER INFANTIL NO ÂMBITO FAMILIAR SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Suzani Gabrielli de Lima e Sousa
Cíntia Guedes Bezerra Catão

O número de casos de câncer infantil tem aumentado, o que aponta para a importância do desenvolvimento de pesquisas relativas a esse tema, uma vez que tanto o processo de adoecimento como o tratamento do câncer modificam a rotina de atividades da criança e de sua família, que é convidada a participar de modo integral no tratamento e a enfrentar as transformações dele decorrentes. O presente estudo consistiu em realizar uma revisão integrativa de literatura com o objetivo de apresentar um panorama das pesquisas nacionais acerca do modo como os familiares/cuidadores compreendem e significam o câncer infantil e de articular os achados com uma discussão sob a perspectiva fenomenológico-existencial. Realizou-se uma pesquisa em importantes bases de dados eletrônicas, com recorte dos últimos cinco anos, resultando na seleção de 23 trabalhos. O exame das publicações elegidas permitiu a identificação de três categorias de análise: família e o diagnóstico do câncer infantil; família e o processo de hospitalização/tratamento da criança e a enfermidade e a fenomenologia. Concluiu-se que muitos são os sentimentos e fatores que acometem pais e demais familiares diante do diagnóstico e tratamento do câncer infantil, dentre eles: mudança de rotina, implicações financeiras, alterações nas relações e dinâmica familiar; o que culmina em sentimentos de preocupação, medo, angústia e receio da proximidade da morte. A fenomenologia existencial contribuiu para a compreensão da experiência em tela ao considerar o câncer infantil como uma privação ontológica, por implicar muitas limitações do pode-ser da criança e da família cuidadora. Essa privação expressa-se em linguagem de impotência, manifestando-se na cotidianidade como uma restrição na amplitude das realizações ônticas do cuidado pelo qual o ser do Dasein estrutura-se e realiza-se no mundo com os outros. Ressalta-se, ainda, o existencial ser-para-a-morte, que ganha ênfase na vivência e luta contra o câncer infantil por parte dos familiares/cuidadores e traz à tona temores e inseguranças ao pensarem na possível proximidade da morte da criança. Observa-se a importância de mais pesquisas a esse respeito para que se possa contribuir e auxiliar na construção de serviços de apoio aos que acompanham a criança no processo de diagnóstico, adoecimento e tratamento.

Palavras-chave: Câncer infantil, Família, Fenomenologia, Psicologia da saúde.



DE FRENTE COM O FIM: OS PROFISSIONAIS DOS CUIDADOS PALIATIVOS E O LUTO

Jéssica Priscylla Medeiros de Oliveira
Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Este trabalho alicerça-se no desenrolar de um projeto de dissertação de mestrado. Indaga-se sobre o lidar dos profissionais de cuidados paliativos com o findar-se de seus pacientes, posto que o sofrimento desses sujeitos é negligenciado. Eles enlutam-se? (Re)conhecem um possível enlutamento? Interfere em sua prática de cuidado? Objetiva-se compreender o lugar do luto para os profissionais de saúde que trabalham com cuidados paliativos e as implicações para o cuidado humanizado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada na Hermenêutica gadameriana, que tem como tarefa o descobrir sentidos das ações humanas, defendendo a dialética entre pesquisado e pesquisador e entendendo o homem como melhor intérprete de si. Recorreu-se à entrevista narrativa com cenas projetivas. Para compreensão das narrativas, utilizou-se o método de interpretação de sentidos, baseado em princípios hermenêuticos, ampliando unidades de sentido pela concordância das partes singulares com a totalidade compreensiva. Conta-se com a participação de 15 profissionais que trabalham com pacientes em cuidados paliativos, em Natal/RN. As entrevistas foram iniciadas e como resultados preliminares, vislumbra-se o cuidado paliativo sendo visto como um cuidar que visa conforto, alívio da dor e sofrimento dos pacientes, buscando qualidade de vida na morte. Sobre o papel do profissional, voltam-se ao conforto dos sintomas e à qualidade na comunicação. Frente à morte do paciente, há tristeza por essa perda. Contudo, tentam focar na intensidade do sofrimento do paciente e do papel que exerceram, afim de aceitarem a perda e de minimizarem a importância do seu pesar. Conceituaram o luto como momento para processar uma perda, afirmando já terem se enlutado por pacientes, sentindo angústia, ressaltando que, diante de tais sentimentos, racionalizam para a recompensa de terem cuidado bem até o fim. No retorno ao trabalho, o distanciamento do assunto é o recurso de enfrentamento para não se abater e poder dar conta dos outros pacientes, colocando-se, talvez, como indício de luto não autorizado. Citam a necessidade de formação para lidar com a morte e o luto, posto que ainda se mostra tímida no tocante a essa temática. Espera-se desenvolver formas de cuidado mais sensíveis, além de poder proporcionar a legitimação das dificuldades frente ao reconhecimento do luto.

Palavras-chave: Cuidados paliativos, Luto, Profissionais de saúde, Humanização, Cuidado.



EM BUSCA DO SENTIDO DO DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA PERSPECTIVA DE MÃES E PROFESSORAS

Lia Spadini da Silva

De acordo com dados do Censo de Educação Básica (2013), houve um aumento de matrículas de estudantes com deficiência nas escolas brasileiras. Paralelamente, há um crescimento do número de diagnósticos em crianças e uma polêmica em torno da sua utilização em ambientes escolares, o que evidencia o fenômeno da medicalização da vida. Com base nesse cenário, o presente trabalho, que foi resultado de uma pesquisa de mestrado finalizada em 2016, tem por objetivo compreender o sentido do diagnóstico de estudantes para suas famílias e professoras, partindo do método fenomenológico-existencial. A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental I localizada em São Paulo, onde foram entrevistadas duas professoras, uma de sala comum e a outra professora da Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão e duas mães, de acordo com o instrumento de entrevista reflexiva. As entrevistas foram gravadas, transcritas e o conteúdo de falas foi organizado em quatro constelações: 1) relação entre professoras e estudantes com deficiência; 2) relação das mães e professoras com o diagnóstico de seus filhos e estudantes; 3) relação das mães com a escola; 4) relação das professoras e mães com especialistas. De um modo geral, o diagnóstico tem um papel importante para auxiliar as professoras nas intervenções com seus estudantes com deficiência, uma vez que, ao ter o conhecimento das patologias, elas sentem-se mais seguras para ensiná-los. Segundo uma das mães, cujo filho não foi diagnosticado, a definição do diagnóstico permitiria que ela soubesse o que aconteceu com ele e que os médicos administrassem medicamentos que o tornariam uma “criança normal”. Outro aspecto o qual surgiu foi o de que, na presença de um diagnóstico, as professoras tendem a se ater a ele para apresentar seus estudantes; em contrapartida, quando não há um diagnóstico, a criança é apresentada de maneira mais descritiva. Assim, é percebido que o diagnóstico pode desempenhar diferentes papéis na vida das participantes e que deve haver um cuidado para que ele não se sobreponha à visão a qual se tem da criança, de modo que as individualidades de cada um possam ser manifestadas e consideradas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Inclusão escolar, Diagnósticos, Medicalização, Fenomenologia existencial.



DO PLANTÃO PSICOLÓGICO À PSICOTERAPIA: UM PROCESSO DE ABERTURA AO CRESCIMENTO

Maria Lilian Leal de Souza

Said Zareh

Izaías Carlos de Mendonça Junior

Sandra Souza

O plantão psicológico é uma modalidade de atendimento em até três encontros com base na Abordagem Centrada na Pessoa. Objetiva escutar a pessoa no momento de sua emergência, ajudando-a a clarear sua demanda. Muitos dos conteúdos vividos estão submersos na angústia e emergem como conflito/sofrimento. Este estudo tem como objetivo evidenciar a abertura à psicoterapia que o plantão psicológico pode proporcionar ao cliente. Trata-se de um enfoque qualitativo por meio de um estudo de caso. Participou o jovem H., que procurou o serviço de plantão psicológico em uma clínica-escola de psicologia de uma universidade pública, apresentando ideação suicida. Tem 17 anos, sente angústia, declara-se deprimido e em sofrimento. Na primeira sessão, H. mencionou sua tristeza e o desejo de morrer. Desejava saber o que estava acontecendo consigo. Na segunda sessão, pediu ajuda para organizar o pensamento e contou ter queimado todas as fotos da família em que aparecia. Continuava a pensar em morrer. Por apresentar intensa desorganização das emoções/pensamento, os pais foram chamados à clínica pela plantonista e responsabilizaram-se pelos cuidados com H. Sua última sessão foi na sala de atendimento infantil e expressou, por meio de pinturas e desenhos, sua angústia, declarando não se sentir aceito pela família em razão da sua orientação sexual. Por apresentar ideação suicida e hostilidade para com os pais, H. foi imediatamente encaminhado à psicoterapia na clínica-escola. Expôs a dificuldade de autoaceitação quanto à sua orientação sexual. No decorrer das sessões, passou a sentir-se livre para perceber-se de modo congruente com sua noção de eu e sua experiência, favorecendo a autoaceitação. Tomou a iniciativa de conversar com os pais e assumir a homossexualidade. Passou a fazer planos para relacionamentos afetivos e para a vida acadêmica, após reprovação do semestre em que vivenciou suas crises emocionais. Atualmente, ainda em processo psicoterápico, não fala em suicídio e encontra-se em harmonia com os pais. Verificou-se que o plantão psicológico favoreceu o cliente a buscar a psicoterapia; ademais, em clima de aceitação incondicional, o cliente permitiu-se entrar em contato com a variedade das suas vivências e desbloqueou, gradativamente, seus conflitos com maior fluidez.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Ideação suicida, Psicoterapia.



ESCUTA FENOMENOLÓGICA DOS PACIENTES EM PERÍODO PRÉ- OPERATÓRIO DE UM HOSPITAL LOCALIZADO EM NATAL-RN: RELATO DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Simone Rocha Freitas
Gabriela Silva de Sousa
Ianny Felinto Medeiros de Azevedo

A perspectiva Fenomenológico-Existencial compreende o homem de uma forma histórica e relacional, onde a sua existência, que é constituída à medida que as possibilidades são experimentadas ou não, está completamente inserida na realidade. Durante sua existência o homem se depara com rupturas advindas da inospitalidade do mundo, em especial diante de acontecimentos que reafirmam a certeza da finitude, como, por exemplo, o processo de hospitalização. Com essa compreensão, objetivamos refletir, nesse relato, sobre uma experiência de estágio supervisionado em psicologia hospitalar numa abordagem fenomenológico-existencial. O estágio ocorreu entre março e maio de 2017 em um hospital geral localizado na cidade de Natal-RN pertencente a uma instituição que presta serviços de saúde especialmente na área da oncologia e que atende demandas da rede privada e do SUS. Nossa atuação se deu no setor chamado Day Clinic, onde acontecem os períodos pré e pós-operatório de alguns procedimentos cirúrgicos realizados no hospital – que vão desde intervenções com fins estéticos até retirada de nódulos; nele o paciente se prepara e aguarda o procedimento e tem o direito de ter consigo um acompanhante. Ali nós abordávamos o paciente, nos apresentávamos e explicávamos nosso propósito: ofertar escuta ao que ele trazia sobre suas sensações e pensamentos em relação à cirurgia. As respostas aos nossos questionamentos eram variadas, porém, um sentimento em comum era demonstrado: a angústia causada pela incerteza diante do desconhecido; isso porque o pré-operatório se configura como um lugar que coloca o paciente diante de um novo momento da sua existência e que traz riscos; além disso, o paciente estava inserido em um ambiente onde o modelo biomédico é hegemônico e, portanto, há acolhimento para a doença, mas dificilmente haveria acolhimento para a pessoa que vive as facetas do processo de adoecimento, o que acaba por provocar um distanciamento corpo-subjetividade. A nossa experiência, portanto, permitiu a promoção da reaproximação desses elementos vivenciados pela pessoa em processo de hospitalização, além de trazer para o ambiente hospitalar a reafirmação de que também é possível um olhar integral e humano ao indivíduo, com o acolhimento através de escuta psicológica nos mais diferentes ambientes.

Palavras-chave: Pré-operatório, Psicologia hospitalar, Escuta fenomenológica, Angústia.



EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA GRUPAL COM IDOSAS NO AMBULATÓRIO DE PSICOLOGIA DE UM HOSPITAL DE REFERÊNCIA DA CIDADE DO RECIFE – PE

Andréa Cristina Tavelin Biselli
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Flávio Barbosa de Oliveira
Sarah Xavier Vasconcelos de Fialho Rodrigues
Vladya Lira

Pensar a prática grupal como estímulo de ações com coletivos conduz a uma aproximação da promoção da saúde na qual o conceito de saúde não se reduza exclusivamente ao aspecto químico-biológico do corpo, mas que esteja em correspondência com a totalidade do existir humano. A situação grupal pode ser compreendida como um diálogo entre os componentes e apresenta-se tal qual a dinâmica de um jogo, em que a condução jamais se reduz a uma ação voluntária de um dos participantes. Tal encontro constituir-se-á como uma teia que é tecida por todos os participantes, os quais, como colaboradores do processo, constroem possibilidades compreensivas dos diversos modos de ser e produção de sentido. Este estudo objetiva relatar a experiência como psicólogos em atendimento de grupoterapia com idosas no ambulatório de psicologia de um hospital de referência da cidade do Recife – PE. As participantes passavam por uma entrevista inicial individual e eram convidadas a participar da modalidade grupal. Os encontros aconteceram por seis meses, semanalmente, as quartas-feiras, no horário da tarde na sala de grupo do ambulatório, contando com oito participantes. A situação de grupo, em um primeiro momento, possibilitou a expressão da disposição afetiva de medo diante de uma situação não conhecida. A vivência da experiência grupal afetou cada um e permitiu outro modo de estar e sentir a situação de grupo, a qual passou a ser percebida como acolhedora e facilitadora da expressão dos sofrimentos e sentimentos. O diálogo, a conversação entre psicólogo e clientes e entre clientes, dispostos a se colocarem nesse jogo compreensivo, possibilitou a ampliação da queixa trazida como motivo da consulta e permitiu a explicitação e apropriação da demanda via fusão de horizontes das participantes. Tal movimento possibilitou-lhes compreender a demanda manifesta, permitindo uma apropriação dos seus sentimentos com a tematização de outras possibilidades compreensivas aliadas ao movimento de abrir-se para o outro, ao mesmo tempo em que permitiu um não se centrar em seus problemas – considerados, inicialmente, como únicos. Por último, destaca-se a narrativa das experiências como facilitadora da apropriação do modo como cada uma cuidava de si e dos outros, menos administrados pelo público.

Palavras-chave: Prática grupal, Idosos, Fenomenologia existencial, Promoção de saúde.



DESAFIOS DA AÇÃO CLÍNICA AOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS)

Edvânia dos Santos Alves
Ana Lucia Francisco

Esta pesquisa, resultado de mestrado, investigou a experiência na saúde mental de estagiários vinculados à graduação de psicologia, especificamente no CAPS, e teve as suas origens na prática profissional da pesquisadora. O CAPS em estudo constitui um dos processos estratégicos de Reforma Psiquiátrica e é um serviço substitutivo ao hospital psiquiátrico; propõe-se a cuidar de pessoas com transtornos mentais, busca fortalecer a autonomia da forma mais expansiva possível daqueles que se apresentam fragilizados não só biologicamente, mas também na relação psicossocial de convivência comunitária e familiar. A comunidade e a família, bem como a atenção primária, são fontes de articulações as quais potencializam o fortalecimento da ação clínica e institucional do espaço em estudo. A ação clínica da psicologia, em nossa concepção, prioritariamente voltada ao espaço privado, expressava-se como um desafio aos estudantes em formação e que optaram espontaneamente em atuar no espaço de CAPS. O desafio dos envolvidos seria transpor a técnica acadêmica estabelecida e recriar um saber-fazer que desse conta de um cenário ainda pouco explorado no espaço acadêmico. A intervenção foi desenvolvida no laboratório de fenomenologia existencial da Universidade Católica de Pernambuco e problematizou o suporte oferecido pela formação acadêmica e a ação do saber-fazer. Para a compreensão do campo investigado, realizaram-se entrevistas semidirigidas, que foram, posteriormente, analisadas através da elaboração de núcleos de sentido e levantamento de conteúdos temáticos. Participaram das entrevistas sete estudantes concluintes do curso de psicologia, oriundos de agências formadoras particulares e públicas situadas na cidade do Recife. As narrativas obtidas permitiram-nos perceber que a ação do psicólogo clínico – nos Centros de Atenção Psicossocial, voltados ao atendimento de pessoas com transtornos mentais graves – revelou muitos desafios vividos pelos profissionais e estudantes, considerando-se, principalmente, a estigmatização da doença mental e a necessidade da adoção de concepções e posturas que contemplassem as dimensões dos aspectos éticos, políticos, sociais, culturais e históricos das práticas psicológicas envolvidas no processo de saúde e doença na perspectiva da saúde mental.

Palavras-chave: Clínica, Saúde mental, Formação profissional.



ERA UMA VEZ... HISTÓRIAS DE CRIANÇAS (CON)VIVENDO COM A RECIDIVA DO CÂNCER E SEUS ENSINAMENTOS SOBRE O CUIDADO

Rafaella Maria de Varella Domingues
Geórgia Sibeke Nogueira da Silva

Este trabalho volta-se para a compreensão da experiência de crianças no processo de recidiva oncológica. É grande o número de casos de câncer infantil no Brasil, com expectativas de aumento, o que o torna um grave problema de saúde pública. A recidiva pode ocorrer em até 50% dos casos tratados e constitui um momento delicado, marcado pelo difícil recomeço dos procedimentos médicos. Em pesquisa qualitativa de mestrado, ancorada na Hermenêutica de Gadamer, entrevistou-se cinco crianças hospitalizadas em recidiva oncológica, de ambos os sexos, com idade entre sete e dez anos; objetivando compreender como as crianças (con)vivem com o tratamento oncológico em recidiva. Utilizamos como estratégia a Entrevista Narrativa mediada por recursos projetivos – o desenho do hospital e o boneco-personagem –, além do diário de campo da pesquisadora. A partir disso, as crianças revelaram que o hospital é um lugar estranho onde vivenciam diversas dores, mas que se torna um lugar acolhedor e de cuidados o qual possibilita a luz da cura; elas trazem também que o adoecimento promove perdas – sociais, físicas, familiares e emocionais; falam sobre os temores que a recidiva promove, as incertezas do tratamento, o medo da morte e a esperança na cura; elas revelam ainda o que fazem para espantar a tristeza: as brincadeiras, a relação afetiva com os cuidadores (familiares e profissionais) e a fé que promove a esperança em dias melhores. Para Gadamer, compreender significa entender-se com o outro a respeito de algo condicionado pelo espaço, tempo e pelos limites a partir da historicidade humana. Nesse sentido, entendemos que nas relações afetivas, ao compreender o outro, autocompreendemo-nos e dessa fusão nasce a relação do cuidado. Hermeneuticamente, dar voz ao outro e reconhecê-lo em suas necessidades exige abertura para o encontro necessário ao alcance da boa comunicação, não sendo possível humanizar as práticas do cuidar sem essa qualidade. A boa comunicação permitiu que o hospital se tornasse o espaço acolhedor que as crianças reconheceram. Por meio dos ensinamentos delas, vislumbramos lançar luz que possibilite novas reflexões aos trabalhos existentes, a fim de subsidiarmos melhores práticas no Cuidado Humanizado com as crianças em tratamento oncológico.

Palavras-chave: Criança, Câncer, Hospitalização, Recidiva, Cuidado humanizado.



FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL NA PERSPECTIVA DA SAÚDE MENTAL A PARTIR DO CASO DE JORGE

Juliana Farias Santiago
Beatriz Abreu Maia

No contexto atual, a reforma psiquiátrica é vista como um tratamento mais humanizado, comparado aos anos anteriores. Este trabalho tem como objetivo apresentar a história de vida de um paciente chamado Jorge, adicto internado em um Hospital Psiquiátrico na cidade de Fortaleza/CE. O questionamento que norteou a referida investigação foi buscar compreender o diagnóstico recebido pelo paciente a partir do olhar da fenomenologia da ambiguidade, de Merleau-Ponty. Os dados coletados são de natureza qualitativa e os procedimentos metodológicos adotados foram entrevistas semiabertas, anamnese e diário de campo. Para a fenomenologia, a experiência psicopatológica é uma forma encontrada pelo sujeito para poder estar no mundo, embora essa forma de estar no mundo seja algo doloroso, doentio, insano. A partir de todo o conteúdo absorvido nas entrevistas, percebemos na prática, com uma clareza maior, o conceito de mundo mundano de Merleau-Ponty e vivenciamos isso através dos relatos de Jorge, nos quais evidencia-se que as suas experiências vividas foram as responsáveis pela formação desse sujeito dentro desse mundo. Merleau-Ponty apresenta, em sua teoria, a perspectiva do homem mundano, que seria o mundo que atravessa o homem e o homem que é atravessado pelo mundo. Algo que não se pode pensar separado, pois o mundo faz parte do homem e o homem faz parte do mundo. No caso de Jorge, percebemos essa forma doentia a partir da sua relação com o uso de drogas, pois ele relata que usou pela primeira vez por curiosidade. No entanto, supomos que essa curiosidade seja uma forma de mascarar algum sofrimento causado, já que possui histórico de uso de drogas e bebida alcoólica em sua família e uma relação conflituosa com alguns de seus familiares. Concluímos que, no presente estudo, foi possível lançar um novo olhar sobre a doença mental, desconstruir alguns preconceitos que a sociedade impõe e ver essas pessoas como sujeitos que apresentam suas particularidades de um modo diferente das outras pessoas, consideradas “normais”.

Palavras-chave: Merleau-Ponty, Fenomenologia, Drogas, Saúde Mental.



FENOMENOLOGIA: ESTUDO DA PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO CAPS ACERCA DO SENTIDO DA VIDA

Herika Dayane Silva Santos Gomes
Maria Ritta Alves de Araújo
Gildevan Estrela Dantas
GracyellyFlorencio Nunes

A esquizofrenia é conhecida como uma das doenças psiquiátricas mais graves e desafiadoras e pode afetar a vida biopsicossocial das pessoas que a vivenciam. Entretanto, é importante salientar que apesar do sofrimento na vida dessas pessoas, elas podem ter uma percepção positiva acerca do sentido de vida. O presente estudo objetivou compreender a percepção dos usuários esquizofrênicos do CAPS acerca do sentido da vida, na perspectiva fenomenológica. Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa. Participaram deste estudo quatro indivíduos com esquizofrenia moderada, usuários de um CAPS no município de Patos- PB. Os dados foram coletados por meio do método fenomenológico, obedecendo aos critérios éticos para pesquisa com seres humanos da resolução 466/12. Foi utilizada a técnica de grupo focal. Os dados foram analisados por meio do método fenomenológico hermenêutico. O estudo mostrou que os usuários esquizofrênicos têm uma percepção positiva do sentido da vida e quanto maior o tempo de inserção no Centro de Atenção Psicossocial, mais positiva é essa percepção. Identificou também que o tratamento no CAPS ressignifica a vida de seus usuários, assim como evidenciou que o grupo focal auxiliou no resgate da autoestima desses usuários, conforme verifica-se na fala de Jota: “Aqui foi meu refúgio, minha válvula de escape”. Estes demonstram segurança no atendimento do CAPS, conforme destaca Ge: “é, confie que aqui vocês vão ser bem entendido. Agora depende de vocês, porque quando a pessoa vem pro CAPS, quanto mais você estuda e você vai mostrar quem é você mesmo, melhor ainda, agora se você não se mostra, demora mais um pouquinho”. A relação dos usuários com o serviço é positiva e os mesmos consideram a participação no grupo fundamental para o tratamento. Nesse sentido, o estudo proporcionou um olhar diferenciado em relação às pessoas com esquizofrenia, ao enfatizar o ser ativo no processo saúde–doença e buscar olhar a essência dessas pessoas e não a patologia em si.

Palavras-chave: Sentido de vida, Esquizofrenia, Fenomenologia.



FINITUDE EXISTENCIAL: O SUICÍDIO ENQUANTO POSSIBILIDADE DE ESCOLHA

Ana Priscila da Silva Ferraz
Janne Freitas de Carvalho

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de Plantão Psicológico possibilitada por meio de uma parceria entre o Núcleo de Estudos em Fenomenologia Existencial e Práticas Psicológicas (Nuefe), a Universidade de Pernambuco (UPE – Campus Garanhuns) e uma instituição do município de Garanhuns-PE. Como graduanda do curso de Psicologia da referida universidade, bem como integrante do Nuefe, a autora narra uma experiência de ser plantonista, que se deu com uma criança a qual trouxe ao atendimento o desejo de suicidar-se. Tomada por inquietações providas desse encontro, surge para ela a importância de fazer compreender de forma mais ampla e desmistificada a questão da finitude e do suicídio em uma abordagem fenomenológico-existencial, bem como de levantar reflexões acerca da angústia e do desamparo nessa perspectiva, tecendo reflexões acerca do suicidar-se enquanto possibilidade de escolha ante a finitude. Em uma perspectiva fenomenológico-existencial, ainda que no plano meramente ôntico o homem “tenha” possibilidades de escolhas e constitua-se do conjunto delas em sua história singular, a existência é também compreendida como pura possibilidade enquanto estrutura ontológica. Não obstante, além de “ter”, o homem é possibilidade, é abertura para o ser, inclusive para escolher deixar de ser – ante o peso de estar entregue à responsabilidade de ter de ser. Destarte, lançar um olhar clínico através da análise existencial do homem enquanto ser-aí, da sua finitude existencial e do suicidar-se enquanto possibilidade diante do desamparo, é caminho possível para dialogar a respeito da ação clínica e das práticas psicológicas ante a ideação suicida anunciada pelo cliente. Diante disso, optou-se como recurso metodológico, pelo relato de experiência à luz de uma perspectiva fenomenológico-existencial. Nesse sentido, trata-se de um projeto qualitativo e exploratório, que envolve levantamento bibliográfico e tessitura de narrativas por meio de diário de bordo, modo escolhido para contemplar a experiência. Tendo em vista o alto índice de ideação e de tentativas de suicídio apontado por estudos, bem como os olhares providos de rótulos e categorizações que até hoje permeiam o tema, considera-se importante (com)partilhar experiências através de produções acadêmicas, proporcionando espaço de diálogo acerca do fenômeno no modo de atuar em Psicologia Clínica.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Finitude, Suicídio, Possibilidade, Desamparo.



MECANISMOS DE EVITAÇÃO DE CONTATO NO ATENDIMENTO INFANTIL – CASO LÉO

Yara Pimenta Rodrigues
Ana Karynne Melo

Este trabalho é um relato de experiência de atendimento infantil, à luz da Gestalt-terapia, guiando-se pela prerrogativa filosófica de “ir às coisas mesmas”, procurando sempre fazer “suspensão dos aprioris” e trabalhando com o que se apresenta no setting terapêutico. Sobre mecanismos de defesa, Aguiar (2015) explana que, em dado momento e contexto, não significa necessariamente um ajustamento disfuncional; na verdade, poderia implicar ações no mundo pelas quais a criança não poderia responsabilizar-se. Pretende-se estudar e discutir os mecanismos de evitação de contato identificados no atendimento infantil. Através de Estágio Supervisionado em Psicologia da Universidade de Fortaleza, entre setembro/2015 e dezembro/2016, com encontros semanais com paciente e professora e encontros mensais com a mãe. Léo (fictício), 9 anos (início), diagnosticado com TDAH desde os 6 anos. Os atendimentos com Léo ressaltaram três mecanismos de interrupção de contato são eles: Confluência: Léo apresentava, de forma mais presente nos primeiros atendimentos a confluência, que Perls (1988) define como sendo o tipo de interação em que o indivíduo não sente haver uma barreira entre ele e o mundo. Havia uma clara dificuldade identificada nos atendimentos com a mãe de Léo e nos atendimentos com ele em separar o que é pertencente à mãe e a ele, tamanha a confluência. Retroflexão: Bastante presente na culpa e na autopunição de Léo, identificada quando ele para de dirigir suas energias para fora e redireciona sua atividade para dentro, colocando-se como alvo do comportamento. Observando-se na fala: “estou sentindo raiva de mim porque sou muito ruim de pontaria” (sic). Nesse exemplo, torna-se, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação; inimigo de si mesmo (Perls, 1988). Deflexão: Também pudemos observar deflexão nos atendimentos com Léo. De acordo com Clarkson (1989, in Tenório, 2003), defletir significa evitar o contato direto com outra pessoa. Comum quando Léo ignora acontecimentos: usa sempre “não sei” como resposta. Nesta experiência, foi possível observar as variações entre mecanismos de evitação do contato de Léo, hora mostrando-se de forma patológica, hora saudável; observando-se a partir da qualidade e funcionalidade dessa interrupção para que se possa intervir terapêuticamente.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Atendimento infantil, Mecanismos de contato.



A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA PARA PACIENTES SOB CUIDADOS PALIATIVOS

Sarah Xavier Vasconcelos de Fialho Rodrigues

Andréa Cristina T. Biselli

Vláyda Tatyane P. de Lira

Marcus Túlio Caldas

Na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial, a religiosidade pode ser compreendida como uma via para encontro de sentido na vida ou até mesmo na morte. Pela perspectiva da política de humanização, a religiosidade é um fenômeno que deve ser acolhido no contexto de cuidado à saúde. Desse modo, no contexto dos cuidados paliativos, no qual se preza pelo controle dos sintomas e promoção da qualidade de vida de pacientes que se encontram com doenças crônicas ou em estágios avançados, as demandas espirituais e religiosas são compreendidas como fatores importantes a serem avaliados no planejamento do cuidado oferecido. Portanto, objetivou-se, neste estudo, compreender a experiência de religiosidade para pacientes que vivenciam a enfermaria de Cuidados Paliativos de um hospital escola de Recife-PE. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico, em que é priorizada a descrição das experiências vividas pelos sujeitos pesquisados sobre o fenômeno da religiosidade, com o objetivo de buscar sua estrutura essencial. Foi realizada entrevista com cinco pacientes de uma enfermaria de Cuidados Paliativos e as narrativas encontradas foram analisadas pelo método fenomenológico de Amedeo Giorgi, que seguiu quatro passos: leitura para sentido do todo, descrição das unidades significativas, transformação para uma linguagem psicológica e síntese das unidades de sentido. Foram encontradas três unidades de sentido referentes à religiosidade: religiosidade, busca de sentido e rede de apoio para além da religião. Dentre tais constituintes, o fenômeno da religiosidade para os pacientes foi percebido como suporte e amparo diante da situação em que se encontravam, bem como permitia aos sujeitos um bem-estar psicológico a partir das crenças e vivências religiosas que esses apresentavam. A religiosidade vivenciada pelos pacientes funciona como provedora de um sentido para a situação em que se encontravam, permitindo-lhes perspectivar um sentido no futuro que se propaga até o pós-morte. Por meio das entrevistas realizadas, são expressas formas distintas de experienciar a religiosidade. No entanto, de forma geral, a vivência religiosa foi percebida como importante apoio no enfrentamento dos pacientes e o espaço de expressão das vivências religiosas, no contexto da palição, mostrou ter efeitos terapêuticos e benéficos na qualidade de vida dos pacientes.

Palavras-chave: Religiosidade, Cuidados paliativos, Logoterapia e análise existencial.



ENTRE A CIÊNCIA E A RELIGIÃO: ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE CAPS FRENTE À RELIGIOSIDADE DE PACIENTES

Alice Paiva
Luciana Santos

O Brasil é uma nação que possui uma diversidade cultural e religiosa muito rica. Mais de 90% da população possui alguma crença religiosa ou espiritual. Certamente, esse fenômeno constitui a subjetividade e, ainda, atravessa a saúde mental das pessoas. O presente trabalho, subprojeto de pesquisa ampliada, teve como objetivo investigar como psiquiatras e assistentes sociais atuantes em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) percebem a manifestação da religiosidade/espiritualidade dos usuários do serviço. A intenção foi compreender como eles lidam com a religiosidade/espiritualidade do usuário, como diferenciam fenômenos religiosos/espirituais de sintomas psicopatológicos e como estabelecem o manejo de sua própria religiosidade nesse contexto. Para tanto, em caráter exploratório, foram realizadas quatro entrevistas, duas com assistentes sociais e duas com psiquiatras, atuantes em CAPS de Brasília. A análise dos dados ocorreu a partir do método fenomenológico com a apreensão de núcleos de sentido. Como resultado, apreendeu-se que todos os entrevistados percebem a religiosidade/espiritualidade presente na vida de seus pacientes e acreditam que deve haver o acolhimento e o respeito desse aspecto. No entanto, esteve também presente, em algumas falas, o oposto disso; o que expressa, em alguns casos, a desqualificação ou desconsideração dessa dimensão da vida humana. Em relação à diferenciação que fazem entre fenômenos religiosos/espirituais e fenômeno psicopatológicos, os profissionais apresentam ainda certa dificuldade em estabelecer critérios que sejam contextualizados com as vivências do paciente. No que diz respeito ao manejo da própria religiosidade/espiritualidade nesse contexto, ficou evidente nas falas dos psiquiatras certa incoerência; ou seja, ao mesmo tempo em que relatam não misturar seus valores pessoais com o que é da vida do paciente, relatam também não existir isenção ou neutralidade nos atendimentos. Já as assistentes sociais, de início, relataram ser impossível não existir interferências de suas crenças pessoais em seus atendimentos. Com este trabalho, foi possível apurar alguns dilemas dos profissionais em relação à sua atuação profissional quando se aborda o tema proposto, haja vista os binômios razão e fé, ciência e religião.

Palavras-chave: Religiosidade, Saúde mental, Psiquiatria, Assistência social.



AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE EDITH STEIN PARA A CLÍNICA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE

Mak Alisson Borges de Moraes
Ileno Izídio da Costa
Tommy Akira Goto

O presente resumo refere-se a um projeto de pesquisa de doutorado em andamento, cujo objetivo é delinear uma “fenomenologia do sofrimento psíquico grave” a partir da antropologia fenomenológica de Edith Stein e, assim, evidenciar a possibilidade da constituição de uma psicologia fenomenológica. O sofrimento psíquico é um fenômeno essencialmente humano, o qual apresenta um caráter complexo, multifacetado e plural. Isso significa que, apesar de o sofrimento ser algo desagradável e do qual o homem procura afastar-se, ele impõe-se de modo inevitável, pois faz parte da constituição do humano. Apesar de ser algo inerente ao ser humano, o sofrimento pode atingir proporções intensas, de modo que a pessoa tenha dificuldades em administrá-lo e se constitua o denominado sofrimento psíquico grave (SPG) ou – mais correntemente chamado de – “crise do tipo psicótica”. Posto isso, destaca-se que o SPG ainda é uma questão complexa e obscura, a qual requer uma análise melhor fundamentada. Em face dessa complexidade, o SPG tem sido concebido no âmbito das ciências psi a partir de uma ótica cientificista-positivista, fato o qual denota uma acepção reducionista a respeito do fenômeno. É nesse sentido que se faz necessária uma análise fenomenológica do sofrimento, visto ser o método fenomenológico uma base metodológica rigorosa para a investigação dessa questão. Ao se considerar que uma fenomenologia do SPG só é possível via uma antropologia filosófica, dada a necessidade de uma profunda análise do ser humano em uma investigação sobre o sofrer, a pesquisa terá como alicerce as contribuições da antropologia fenomenológica desenvolvida pela fenomenóloga Edith Stein. Para a realização da pesquisa, será utilizada uma metodologia qualitativa fenomenológica. A proposta do estudo será, nesse sentido, buscar compreender o SPG, a partir da experiência dos atendimentos aos pacientes do Grupo de Intervenção Precoce nas Psicoses (GIPSI) – programa de extensão do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da UNB. Desse modo, com base na descrição da dimensão psíquica promovida por Stein em algumas de suas obras – *Causalidade Psíquica*, *Introdução à Filosofia* –, objetiva-se delinear uma análise fenomenológica do SPG, com o intuito de fundamentar, por meio de uma psicologia fenomenológica, a clínica do SPG.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico grave, Antropologia fenomenológica, Psicologia fenomenológica.



O VELAR COMO DES-VELA-DOR DA VIDA: A POSSIBILIDADE DA NATALIDADE (RE)VELADA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Itala Daniela da Silva
Simone Dalla Barba Walckoff

Estar lançados em um mundo em que o cotidiano é acelerado e a vida é apressada faz-nos, por vezes, perder a sensibilidade para com a mesma. Algumas dimensões de nossa existência passam a não ser tematizadas, sendo quase que silenciadas no nosso dia-a-dia. Por entre as questões as quais não vivemos tematizando, encontra-se a morte. Todavia, em algum momento de nossa vida, ela escancara-se e faz-nos parar. Destarte, a presente pesquisa nasce do espanto da pesquisadora diante da vida e da morte e do questionamento, ao olhar para essa dimensão do existir, se velar alguém pode convocar-nos para a vida. A pesquisa direcionou o olhar para o ato do velar na tentativa de compreender as consonâncias que o morrer do outro pode causar na vida dos que ficam. O questionamento foi: o ato de velar pode convocar para a vida? O método utilizado foi o cartográfico e a pesquisa foi de cunho interventivo, que é feito a partir de um oferecimento de serviços. As análises dessas narrativas foram realizadas e inspiradas nos apontamentos de Walter Benjamin sobre Narrativas e de Hannah Arendt sobre Compreensão. O serviço de atenção psicológica foi oferecido em um cemitério no estado de Pernambuco. Nas análises, foi possível perceber que, nos contextos de velório, três possíveis públicos apresentam-se: o primeiro diz respeito àqueles que, por estarem mergulhados na dor e no sofrimento, não conseguem falar sobre o que estão vivendo; o segundo, aos expectadores os quais não estão tão atentos aos sepultamentos; o terceiro, àqueles que velam, testemunham e conseguem narrar o que acontece nesse contexto de velórios. Por fim, foi possível perceber que, diante da morte, os públicos são chamados de modos diferentes a pensar sobre os encaminhamentos que precisarão realizar na vida. Então, a partir dessas compreensões, finalizamos o presente trabalho, apresentando uma tessitura reflexiva com os apontamentos de Hannah Arendt acerca da natalidade; já que, de modos diferentes, essa apresenta-se como uma possibilidade eminente na vida dos que ficam e velam.

Palavras-chave: Natalidade, Morte, Plantão Psicológico, Hannah Arendt.



O SENTIDO DA VIDA DO SUICIDA: UMA ANÁLISE EXISTENCIAL LOGOTERAPÊUTICA

Dária Maria Barbosa Dedê
Kariny Patrício do Amaral
Bruna Borges Costa
André de Carvalho-Barreto

O suicídio é um grave problema social, com registros desde a antiguidade clássica, mas que permanece na sociedade contemporânea. A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece o suicídio como prioridade de saúde pública, visto que, a cada 40 segundos, uma pessoa suicida-se. Dados epidemiológicos apresentados pela OMS indicam que mais de 800 mil pessoas suicidam-se por ano no mundo. Somado a isso, para cada suicídio efetivado, outras tentativas são realizadas, mas sem êxito. Nesse contexto, diversas teorias e práticas de intervenção psicológicas têm buscado solucionar esse problema de saúde pública, dentre elas a Logoterapia. Um dos objetivos da Logoterapia é compreender os aspectos negativos da existência humana; dando sentido a eles, torna-os positivos. Para Frankl, não apenas buscar um sentido para a vida, mas o encontrar ocasiona uma felicidade existencial e torna o ser humano apto para os sofrimentos existenciais, experienciais e vivenciais que se passam ao longo da vida. A análise existencial victoriana compreende que o ato do suicídio tem sua origem, muitas vezes, em uma depressão que pode ocasionar uma ausência de sentido na vida. O suicida, contudo, acredita ter um sentido na sua vida: viver, sobreviver ou morrer. Esse sentido, todavia, não sustenta sua existência e o conduz a curto, médio ou longo prazo ao suicídio. Assim, quando o psicólogo intervir junto ao suicida, deve possibilitar que este encontre um sentido existencial para sua vida. Frankl ratifica que, durante o processo de intervenção, o que se deve fazer é estar presente e junto ao sofredor e – com ele – compartilhar a tristeza do seu vazio existencial que o suicida não suporta sozinho. Portanto, o foco da intervenção logoterapêutica é perceber o ser humano enquanto existente, ou seja, enquanto um ente que a todo o momento é capaz e responsável por escolher o viver em cada momento; desde que encontre sentido nesse viver.

Palavras-chave: Logoterapia, Suicídio, Análise existencial.



O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM DIANTE DA MORTE DE PACIENTES

Lucila Moura Ramos Vasconcelos
Elza Dutra

Em uma sociedade tecnicista, que valoriza a vida e a juventude, a cura das doenças tornou-se uma diretriz para a atuação dos profissionais de saúde. No ambiente hospitalar, busca-se o controle dos sintomas, o diagnóstico, o tratamento da patologia. Nesse contexto, a morte pode ser vista como uma derrota, um fracasso para os profissionais de saúde. Dentre esses, os enfermeiros, os quais acompanham o cotidiano da internação dos pacientes e presenciam o sofrimento das famílias e as dores dos enfermos. A morte apresenta-se como uma grande dificuldade enfrentada pelos profissionais de enfermagem, tanto pela vivência do sofrimento, como pela impotência diante da organização do sistema hospitalar. Com base na reflexão sobre essa realidade, a questão central desta pesquisa foi estruturada da seguinte forma: como os enfermeiros experienciam a morte de pacientes? A partir dessa questão, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão integrativa de artigos nacionais e internacionais que contemplam a temática da vivência da morte de pacientes para os profissionais de enfermagem e utilizam a abordagem fenomenológica para compreensão do fenômeno. Diante das pesquisas realizadas em banco de dados (LILACS, BDENF, MEDLINE, PUBMED, SCIELO e o PORTAL DA CAPES) foram encontrados 10 artigos dentro dos critérios de inclusão previamente estabelecidos. Com base na análise dos artigos, foram elencadas duas categorias: 1- Sentimentos diante da morte de pacientes; 2- Formas de lidar com a morte de pacientes. Os artigos indicam que os profissionais de enfermagem sofrem diante da morte de pacientes, sentem-se frustrados e impotentes e, muitas vezes, não sabem lidar com essa situação nem oferecer o apoio para os familiares. Esse sofrimento pode gerar nos profissionais várias enfermidades físicas e emocionais. Ao mesmo tempo, os autores apresentam reflexões sobre a necessidade de preparo e de suporte para os profissionais de enfermagem. Diante do exposto, torna-se necessário ampliar os estudos sobre tal temática envolvendo equipes multidisciplinares que se dedicam à assistência dos pacientes e de seus familiares e utilizando, como caminho para compreensão, a fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Compreender o homem enquanto ser-para-a-morte abre a possibilidade de estar-junto ao paciente como uma forma de atuação do profissional de saúde.

Palavras-chave: Morte, Profissional de enfermagem, Fenomenologia.



RELATO DE EXPERIÊNCIA COM BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O LÚDICO COMO DIMENSÃO DA EXISTÊNCIA

Tatiana de Moraes Barbosa
Mariana Cela

O objetivo deste trabalho foi compreender como o brincar no ambiente hospitalar é uma dimensão da existência na infância, a partir de minha experiência como brinquedista no Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel no estado do Rio Grande do Norte. A atividade de brincar é, por si só, transgressora e livre, sendo a própria expressão da criança e de seu ser-no-mundo. Acerca da motivação para brincar, Tânia Ramos Fortuna (2008) ensina-nos que tal motivação é intrínseca à própria atividade do brincar. Trata-se de um estudo de abordagem fenomenológico-existencial em que a atividade de brincar no ambiente hospitalar pode ser acompanhada tal como foi apresentada para a brinquedista, sem um conjunto de significantes prévios atribuídos ao brincar ou aos brinquedos e jogos. Nesse sentido, apropriando-nos do que preceitua Ana Maria Feijoo (2015), acompanhamos o existir da criança fluindo no tempo. A brinquedoteca hospitalar é garantida por lei em nosso país e, na realidade do Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel, conta com acervo de brinquedos e jogos, dispondo de um quadro de estagiárias que são graduandas do curso de Psicologia atuando nos setores pediátricos de Trauma, no Centro de Tratamento de Queimados e na Unidade de Tratamento Intensivo. Em nossa experiência, não há diretividade para o brincar. A criança que no ambiente hospitalar passa, frequentemente, por um processo de destituição de seu corpo e subjetividade, é convidada para a atividade lúdica, tendo autonomia para a escolha em liberdade se deseja ou não brincar, quais os jogos e brinquedos que irá escolher e se deseja experimentar a brincadeira com um adulto, sozinha ou com outras crianças que se encontram hospitalizadas. Nesse sentido, a criança é restituída para o seu lugar no mundo e o lúdico pode assumir sentidos que são singulares ao existir de cada criança, ao seu ser-no-mundo, tal como preceitua Débora Azevedo (2015). Somente a criança poderá nos revelar quais as dimensões possíveis, a partir de nossa presença no jogo e expressão de como pensamos o que nos é apresentado por ela, e tal aproximação do fenômeno pode proporcionar um imenso aprendizado da dimensão existencial da atividade lúdica.

Palavras-chave: Brinquedoteca hospitalar, Lúdico, Existência, Fenomenologia.



O ESTÁGIO DE CONVIVÊNCIA EM CASOS DE ADOÇÃO: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Laura Cristina Santos Damásio de Oliveira
Ana Andréa Barbosa Maux

Este trabalho possui como temática o estágio de convivência em casos de adoção. Esse é o período no qual crianças aptas à adoção passam a conviver com candidatos a adotante, após verificação de perfil no Cadastro Nacional de Adoção e disponibilidade das partes, sendo etapa obrigatória por lei. Aqui visamos discutir como a filiação adotiva dá-se nesse período do estágio de convivência, bem como a importância deste, sob o olhar da Fenomenologia de Heidegger. Em busca nos bancos de dados sobre a temática, encontraram-se poucas produções, especialmente pela ótica fenomenológica, ficando a maioria dos escritos restritos à adoção em si. Mesmo a adoção sendo fenômeno existente desde a antiguidade, no Brasil ela é tabu social, sobretudo por conta da valorização do vínculo biológico, em detrimento da vinculação adotiva. Mas qualquer filiação, biológica ou adotiva, envolve investimento afetivo na construção da relação. Especificamente no estágio de convivência, é comum que os pretendentes a pais tentem agradar a criança que chega ao lar, bem como essa pode tentar agradá-los ou agir de forma a testar os limites. Ambos os casos demonstram um cuidado substitutivo. O Cuidado é estrutura ontológica do Ser e expressa-se tanto nas relações com outros Daseins, quanto com seres intramundanos. Com outros Daseins, quando o cuidado é substitutivo, a relação dá-se como tutela e tira a responsabilidade do outro sobre seu existir. Ao restringir as possibilidades de ser do outro pela substituição ou se relacionar de forma a agradar ou testar, as relações tornam-se impróprias, que é o modo no qual o Dasein é permeado pelo ser-com dos outros e não pelo seu ser-com. Além disso, é comum que os pretendentes tenham a história pregressa da criança, mas é importante que se apropriem dela, para poderem discuti-la e ofertar acolhimento às crianças – além de construir relações mais próprias. Habitar é “trazer à paz de um abrigo”. Habitamos lugares e relações nas quais construímos abrigo e fazemos morada. O acompanhamento desse período é imprescindível para que receios e questionamentos possam ser discutidos e maior segurança para a concretização da adoção possa ser ofertada, visando a que todos habitem esse espaço.

Palavras-chave: Filiação Adotiva, Estágio de Convivência, Adoção.



LITERATURA E INFÂNCIA: A COMPREENSÃO DO LUGAR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Luciana Szymanski
Alessandra Marques
Cynthia Prado
Debora Andrade
Nathália Machado

O presente projeto pretende dar continuidade às intervenções anteriormente realizadas em um Centro de Educação Infantil com crianças de 0 a 4 anos, com vista à implementação e análise – a partir da demanda local – de um espaço de leitura, contação de história e reflexão sobre temas cotidianos da instituição. Com isso, pesquisou-se contribuições da literatura para a educação infantil e implantou-se um projeto focado na literatura infantil. O projeto teve como questão norteadora: qual o lugar da contação de histórias e literatura infantil em um CEI? Decorreram dessa questão mais ampla – fruto de uma inquietação institucional em relação à utilização do seu espaço – quatro outras perguntas que se tornaram subprojetos: como a gestão de um CEI compreende a implementação e discussão de um espaço de contação de história inserido no seu cotidiano e qual seu papel na implantação do projeto?; como as(os) educadoras(es) compreendem a implementação e discussão de um espaço de contação de história inserido no seu cotidiano e qual seu papel na implantação do projeto?; como as crianças vivenciam essa implementação?; como as famílias entendem o lugar da contação de história no cotidiano do CEI? A pesquisa inscreve-se na abordagem fenomenológico-existencial e fundamenta-se mais amplamente na noção de sentido desenvolvida por Martin Heidegger em sua obra *Ser e Tempo*. O procedimento metodológico fez uso da entrevista reflexiva, alinhada ao método fenomenológico-existencial, fundada em uma relação horizontal entre entrevistador e entrevistado e implicada em uma dinâmica dialógica entre os participantes. Pretendeu-se, com tal instrumento, obter uma revelação da experiência original e pessoal dos participantes e ampliar a investigação sobre a experiência dos diferentes setores de um CEI com a contação de histórias e a literatura infantil de modo mais amplo. Sendo assim, como resultado, foi observado que a contação de histórias configura-se, para os atores da instituição, como um espaço de reflexão e elaboração de sentido em relação às temáticas propostas através dos livros infantis que são levados, tais como: questão étnica, autoaceitação, inclusão, desfralde e papéis de gênero. Instituiu-se, no desdobramento prático da pesquisa, um espaço de reflexão sobre a literatura infantil no processo educativo.

Palavras-chave: Fenomenologia existencial, Educação infantil, Literatura infantil.



PROCESSO DE MUDANÇA EM PSICOTERAPIA INFANTIL NA GESTALT- TERAPIA: UM ESTUDO DE CASO

Tatiana da Silva Teixeira
Sandra Souza

Partindo da perspectiva holística, relacional e contextual do homem, a Gestalt-terapia admite a existência de uma tendência autorreguladora em busca de equilíbrio de suas necessidades em consonância com as do meio de forma contínua e dinâmica – na direção de melhor adaptação possível a cada momento específico. A essa adaptação, dá-se o nome de ajustamento criativo, através do qual a criança insere-se no mundo. Os ajustamentos podem cristalizar-se e transformar-se em formas crônicas de reação, denunciando distúrbios relacionais na unidade organismo/meio por meio de sintomas. A psicoterapia infantil tem como princípios básicos a aceitação, a permissividade e o respeito, a fim de estabelecer uma relação de confiança para que o cliente possa ser ele mesmo. O processo de mudança visa resgatar o curso satisfatório do desenvolvimento infantil e flexibilizar as possibilidades de contato. Este trabalho pretende apresentar a queixa trazida pelos pais no atendimento psicoterápico e os bloqueios de contato utilizados pela criança para obter equilíbrio emocional, bem como o processo de mudança. Trata-se de um estudo de caso qualitativo. Participou do estudo uma criança de quatro anos, inscrita na lista de espera de uma clínica escola de psicologia de uma universidade pública. A queixa era atraso na fala e baixa socialização. Os sintomas criaram nos pais a ideia de que o filho apresentava algum transtorno de desenvolvimento, o que interferiu no modo como a criança construiu seu autoconceito. A criança fez uso da confluência de modo cristalizado, permanecendo confluyente com sua família, dificultando seu processo de diferenciação e interação social, principalmente em ambientes estranhos e que causassem insegurança. Nas sessões, as intervenções deram-se no nível da descrição e da nomeação dos comportamentos e desejos da criança, de modo a confirmar seus sentimentos e potencialidades, contribuindo com o desenvolvimento de formas mais satisfatórias e saudáveis de contato. Perceberam-se avanços na linguagem, falando mais palavras e formando pequenas frases e na interação social, permitindo que outras crianças se aproximassem; o que revela o início de um processo de mudança e uma flexibilidade nas fronteiras de contato, fato identificado na fala da mãe durante as devolutivas dos atendimentos.

Palavras Chaves: Ajustamento criativo, Distúrbios relacionais, processo de mudança, psicoterapia infantil.



OS SENTIDOS SOBRE HISTÓRIA DE VIDA E O DESVELAR DE NOVAS POSSIBILIDADES – UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UM SCRAPBOOK COM UMA ADOLESCENTE EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Thalita Trajano da Fonsêca Santos
Clara Maria Melo dos Santos
Symone Fernandes de Melo

Este trabalho resulta do processo de construção de um álbum do tipo scrapbook proposto no âmbito de um projeto de extensão universitária, com o objetivo de registro da história de vida de uma adolescente, 13 anos, em acolhimento institucional. Toma-se a ideia fenomenológica de interpretação heideggeriana sobre o Dasein para fundamentar a postura adotada pela facilitadora, atitude de disponibilidade para deixar aparecer a relação de sentidos que a adolescente estabelece com o mundo. O processo foi construído em encontros semanais, de aproximadamente 1 hora, na unidade de acolhimento durante 14 semanas. A confecção do scrapbook partiu de atividades disparadoras com temas que retomam situações da vida, entendendo-se que a expressão de ideias e disposições afetivas sobre o vivido torna possível o resgate da multiplicidade dos sentidos do mundo. Assim, as atividades funcionavam como convite a pôr em movimento a experiência; criava-se um espaço para, como diz Heidegger, meditar sobre os sentidos das relações. Esse espaço para o pensamento meditativo era ampliado à medida que a adolescente extrapolava os conteúdos das propostas disparadoras. Destacamos aqui as reflexões desencadeadas por desenhos espontâneos de personagens descritas segundo estereótipos de vestimentas, ideias e ações. A adolescente já havia trazido posições rígidas acerca do seu modo de ser: responde os outros rispidamente, incapaz de pedir desculpas, sem paciência. Os desenhos foram elaborados em dois encontros e, a partir do que ela falava sobre cada um, questionou-se o que as personagens poderiam ter em comum entre si e com ela. Com isso, a adolescente pôde flexibilizar as definições dadas, reconhecendo em si modos de ser associados aos distintos estereótipos. Considerados os limites do breve espaço de tempo – dada a modalidade de atenção psicológica –, a construção do scrapbook, ao resgatar a história de vida, permite o demorar-se na experiência, o exercício do pensamento meditativo e – assim – a ampliação de possibilidades. No estar presente nessa construção, a facilitadora também desvela sentidos; o entregar-se aos encontros foi também afetar-se com a história e com o vivido, sob os desafios de lançar-se aos não-saberes de cada encontro e de seguir, deixando páginas para ainda serem escritas.

Palavras-chave: Acolhimento institucional, Scrapbook, Adolescente, Fenomenologia heideggeriana.



EXPERIÊNCIA DE MÃES DE RECÉM-NASCIDO COM ÓBITO EM UTI NEONATAL

Sebastião Elan dos santos Lima

A concepção e chegada de um filho gera um movimento psíquico de adaptação e ajustamento, muitas vezes comprometidos por uma internação na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). Esse contexto provoca sentimentos ambivalentes e angústias por parte dos pais que lidam diariamente com a ameaça de morte do recém-nascido (RN). Falar de luto é abordar um tema interdito, reflexo de uma modernidade que não tolera o sofrimento. Nessa perspectiva, busca-se com este estudo compreender a experiência de mães de recém-nascido com óbito em UTIN. Este estudo classifica-se como pesquisa de campo de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, com entrevista e análise de conteúdo. Foram entrevistadas quatro mães que vivenciaram o óbito no período de até 24 meses anteriores à coleta de dados. Diante das entrevistas surgiram quatro categorias de análises: Adaptação e ajustamento à dinâmica de UTIN e suas limitações impostas; espiritualidade e crença na restauração da saúde do RN; maternidade e frustração do projeto de torna-se mãe, além de luto e ambiente familiar o silêncio de uma dor. As categorias surgiram diante das temáticas mais frequentes na fala das mães. Percebe-se que a idealização do filho é rompida diante da internação em UTIN e, conseqüentemente, seu óbito, muitas vezes sentidos com mais impacto quando se tem uma gestação sem intercorrências. Como apresentado na literatura, as mães não encontram um espaço acolhedor para verbalizar e expor seus sentimentos referentes ao luto, percebido nas falas das entrevistadas abordando que geralmente os discursos sociais desautorizam a expressão dos sentimentos e comportamento gerado pela perda/óbito. Há necessidade de um melhor diálogo e de um lugar que favoreça a permissão e acolhimento da vivência do sofrimento e luto dos pais pela perda do RN. Faz-se necessário que a equipe assistencial identifique possíveis recursos psicológicos e/ou sociais que sejam fundamentais para melhores estratégias de acolhimento e suporte às mães e pais nesse contexto de sofrimento, para melhor elaboração do luto pela perda do filho e, conseqüentemente, investir-se em outros aspectos da vida em sua realidade social.

Palavras-chave: Luto, Terapia intensiva neonatal, Pais.



TANIA, AQUÉM E ALÉM DA ANOREXIA

Maíra Mendes Clini

Através do relato de atendimento clínico, o qual aconteceu sob a perspectiva fenomenológico-hermenêutica de Heidegger, pretendemos discutir os limites e as possibilidades dos diagnósticos ligados a transtornos alimentares, principalmente anorexia e bulimia. Apresentaremos um caso clínico específico, ocultando todos os dados que possam identificar a paciente em questão, por uma questão de ética e sigilo. Ao mergulharmos em sua história de vida, seu modo de estar no mundo e com os outros, sua relação com seu passado e perspectivas de futuro, poderemos compreender como se dão as facetas da anorexia e da bulimia contextualizadas nessa existência em específico. Tania é o nome fictício da paciente que acompanharemos através deste relato de caso. Ela é diagnosticada com bulimia desde os quinze anos e, atualmente, está com trinta anos; ou seja, são quinze anos sofrendo com isso que, por ora, chamamos de patologia. Ela busca terapia em um momento em que está prestes a ser internada pela terceira vez, pois pesa apenas 28 quilos e sofre risco de vida. Ao apresentarmos esse caso, pretendemos discutir pontos cruciais para a compreensão e a postura fenomenológico-hermenêutica, tais como: 1) A problematização do diagnóstico: na fenomenologia, o diagnóstico não deve prevalecer sobre a vida do paciente, uma vez que os limites entre “normal” e “patológico” são criticados. Não podemos, porém, furtar-nos à gravidade do sofrimento o qual se apresenta diante de nós. 2) Frontalidade e obliquidade: como lidar com uma relação restrita com a alimentação, sem deixar que ela passe a ser o centro de toda a nossa atenção, pois a existência da paciente não se resume a comer ou não comer. 3) Temporalidade: a articulação entre passado, presente e futuro, que se apresenta de forma restrita, deve ser um dos pontos de atenção na terapia. 4) Vínculo, persistência e disponibilidade: como encontrar lugar para um atendimento difícil, o qual nos solicita muita atenção e disponibilidade. Como pensar em entrega e limites a cada vez. Através do compartilhamento dessas reflexões, pretendemos contribuir para a compreensão de casos complexos e graves como esse na prática clínica.

Palavras-chave: Fenomenologia hermenêutica, Prática clínica, Anorexia, Bulimia.



NOSSOS ATOS QUE NOS DEFINEM: UM ESTUDO SOBRE ABUSO DE SUBSTÂNCIAS EM ADOLESCENTES

Jaqueline Aquino
Fernanda Guiter,
Damilla Marcielle
Gabriel Brasil
Liliane Carvalho

O abuso de substâncias lícitas ou ilícitas tem sido cada vez mais frequente entre os adolescentes, os quais precocemente iniciam o uso, não considerando as consequências que poderão ser acarretadas a longo prazo. Dentre esses jovens, há aqueles que, por cometimento de atos infracionais, estão inseridos em medidas socioeducativas e trazem em alguns de seus relatos a droga como causadora de tais fatos. Este trabalho tem como objetivo compreender através do método fenomenológico o abuso de substâncias e o processo de diagnóstico em adolescentes que estão cumprindo medidas socioeducativas em um centro educacional na cidade de Fortaleza, bem como investigar o universo das jovens sentenciadas. Para tal propósito, foi realizada uma pesquisa qualitativa e etnográfica, na qual foram entrevistadas quarenta e duas adolescentes sentenciadas, por meio de entrevistas semiestruturadas; bem como a observação dessas socioeducandas nas mais diversas atividades que exerciam no Centro Educacional durante suas rotinas diárias. Nesse percurso, podemos compreender a adolescência como uma fase de formação de identidade, na qual os jovens buscam inserir-se em grupos – alguns destes atravessados pelo uso de substâncias químicas – como forma de ser partícipes da sociedade. O adolescente procura um grupo em que possa ser aceito pela sua maneira de ser ou espera ao menos não ser rejeitado, porque muitas vezes na família em que vive ele é visto como um problema, assim como na sociedade. Os resultados, em consonância com a literatura, trazem o uso da droga como forma de anestesiar a realidade, tratar alguma ferida existencial ou tentativa de suprir algo que lhes falta, porém o que podemos destacar é o fato de esses adolescentes já se encontram em um processo de adoecimento existencial mesmo antes do abuso das substâncias químicas. Dentro dessa realidade, justificam ainda os atos infracionais cometidos através do uso das drogas, indo de encontro ao que encontramos nas revisões bibliográficas fenomenológicas, as quais colocam o sujeito como responsável por suas escolhas, até mesmo quando decidimos não escolher.

Palavras-chave: Adolescentes, Medidas socioeducativas, Fenomenologia, Abuso de substâncias.



O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Cíntia Guedes Bezerra Catão
Ana Paula de Araújo Ferreira

A escolha profissional é um processo muitas vezes acompanhado de emoções, como ansiedade, insegurança, medos e apreensões, merecendo atenção pela potencialidade de gerar sofrimento. Ressalta-se a relevância de estudos sobre Orientação Profissional (OP), visto que, em geral, propõe-se oferecer suporte e cooperar para uma tomada de decisão mais consciente e tranquila. Objetivou-se realizar um levantamento bibliográfico nacional acerca do processo de OP fenomenológico-existencial e descrever suas contribuições. Para isso, realizaram-se buscas em relevantes bases de dados eletrônicas e utilizou-se a maior abrangência e combinação possível de descritores relativos ao tema. Encontraram-se apenas um artigo, um livro e uma dissertação. A fim de compor a análise, discussão e explanação da temática, somaram-se mais cinco referências acerca do processo histórico de OP e da lente teórica da fenomenologia existencial, possibilitando apresentar conceitos basilares para a facilitação de um processo de OP. Delinearam-se quatro sessões: o surgimento da OP, os conceitos fenomenológico-existenciais que oferecem suporte ao processo de OP, o papel do facilitador e a influência da OP na vida dos orientandos. Percebeu-se que a OP interessa tanto a pessoas que se encontram insatisfeitas profissionalmente quanto a jovens em período de escolha profissional e constatou-se a grande contribuição da fenomenologia existencial para a OP, sobretudo pela visada do vir-a-ser intrínseco a cada Dasein e por considerar a escolha profissional um caminho de possibilidades que se abrem, assim como em toda e qualquer escolha no existir, sustentando a angústia que dela pode emergir. O processo de OP fenomenológico-existencial convida os participantes a pensarem sobre as determinações hegemônicas que, possivelmente, mobilizam suas escolhas, refletirem acerca das indeterminações do impessoal, questionarem os modos de ser impostos socialmente que obstruem a abertura para outras possibilidades, restringindo-as àquelas ditas garantidas e adequadas. Compreende-se que não há um potencial a ser descoberto, explorado ou desenvolvido, mas sim possibilidades para as quais se pode ser lançado. A ideia é desconstruir as referências já estabelecidas e possibilitar uma abertura para o poder-ser mais próprio, contribuindo para uma escolha em liberdade. Salienta-se a necessidade de mais estudos sobre a OP fenomenológico-existencial, dada a sua importância e a escassez de pesquisas.

Palavras-chave: Escolha profissional, Fenomenologia, Jovens, Identidade, Profissão.



PLANTÃO PSICOLÓGICO COM UNIVERSITÁRIOS À LUZ DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA

Milena Rodrigues Souza e Silva
Cíntia Guedes Bezerra Catão
Mozart Galvão de Barros Neto

Norteados pela fenomenologia heideggeriana, lançamos o olhar sobre uma experiência de Plantão Psicológico na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), realizada no município de Natal e conduzida por estagiários alunos do quinto ano do curso de psicologia da mesma instituição. O plantão, oferecido pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE), possui duração de quatro horas, acontece todos os dias da semana, distribuído de modo a contemplar os três turnos e visa acolher e oferecer suporte psicológico para os estudantes universitários que buscam o serviço. A atividade configura-se como porta de entrada ao serviço de Psicologia da Coordenadoria de Atenção à Saúde do Estudante (CASE), não sendo necessário agendamento prévio, e é destinada aos alunos prioritários no cadastro único da universidade. Após o acolhimento e verificada a necessidade, os estudantes podem ser encaminhados à psicoterapia no próprio serviço da PROAE ou pode ser realizado o encaminhamento externo. Os alunos também podem ser encaminhados para atendimento psiquiátrico e grupos terapêuticos vinculados à Universidade, bem como para outros dispositivos da rede de saúde. Neste trabalho, pretende-se descrever a experiência fruto dos atendimentos realizados no primeiro semestre de 2017, abordando os desafios e possíveis articulações teóricas entre experiência prática e aquilo que aponta a literatura no que diz respeito ao Plantão Psicológico. Discute-se a natureza do sofrimento experimentado pelos estudantes e abordado nos acolhimentos, bem como sua relação com o ambiente universitário, ressaltando a importância no amparo à crise psicológica que é propiciado no espaço de escuta. Ainda que esta modalidade de atendimento tenha um caráter mais emergencial e pontual, percebe-se a necessidade de o terapeuta estar aberto ao acolhimento do outro em sua autenticidade e disponível para a relação, uma vez que a escuta, mesmo nesse contexto, é potente e pode produzir efeitos consideráveis, além de permitir o acolhimento aos estudantes nos mais diversos contextos de sofrimento e vulnerabilidade. Faz-se necessário repensar as práticas psicológicas na atualidade dentro do contexto universitário e fomentar práticas que contribuam para o acolhimento desses estudantes em sofrimento.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Acolhimento a universitários, Fenomenologia heideggeriana.



O CORPO NA DOR: AMANDA, A SOLIDÃO, A CULPA E A AUTOMUTILAÇÃO – RELATO DE CASO DE ATENDIMENTO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO A UMA ADOLESCENTE COM IDEIAÇÃO SUICIDA

Allane Cristina Cosme Rodrigues
Glênio Tavares Costa

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento, do tipo emergencial, que privilegia a escuta do sujeito em sua experiência imediata, ao passo que ajuda a pessoa a lidar com seus recursos e limites. O objetivo foi relatar atendimento realizado com base na intervenção psicológica do Plantão Psicológico, no serviço de clínica escola, a uma paciente adolescente do sexo feminino com queixa de ideação suicida e automutilação. O contexto envolveu uma paciente do sexo feminino, 13 anos, apresentando intenso sofrimento psíquico: ideação suicida, automutilações, alucinações noturnas, impulsividade, sentimento de solidão e rejeição. Foi realizado o contato inicial, sem necessidade de agendamento prévio, com inclinação e acolhimento ao cliente. Privilegiou-se, nesse caso, a demanda emocional emergente. Diante da fase na qual a paciente encontra-se inserida – adolescência –, no primeiro momento foi feita escuta à responsável pela menor, a fim de ouvir e clarificar a queixa e coletar informações sobre a jovem. No diz que respeito à infância ou à adolescência, o atendimento aos responsáveis é indispensável visto que os sintomas ou manifestações do cliente fazem sentido ou são tomados como fonte de sofrimento para esses. Ou seja, nesse caso, o atendimento ao menor implicou a escuta de outros sujeitos e atores que compõem a história do cliente, tais como: escola, rede sociofamiliar e equipe de saúde, por exemplo. A partir do “encontro com o inesperado”, foi possível compreender a potencialidade terapêutica de tal modalidade clínica. Desencadeando, que, enquanto psicólogos em formação, possamos conhecer o sentido da prática do plantão psicológico em tal contexto, seus limites e potencialidades e legitimá-la. Além disso, podemos compreender que a postura do plantonista deve ser de inclinação e auxílio, com visão ampliada do cliente como ser-no-mundo que traz em sua bagagem os aspectos biopsicossociais e espirituais.

Palavras-chave: Automutilação, Ideação suicida, Plantão Psicológico, Adolescência.



UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA EXPERIÊNCIA DE LUCAS

Rayane Lima
Thaís Mendes

Este presente trabalho foi elaborado durante uma disciplina que compõe a grade curricular do curso de graduação em psicologia em uma Universidade na cidade de Fortaleza-CE. O objetivo deste estudo é apresentar discussões fenomenológicas através do relato do caso de Lucas com sua dependência química. Trata-se de uma pesquisa qualitativa para a qual, como aporte metodológico, realizamos 6 visitas a um Hospital de Saúde Mental localizado na cidade de Fortaleza – o qual oferece assistência interdisciplinar para pessoas com transtornos mentais, visando discutir sua reinserção ao contexto sociofamiliar. Os instrumentos de pesquisa foram entrevistas de anamnese, observação participante e análise de dados clínicos. A história de vida de Lucas foi compreendida a partir de um olhar fenomenológico acerca de seu mundo vivido, com destaque para a visão de Binswanger sobre os modos simultâneos das três regiões no mundo: Umwelt (mundo da circunvizinhança), Mitwelt (mundo compartilhado) e Eigenwelt (mundo próprio). Em vista disso, observamos e discutimos o modo existencial em que Lucas coloca-se e relaciona-se com o mundo a partir dessas três perspectivas. Além disso, foi levantada uma discussão sobre a noção de sintoma e fenômeno proposta por Tatossian, o qual apresenta uma diferenciação entre sintoma fenomenológico e sintoma psiquiátrico; visto que o diagnóstico psiquiátrico de Lucas, conforme a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), indica Transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de múltiplas drogas. Este trabalho teve o intuito de compreender a experiência de adoecimento de Lucas com sua dependência química, além de ser possível compreender tal patologia no viés da psicopatologia fenomenológica, buscando ater-se no tratamento e acompanhamento dos profissionais que lidam com tal paciente. Concluímos que compreender o mundo vivido de Lucas em sofrimento psíquico e sua história de vida é de extrema importância para entender como se dão as dimensões do seu mundo vivido e a forma de adoecimento de cada pessoa, além de promover discussões sobre os possíveis diagnósticos.

Palavras-chave: Adoecimento, Fenomenologia, Psicopatologia.



A BUSCA DE SENTIDO NA REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL PARA OS DEPENDENTES QUÍMICOS E ALCOÓLICOS EM UM CAPS - AD: SOB UMA LEITURA LOGOTERAPÊUTICA

Matuzalém Lima E Sousa
Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

Em 2010, existiriam em torno de 230 milhões de adultos utilizando drogas ilícitas no mundo, dentre eles cerca de 27 milhões de pessoas com problemas severos devido ao abuso de drogas e álcool. Em 2017, o Centro de Atenção Psicossocial a Álcool e outras Drogas (Caps III-AD), localizado no município de Boa Vista-RR, atendem a mais de seis mil pacientes somente na Capital. A maioria dos usuários é formada por jovens de 16 a 25 anos. Esse serviço faz parte da política nacional de saúde mental e está inserido na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS do Sistema Único de Saúde (SUS)). Assim, o objetivo desse estudo foi compreender, a partir da experiência dos próprios colaboradores dependentes químicos e alcoólicos, os motivos que os levaram ao consumo e consequente dependência; além de abranger o sentido de abandonar as drogas a partir da vivência de comunidade entre os membros de Oficina Terapêutica em atendimento no Caps III-AD. O estudo caracteriza-se por ser descritivo-qualitativo e seu procedimento de coletas de dados deu-se através de entrevistas semiestruturadas. A coleta de dados iniciou-se após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Roraima. Empregou-se a análise fenomenológica de Giorgi para o tratamento dos dados e a discussão dos dados foi fundamentada na Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, tendo como focos: vazio existencial, busca de sentido, vontade de sentido e sentido de vida. A partir dos resultados parciais, pode-se perceber que a maioria dos colaboradores entrevistados encontra-se em experiência de vulnerabilidade social; entretanto, obtém-se apoio cotidiano com os outros usuários, profissionais de saúde que auxiliam na construção do sentido de vida, na manutenção do tratamento, evitando, o abandono da reabilitação psicossocial. Além disso, demonstram mudança de valores e relatam suas inquietações, desejos e sonhos de ter uma profissão, trabalho, conquistar ou manter uma família.

Palavras-chave: Dependência química, Alcoolismo, Vazio existencial, Logoterapia, Sentido de vida.



SER PLANTONISTA NO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO: DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Joyce Cristina de Oliveira Rezende
Patrícia Moura Fernandes Silva
Monica Campos Gonçalves
André Prado Nunes
Henriette Tognetti Penha Morato

O Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ) é uma entidade que presta assistência jurídica gratuita à população de baixa renda da cidade de São Paulo, dirigida por alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). De 2001 a 2008, e a partir de 2012, alunos de Psicologia da USP vão semanalmente ao DJ e oferecem o plantão psicológico, acompanhados por uma supervisora de campo, psicóloga já formada. O plantão, na perspectiva da Fenomenologia Existencial, visa oferecer atenção e cuidado para aquele que se disponibiliza ao atendimento, no momento da sua angústia. Desta forma, são atendidos pelo plantão tanto os estagiários de Direito quanto os assistidos pela instituição. O objetivo desse trabalho é discutir a experiência de duas plantonistas de Psicologia nesse projeto, no período compreendido entre agosto de 2016 e julho de 2017. As plantonistas foram contempladas por uma bolsa de extensão, concedida pela Universidade de São Paulo, e ambas tiveram a primeira experiência de atendimento na graduação nesse estágio. Uma primeira dificuldade foi o fato de o plantão ocorrer em uma instituição voltada a atendimentos jurídicos, e não psicológicos. Ou seja, houve a necessidade das alunas se inserirem na instituição, apresentarem-se, conhecerem as pessoas, sentindo-se sem lugar, o que foi bastante angustiante em um primeiro momento. Por outro lado, trata-se de uma experiência enriquecedora para a formação vivenciar como a Psicologia pode se inserir em outros contextos, onde não existe uma demanda psicológica explícita. Configurou-se, portanto, como uma experiência bastante desafiadora para ambas, em que tiveram que superar seus limites pessoais e ideias preconcebidas de prática psicológica. A disponibilidade das supervisoras de campo, nesse contexto, foi fundamental para a adaptação e contato das alunas com a instituição, bem como as discussões com o supervisor do projeto e com a docente responsável. Após quase um ano no projeto, elas se sentem mais acostumadas ao espaço e às pessoas, conseguem perceber sentido na ação, relatando uma certa familiaridade com a prática psicológica nessa instituição.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Estágio, Interdisciplinaridade, Formação Universitária, Fenomenologia Existencial.



SERVIÇO DE ESCUTA PSICOLÓGICA: ATENÇÃO E ACOLHIMENTO IMEDIATO À COMUNIDADE

Larissa Ribeiro Florentino
Tâmara Delles Ferreira Pinto de Albuquerque
Carla de Sant'Ana Brandão
Anna Paula Freitas de Oliveira
Linnie Emanuelle Cristóvão da Luz

O Plantão de Escuta Psicológica tem como característica principal o acolhimento, a minimização do sofrimento e a ampliação do quadro perceptual por parte do usuário, a fim de facilitar uma visão mais clara sobre as possibilidades diante da dificuldade vivenciada. O projeto extensionista *Serviço de Escuta Psicológica: atenção e acolhimento imediato à comunidade*, em desenvolvimento desde 2008, através de serviço oferecido pelos alunos aos usuários da Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) tem como objetivos: a) oferecer à comunidade o atendimento no momento da necessidade; b) informar e capacitar os alunos de psicologia sobre o serviço através de minicurso anual sobre Escuta Psicológica e subsidiar as bases iniciais para a atuação. Os alunos extensionistas dispõem de 4 horas, semanalmente, na Clínica-Escola de Psicologia, realizando Escuta Psicológica e Triage. Nos últimos quatro anos, a procura pelo serviço cresceu. Enquanto em 2012 e 2013 foram realizadas, respectivamente, 8 e 12 escutas; entre fevereiro e setembro de 2014, 22 usuários foram atendidos pelo serviço. De outubro de 2014 a maio de 2015, 29 pessoas foram escutadas; entre fevereiro e novembro de 2016, ocorreram mais 28 escutas. Todas essas de caráter espontâneo e realizadas pelos extensionistas. O perfil típico dos usuários em 2016 foi predominantemente feminino (56,4%). As principais demandas foram: Estresse e Ansiedade; Conflitos pessoais e Angústia. Em 2016, o Serviço de Escuta consolidou-se como “porta de entrada” do serviço. Desde então, observa-se o crescimento da procura por parte de homens, conforme registros entre dezembro de 2016 e abril de 2017. Dentre as 32 escutas realizadas, temos 56,3% de homens e 43,7% de mulheres. As demandas predominantes são: Angústia; Ansiedade e Conflitos pessoais; e Conflitos familiares. A ação extensionista tem alcançado seu objetivo de promover saúde através do acolhimento imediato à comunidade e minimização do sofrimento psíquico por meio da escuta. O serviço também tem gerado condições de humanização para aqueles que, devido ao quadro clínico, às condições de saúde e/ou condições sociofamiliares, vivem em situação de discriminação e de pouco acesso aos serviços de psicologia.

Palavras-chave: Escuta Psicológica, Acolhimento, Saúde.



PSICOLOGIA CULTURAL E FENOMENOLOGIA: DIÁLOGOS ENTRE WUNDT E HUSSERL

Bruna Borges Costa
João Gomes de Oliveira Neto
Antônia Aparecida Victor
Dária Maria Barbosa Dedê
André de Carvalho-Barreto

A *Völkerpsychologie* apresenta uma noção de cultura inerentemente sistêmica que tem duas vertentes no fim do século XIX e início do século XX: a de Wilhelm Wundt e a de Wilhelm von Humboldt. Para Wundt – criador da Psicologia enquanto ciência –, a “Psicologia é uma descrição dos processos de consciência” e esses processos ocorrem tanto de forma fisiológica quanto pelo conhecimento popular, sendo a base do acesso à consciência o processo intuitivo. Os estudos de Wundt difundiram-se pela Europa latina e ocidental, incluindo a Rússia. As pesquisas de Wundt sobre a *Völkerpsychologie* foram incorporadas pela Psicologia que emergia na Rússia, colaborando indiretamente para os estudos de Lev Vygotsky, por exemplo. Nos anos 1990, as tradições da *Völkerpsychologie* ressurgem sob a forma das várias versões da Psicologia cultural. Wundt compreendia a cultura como parte do sistema psicológico da pessoa, isto é, o ser humano é cultura. A Fenomenologia foi criada por Edmund Husserl também no final do século XIX e início do século XX. Apesar de contemporâneos e alemães, não existe registro de que os dois tenham conhecido-se pessoalmente. Husserl define a Fenomenologia como a reflexão sobre um fenômeno ou aquilo que se mostra de um fenômeno. Os fenômenos são as vivências que o ser humano tem ao longo de sua vida, mas são também os fenômenos culturais que podem ser examinados pela consciência. A consciência é um dos aspectos centrais para a Fenomenologia de Husserl, pois o ser humano precisa da consciência para compreender e analisar cada vivência. Husserl, como Wundt, deteve-se nos estudos sobre a cultura no fim de sua vida. Para Husserl, o ser humano é um ser cultural, pois a cultura é algo inerente às dimensões espirituais, ou seja, das ações ou atividades que têm suas ativações via intelecto e reflexão. A atividade reflexiva, para Husserl, atua de formas diferentes entre culturas. Em culturas ocidentais, por exemplo, são valorizados aspectos da reflexividade e vontade e menos valorizados aspectos sensoriais e motores. Considera-se que as relações entre Fenomenologia e Psicologia Cultural possam ser estreitas, fazendo-se necessários mais estudos que aprofundem relações e divergências entre essas duas perspectivas teóricas.

Palavras-chave: Fenomenologia, Husserl, Psicologia cultural, Wundt.



PENSAR A CLÍNICA A PARTIR DE IDEIAS DO SEGUNDO HEIDEGGER: ARTE E ESPAÇO

Maíra Mendes Clini

Este trabalho tem como objetivo trazer à tona reflexões sobre a prática psicológica e sobre o ato clínico, com fundamento na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. Pretendemos trazer à tona, principalmente, os escritos do chamado segundo Heidegger, fase de produção posterior a *Ser e Tempo*. Acreditamos que o pensamento do autor como um todo deve ser levado em consideração para nutrir nossas reflexões clínicas e para que possamos refletir com amplitude sobre a postura pela qual zelamos. Abordaremos temas das obras posteriores a 1930, principalmente as considerações heideggerianas sobre a arte e o espaço. O estudo rigoroso dos textos de Heidegger toca, burila e refina a postura do profissional clínico a cada vez. Os escritos tardios de Heidegger sobre a arte e o espaço, especialmente, alicerçam a caracterização da postura do terapeuta como aquele que mantém aberto um espaço privilegiado no qual o cuidado como estrutura existencial básica possa emergir. Assim, a partir de ideias como terra e mundo, espaço e fenda, discutiremos o acontecer clínico à luz da busca pela verdade do ser. Essa mudança na maneira de olhar pode acarretar alteração de postura e quebra da hegemonia do já-dado. Tal postura pode tornar-se um convite contundente ao paciente para que ele experimente-se mais próximo do que é a responsabilidade por si próprio em meio à lida cotidiana, para que possa aproximar-se do jogado o qual ele já sempre foi e, quem sabe – com o passar do tempo –, conquistar-se como Dasein. Essa postura nunca se constrói de uma vez por todas, nunca chega a estar pronta; ela sustenta-se, a cada vez, como caminho. Na clínica, temos de abrir espaço para o Dasein que eu e tu estamos a ser. Se a verdade põe-se-em-obra na obra de arte, na clínica a verdade põe-se em curso no seio do acontecimento clínico.

Palavras-chave: Heidegger, Prática clínica, Arte, Espaço.



O SER-PARA-A-MORTE E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ianny Felinto Medeiros de Azevêdo

Elza Dutra

Lucila Moura Ramos Vasconcelos

A morte é um fenômeno que acompanha a existência humana e traz consigo grandes mistérios. Cada sociedade, em seu tempo histórico, encontra meios para lidar com a mesma. Na sociedade ocidental, observamos um afastamento da morte, não havendo espaço para o sofrimento. Quando essa morte acontece de forma inesperada com um ente querido, ela é vivenciada em sua maior plenitude, dando espaço a uma dor que denominamos de luto. O luto traz consigo a experiência com a finitude da vida, pois a morte do outro leva à lembrança a possibilidade da própria morte, tantas vezes adormecida em meio às atividades cotidianas, na impessoalidade. Diante desse contexto, esse relato de experiência tem como objetivo trazer uma reflexão sobre a morte à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. O caso clínico escolhido corresponde ao atendimento de um idoso encaminhado para a clínica-escola da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por meio de um projeto de extensão universitária. Foram realizados atendimentos clínicos semanais durante o período de um ano, sendo esses transcritos, logo após o atendimento. As transcrições da terapeuta foram revisitadas e interpretadas através do olhar da fenomenologia. O idoso chegou ao serviço de psicologia relatando seu sofrimento após o assassinato de sua esposa, sua dificuldade em compreender o ocorrido e a perda do sentido da vida. Diante da vivência do luto e em meio ao vazio existencial, o paciente tentou cometer suicídio. Ao longo dos atendimentos, a história de vida foi narrada e ressignificada, ao mesmo tempo em que novas possibilidades foram lançadas. O olhar para os outros, que fazem parte do seu mundo, como os filhos e netos, possibilitou que o idoso encontrasse novos sentidos para viver. Diante do exposto, pode-se refletir sobre a tentativa de suicídio como possibilidade de se livrar do sofrimento de uma vida sem sentido, sem direção, sem projetos. Desse modo, através do caso explanado, é possível refletir sobre a experiência do luto e da tentativa de suicídio, compreendendo o homem enquanto ser-para-a-morte.

Palavras-chave: Prática clínica, Morte, Fenomenologia.



PLANTÃO PSICOLÓGICO EM INSTITUIÇÕES: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Jéssica Caroline de Moraes Veríssimo
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Este trabalho intenta compreender o Plantão Psicológico em instituições. Especificamente, pretende-se: 1) apresentar o percurso histórico e epistemológico do Plantão Psicológico; 2) discutir as singularidades dos modos de fazer o Plantão Psicológico; 3) tematizar as diversas possibilidades da ação clínica no Plantão Psicológico, a partir da experiência de psicólogos e psicólogas em formação que atuam com esta modalidade de prática. O Plantão Psicológico surgiu no final de 1960, no Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo, a partir da iniciativa de Rachel Lea Rosenberg e Oswaldo de Barros Santos. Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida em quatro instituições da Universidade de São Paulo (USP), pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia. A metodologia da pesquisa se assenta numa metodologia qualitativa, de cunho fenomenológico existencial, articulada aos pressupostos heideggerianos. Como procedimento para a colheita de dados foram realizadas seis entrevistas narrativas a partir de uma pergunta disparadora que, como “questão bússola”, abriu espaço para o relato da experiência dos sujeitos/colaboradores. Também foram utilizados os “Diários de Bordo”, advindos da pesquisa etnográfica, como possibilidade para o registro da experiência da pesquisadora com realce para a narrativa de suas impressões e compreensões. Para análise e compreensão das entrevistas, será adotado o método fenomenológico de conhecimento fundado na coexistência como condição ontológica da existência humana, cunhado por Dulce Critelli na Analítica do Sentido. Na prática da pesquisa, o método proposto desdobra-se em cinco fases que não devem ser consideradas como etapas a serem seguidas, mas como momentos de manifestação do fenômeno que se desvela na circularidade do tempo e do espaço. São elas: 1) Desvelamento; 2) Revelação; 3) Testemunho; 4) Veracização e 5) Autenticação. Ao final da pesquisa, espera-se contribuir para ampliar a compreensão da ação clínica do psicólogo no Plantão Psicológico na perspectiva fenomenológica existencial, ao modo de Heidegger, além de contribuir para a formação do psicólogo em Clínicas-escola que oferecem o Plantão Psicológico como proposta de estágio e de atendimento à comunidade.

Palavras-chave: Ação clínica, Plantão Psicológico, Fenomenologia Existencial, Instituições.



POR ENTRE FIOS E BURACOS: UMA EXPERIÊNCIA PARA CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE NO IPUSP

Laiz Maria Silva Chohfi

A dissertação de mestrado à qual este resumo refere-se pretendeu problematizar a construção de redes de atenção na prática psicológica em instituições. Teve como foco principal investigar a possibilidade de construção de uma rede entre os serviços de atendimento do Centro Escola do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEIP). A importância da construção de uma rede evidenciou-se a partir do trabalho desenvolvido pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE), que trouxe à tona a dificuldade de encaminhamento de clientes; desse modo, impôs-se a necessidade da formação de uma rede envolvendo profissionais de saúde, educação e outros. Tendo a Fenomenologia Existencial como referencial, buscou-se conhecer, através de cartografia clínica, os serviços e laboratórios do CEIP pela narrativa dos atores sociais que deles fazem parte. Algumas parcerias foram formalizadas, porém percebeu-se a impossibilidade de construção de uma rede unindo todos os serviços e laboratórios desse centro. Isso pareceu dever-se à constituição da Psicologia como área de estudo, uma vez que ela própria é fragmentada, favorecendo isolamento e especialização. Havia ainda a necessidade de construção de um grupo articulado entre docentes e técnicos para que um sentido de rede pudesse brotar. Alguns temas apresentaram-se como possibilidades de demanda por esclarecimento que encaminhariam sentido a essa construção, como a preocupação com a extensão universitária e com a formação contextualizada dos alunos de graduação. Percebeu-se, a partir da rede que se construiu tendo o LEFE como centro, a importância da interdisciplinaridade para que uma rede possa se firmar, assim como a necessidade de que os fiadores e demais participantes estejam engajados por um objetivo compartilhado. Concluiu-se também que a participação do Serviço Social é imprescindível para que a rede construa-se e mantenha-se. Notou-se, ao longo do percurso de trabalho, que os alunos expostos a esse modo de trabalhar construíam uma escuta diferenciada, a qual permitia ouvir para além da demanda explícita do cliente, fazendo com que atenção e cuidado clínicos pudessem manifestar-se de outras formas.

Palavras-chave: Rede de atenção em saúde, Cartografia clínica, Prática psicológica em instituições.



SARTRE: DA APROPRIAÇÃO DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL AO DELINEAMENTO DE UMA PSICOLOGIA MORALIZANTE

Carolina Freire de A. Dhein

O presente trabalho objetiva discutir como os desdobramentos da apropriação sartriana da noção de intencionalidade de Husserl favorece, em *O Ser e o Nada*, a passagem de uma ontologia fenomenológica – na qual se configura a pergunta pelo ser do homem – para a formulação de uma psicologia caracterizada como uma descrição moral. Pode-se considerar que Sartre leva às últimas consequências a noção de intencionalidade ao caracterizar a consciência como um nada sobre um fundo de ser. Nesse sentido, pode-se compreender que a relação originária da consciência com o objeto transcendente por ela posicionado é uma relação pautada pela falta de ser. Esse seria um importante desdobramento da noção de intencionalidade no pensamento de Sartre, qual seja, a concepção de homem como indeterminação ou liberdade. A passagem da concepção fenomenológica da intencionalidade da consciência para a descrição ontológica do modo de ser do homem como liberdade possibilita que Sartre interrogue-se sobre o sentido originário da existência humana, sendo esse o projeto fundamental de alcance da plenitude de ser. Essa premissa conduz-nos a outro ponto caro à filosofia de Sartre: a questão do valor e seus desdobramentos morais. O projeto fundamental de alcançar a plenitude pela síntese perfeita em-si-para-si possibilita inverter uma moral tomada por preceitos universais e inserir, no âmago da liberdade, os valores como expressão da livre eleição do homem no mundo. Desse modo, a filosofia de Sartre culmina no entrelaçamento do projeto de totalização da existência humana e na absoluta responsabilidade nesse fazer-se a si, que consiste na livre escolha de articular-se às sedimentações do mundo que a contorna. Nesse sentido, a tarefa da psicanálise existencial traduz-se em uma descrição moral, caracterizada tanto pela decifração do sentido ideal do projeto de fundamentar a si e – consoante a esse – pela assunção da responsabilidade pela absoluta eleição de si. Seria, portanto, um esboço de investigação clínica o qual parte da indeterminação da existência e passa pelo dever em decifrar o sentido das escolhas, sempre ideais ao almejar alcançar uma norma: o imperativo da assunção da responsabilidade ou, dito de melhor forma, da conquista da autenticidade.

Palavras-chave: Intencionalidade, Liberdade, Psicanálise existencial, Moral.



UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA SÍNDROME DE TOURETTE

Yara Pimenta Rodrigues
Ana Karynne Melo

A Síndrome de Tourette (ST) é uma doença neurológica caracterizada por tiques involuntários, movimentos bruscos e vocalizações que ocorrem de forma repetida (Hounie, 2012). Buscamos compreender o mundo vivido dos sujeitos com ST através da lente da fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty; considerando o ser humano como ser no mundo que está sempre em relação com algo ou alguém, utilizando um olhar fenomenológico. Realizou-se pesquisa de campo em ambiente virtual, com transmissão de vídeo em método de comunicação síncrono e entrevista não estruturada a partir de pergunta disparadora: “como é para você viver com ST?”; analisando qualitativamente os dados, com verbalização das pessoas entrevistadas, categorizando de forma não apriorística, considerando emersão de categorias. Foram elencadas três categorias descritas a seguir. Emocionais: Evidenciou-se a relação com o mundo e ser exterior (Merleau-Ponty, 1948): “... eu estou nervosa e quero fazer tiques, faço todos os tiques em casa” (L). Os sentimentos de nervosismo e ansiedade aparecem como agravantes dos tiques e, na relação com o mundo, o sujeito procura um ambiente seguro. Relacionamentos: Para as pessoas entrevistadas, essa percepção obtida a partir da convivência não traz experiências agradáveis; de outro modo, auxilia na construção dos seus modos de conviver com ST, como segue: “...a atitude das pessoas para comigo é de entender ou excluir, é mais comum excluirmos” (F). Para Merleau-Ponty (2011), essa visão do outro faz-se presente e necessária para complementar o conhecimento de si. Viver com ST: Observou-se a relevância da redução fenomenológica quando um dos entrevistados vê como privilégio, identifica a ST como parte de si: “eu costumo dizer que fui privilegiada, pois ST não é comum em meninas... hoje vejo que a ST é parte de mim. A ST também sou eu” (L.). Isso mostra o quanto a experiência de viver com ST relaciona-se com a forma como o indivíduo vê o mundo. Conviver com ST mostrou comprometer a autoestima, autoimagem e os relacionamentos interpessoais. Observou-se, entretanto, que a forma de ver e conviver com a ST pode ser identificada como parte de si mesmo, contribuindo com o aspecto subjetivo de ver o mundo.

Palavras-chave: Síndrome de Tourette, Fenomenologia, Lebenswelt.



UMA NOÇÃO DA ESQUIZOFRENIA NA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Antonia do Carmo Brasileiro Andrade
Anna Karynne Melo
Sílvia Fernandes do Vale

A esquizofrenia é um distúrbio psiquiátrico grave, extremamente difícil de ser estudado em função da complexidade que o engloba. Representa um grande desafio para estudiosos, tanto em relação à sua classificação, descrição dos sintomas e esclarecimento específico dessa problemática, quanto às propostas de tratamento, que praticamente são voltadas somente para o uso de medicamentos. Este estudo tem como objetivo reconhecer a noção de esquizofrenia na Psicopatologia Fenomenológica, que a entende como um modo de ser-no-mundo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, na qual utilizamos os seguintes autores: Arthur Tatossian, Medard Boss, Gion Condreau, Eugene Minkowski, Karl Jaspers, Kimura Bin, Van Den Berg, Virginia Moreira e outros. Para a Psicopatologia Fenomenológica, o sujeito que experiencia a esquizofrenia tem sua autonomia seriamente comprometida, perde sua liberdade existencial e despotencializa-se para a vida; perdendo, assim, o contato vital com a realidade. Essa perda leva-o a um mundo imaginário, solta os elos que o ligam ao seu mundo real, causando-lhe extremo sofrimento e – na maioria das vezes – fazendo-o sentir-se incompreendido pelo outro. A Psicopatologia Fenomenológica compreende o humano como ser global o qual se constitui na relação homem/mundo em um constante processo de devir – o que, através da busca pela compreensão do vivido patológico a partir da descrição, pode possibilitar ao profissional que trabalha com esses sujeitos a facilitação de um processo de ressignificação na forma de enxergar o mundo, os outros e a si mesmo, além de não limitar o paciente somente a tratamentos medicamentosos. Consideramos que compreender o humano como condição de possibilidade, ser plural e em constante movimento leva-nos a entender a importância de pensar a esquizofrenia a partir da lente da Psicopatologia Fenomenológica, como forma de ampliar o olhar do profissional em relação ao paciente, considerando todo o contexto no qual ele está inserido e não somente os sintomas os quais o acometem.

Palavras-chave: Esquizofrenia, Psicopatologia Fenomenológica, Fenomenologia.



UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE MERLEAU-PONTY E BLANKENBURG PARA COMPREENDER A ESQUIZOFRENIA

Juliana Pita
Virgínia Moreira
Mareike Wolf-Fédida

Este trabalho tem como objetivo construir um possível diálogo entre a fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty e a clínica fenomenológica da esquizofrenia apresentada pelo psiquiatra Wolfgang Blankenburg. Inicialmente, mostramos que Merleau-Ponty elabora a ideia de mútua constituição entre homem e mundo com destaque para a compreensão da experiência humana pré-reflexiva como enraizada no mundo. Nessa perspectiva, podemos compreender que a experiência esquizofrênica é anterior a qualquer elaboração científica e, para apreendê-la, é necessário retornar ao mundo esquizofrênico anterior às teorias sobre essa patologia. É preciso descrever o mundo pré-reflexivo de quem vivencia a esquizofrenia, pois o atolamento congênito do homem no mundo é experienciado em sua ambiguidade e pensar essa mútua constituição direciona-nos à compreensão do Lebenswelt (mundo vivido) esquizofrênico em constante movimento, expressando-se através de sua linguagem e de seu corpo. Para Blankenburg, a esquizofrenia é descrita através da ideia de que nessa patologia identifica-se a “perda da evidência natural”. Tal psiquiatra alemão relata que a distorção na experiência esquizofrênica não ocorre no campo dos afetos, mas na relação consigo mesmo e com o mundo, ou seja, em suas vivências. A alienação esquizofrênica afeta a maneira como o paciente compreende a si mesmo e aos outros. Assim, o olhar fenomenológico clínico de Blankenburg encaminha-se para apreender e discutir o modo adoecido esquizofrênico e identifica nesse vivido patológico a perda da conexão natural entre o paciente e as outras pessoas, nomeada de evidência natural. A psiquiatria fenomenológica de Blankenburg agrega aos estudos da esquizofrenia ao chamar-nos atenção para a evidência natural como uma temática fundamentalmente fenomenológica no que se refere à consciência da realidade. Concluímos que a aproximação das ideias da fenomenologia filosófica da ambiguidade de Merleau-Ponty com a fenomenologia clínica da esquizofrenia segundo Blankenburg consiste em um aporte teórico relevante para a compreensão da experiência vivida na esquizofrenia, visto que o paciente esquizofrênico vivencia seu atolamento congênito no mundo como “perda da evidência natural”.

Palavras-chave: Esquizofrenia, Fenomenologia, Clínica; Merleau-Ponty, Blankenburg.



PASSEIO TERAPÊUTICO E LOGOTERAPIA: A EXPERIÊNCIA DE UMA INTERNAÇÃO NO PUERPÉRIO

Sebastião Elan dos santos Lima

A hospitalização provoca, muitas vezes, vários sentimentos que comprometem o modo de existir do indivíduo, seja pela despersonalização ao estar institucionalizado, pelo isolamento social, saudades de familiares, do lar e de sua função e papel na sociedade que é interrompido. Na condição em que a internação prolongada ocorre por conta de intercorrências do parto, o puerpério e a vivência da maternidade idealizada compromete o sentido que esse período da vida pode trazer. Nesse cenário, a Logoterapia, proposta terapêutica idealizada por Viktor Emil Frankl, foi útil na intervenção aqui apresentada por dar suporte ao buscar elementos que visam ressignificar a experiência de uma puérpera, internada na Unidade de Cuidados Intermediários Canguru de uma maternidade escola de referência no estado do Rio Grande do Norte. Paciente de 21 anos, primigesta, gestação gemelar, vivenciando o puerpério com infecção da cirurgia de cesárea e recém-nascidos prematuros em tratamento de icterícia neonatal. Ficou internada durante 23 dias com suporte da psicologia. Apresentava choros constantes, perda de peso e dificuldade de ser alimentar, temia estar com depressão pós-parto e enxergava a internação como algo ansiogênico por nunca ter ficado distante dos seus familiares, falava com frequência que se sentia em uma prisão por “só ver paredes brancas”. Paciente sempre colaborativa, buscava junto ao psicólogo enfrentar o vazio provocado pela internação. Objetivou empoderar a paciente com informações sobre sua condição clínica, aleitamento materno e autocuidado, visando ampliar suas estratégias de enfrentamento, sem muitos resultados significativos. Foi proposta uma intervenção diante de suas demandas apresentadas, por meio da qual se realizou um passeio terapêutico ao redor da maternidade, proporcionado novo significado e ampliação de suas possibilidades existenciais, além de favorecer a derreflexão da queixa que aprisionava suas emoções, deslocando-a para algo pleno de significado em sua existência. A usuária teve retorno imediato na ingestão de líquidos e alimentos sólidos e melhora significativa no estado de humor. “Ver o sol é como se eu me sentisse que estava viva!” (sic), a paciente relata após o passeio. A mesma teve retorno ao lar após dois dias diante de sua evolução clínica e emocional.

Palavras-chave: Hospitalização, Puerpério, Logoterapia.



PLANTÃO PSICOLÓGICO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: REFLEXÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA ENQUANTO DISCENTE DE PSICOLOGIA

Tatiana de Moraes Barbosa
Mariana Cela

O Plantão Psicológico é uma modalidade de acolhimento emergencial, de um cuidado ético do qual poderá resultar alguns encaminhamentos, como a necessidade de acompanhamento psicoterapêutico, serviços de proteção à vulnerabilidade social, tratamento psiquiátrico, entre outros. Da mesma maneira, da escuta e acolhimento – ainda que único – poderá não resultar qualquer encaminhamento, pois o sofrente, o interditado em sua dor, encontrou um “junto com” na escuta e nesse espaço/tempo foi encerrada e elaborada a sua necessidade. Este trabalho tem por objetivo desenvolver algumas reflexões a partir da experiência da pesquisadora enquanto plantonista, alicerçadas na perspectiva fenomenológico-existencial, no intuito de um estar presente para o outro em uma escuta qualificada e despida de conceitos “a priori”. Nesse sentido, estudamos conceitos fundamentais para a escuta a que nos propomos, tais como o conceito de fenômeno, de redução fenomenológica e de experiência imediata. O espaço do Plantão Psicológico apresenta-se extremamente consonante com as demandas contemporâneas, haja vista as suas características de emergencialidade e disponibilidade para escuta em qualquer espaço físico, já que estamos tratando de um espaço ético de cuidado; ultrapassando, pois, meras arquiteturas, tal como preceitua Dutra e Rebouças (2010). Esse espaço poderá ser aquele em que há vislumbre do ser de possibilidades que somos, de uma tomada de consciência e da permissão libertadora em um ser-no-mundo que sofre. Ora, a interdição de nossas dores levamos, frequentemente, a um estado em que nos distanciamos de nossas humanidades, negando a nós mesmos o nosso existir em solidão, angústia, medo, liberdade e sentido; tudo o que é inerente à nossa própria condição humana. A experiência do Plantão Psicológico é uma oportunidade de escuta e acolhimento, pois além da sua importância para a formação profissional dos discentes, pode ser o palco primeiro do maior desafio a ser enfrentado por terapeuta e cliente; qual seja, o desafio honrado de possibilitar/facilitar o encontro de um sujeito com outro sujeito e consigo mesmo, o nobre desafio de acolher, escutar e estar junto eticamente com aquele de quem nada sei.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Fenomenologia, Existencialismo.



PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UNIVERSIDADE: POSSIBILIDADE DE ATENÇÃO AO MAL-ESTAR DISCENTE

Virginia Teles Carneiro

O Plantão Psicológico é uma modalidade clínica de intervenção que propõe atender a pessoa no momento de sua urgência, objetivando oferecer condições para que ela compreenda seu sofrimento e proporcionar um suporte na busca de ressignificações para sua existência. Com inspiração nos princípios teóricos e práticos da Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carl Rogers, o presente trabalho visa relatar a experiência da implantação de um Plantão Psicológico na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), voltado para o atendimento de estudantes da instituição. A atividade ocorre em parceria com a Pró-Reitoria de Ações Comunitárias (PRAC), é vinculada ao estágio específico que ocorre no final da graduação em Psicologia e os plantonistas são seis estagiários do último ano do referido curso, os quais dedicam duas horas semanais para os atendimentos. O Plantão funciona no turno da tarde em quatro dias da semana e acontece numa sala localizada no Posto Médico da UFCG. Os estagiários encontram-se uma vez por semana com a orientadora para participar da supervisão, que acontece em grupo. Como é próprio do Plantão Psicológico, não há uma restrição ou direcionamento acerca de qual tema será abordado no atendimento. Apesar disso, consideram-se como ponto de destaque as referências à vida universitária como promotora de sofrimento psíquico. É comum os estudantes relatarem um alto nível de ansiedade diante das exigências acadêmicas, além de certa melancolia e isolamento social, o que aponta para um mal-estar discente. Como desdobramento dos atendimentos no Plantão, reflete-se que, apesar de a universidade ser um espaço voltado para a construção de conhecimento e formação de cidadãos, não se distancia da cultura que coloca o homem num modelo ideal, pois a rotina acadêmica impõe um padrão de ser humano que não sofre e não pode dar atenção à dor. Diante disso, considera-se que o Plantão Psicológico voltado para estudantes universitários é uma intervenção necessária, a qual abre possibilidades para o reconhecimento do ser singular e para a reconstrução de sentidos que dizem respeito à sua existência, bem como sinaliza para a importância da expansão de outras modalidades de atendimento que visem à promoção da saúde no ambiente universitário.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Estudantes universitários, Sofrimento psíquico.



PLANTÃO PSICOLÓGICO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS

Ilana Corrêa do Nascimento Sabino
Cíntia Guedes Bezerra Catão

As comunidades terapêuticas (CT) apresentam um programa de tratamento para dependentes químicos pautado no modelo psicossocial, objetivando o crescimento do indivíduo como pessoa e sua ressocialização, por meio da convivência em comunidade. O plantão psicológico se apresenta como importante espaço de cuidado, escuta e acolhimento para o sujeito em sofrimento. Busca-se estar junto e disponível ao outro para receber o que vier, proporcionando reflexões sobre sua vida e escolhas. Constitui-se, assim, em alternativa para a prática do psicólogo nas CT. Objetivou-se promover um diálogo entre a ontologia fenomenológico-existencial heideggeriana e a escuta psicológica a usuários de CT. Foram analisadas possíveis contribuições que este tipo de atendimento, sob o prisma da fenomenologia existencial, pode trazer, como a ênfase no poder-ser que possibilita rearticular o sentido que sustenta o sofrimento psicológico. Verificam-se novas aberturas de possibilidades, não apenas para o próprio usuário, mas também para a instituição, em termos de práticas auxiliares na terapêutica dos dependentes químicos, ao proporcionar a introdução de um novo olhar que interroga o que está posto e contribui para ações que devolvam ao outro a tutela e o cuidado consigo mesmo. O plantão psicológico produz efeitos que promovem uma situação de indeterminação, em que novas possibilidades podem vir-a-ser, trazendo à clareira os modos restritos de estar-com do sujeito, e, dessa forma, devolvendo ao mesmo a apreensão das possibilidades nas quais está lançado, contribuindo para a abertura de novos caminhos. Os meios de reflexão podem possibilitar novos modos de ser, motivados por uma escolha mais autêntica na vida, escapando do genérico e impessoal, e remetendo à experiência própria de cada um. Muito se tem escrito a respeito das CT, sobre a eficácia do serviço, e críticas são lançadas sobre os fundamentos das mesmas; não obstante, há poucos estudos a respeito das possibilidades de intervenção da Psicologia nesses espaços, e menos ainda da prática do plantão psicológico como possibilidade nessa área, o que aponta a importância de desenvolvimento de mais pesquisas, tendo em vista as demandas de atenção psicológica apresentadas pelos pacientes em tratamento de dependência química e o ganho observado tanto para os usuários, quanto para a instituição.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Acolhimento; Atenção psicológica; Fenomenologia-existencial; Dependentes químicos.



IDEAÇÃO E TENTATIVA DE SUICÍDIO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: UMA DOR QUE TEM MORADA NA UNIVERSIDADE

Airlanne Palloma da Silva Lima
Maria Vanessa Morais da Silva
Ana Karina Silva Azevedo

A Organização Mundial de Saúde estima que mais de 800 mil pessoas morrem devido ao suicídio todos os anos; entretanto, apesar desse expressivo índice, ele ainda é um assunto tabu e carente de discussão nas mais diferentes esferas, como na escola, na mídia e, fundamentalmente, nos currículos e formação de profissionais de saúde, incluindo a psicologia. Este trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa que entrevistou estudantes do curso de psicologia da Facisa-UFRN e tem como objetivo compreender aspectos relacionados à ideação e tentativa de suicídio em estudantes da área de saúde. Em nossa pesquisa, foram utilizados questionários semiestruturados, os quais foram analisados em dois momentos: as perguntas fechadas foram submetidas a tratamento estatístico simples, ao passo que as perguntas abertas foram analisadas a partir do discurso dos participantes à luz da fenomenologia existencial, embasando-nos para nossa análise em autores que já trabalham o tema, como Dutra (2011), Azevedo (2012) e Moreira (2012), entre outros. Participaram do estudo 63 estudantes do 1º e 3º período de psicologia. Assim, pudemos constatar a tentativa de suicídio presente em 11,50%, sendo que destes 6,67% tentaram tirar sua vida por mais de duas vezes e, no que se refere à ideação suicida, emerge um quantitativo de 47,22% da amostra. Algumas dificuldades psicológicas são sinalizadas pelos estudantes com maior frequência, como a depressão e os transtornos de ansiedade, que aparecem num percentual de 23%. A dificuldade enfrentada com relação à sobrecarga de estudos, aliada ao estresse provocado pela natureza da formação acadêmica também é evidenciada na pesquisa, com uma taxa de 29,90%. Percebemos que o suicídio aparece como sofrimento, desespero, fuga, angústia e, sobretudo, como escolha existencial. A possibilidade de matar-se desvela-se de maneira multifacetada, estando correlacionada com várias outras questões, inclusive com o fazer profissional dos estudantes e futuros psicólogos, no qual sua prática poderia levar a pensamentos autodestrutivos. Sim, existe um sofrimento evidente relacionado à temática do suicídio, sendo necessário pensar em ações que contribuam para abordar tal fenômeno entre os universitários e também, para além disso, pensar a necessidade de termos mais estudos na área, propiciando compreensões sobre o fenômeno do suicídio.

Palavras-chave: Suicídio em estudantes, Psicologia; Fenomenologia existencial, Sofrimento.



A QUESTÃO DO TEMPO E A MORADA HUMANA: CONSIDERAÇÕES HEIDEGGERIANAS SOBRE A CLÍNICA PSICOLÓGICA

Fernando da Rocha Magliano

Procuramos pensar sobre a questão do tempo buscando estabelecer um diálogo com relação às práticas clínicas psicológicas. Para tanto, consideraremos as meditações de Martin Heidegger sobre a temporalidade e as contribuições de sua hermenêutica fenomenológica. A partir da ontologia fundamental (fundamentalontologie), a relação entre ser e tempo foi posta sob uma nova perspectiva e permitiu descortinar as dimensões extático-temporais da existência ainda encobertas ao pensamento filosófico tradicional. Assim, ainda que o Dasein em sua cotidianidade não seja alheio ao tempo, tampouco se vê inicialmente em condições de apreendê-lo propriamente como tal. Para além das determinações filosóficas ou científicas, ao investigarmos fenomenologicamente o tempo, desvelamos simultaneamente a copertinência entre temporalidade e Dasein. Não buscamos, evidentemente, resolver a questão do tempo, senão – antes e em consonância com Heidegger – aduzir à possibilidade de sua apreensão originária. Objetivamos, destarte, apoiar-nos em seus esforços para tematizar esse problema relativamente ao âmbito da morada humana (Éthos) e sua abertura ao mundo (Erschlossenheit); uma vez que, assumindo a temporalidade como fenômeno existencial, o tema adquire relevância fundamental para a clínica de orientação daseinsanalítica (Daseinsanalyse). O trabalho articula-se, portanto, conforme uma pesquisa teórica e admite como procedimento metodológico a revisão narrativa da literatura. Nossa discussão versa sobre a possibilidade de liberação do trabalho psicoterapêutico com relação ao enraizamento das clínicas contemporâneas em meio ao pensamento tradicional e ôntico, o qual o pensamento heideggeriano visa ultrapassar. Nos Seminários de Zollikon (1959-1969), encontramos a indicação e o aceno referente a nós, psicoterapeutas, da importância fundamental de reconsiderarmos a relação oculta entre homem e tempo; outrossim, de atentarmos uma vez mais ao contexto fáctico-historial em que nossa prática determina-se e realiza-se. Com efeito, consideramos em que medida os constructos teóricos dos sistemas psicológicos correntes aventam e reificam concepções substancializadas acerca do ser do homem, outorgando-nos contornos estáticos. Por essa razão, as objetivações das teorias psicológicas, se compreendidas a partir da fenomenologia hermenêutica, parecem exercer um estorvo concernente a uma compreensão originária da dinâmica existencial humana. Tendência essa que se expressa conforme uma radical desconsideração do fenômeno da temporalidade e, de modo consequente, na artificial naturalização e des-mundanização do ente humano.

Palavras-chave: Temporalidade, Atenção psicológica, Daseinsanálise, Martin Heidegger, Fenomenologia hermenêutica.



A IMPESSOALIDADE E A FUGA DA ANGÚSTIA NA ERA DA TÉCNICA: UMA BREVE ANALÍTICA DE *BLACK MIRROR* À LUZ DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA

Amanda Melo Queiroz da Costa
Lucas Araújo Soares
Maria Isabel Silva do Nascimento
Cynara Carvalho de Abreu

O presente trabalho tem em vista uma análise teórica e crítica da série britânica *Black Mirror* a partir da hermenêutica heideggeriana. Após meditações, foram escolhidos como substrato três episódios em especial, a saber: *Engenharia Reversa*, *Volto Já* e *Urso Branco*. A série em questão é aclamada internacionalmente por sua capacidade de aprofundar-se nas problemáticas relacionadas ao homem e sua administração da humanidade, esta marcada cada vez mais pela não aceitação das condições ontológicas do ser. As temáticas abordadas pela série provocam-nos a resgatar as discussões acerca do que Heidegger vem a denominar como “Era da Técnica”. Essa trata-se do mundo artificial construído pelo homem e transformado pela tecnologia. É comum a todos os episódios histórias de humanos que não conseguem sustentar as próprias angústias, preferindo permanecer na existência impessoal do *Das Man*. Em um mundo em que as alternativas de fuga do sofrimento são cada vez mais variadas, o modo de ser do homem confunde-se com o modo de ser do ente, visto que as possibilidades de abertura originária de sentido são veladas pela escolha de caminhos de ocultamento e inautenticidade, pelo fato de serem mais compatíveis com a postura de homem desejada na facticidade da “Era da Técnica”. Apesar de Charlie Brooker, autor da série, apresentar-nos uma distopia, tudo o que é posto em questão em *Black Mirror* é já presente no existir humano quando em sua impropriedade. É importante destacar que tanto Heidegger quanto o criador da série não se opõem à técnica – como é pensado por muitos leitores e telespectadores inadvertidamente. O problema não está na técnica em si, mas quando o homem relaciona-se de forma submissa e impotente com ela. Por isso, reforça-se a importância do modo de desvelamento da *techné*, consistindo em um deixar-acontecer, em que há um exercício constante e paciente de atenção, do aguardar na abertura de sentido e do pensamento meditante.

Palavras-chave: Fenomenologia, *Black Mirror*, Angústia, Era da Técnica.



A DANÇA DE ANITA: IMPROVISACÃO E CRIAÇÃO EM PROCESSOS ARTÍSTICOS E PSICOTERAPÊUTICOS SOB UMA PERSPECTIVA SARTREANA

Cristiana Fernandes Moura
Isabel Maria de Araújo Botelho
Georges Daniel Janja Bloc Boris

Este trabalho surge da inquietação em discutir como a improvisação dá-se em meio aos processos criativos em arte e em contextos psicoterapêuticos. Esta discussão fundamenta-se na fenomenologia existencial sartreana, no olhar teórico de Nachmanovich sobre criação e improvisação em entrelace à experiência de Anita vivida em psicoterapia. Por criação compreendemos o fluxo de inventar a vida como um potencial natural do ser humano. A impossibilidade de expressá-lo pode caracterizar adoecimento ou perda da espontaneidade. Improvisação designa criar seguindo o fluxo do tempo e o desdobrar da consciência. Buscamos tecer um diálogo com as noções sartreanas de corpo, liberdade e projeto de ser. Sartre trata o movimento como criação, como um fluxo constante entre consciência, corpo e significação. Seja ele encenado, dançado, pintado ou escrito, convergindo para revelar uma atitude de ressignificação dos objetos transcendidos; a fim de reestruturar imagens, sensações e ações do ser-no-mundo. Para Nachmanovich, improvisar é seguir o fluir do tempo e o desdobrar da consciência, de tal forma que a criação é impossível sem a improvisação. Este trabalho configura-se no entrelace dessa discussão com o processo terapêutico de uma adolescente, tomando o recorte de duas sessões, nas quais foram vividos experimentos de improvisação e criação, a partir da interseção de linguagens expressivas da arte: dança, escrita, pintura. Para este estudo, lançamos mão dos registros das sessões feitos pela psicoterapeuta, bem como das pinturas e poemas produzidos por Anita. Ao dançar, Anita parecia entregar-se a si mesma, ao corpo, ao movimento. Transformou movimentos em palavras. Fez do seu texto uma pintura. Nesses momentos de experiência, Anita aparenta maior contato consigo e com o mundo à sua volta, apropriando-se do seu projeto de ser. Podemos pensar que fez do desenhar, escrever e dançar extensões da consciência. Nas sessões seguintes, a adolescente relatou sentir-se mais aberta para as relações interpessoais, dificuldade da qual se queixava. A experiência de Anita confere ao nosso olhar uma imagem do fluir de improvisação e criação integrados ao projeto de ser que cada um é e faz-se no cotidiano, desvelando o potencial da arte e da criação nos processos terapêuticos.

Palavras-chave: Improvisação, Criação, Psicoterapia, Fenomenologia existencial.



OFICINA DE ARTESANATO COMO POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA

Maria Eduarda Padilha Giamatthey

Este estudo é um relato de experiência, vivenciado em uma oficina de artesanato realizada nas dependências do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) no sul do Brasil. Realizou-se um grupo operativo aberto, centrado na tarefa de artesanato, com o objetivo de promover a convivência entre os usuários do CRAS. A estrutura de grupo é constituída por seus integrantes, um coordenador e um observador. O processo grupal inclui uma série de movimentos para alcançar seus objetivos, trabalhar relações e promover mudanças nos participantes. A oficina foi caracterizada como “grupo operativo comunitário”, no qual os participantes realizaram atividades artísticas, propiciando a reflexão e a socialização. Em seus textos, Pichon-Rivière trata do grupo operativo como ferramenta de trabalho, método de investigação o qual realiza, além disso, uma função terapêutica. Foram realizados oito encontros, semanais, dos quais participaram quatro usuáries do CRAS. A Secretaria Municipal de Assistência Social disponibilizou materiais para o grupo, como: tintas para tecido, tintas guache, sprays coloridos, tecidos, pincéis, telas e cartolinas. As atividades variaram entre pinturas em cartolinas e pinturas em tecido, que resultaram em panos de prato para as integrantes do grupos. O incentivo mútuo e o caráter cooperativo do grupo eram visíveis ao longo dos encontros, principalmente quando alguma participante apresentava dificuldade na atividade do dia ou trazia sofrimentos pessoais. Apesar de ter sido um grupo pequeno, foi possível perceber as mudanças nas participantes ao longo dos encontros; não necessariamente mudanças a longo prazo, porém mudanças em relação às tarefas e à forma de encarar suas próprias resistências. Acredito que esse grupo tem espaço para ser repensado para que haja maior adesão dos usuários dos serviços do CRAS. A oficina pode ser um espaço de socialização para aqueles que não possuem muitos vínculos em seus cotidianos. Considerando que a participação dos usuários no grupo proporciona uma possível melhora psíquica, saliento a importância de formar mais grupos nas instituições sociais.

Palavras-chave: Assistência social, Artesanato, Grupo operativo, Grupo terapêutico.



DESEMPREGO E JUVENTUDE NA ERA DA TÉCNICA: TEMOS NOSSO PRÓPRIO TEMPO?

Malu Nunes de Oliveira
Elza Dutra

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de mestrado e parte da problemática que é questionar se a importância do indivíduo e o sentido de sua existência encontram-se apenas sob as atividades produtivas que realiza. A contemporaneidade é marcada por modos de ser e estar que vivem em busca do imediatismo, do bem-estar supremo e da produção de bens de consumo. Estes tornaram-se os modos de ocupação mais recorrentes no mundo, e o trabalho, nos moldes construídos social e culturalmente, tornou-se o único proporcionador desse fazer. O momento histórico atual se tornou o destino da humanidade que, segundo Heidegger (1959), é a “era da técnica”, resultando em uma posição totalmente nova do Homem no mundo. Em um cenário no qual cada vez mais é naturalizada a imposição da celeridade, utilidade e conquistas consideradas importantes tornam-se cada vez mais universais, vemos os jovens – que caracterizam o grupo mais afetado pela reestruturação produtiva do final do século passado – vivenciando a maior taxa de desemprego dos últimos anos. Nesse sentido, torna-se o objetivo desta pesquisa compreender a experiência de jovens que se encontrem na vivência do desemprego sob a perspectiva fenomenológico-hermenêutica heideggeriana. Tendo como método a fenomenologia hermenêutica inspirada em Martin Heidegger, foram realizadas quatro entrevistas narrativas a fim de conhecer a história de cada participante nesse momento em que percorrem seus caminhos em busca de trabalho. Foi possível considerar que, nesse momento, eles vivenciam experiências consideradas boas como ter mais tempo para si, mas que ficam em segundo plano pelo sentimento de inutilidade por estarem “fora do mercado”. Percebemos como a busca por um lugar, pelo que se ocupar, desde as tarefas cotidianas até o trabalho formal faz parte da nossa cultura. Nascemos e crescemos imersos em uma lógica de dedicação ao “desenvolvimento pessoal” e profissional, tornando cada vez mais difícil encontrarmos lugar e tempo para além das atividades úteis e produtivas. Assim, refletir sobre o tema do desemprego contribui com o campo da psicologia fenomenológica; na medida em que, ao debruçarmo-nos sobre o tema sob a ótica da existência, poderemos alcançar uma visão mais próxima aos modos de ser-no-mundo.

Palavras-chave: Desemprego e juventude, Pesquisa fenomenológica, Hermenêutica-heideggeriana.



ANÁLISE DA SÉRIE *THIRTEEN REASONS WHY* SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Manuella Bila de Melo
Cynara Carvalho de Abreu
Malu Nunes de Oliveira

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões fenomenológicas heideggerianas sobre algumas afetações provocadas pela série *Thirteen Reasons Why*, produzida pela Netflix, que aborda o suicídio, bem como várias modalidades de violência entre adolescentes. Tematiza, portanto, o que nesta análise podemos chamar de ser-para-a-morte. A trama gira em torno de fitas gravadas pela personagem Hanna Bakker e relata treze razões, atribuídas a treze pessoas que, segundo ela, motivaram seu suicídio. Nos episódios, é possível identificar modos de cuidado indiferente direcionados a Hanna, o desalojamento por ela vivido, o seu modo de ser-no-mundo e de ser-com-o-outro e o caráter de mundanidade do Dasein. O telespectador dessa série pode deparar-se com a angústia provocada pelo anseio do ser diante da temeridade do nada e do quanto a condição de ser-para-a-morte pode ser vivida impulsionando o Dasein para ser-si-mesmo, ou levando-o a considerar a morte como única saída diante da falta de sentido do ser, a despeito da sua condição ontológica de abertura. É possível atribuir novos sentidos e significados ao refletir as vivências dos personagens na trama e aproximar-se do que pode ocorrer conosco enquanto seres-no-mundo. Na condição de ser-com-o-outro, o homem pode assumir a postura de cuidar para que o outro não sofra e levar aquele que se pré-ocupa à ilusão de controle da vida de outrem; fato esse, insustentável, devido às decisões e escolhas, no sentido heideggeriano, serem tomadas mediante aquilo que dá sentido à existência – ou seja, a partir do projeto de ser-si-mesmo, ainda que essa escolha seja de dar fim à própria vida ou de viver na impessoalidade, modo que se apresenta na série. Como considerações finais, é importante pensar a criação de espaços de discussão em que possamos tratar de questões existenciais como a finitude da vida, o acolhimento e a sustentação da angústia: esta se dando como abertura de possibilidades. Discutir as artes da cultura pop atual nesses espaços poderá aproximar tais questões da vida das pessoas, uma vez que são recursos crescentemente acessíveis entre os adolescentes, por exemplo. Outrossim, tais reflexões são imprescindíveis para a prática psicológica, já que são inerentes à condição de existência humana.

Palavras-chave: Ser-para-a-morte, Ser-com-o-outro, Ser-si-mesmo, Fenomenologia heideggeriana, *Thirteen Reasons Why*.



“O SERTÃO É UM MUNDO” – UMA APROXIMAÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS MODOS DE SER-NO-MUNDO DE SERTANEJOS DO SEMIÁRIDO NORDESTINO

Maíra Leite Escórcio
Elza Dutra

O Semiárido brasileiro é caracterizado pela irregularidade das chuvas, grande evaporação da água, clima quente e bioma da caatinga, ocupando 86% da região nordeste. Existem concepções sobre o sertão – seja na literatura, mídia ou cinema – como local de seca e escassez. Contudo, existem também estudos destacando a diversidade cultural, a religiosidade e a criatividade sertaneja. Este estudo foi realizado como dissertação de mestrado e objetivou compreender a experiência do sertanejo no horizonte da irregularidade da oferta da água. Foi uma pesquisa qualitativa, de inspiração fenomenológico-existencial, amparada na hermenêutica heideggeriana. O ser humano (Dasein) é entendido como único ente que possui seu ser em questão e sempre é ser-no-mundo. O local do estudo foi o Sítio Galinhas, em Icó (CE), escolha dada por conveniência, e a coleta de dados foi realizada em duas viagens de campo, além de observações e entrevistas. Aqui será considerada a entrevista central do estudo, que aconteceu na primeira viagem de campo (julho de 2015) com o fundador do sítio, um homem de 97 anos. As gravações das entrevistas foram transcritas, confrontadas com as observações e afetações da pesquisadora em diário de campo e compreendidas a partir da hermenêutica heideggeriana, resultando em texto narrativo. Foi possível identificar que a história de vida desse sertanejo é entremeada pelas secas que ele viveu, trazendo consigo marcas dessas experiências, habitando o sertão como escolha de vida, em um mundo aberto de possibilidades de ser, como agricultor, ferreiro, caçador, “enfermeiro”, construtor. Trazendo a religiosidade como horizonte de significância, ele relata sofrimentos, alegrias e o sustento da família como prerrogativa. Atualmente, já debilitado pela diminuição da visão e da capacidade auditiva, locomovendo-se com auxílio de bengala, ele questiona sua própria existência, deflagrando a angústia e o ser-para-morte, em suas restrições de mundo na própria corporeidade. O semiárido nordestino abriu-se como contexto em transformação política, trazendo consigo o espírito de nossa época, a “Era da Técnica”. Considerar o sertão como mundo abarca a dimensão social dos fenômenos, assim como o olhar fenomenológico-existencial abre possibilidades, trazendo o sertanejo como protagonista de sua história.

Palavras-chave: Semiárido nordestino, Água, Narrativas, Heidegger, Pesquisa fenomenológica.



A ALTERIDADE DA CAPOEIRA: DE SEUS SENTIDOS VIVIDOS AOS SEUS SABERES SOCIAIS

Pedro Henrique Martins Valério
(Bolsista FAPESP, Número do processo: 2016/21169-1)

Diante de uma roda de capoeira logo se verifica os dois jogadores no centro da mesma ou, pelo menos, a iminência de sua presença, como algo que lhe é indispensável. Porém, essa evidência traz consigo, comumente, uma perplexidade diante de aparentes contradições entre dança, luta, jogo, brincadeira e disputa aos olhos de quem não a conhece a fundo. Nesse sentido, faz-se um mergulho sobre o modo como os capoeiristas vivenciam o jogo por meio de uma abordagem fenomenológica clássica. Para tanto, realizaram-se entrevistas abertas e em profundidade com 15 mestres que descreveram em primeira pessoa suas próprias experiências vividas na capoeira. Aplicou-se, então, a redução fenomenológica por meio do cruzamento intencional, agrupando-se trechos de relatos de experiências de cada mestre em separado e – posteriormente – em unidades de sentido as quais agrupam trechos de relatos de diferentes mestres; perscrutando novas conexões intencionais e atingindo, assim, uma estrutura essencial para toda a diversidade de unidades de sentido iniciais. O resultado desse procedimento revela categorias como abertura atenta, espera, malícia e união em não encontro. Essas categorias dão a ver não apenas uma estrutura essencial à capoeira, mas um modo de relação com o outro que lhe é próprio. Tais categorias, em contraste com a literatura sobre dados factuais da capoeira, traçam a gênese desse modo de alteridade em sua constituição histórica, social e cultural. Assim, desvelam os potenciais políticos e sociais de um saber próprio à capoeira, relativo a um habitus específico de alteridade. Esse habitus, forjado geracionalmente no intercruzamento entre a dimensão histórico-cultural brasileira e sua herança cultural africana, mostra-se como atitude e saber que contemplam e ultrapassam as possibilidades de resistência rígida e direta ao Outro opressor, bem como uma adaptação e acomodação em sua presença; mais ainda, ultrapassa esse âmbito e desdobra-se em outras esferas sociais, comunitárias e interpessoais da alteridade humana.

Palavras-chave: Capoeira, Alteridade, Fenomenologia, Cultura e História.



CONVERSAS SOBRE MORTE E DANÇA: OS FIOS TRAMADOS POR THANATOS E TERPSÍCORE

Ana Cláudia Albano Viana

Este ensaio tem como objeto a relação entre dança e morte, refletida a partir de obras coreográficas nas quais compreendemos que a dança expressa a condição existencial da morte em sua inexorabilidade, tragédia e poesia. Busca-se tecer uma rede de significações acerca dessa relação, dialogando com a arte coreográfica e a filosofia. Como partimos da perspectiva das experiências vividas para a construção deste ensaio, escolhemos como caminho metodológico a Fenomenologia de Merleau-Ponty (1999). As obras coreográficas com as quais dialogamos foram suspensas do contexto de criação e visibilidade da dança sob a perspectiva do nosso olhar, por compreendemos suas significações tanto para este ensaio, quanto para a produção do pensamento e do arcabouço artístico da dança. Nosso pensar sobre a morte vê-la enquanto meta da existência, como condição existencial e inexorável. Vivemos uma condição de sentirmo-nos mortais e imortais, desde tempos pré-históricos ou arcaicos. Nesse pensamento, percebe-se fortemente a relação da morte e da vida com a temporalidade. O mesmo ocorre na dança, posto que essa é uma arte do tempo, um tempo criado no qual podemos transformar o corpo, o espaço, a vida e a morte. Ao dançar, podemos afirmar que a pessoa fecha-se de alguma maneira em uma duração feita de uma energia atual que só existe no instante da própria duração. Podemos dizer que, no estado dançante, também experienciamos sensações de vida e morte tais como elencados neste ensaio em obras coreográficas que transmutam o corpo de seus bailarinos, nosso olhar, nossa leitura desse tema. Os fios que constituíram a tessitura feita por Terpsícore e Thanatos, neste ensaio, mostram-nos uma diversidade de gestos e pensares que nos fazem refletir sobre a extensa capacidade simbólica e criativa humana, que produz e alimenta-se de imagens díspares e, por vezes, dissonantes acerca de um mesmo motivo: a morte e os registros vivenciais de nossas experiências com ela, em uma linha poética do tempo que se dá a ver em processo de coexistência, em círculos de vozes e gestos renovados, continuamente...

Palavras-chave: Dança, Morte, Arte coreográfica, Existência.



MÚSICA COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO NA MATERNIDADE ESCOLA JANUÁRIO CICCO

Monique Pimentel Diógenes
Mariana Carvalho da Costa
Maria Clara de Araújo Silva Cavalcant
Kaio Graco Roque Dantas
Djânane Erlaine Fernandes dos Santos

A Política Nacional de Humanização (PNH) do Sistema Único de Saúde (SUS) preconiza a criação de um espaço coletivo para produção da atenção em saúde qualificada e integrada, envolvendo a participação e valorização dos sujeitos de forma ativa e autônoma. Nessa perspectiva, a música inserida na Roda de Conversa – prática dialógica no trabalho e na cogestão de coletivos – tem sido utilizada como estratégia de promoção à saúde de pacientes cirúrgicas da Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC), auxiliando na construção dos pilares da PNH. Respalhada, ainda, pela concepção de cuidado ancorada em Ayres, que é a designação de uma atenção à saúde imediatamente interessada no sentido existencial da experiência do adoecimento físico ou mental e – por conseguinte – também das práticas de promoção, proteção ou recuperação da saúde. Objetiva-se estimular a atuação interdisciplinar, sensibilizar a equipe de saúde e as pacientes e acompanhantes, promover a humanização da prática hospitalar e contribuir para o tratamento de saúde das pacientes. As rodas de conversa com música são realizadas semanalmente desde julho de 2016 até o momento, no setor de Ginecologia da MEJC, por uma equipe com educador físico, enfermeira, técnica de enfermagem, farmacêutica, assistente social, terapeuta ocupacional, psicóloga e estagiários. As músicas são selecionadas de modo que retratem o momento das pacientes e são apresentadas na forma de voz e violão. Ao final da apresentação musical, a equipe instiga a fala das pacientes, bem como a expressão de suas emoções na perspectiva da elaboração de sentidos. Foram realizadas 20 rodas, em que participaram 412 usuárias e acompanhantes, além de 23 profissionais e estagiários de diferentes áreas. Por meio da observação participante, contínua e qualitativa, verificou-se: promoção da saúde, elaboração de sofrimento e dor, capacidade de empatia, empoderamento, envolvimento dos familiares e acompanhantes, humanização das práticas, adesão ao tratamento, diminuição da ansiedade, intervenções interdisciplinares e modificação da prática profissional e institucional. Reconhecendo que a situação cirúrgica pode provocar fragilização e ansiedade, identificou-se no recurso da música, inserida na roda de conversa, uma estratégia no tratamento e promoção da saúde alinhada aos preceitos do SUS e que viabiliza a valorização da singularidade.

Palavras-chave: Atuação interdisciplinar, Maternidade escola, Pacientes cirúrgica, Roda de conversa, Música.



O RESGATE DA PRÓPRIA HISTÓRIA COMO RESSIGNIFICAÇÃO DO VIVIDO: UM ESTUDO DE CASO

Karina Silva de Paiva
Karen Renata Ataíde da Cruz

O presente trabalho busca compreender, à luz da fenomenologia heideggeriana, a experiência de ser-no-mundo de uma jovem mãe adolescente em situação de acolhimento institucional, por meio da elaboração de álbuns contendo sua história e de sua filha recém-nascida. Entende-se ser-no-mundo como característica ontológica do Dasein, que diz respeito ao ser do homem e ao modo como esse ser se manifesta. Diferentemente dos entes que possuem características dadas a priori, tem-se o Dasein como abertura, constituído de mundo e que se desvela nas possibilidades de ser. Pode-se observar, na relação estabelecida, o nascimento de um vínculo para além da relação terapêutica. A proposta, desde o princípio, se distancia da psicoterapia, tendo em vista que o objetivo da atividade não é dar tratamento às angústias existenciais, nem se estabelecer uma relação terapeuta-cliente e sim facilitar a construção dos sentidos atribuídos à história de cada um. Ao longo de cinco meses, realizaram-se encontros semanais, nos quais eram desenvolvidas atividades de cunho artístico e reflexivo com intuito de suscitar reflexões sobre si mesma, seus gostos, interesses e momentos marcantes de sua vida, como também trazer à tona os planos relacionados à maternidade e os primeiros registros da criança. A perspectiva adotada neste trabalho manteve-se em constante abertura para o que era trazido como verdade da trajetória da jovem mãe, em correspondência imediata com a atitude fenomenológica que se estabelece na possibilidade de tornar a relação ainda mais fluida. Este estudo originou-se a partir do Projeto de Extensão denominado “A construção mediada de memórias e sonhos: elaboração de scrapbooks com crianças e adolescentes em acolhimento institucional”, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no qual duas integrantes, graduandas do curso de Psicologia, realizaram tal atividade com a adolescente, com o propósito de elaborar álbuns que pudessem não apenas registrar suas memórias, mas proporcionar um espaço de ressignificação do vivido.

Palavras-chave: Fenomenologia existencial, Scrapbook, Acolhimento institucional.



REFLEXÕES SOBRE O FILME “COMO ESTRELAS NA TERRA- TODA CRIANÇA É ESPECIAL”, À LUZ DA FENOMENOLOGIA

Erika Vasconcelos de Castro Vale
Aparecida Inácia Guedes Santos
Suellen Cristina Costa Freire
Antonia Nathalia Duarte de Moraes

O presente trabalho apresenta um relato de experiência da disciplina Teorias Fenomenológicas e Existenciais, do curso de Psicologia, referente à análise do filme “Como estrelas na terra – Toda criança é especial”, do diretor Aamir Khan. O filme aborda a história de um menino de nove anos chamado Ishaan, que apresenta dislexia, e reflete sobre o seu comportamento e dos personagens que tiveram relações importantes com ele. Baseamo-nos, para a discussão, no conceito de saúde, nas significações da psicologia clínica na contemporaneidade e no psicodiagnóstico clínico processual, no âmbito da fenomenologia. Através desta vivência, verificou-se que a atuação clínica psicológica é fundamental nas escolas, no sentido de acolher as crianças e suas famílias no contexto em que elas estão inseridas e atender a demanda do sofrimento onde quer que ela se apresente. A atuação do profissional dessa área é de extrema importância, uma vez que o mesmo possui um olhar apurado para perceber as características inerentes aos problemas da criança, bem como ir além e enxergar a singularidade desse sujeito. O psicodiagnóstico dá uma nova ótica da real condição do indivíduo, mostrando-lhe novas possibilidades, permitindo-lhe o descobrimento de suas próprias capacidades e não o permitindo estagnar em suas limitações. Ele não encerra, mas desdobra possibilidades. Não foca nas doenças, mas na saúde. Vai além de revelar o lado negativo. Ele facilita a emergência do lado positivo das pessoas. O psicodiagnóstico é uma análise, uma compreensão do todo existencial e do sentido do indivíduo. Ao contrário de inexistência de doença, a saúde é uma postura de abertura diante da vida. É acolher a doença e saber lidar com ela. No filme, vemos que o professor consegue mostrar caminhos que facilitam a aprendizagem de Ishaan, ajudando-o a superar suas limitações, o preconceito e as cobranças. O progresso do menino mostrou que ele necessitava de confiança, estímulo e amor. Com este trabalho, podemos perceber a importância do acolhimento da dor do outro, de observar as particularidades sem julgar, sem rotular, sem que isso venha a impedir seu crescimento. Importar-se é essencial na arte da cura, pois traz novas possibilidades e nova inserção na vida.

Palavras-chave: Como estrelas na terra, Fenomenologia, Psicologia clínica, Psicodiagnóstico, Saúde.



A EXPERIÊNCIA DE SER MÃE EM CONTEXTO DE HOSPITALIZAÇÃO

Débora de Sousa Rodrigues
Georges Daniel Janja Bloc Boris
Anna Karynne da Silva Melo

O presente trabalho tem como objetivo compreender a experiência da mãe como acompanhante do filho hospitalizado, contemplando, assim, os efeitos da internação na relação de mãe e filho em tal situação. A hospitalização pode ser caracterizada como uma situação de crise que repercute na vivência da mãe, sendo necessárias novas possibilidades de adaptação do seu ser-no-mundo e na relação com seu filho. Como tal mãe se encontra na travessia do processo de adoecimento de seu filho, salienta-se a importância de ela estabelecer novas práticas de cuidado voltadas à situação emergente, haja vista que a intensa experiência de instituição hospitalar pode ser um grande causador de sofrimento psíquico. A situação de seu filho, um modo de estar no mundo como um ser adoentado, contribui para uma aproximação no vínculo entre mãe e filho, fazendo com que seja transpassada por uma postura de cuidado, com o intuito de abarcar os sentimentos que emergem em tal experiência. Desta forma, a mãe se põe, na maioria das vezes, em uma posição de pessoa referencial para amenizar o sofrimento do filho. Tendo em vista que a equipe multidisciplinar considera a mãe a principal fonte de conhecimento e de auxílio ao seu filho no momento de crise, ela tende a ser a pessoa da família mais requisitada para os cuidados na hospitalização, assim, gerando questões relacionadas a como é vivida sua experiência como acompanhante. Neste sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o propósito de discutir a articulação entre hospitalização e gênero. Trata-se de uma pesquisa que se ancora em uma perspectiva fenomenológica, assim, visando à compreensão do significado de uma experiência na qual o ser humano é considerado um ser enraizado no mundo e, portanto, não sendo possível tratar dele a partir de um pensamento dualista, ou seja, que separa interior e exterior, corpo e mente e homem e mundo.

Palavras-chave: Mãe, Hospitalização, Fenomenologia, Gênero.



A HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA NA PESQUISA EM CLÍNICA

Melina Séfora Souza Rebouças
Elza Dutra

O presente trabalho trata-se de um ensaio teórico, fruto da tese de doutorado da referida autora, cujo objetivo é pensar sobre a hermenêutica heideggeriana como método na pesquisa em clínica. Nesse sentido, debruçamo-nos sobre a hermenêutica tal como compreendida por Heidegger e posteriormente discutimos como esse modo de pensar pode contribuir para aproximarmos-nos dos sentidos das experiências humanas, objetivo este das pesquisas de cunho fenomenológico. Para a fenomenologia heideggeriana, os fenômenos somente podem ser vistos na própria existência e em sua sedimentação histórico-fática. Isso significa que o conhecimento não é algo que se dá separado do Dasein. A possibilidade de conhecer só existe devido à condição ontológica de coexistência homem-mundo. Segundo Heidegger, o método nas ciências é a forma pela qual a pesquisa procede no exame do seu objeto e cuja finalidade é representar e/ou dominar a natureza. Todavia, para esse filósofo, método não diz respeito a um procedimento, mas à maneira como um ente é tematizado; considerando que muitas coisas resistem à medição/representação. Desse modo, o método não é uma simples técnica de pesquisa, mas compreendido a partir de seu sentido original como um “caminho para”, isto é, um caminho para o desencobrimento dos fenômenos. Em nosso cotidiano, as possibilidades do Dasein encontram-se encobertas pelo horizonte histórico sedimentado, e esse desencobrimento somente é possível através da hermenêutica e a partir do círculo compreensivo, propiciando o desvelamento dos fenômenos. A clínica psicológica, em seu sentido tradicional, é compreendida como método de intervenção; ou seja, como aplicação prática das teorias psicológicas. No entanto, a clínica de inspiração fenomenológica heideggeriana busca, assim como propõe a hermenêutica, destecer a trama existencial à qual o homem encontra-se aprisionado, libertando-o para o seu poder-ser. Dessa forma, pesquisa e clínica nessa perspectiva acompanham o próprio movimento da existência e rumam na direção dos sentidos dos fenômenos a partir da experiência. O método fenomenológico hermenêutico mostra-se de grande importância para as pesquisas clínicas, na medida em que não busca uma verdade universal e sim compreensões acerca dos fenômenos; e estas, enquanto compreensões, não podem ser representadas, apenas acompanhadas e desveladas.

Palavras-chave: Hermenêutica heideggeriana, Pesquisa em clínica, Clínica Fenomenológico-existencial.



CLÍNICA-ESCOLA E SUPERVISÃO CLÍNICA: ORIENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM GRUPOS DE APOIO NA FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS

Telma Regina Lago Costa

A clínica-escola IESB-Oeste, localizada na Ceilândia, uma cidade satélite do Distrito Federal, realiza atendimento psicológico a um público bastante carente, usuários da comunidade do Sol Nascente, próxima a este Instituto de Educação Superior de Brasília. Para a formação dos alunos de 9º semestre, as tarefas práticas são: a realização de atendimentos individuais e, neste semestre, de atendimentos em grupos de apoio, devido à demanda da comunidade. A iniciativa foi muito bem recebida pelos usuários e também pelos alunos de graduação em Psicologia. Nesta atividade supervisionada, o marco teórico utilizado é a Psicologia fenomenológico-existencial que considera uma prática clínica e não apenas uma técnica a ser utilizada, buscando formar uma postura do futuro terapeuta como uma escolha de vida e uma maneira de facilitar o existir do paciente na sua construção de si e na responsabilização, pautada na liberdade de construir outras maneiras de se relacionar com o mundo. O objetivo dos grupos de apoio é atender os usuários em quatro sessões, buscando diminuir os preconceitos em relação aos atendimentos psicológicos, atenuar a espera pelos atendimentos individuais e auxiliar os alunos/terapeutas na ampliação de seus possíveis desvelamentos dos fenômenos na relação terapeuta, paciente e grupo. Foi realizado, inicialmente, um grupo piloto, coordenado pela supervisora, com a participação dos alunos do 9º semestre e, depois, cada aluno do 9º semestre coordenava grupos de apoio durante o semestre, orientando alunos na participação de novos grupos de apoio. Cada sessão de grupo acontecia semanalmente e, na supervisão, também semanal, utilizavam-se os textos para embasar as ações clínicas nos grupos de apoio. Os grupos tiveram uma orientação básica de funcionamento por parte da supervisora e uma abertura à criatividade dos alunos/terapeutas nas possibilidades de ação. Ao final do semestre, o resultado foi considerado muito gratificante pelos orientandos, nos três grupos de supervisão, tanto pelo desenvolvimento dos alunos/terapeutas, como pela percepção destes dos desvelamentos dos fenômenos nas sessões. A comunidade também pôde ser atendida e percebida em suas demandas mais urgentes ou esclarecida nas suas dúvidas sobre os diferentes tipos de atendimento psicológico.

Palavras-chave: Clínica, Fenomenologia, Grupo de apoio, Supervisão.



UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE AS PRIMEIRAS SESSÕES DO ATENDIMENTO INDIVIDUAL NA CLÍNICA SOCIAL PSICOLÓGICA

Edna Correia da Silva Luciano de Oliveira
Ciro de Almeida Sampaio
Lillian Argolo Amaral
Tiara Ferreira e Andrade
Marcia Estarque Pinheiro

O diferencial deste estudo é o ousado paradigma de investigação, em Psicologia, que propõe resgatar a vivência relacional terapeuta-cliente nos atendimentos individuais. Reflete-se a ideia de pensar de forma mais aprofundada as primeiras sessões do atendimento individual quanto à sua importância para a formação do vínculo, utilizando o método fenomenológico de Amedeo Giorgi. Faz-se um breve estudo das primeiras sessões do atendimento individual, sob o crivo da Gestalt-terapia, buscando contextualizar e investigar o como e o quanto esses encontros iniciais podem implicar o psicólogo e o cliente na psicoterapia. Ou seja, pretende-se delinear o que se passa durante esses primeiros atendimentos na relação intersubjetiva de terapeuta e cliente que impulsiona a implicação o processo de transformação pessoal. A contribuição deste trabalho – que se baseia em respostas dos psicólogos a questões levantadas pelos autores e na análise de relatórios de atendimento individual – é a aplicação de um modo de descrever a psicoterapia, privilegiando o ponto de vista do psicólogo – o qual a vive, pensa e sente –, o que é um terreno fértil para a teoria e a prática gestálticas. Portanto, este trabalho é inovador, no âmbito do estado da arte em Psicologia. Para atingir tal objetivo, fez-se uma breve análise qualitativa das respostas dos psicólogos e dos relatórios das primeiras sessões de atendimento. Os seguintes aspectos do processo terapêutico foram considerados: contrato burocrático, vínculo, frequência e comprometimento. A análise dos dados, à luz da Fenomenologia, envolve não apenas as pessoas avaliadas, mas também o avaliador. O código de vivências do avaliador será, portanto, um filtro essencial e interferente nos resultados do processo. Ao refletir sobre a importância da primeira sessão, o psicólogo que elege a Gestalt-terapia é levado a avançar, em termos de concepção e postura terapêutica, ao cerne das propostas dessa abordagem. Assim, explicam-se, de forma breve, os fundamentos filosóficos norteadores do referencial humanista-fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Fenomenologia, Primeiras sessões, Gestalt-terapia.



FUNDAMENTOS FENOMENOLÓGICOS EM DESCARTES, KANT E FREGE: CAMINHO HUSSERLIANO PARA A SUBJETIVIDADE TRANSCENDENTAL

André Vinícius Dias Senra

A fenomenologia de Husserl apresenta-se como um portal para a análise filosófica do sentido do conhecimento em geral. Isso indica que a leitura husserliana da História da Filosofia estabeleceu não apenas que a necessidade de um método filosófico devia-se tanto por uma abordagem a qual requisitasse maior rigor teórico de fundamentação do conhecimento, quanto implicou em uma revisão da Modernidade a partir da Teoria do Conhecimento. Um dos objetivos dessa proposta consiste na tematização dos aspectos filosóficos da elaboração do método fenomenológico. A revisão historiográfica torna-se necessária para clarificar os pilares filosóficos do método. A solução husserliana para a crise da Filosofia vem da necessidade da efetivação da Fenomenologia como ciência autônoma. Se a guinada do desenvolvimento científico contribuiu para o progresso, por outro lado, percebeu-se que a ideia da ciência foi assimilada como fator de desenvolvimento racional alheio aos fundamentos da Filosofia, o que a deixou sem condições de participar desse processo. No que se refere aos arcabouços teórico-filosóficos nos quais Husserl elaborou seu próprio método, constam as presenças de Descartes, Kant e Frege. Descartes por inaugurar a questão moderna do Eu penso: o ato filosófico orientado a partir da subjetividade reflexiva. Kant por ter contribuído com a ideia de uma crítica da razão para estabelecer um caminho transcendental. Frege por ter sido o principal pensador que percebeu a necessidade veemente de refutar a posição psicologista da tarefa de fundamentação da teoria do conhecimento. Se considerarmos que a ciência moderna é um projeto oriundo do antropocentrismo, logo ficará claro que a consequência do antropocentrismo implica na ascensão do materialismo e, conseqüentemente, no naturalismo como abordagem possível ao conceito de ciência. Com o intuito de propor uma nova base para a questão do conhecimento que não estivesse apoiada no naturalismo, essa nova base serviria ao propósito de refundar o conhecimento em geral e a Filosofia de modo específico.

Palavras-chave: Epoché, Transcendental, Sentido.



KIERKEGAARD NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Myriam Moreira Protasio

Esta comunicação pretende resgatar a presença do pensamento de Sören Kierkegaard na psicologia conhecida como existencial. Esse tema faz parte da pesquisa que venho desenvolvendo a nível de pós-doutorado no Instituto de Psicologia Social da Uerj e que tem duas direções: buscar o sentido conferido por Kierkegaard ao que ele denominou como Ciência Existencial (Existentiel-Videnskab) em diálogo com uma psicologia existencial e resgatar a presença do pensamento de Kierkegaard em autores que lançaram mão de suas reflexões na constituição de suas próprias interpretações para a psicologia. O tema da relação de Kierkegaard com a psicologia e com a psiquiatria merece ser estudado pois, se o pensamento de Kierkegaard chegou até nós, isso ocorreu porque psiquiatras e filósofos do final do século XIX e início do século XX sustentaram a importância de seu pensamento para a tradição existencial. Ao me propor a fazer este estudo, estou reafirmando aquilo que os psicólogos existenciais já disseram ao apontarem o filósofo dinamarquês como o pai do existencialismo. Kierkegaard foi colocado junto a Nietzsche no esforço por enfrentar a crescente ruptura entre verdade e realidade no pensamento ocidental: a ruptura com a crescente ilusão dos homens do Ocidente que acreditavam poder captar a realidade por meio de procedimentos abstratos e prescritivos, conforme afirmou Rollo May. A comunicação traz um breve panorama histórico da relação de Kierkegaard com a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicopatologia de tradição existencial em autores como Rollo May, Jaspers e Binswanger, assim como em autores mais recentes como Nordentoft. Nesse percurso, pretende apontar para o modo como suas contribuições costumam ser negligenciadas ou tomadas superficialmente no interior mesmo dessa tradição. O problema que daí decorre é o de perder-se de vista a riqueza das contribuições que Kierkegaard oferece para o exercício de uma psicologia clínica de inspiração fenomenológico-existencial. Quero acenar para a importância de recuperar-se seu pensamento para que se possa repensar o rumo da psicologia existencial ou fenomenológico-existencial atual.

Palavras-chave: Kierkegaard, Psicologia Existencial, Psiquiatria Existencial, História.



O IMPACTO DA EXPERIÊNCIA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: UM ESTUDO SOBRE A APRENDIZAGEM DO PESQUISADOR

Vinicius Rondi Bórnea

A pesquisa que realizei busca uma compreensão sobre a formação do psicólogo clínico na abordagem fenomenológico-existencial em uma prática clínica chamada Plantão Psicológico, realizada pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) da Universidade de São Paulo (USP). A pergunta que orienta minha pesquisa é: como o impacto desta experiência clínica, denominada plantão psicológico, se deu na minha perspectiva enquanto aprendiz dessa prática e estudante de psicologia em formação? Busquei, a partir de um olhar fenomenológico, conhecer os sentidos e significados da minha perspectiva enquanto aluno que está vivenciando o aprendizado desse modo clínico de atuar em Psicologia. Para tal objetivo, permaneci pelo período de dois meses no projeto de formação do plantão psicológico e fiz sete atendimentos, visando uma constante atenção para as questões ligadas ao meu processo de formação clínica, como plantonista. Como procedimento metodológico, após o término de cada atendimento, fiz uma descrição minuciosa em meu diário de bordo, sobre como foi a experiência como plantonista, a fim de dar luz às questões, sentidos e significados que surgiram durante os atendimentos. Realizei uma análise de dados obtida através desse diário de bordo e do levantamento bibliográfico, e elaborei uma construção de um sentido a partir dos diversos dados obtidos. Fiz uma discussão acerca da compreensão da aprendizagem, da formação do psicólogo e da vivência do ensino de práticas clínicas da abordagem fenomenológico-existencial. Também trouxe à luz o autoconhecimento, quando estudei o meu próprio projeto de aprendizado, no sentido de ampliar minha formação, refletir sobre meu manejo, meu modo de ser plantonista e conhecer minhas condições de aprendizagem. Além disso, visei ampliar a produção científica a partir da perspectiva do aluno no processo de formação, de modo a discutir questões, tais como, a relação entre teoria e prática, o autoconhecimento, e a aprendizagem.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Formação em psicologia, Formação do psicólogo clínico, Fenomenologia existencial.



A ÉTICA AMPLIANDO POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Danielle de Gois Santos Caldeira
Malu Nunes

A ética e a formação em Psicologia são os temas escolhidos, no resgate da experiência enquanto docente e supervisora de estágio clínico na graduação em Psicologia, a fim de colaborar com o desenvolvimento das áreas de saber Psicologia e Fenomenologia. A atividade de docência inspirou-se na perspectiva filosófica fenomenológica, especialmente na fenomenologia existencial. A referência de predileção foi Martin Heidegger, notadamente na menção à ética e aos debates sobre as noções de saúde e de adoecimento psíquico presentes em *Ser e tempo* e *Seminários de Zollikon*. O objetivo na aproximação desses temas decorre da oportunidade de suscitar – no graduando de Psicologia – desnaturalização dos temas ética, sanidade e adoecimento, para dinamizar e promover intervenções e sensibilização em seu trabalho e em seu modo de vida. Destarte, a dinâmica e a promoção propostas na formação em Psicologia são frequentemente negligenciadas, em um contexto de manutenção de legitimação científica e, paralelamente, implicadas as questões que envolvem a existência humana. Nesse cenário, são urgentes reflexões quanto à não naturalidade da ética, observando-se desconhecimento e não implicação dos acadêmicos quanto à ética; idem, quanto à saúde e ao adoecimento. O entendimento científico satisfaz, restritamente, ao código deontológico, contribuindo para transformar a ética em tema distante de reflexões sobre valores e costumes e próxima das sanções jurídicas. Essa aproximação naturaliza os modos de viver e de relacionarmos-nos no mundo que habitamos. Ademais, saúde e doença apareciam nos relatos e nos questionamentos dos acadêmicos de forma rígida, com saúde equivalente ao correto e doença, ao errado. Os procedimentos na construção de estratégias envolveram outro modo de reflexão quanto à docência/supervisão, ampliação das investigações e de referências, atualização de leituras sensibilizando outras formas de aproximação com seus pacientes – durante o estágio –, visando maior sensibilização das atividades. Como decorrência das estratégias, constatarem-se implicações para os academicistas, pois esses passaram a verbalizar preocupação quanto ao fazer científico o qual estavam replicando em seus modos de vida e de seus pacientes. A naturalização simplista comumente destinada aos pacientes mostrou-se oportunidade para diálogo entre a Psicologia e a ética, ampliando possibilidades para intervenção conciliando diferentes campos de saber.

Palavras-chave: Ética, Formação em Psicologia, Fenomenologia, Possibilidades.



HISTÓRIAS DE ADOÇÃO TARDIA: UM OLHAR A PARTIR DA ANALÍTICA EXISTENCIAL HEIDEGGERIANA

Sayonara Oliveira Freitas
Symone Fernandes de Melo

A adoção estabelece o estado de filiação, decorrente de ato jurídico, o qual atribui à criança e aos pais os direitos e obrigações inerentes a tal condição, que é juridicamente irrevogável. Entretanto, na prática, há adoções que não se concretizam e a criança é devolvida à justiça no decorrer ou mesmo após o encerramento do processo judicial. Denomina-se adoção tardia a adoção de crianças com mais de dois anos. Tal processo ainda é permeado por estigmas e mitos e a devolução da criança à justiça é mais frequente nesses casos. A adoção tardia envolve um processo de construção de uma relação singular com uma criança cuja história pregressa é comumente marcada pelo rompimento da relação com a família de origem, por violação de direitos e, em alguns casos, pela experiência do acolhimento institucional. Nesta pesquisa, busca-se compreender a experiência de mães e filhos no processo de adoção tardia, de modo a obter subsídios à atenção psicológica nesse contexto. Trata-se de um estudo qualitativo, fenomenológico, com enfoque compreensivo. Os participantes foram duas mães e duas crianças que concretizaram uma adoção tardia há mais de dois anos. Os procedimentos de construção dos dados contemplaram entrevistas narrativas com as mães e encontros individuais com as crianças, nos quais foram utilizados recursos lúdicos como mediadores de expressão – desenhos livres, história infantil inconclusa e “Desenhos-Estórias com Tema” sobre adoção tardia. Os procedimentos foram audiogravados e transcritos. A análise dos dados foi feita a partir da hermenêutica heideggeriana. O processo de adoção tardia, perpassado por determinantes históricos, sociais e culturais e pela trama de significados que compõe a histórica singular de cada um dos envolvidos revelou-se, a partir das narrativas, extremamente complexo. A construção dos sentidos de parentalidade e filiação desenvolve-se, nas famílias do estudo, a partir das experiências do ser-com o outro, do cuidado e do habitar, em seus peculiares modos de expressão. A família de origem e a família adotiva confundem-se e diferenciam-se na experiência das crianças, principalmente pela existência de irmãos biológicos presentes nas vidas dessas. Os dados apontam para a importância da atenção psicológica ao núcleo familiar em processos de adoção tardia.

Palavras-chave: Adoção tardia, Criança, Mãe, Fenomenologia, Analítica Existencial.



O DESENHO INFANTIL COMO VERSÃO DE SENTIDO NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Sandra Souza
Tatiana da Silva Teixeira
Hammina Rebecca Siqueira Nunes

O serviço de Plantão Psicológico com crianças do Ensino Fundamental I trata-se de um atendimento clínico não tradicional sob o enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa. Objetiva propiciar um ambiente de crescimento e resolução de questões íntimas do aluno. A pesquisa se propôs a compreender o desenho infantil numa perspectiva fenomenológica de atuação clínica como uma Versão de Sentido do ocorrido nos atendimentos. Objetivos específicos: (1) Coletar o desenho de crianças na sessão de atendimento juntamente com a narrativa acerca de suas produções; (2) Analisar a descrição dos plantonistas de cada sessão, bem como sua Versão de Sentido (VS); e (3) Relacionar os desenhos, as descrições dos atendimentos e as VSs dos plantonistas, visando acessar o sentido de cada sessão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter fenomenológico, tendo como principal instrumento metodológico os desenhos das crianças atendidas no Plantão. A compreensão fenomenológica é a visada do pesquisador para o desenho sem os *a priori* teóricos, levando-se como fonte primeira de compreensão a narrativa da própria criança durante a feitura do desenho. Participaram 4 crianças, sendo duas do sexo masculino com idades entre 7 e 12 anos. Analisaram-se 22 desenhos. Cada criança teve 4 atendimentos, sendo uma com 3. Outros instrumentos fizeram parte do processo de compreensão dos desenhos, além da narrativa da própria criança: descrição dos atendimentos e VS dos plantonistas. Os resultados apontaram para o fato de que o desenho é um reflexo e presentificação do ocorrido nas sessões. Evidenciou o sentido da conexão estabelecida entre plantonista e cliente, expressando o sentimento de contentamento da criança de forma espontânea. Observou-se que, no ato de pintar, a emoção fluiu na direção do vivido da criança. Conclui-se que o desenho pode ser uma VS da criança sobre o que ela está vivenciando no encontro com o plantonista, o que vem a corroborar com o que Amatuzzi fala de que a VS pode ser um instrumento válido de pesquisa, uma vez que é uma reação viva ao encontro, e pode se expressar por diversos meios, incluindo o desenho. Sugerem-se novas pesquisas para ampliar a discussão do desenho enquanto Versão de Sentido.

Palavras-chave: Desenho infantil, Plantão psicológico, Pesquisa fenomenológica.



A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E A MONITORIA EM TEMPOS DE OCUP(AÇÃO)

Amanda Dias da Silva
Amanda Gabriela de Sá Ferraz Souza
Ana Priscila da Silva
Michelly Farias Rocha
Janne Freitas de Carvalho

A partir da iniciação à docência, na Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns –, em 2016, quatro discentes relataram suas experiências enquanto monitoras em período de ocupação. Optou-se por relatos de experiências como recurso metodológico, por meio de narrativas em diários de bordo como forma de registro e levantamento bibliográfico de caráter qualitativo exploratório. A monitoria aproxima as atividades de ensino, pesquisa e extensão, possibilita aprendizado significativo para a vida acadêmica de modo geral, além de despertar interesse pelas atividades de docência. Portanto, faz-se importante e necessária para o desenvolvimento de habilidades indispensáveis à boa formação discente. Destarte, a monitoria, ao aproximar teoria e prática na experiência do aluno, também possibilita vivência efetiva da ética profissional. Apoiar e participar do movimento de ocupação de escolas e universidades caracterizou-se como um importante campo para a promoção de diálogos e reflexões sobre os desdobramentos éticos e políticos necessários à formação discente e ao desenvolvimento da práxis profissional da Psicologia. O sentimento é de rompimento do vigente enfoque no conservadorismo, característico da formação tradicional e da identidade profissional na qual a Psicologia pautou-se no passado – por meio da reformulação do tecnicismo nas práticas psicológicas e da objetificação do outro, o que evidencia a técnica moderna no modo do ser de lidar com outros. Em ritmo crescente, observa-se como o homem contemporâneo faz uso dessa técnica e afasta-se de possíveis compreensões acerca de si e do mundo. Assim, outro modo de pensar a técnica, à luz da fenomenologia existencial, é compreendê-la como desvelamento; ou seja, é diante do contexto desvelado que a compreensão aproxima-se do sentido na pré-ocupação. Ao pré-ocupar-se, o homem coloca-se em um movimento de cuidado de si e do outro com quem habita o mundo. Durante o período da ocupação, ao lançarmo-nos a diversos modos de lidar com outros, com o mundo e enquanto ser-no-mundo, mostraram-se a nós possibilidades e significados outros enquanto seres éticos, políticos e de cuidado. Desse modo, podemos compreender que os caminhos da Psicologia na atualidade devem estar articulados às demandas que possam emergir, permitindo reflexões éticas e políticas sobre os modos de sermos psicólogos(as) em formação.

Palavras-chave: Formação, Ética, Política, Técnica.



RELATO DE EXPERIÊNCIA: A VIVÊNCIA DO ENCONTRO TERAPÊUTICO EM UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA

Alisson de Oliveira Santos
Ana Andréa Barbosa Maux

A constância da existência humana requer de nós uma mesma dinâmica para que se possa acompanhar e compreender os seus atos existenciais. A busca pelo atendimento psicológico e a disponibilidade ao encontro terapêutico colocam-se como expressões da existência, apresentando-se como movimento de aparecimento existencial. Conforme a literatura já aponta, o momento contemporâneo requer um novo enquadre da psicologia clínica, que considere o contexto de inserção de cada pessoa e suas relações e evite isolá-la subjetivamente. O presente relato de experiência está vinculado à atividade de estágio curricular desenvolvida em um serviço-escola de psicologia e objetiva apresentar reflexões de um terapeuta iniciante na experiência do encontro terapêutico. Este, compreendido como seara ímpar a ser experimentada em vista às necessidades contemporâneas de acolhimento e às demandas atuais que chegam aos consultórios psicológicos. A experiência do atendimento psicológico diz respeito ao encontro total entre duas existências. Percebemos que o encontro acontece antes mesmo do primeiro contato interpessoal. Ao estudante que vai realizar o atendimento, faz-se necessário incutir a faceta do acolhimento ao outro, a disposição em estar se preocupando com todas as orientações técnicas e, principalmente, pessoais – e isso nada mais é que uma forma de relacionar-se e estar com-o-outro que nos vem ao encontro antes mesmo de sua presença física. As experiências da existência estão em fluxo de velamento/desvelamento, tanto pelo terapeuta quanto por aquele que lhe vem ao encontro. Ao que busca atendimento, os termos cliente, paciente ou usuário não se adéquam pelo fato de não contemplarem a capacidade expressiva a qual se representa no ato de busca da clínica. Termos que o reduzem a mais um no serviço, desconsiderando toda a sua existência singular. Esse que nos chega não é paciente, pois assim implicaria carecer da atenção de um terapeuta que tem a cura. Não é cliente, porque não possui uma essência em busca de autorrealização. Não é usuário, pois o encontro não é assistência técnica para resolução de problemas. Propomos o termo vivente. Vivente de sua existência, que deseja partilhar e desvelar-se ao encontro. Estar disponível implica em acolher essa partilha e ser a clareira necessária para que o vivente reconheça-se como tal.

Palavras-chave: Fenomenologia existencial, Formação, Acolhimento, Existência.



SCRAPBOOK COM ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Manuella Bila de Melo
Clara Maria Melo dos Santos
Symone Fernandes de Melo

Como parte das atividades de um projeto de extensão da UFRN – inspirado no trabalho do Instituto Fazendo História (SP) –, foi realizada a construção de um scrapbook, sob a ótica da fenomenologia heideggeriana, com um adolescente de 17 anos de nome fictício Bruno. Na época, ele residia em uma Unidade de Acolhimento Institucional e, portador do vírus HIV, não estava em tratamento, praticava recorrentes evasões para utilizar psicotrópicos e não frequentava a escola. O scrapbook foi intermediado por uma graduanda de Psicologia e teve como objetivo ser uma ferramenta de empoderamento do adolescente como autor da sua própria história, compreendendo que, apesar das facticidades, ele é possuidor de escolhas; embasando-se no princípio fenomenológico de que, uma vez ser-com-o-outro, as relações estabelecidas desencadeiam o surgimento de novos sentidos, sempre na busca do que é próprio para cada sujeito. No decurso da elaboração do scrapbook e da relação estabelecida com a aluna colaboradora deste trabalho, percebeu-se uma significativa mudança no modo de ser-no-mundo de Bruno: as evasões cessaram e, conseqüentemente, o uso de drogas, além de ele ter começado o tratamento para HIV. Ademais, o scrapbook mostrou-se uma ferramenta mobilizadora do desenvolvimento cognitivo do adolescente, uma vez que, no início do processo, ele não estudava e apresentava déficit na leitura e escrita; depois, passou a interessar-se pelos estudos e a utilizar esse encontro semanal também como momento pedagógico. Quanto à aluna facilitadora, esse foi um espaço de cuidado, ora antepositivo, ora substitutivo. Desde o início, ela colocou-se aberta às necessidades que poderiam surgir do outro e enxergou o adolescente como um ser de possibilidades. Entretanto, precisou aprender a lidar com a angústia, colocando-se, por vezes, no ideal de controlar para que o outro não sofresse, fato esse que não é possível, em especial no ambiente de uma Unidade de Acolhimento. Apesar de o retorno do adolescente para a família ter acontecido bruscamente, impossibilitando a devolução do material produzido, os encontros apresentaram resultados instigantes. O avanço na leitura e escrita, associado à possibilidade de revisitar sua história de uma forma autoral, foi empoderador para Bruno, desvelando novas possibilidades e perspectivas em sua vida.

Palavras-chave: Scrapbook, Adolescente, Acolhimento Institucional, Fenomenologia, Heidegger.



PSICOTERAPIA ANCORADA NA ONTOLOGIA FUNDAMENTAL: UM ENSAIO METODOLÓGICO

Diogo Arnaldo Corrêa
Marlise Aparecida Bassani

A atuação do psicólogo clínico, por questões éticas, deve ser embasada teórico-metodologicamente e incluir supervisão e abertura para experienciar ele mesmo, como cliente, o processo psicoterapêutico. Ao focar a importância de o psicoterapeuta garantir a fundamentação teórico-metodológica correspondente à sua atuação quando baseada na hermenêutica, este ensaio tem como objetivo explicitar os desdobramentos da ontologia fundamental na sustentação da psicoterapia. Em sua obra *Ser e Tempo*, Heidegger expressa que o Dasein – como ser-no-mundo – está posto em liberdade para descobrir, a cada experiência, um mundo que lhe é próprio. Sendo no mundo, o Dasein está marcado por três componentes essenciais: a) situação original, que registra sua percepção como existente na facticidade e acena seu estar lançado no mundo; b) compreensão, que revela seu poder-ser inerente às possibilidades de realizar múltiplas interpretações do mundo, no qual está sempre diante de algo; e c) discursividade, que alude à linguagem como habitação do ser e da pessoa e assinala os significados que circunscrevem o Dasein em distintos modos de ser autênticos ou inautênticos. Esses aspectos, amparando o fazer psicoterapêutico encaminhado pela ontologia fundamental, embrenham os seguintes incrementos: a) a historicidade do cliente deve ser acolhida considerando-se sua situacionalidade original no mundo, que funda sua existência e registra o campo concreto da sua experiencialidade. Portanto, o psicoterapeuta, pelo diálogo, deve solicitar seu vivido enquanto marco fundante do ser; b) na facticidade que lhe é própria, o cliente procura sentido. Ao psicoterapeuta, cabe interrogar o cliente na relação e favorecer o encontro com seu devir dado no mundo, que lhe cobra uma interpretação; c) na alocação, o mundo é significado; do mesmo modo, o ser. O significado para o vivido é brotado na narrativa do cliente, que é ser-no-mundo. Desse modo, o terapeuta deve compreender que é o cliente quem tematiza as questões em cada encontro, sedimenta os significados para seu vivido e responde a si mesmo e aos questionamentos do sentido do seu ser. Portanto, a psicoterapia sustentada na ontologia fundamental solicita do clínico uma relação marcada pela abertura prévia na presença, no silêncio, na espera, na escuta e no cuidado. Financiamento CAPES.

Palavras-chave: Psicoterapia, Método clínico, Fenomenologia, Hermenêutica, Heidegger.



A HISTORIOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE DE METODOLOGIA DE PESQUISA

Janusy Mara de Alencar Almeida (Bolsista CAPES)

Simone Dalla Barba Walckoff

O problema da presente pesquisa pretendeu compreender a história de jovens com vivência de acolhimento institucional por meio da historiobiografia como metodologia de pesquisa, conforme proposta por Dulce Critelli e inspirada nas reflexões de Hannah Arendt. Nos objetivos específicos, cartografamos a organização como espaço de acolhimento institucional, tecemos a biografia com os jovens a partir de suas narrativas e compreendemos as histórias narradas à luz dos pressupostos arendtianos. Nesse modo de pesquisar, a história pessoal é contada e recontada pelos narradores/coautores, que articulam e costuram, conjuntamente com o pesquisador, os eventos da sua vida e dão-lhes sentido. Tal metodologia não considera a história humana como natural e dada a priori, e sim construída e situada no tempo/espaço. A história que constitui a historiobiografia é contada através da narrativa de quem a viveu, imprimindo-lhe o caráter de singularidade e pluralidade inerentes à existência humana. A história da história pessoal, embora possa parecer individual, é feita em coautoria. Conforme Arendt, quando iniciamos algo, somos os atores, porém o que começamos não temos o poder de controlar e prever. Quando agimos, somos os atores da nossa história, mas não os autores principais dela, uma vez que o mundo já existia antes da nossa chegada e continuará a existir após a nossa partida. Portanto, as histórias são, ao mesmo tempo, singulares e plurais. Nas narrativas dos jovens, podemos perceber que não se trata de esconder ou negar de onde vieram – sua origem –, mas sim de compreender a história a partir da sua experiência. A origem não como determinação, destino, mas de onde se parte na vida, aquilo que nos marca. Nós e os jovens temos percebido que isso foi possível porque a dinâmica institucional também lhes deixou marcas, porém de outro modo: por meio da dialogicidade, do acompanhamento constante, da insistência na permanência dos meninos no espaço, trazendo-os de volta quando se evadiam, da permissão do contato permanente com a natureza preservada, do investimento na presença da família na condição que ela podia estar.

Palavras-chave: Acolhimento institucional, Jovens, Historiobiografia.



A PRÁTICA DE SUPERVISÃO NA CLÍNICA COM BASES FENOMENOLÓGICAS – PARA ALÉM DO CASO CLÍNICO

Marcello Furst de Freitas Accetta
Camila Stefan de Andrade
Julia Novaes Silva

As psicoterapias de base fenomenológico-existencial, coerentes com seus fundamentos filosóficos, tendem, de um modo geral, a uma tentativa de suspender sistematizações teóricas e técnicas. A supervisão, neste contexto, longe de constituir-se de um caráter normativo, dedica-se a cuidar da relação psicoterápica, atenta ao sentido das experiências narradas e vividas, de modo que este cuidar possa se aproximar ao que o filósofo Heidegger descreve como sendo cuidado antepositivo-libertador. Apesar da produção sobre a clínica psicológica inspirada nas filosofias fenomenológicas e existenciais ter crescido no Brasil nos últimos anos, a discussão sobre a importância da supervisão clínica é escassa ou apresentada como parte somente da formação. Acreditando na necessidade da supervisão pós-formação e a entendendo como um espaço do cuidado antepositivo-libertador, como a forma de preocupação que trata do cuidado mesmo e não das ocupações, temos como objetivo confirmar que o processo de supervisão reflete uma prática clínica que não se baseia em técnicas e protocolos que tomem o sujeito a partir de pressupostos já estabelecidos, mas que o auxilia a tornar-se mais claro para si mesmo. Ao tratar dos efeitos de um processo de supervisão clínica através de revisão bibliográfica percebeu-se que o processo de supervisão na clínica com bases fenomenológicas escapa ao movimento descrito em outras produções sobre o tema, onde o espaço de supervisão se limita à discussão de casos clínicos ou à busca por respostas sobre o que fazer. Conclui-se que o processo de supervisão é de extrema importância para a atuação do profissional em psicologia e que seu desenvolvimento de forma constante e assídua promove efeitos psicoterapêuticos que afetam não somente o desempenho da profissão, mas as diversas relações que o profissional submetido ao processo de supervisão experimenta. O processo de supervisão evidencia a pluralidade de processos que conectam cada ser-aí, descerrando o mundo e a diversidade de modos de ser dos entes, e, mais do que acompanhar o caminho que se abre, e mais do que se chegar a uma conclusão, desvela sentidos e abre possibilidades.

Palavras-chave: Supervisão, Fenomenologia, Psicologia clínica, Cuidado, Formação.



O DESPERTAR DE UM GRUPO DE PESQUISA EM *DASEINSANALYSE*: ESTUDOS E REFLEXÕES DE “CONVERSA SOBRE TERAPIA”, DE BILÊ TATIT SAPIENZA

Ágnes Cristina da Silva Pala
Tamiris de Abreu Fonseca
Stephany Cecília da Rocha
Raquel Passeri de Aguiar
Solange dos Santos Lima

Este Relato traz a experiência de alunos do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) – Campus Niterói, ao participarem da criação de um grupo de pesquisa sobre Fenomenologia e *Daseinsanalyse*. Em 2016, foi realizada a Iniciação Científica “Reflexões teóricas sobre a prática psicoterápica segundo a abordagem fenomenológica-existencial”, vinculada à linha de pesquisa “Intervenções Clínicas: Psicologia Fenomenológica-Existencial” sob coordenação da Psicóloga e Profa Ms. Ágnes Cristina da Silva Pala. A proposta desta Iniciação foi o estudo e a apresentação das obras de Bilê Tatit Sapienza – *Conversa sobre terapia; Do desabrigo à confiança* –. Para este Relato, apresentar-se-á as reflexões de “Conversa sobre terapia”, tendo sido utilizada a metodologia de pesquisa exploratória, com tratamento dos dados qualitativos, através de pesquisa bibliográfica da referida obra. O livro foi dividido em temas para apresentação dos alunos em grupo. À cada apresentação, ocorria uma interlocução com os participantes, onde todos ‘conversavam sobre terapia’. O livro era estudado e, também, “reescrito” através do diálogo sobre psicoterapia. Através das apresentações, os alunos percebiam a importância de um espaço de estudo e pesquisa sobre a clínica fenomenológica, além de desmistificarem a complexidade de participação em uma Iniciação Científica. Os alunos expuseram receios e dúvidas em relação à *Daseinsanalyse* não possuir técnica mas, ‘somente’ um embasamento filosófico/teórico que orientará a prática clínica na compreensão da Existência humana. Os participantes foram compreendendo a simplicidade da prática clínica em *Daseinsanalyse*. Simplicidade em estar aberto para a percepção do fenômeno-cliente que se apresenta e desvela a cada sessão, sem técnicas pré-estabelecidas; apenas os árduos exercícios de suspensão dos juízos e da observância do fenômeno que se apresenta no *setting* terapêutico. O espaço da Iniciação Científica transformou-se numa grande conversa com um tema e inúmeros afetos, além de enfatizar a importância da supervisão e da terapia individual para os estudantes e os profissionais e; a orientação ética nos preceitos das Resoluções do Conselho Federal de Psicologia. Os alunos, ao encerrarem as apresentações do livro, puderam constatar o quanto suas visões de prática clínica haviam modificado, além da importância de um espaço de estudo e pesquisa em *Daseinsanalyse*.

Palavras-chave: Fenomenologia; Iniciação Científica; Psicologia; Psicoterapia; *Daseinsanalyse*.



E A PSICOLOGIA CHEGA À COMUNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PRÁTICAFORMATIVA POR MEIO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Daniela Ribeiro Barros

A formação em Psicologia é tema de muitas discussões no cenário nacional e internacional, entre as quais se destaca a relevância dessa profissão para dar suporte às demandas atuais. Para tanto, independentemente da abordagem teórica utilizada, é necessário formar profissionais sensíveis à compreensão do outro. Neste trabalho, apontam-se, como contribuição à temática, os pressupostos teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa, principalmente a compreensão empática e as demais atitudes facilitadoras. Ancorando-se em tal teoria, este trabalho surgiu da necessidade de se desenvolver a escuta clínica em acadêmicos de Psicologia em espaços alternativos ao consultório. Operacionalizou-se a partir do componente curricular Aconselhamento Psicológico, ofertado no 7º período do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Patos (FIP) – na Paraíba –, disciplina a qual tem como objetivo ampliar as possibilidades de atendimento psicológico para setores da comunidade frequentemente não contemplados com a práxis psicológica, assim como desenvolver a escuta clínica sensível e ética nos participantes. Este estudo desenvolveu-se em Patos (PB), além de cidades circunvizinhas, e contou com a participação de acadêmicos de Psicologia das FIP. Foram realizados plantões psicológicos em diversos locais da comunidade, como o Depósito de Lixo da cidade, a Operação Resgate, uma Unidade Básica de Saúde, um Centro Comunitário, uma Associação de Trabalhadores Rurais, entre outros. Os plantões foram desenvolvidos semanalmente, no período de um mês, em três semestres consecutivos. As etapas de execução do projeto foram: formação teórica dos alunos, contato com os locais para desenvolvimento do Plantão Psicológico, elaboração de cartazes para divulgação do Plantão, realização dos atendimentos e supervisão semanal. As principais demandas eram partilhadas em grupo, ora com resistência, ora com fluidez, o que possibilitou observar e refletir sobre o olhar empático do acadêmico para cada atendimento, suas principais dúvidas, intervenções, bem como os sentimentos surgidos durante o encontro com o cliente. Nesse direcionamento, o presente estudo cooperou com a ampliação da formação em Psicologia, além de oportunizar aos acadêmicos um espaço de acolhimento ao outro para além do estágio supervisionado específico ofertado no último ano do curso. Tornou-se relevante, ainda, ao permitir a inserção da Psicologia em locais onde dificilmente esse serviço seria ofertado.

Palavras-chave: Formação em Psicologia, Plantão Psicológico, Comunidade, Escuta Qualificada, Abordagem Centrada na Pessoa.



O CARÁTER PROCESSUAL DA EXPERIÊNCIA DE SER PSICÓLOGO HOSPITALAR

Thaís de Castro Gazotti
Mharianni Ciarlini de Souza Bezerra
Vera Engler Cury

Este trabalho trata de uma temática relacionada à formação e à atuação do psicólogo no ambiente hospitalar, partindo de reflexões oriundas dos processos vividos pelas autoras durante a realização da pesquisa de mestrado de cada uma. Ao discutirem sobre elementos vivenciais próprios à experiência de psicólogos em cursos de residência multiprofissional em redes de atenção à saúde e de psicólogos que atuam como membros de equipes multidisciplinares em hospital, o caráter compreensivo de seus estudos possibilitou reflexões em torno dos elementos significativos encontrados. Levantaram tais questionamentos: a subjetividade do psicólogo e da equipe com a qual atua deve ser considerada para o desenvolvimento da atenção psicológica em ambiente hospitalar? O psicólogo que atua no hospital tem assumido como prioridade a preocupação difundida no Sistema Único de Saúde brasileiro em torno da atenção integral ao paciente, por parte de uma equipe multidisciplinar? Faz parte do papel do coletivo multiprofissional e da instituição sustentar e cuidar da individualidade do psicólogo para que a atenção psicológica seja desenvolvida de modo eficiente? Desse modo, o presente trabalho objetiva refletir sobre a atenção psicológica em instituição hospitalar, considerando o caráter processual da experiência de ser psicólogo nesse contexto como um modo de apropriação da formação profissional vivida desde a graduação e de aspectos inerentes à atuação nessa modalidade de instituição no Brasil. Embasadas em uma atitude compreensiva fundamentada no método fenomenológico husserliano, as autoras destacam o caráter processual da experiência de ser psicólogo hospitalar enquanto um conjunto de vivências muitas vezes dicotômicas que se desdobram frente à intencionalidade de acolher e cuidar da pessoa humana que necessita ou busca a atenção hospitalar. Nesse âmbito, elementos da vivência pessoal do psicólogo, tais como autonomia, liberdade e busca por segurança, podem ser abalados diante do relacionamento com a equipe multidisciplinar, de burocracias institucionalizadas e da necessidade de cuidado emocional para si mesmo. A atenção integral pode ser, portanto, considerada um norte importante para a implementação da atenção psicológica que privilegie campos interdisciplinares.

Palavras-chave: Vivências de psicólogos, Fenomenologia, Atenção à saúde, Interdisciplinaridade.



O ABSURDO EM ÁLVARO DE CAMPOS

Maianna Costa Fernandes
Ana Gélica Alves Gomes

A pós-modernidade é marcada pela fragmentação das certezas e sobre ela paira a sombra do pessimismo. Nesse contexto, o homem vê-se destituído de ilusões otimistas e chega à constatação do Absurdo – estado de vazio na alma “em que o coração procura em vão o elo que lhe falta”. Segundo a Filosofia do Absurdo de Albert Camus, o homem tenta humanizar o mundo no intuito de compreendê-lo. Mas, ao despertar e perceber a desumanidade que há nele, o sujeito é tomado por angústia e sentimento do absurdo. Essa é a angústia sentida por Álvaro de Campos – heterônimo de Fernando Pessoa – no poema *Esta Velha Angústia*. Para o sujeito poético, a angústia consome a sua alma há tempos. Por não mais comportá-la, ele exterioriza-a por meio de um estado de introspecção e ambivalência entre a lucidez e a loucura. Percebe-se indiferente às pessoas e às situações, mas não consegue sair da passividade por estar dominado pelo estado de desânimo e desalento. O indivíduo vê a sua vida maquinal do cotidiano sendo inundada por perguntas e pela tomada de consciência do mundo e, a partir disso, começa a perder o total interesse pelos atrativos da vida. Passa então a confortar o passado com o presente, uma vez que sua infância é tida como lugar em que era capaz de compreender o seu “eu”, enquanto o presente é marcado pelo estado de loucura e tempo de alienação. A sua consciência domina-o e faz sofrer; desse modo, o sujeito tenta sanar seu desespero por meio de fuga através de ilusões metafísicas, como a religião – que consistiria uma forma de libertação desse sofrimento. Mas logo percebe que esse desejo não é alcançável, uma vez que a crença é toldada pela presença constante da lucidez e razão, que logo são seguidas pelos sentimentos de inutilidade e vazio.

Palavras-chave: Absurdo, Angústia, Camus, Álvaro Campos.



O TEMPO VIVIDO NA OBRA *MRS. DALLOWAY*: UMA DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICA

Camila Souza
Virginia Moreira

O romance *Mrs. Dalloway* foi publicado originalmente em meados dos anos 1920 pela renomada escritora inglesa Virginia Woolf (1882 – 1941) e é reconhecido, por muitos críticos literários, como a sua principal obra publicada. *Mrs. Dalloway* representa um marco na literatura universal e na narrativa ocidental, juntamente com *Ulisses* de James Joyce. Essas obras inserem uma nova forma estilística de descrever os romances por meio do discurso indireto livre, ou seja, das falas e dos pensamentos dos personagens integrados diretamente com o discurso do narrador. Fenômeno esse relevante devido à história de *Mrs. Dalloway* passar-se em um único dia da vida da protagonista. O que poderia tornar esse romance tão importante em face de um roteiro minimalista? A resposta é revelada através do brilhantismo de Woolf ao descrever esse único dia por meio do fluxo de consciência dos personagens, no qual são captados os ínfimos detalhes do que eles experienciam. Dentre os fenômenos vividos, o romance é atravessado pela temática do Tempo, no qual o narrador mescla os elementos de passado, presente e futuro em uma teia indissolúvel e indivisível. O objetivo deste trabalho é discutir a vivência do tempo na obra *Mrs. Dalloway*, pautado em uma discussão fenomenológica. Para isso, utilizamos como método a revisão da literatura de autores que contribuíram para o desenvolvimento da temática do tempo vivido na Fenomenologia. Inicialmente, encontramos o tempo objetivo representado pelo soar do relógio (Big Bang), cuja função é organizar objetivamente a vivência concreta da rotina dos personagens em um dia comum, quase enfadonho e onde aparentemente pouco acontece. Em seguida, percebemos que as ações externas do enredo possuem pouca relevância. O tempo vivido dos personagens é intenso. Eles distanciam-se do tempo cronológico e mergulham num turbilhão de vivências, nas quais presente, passado e futuro misturam-se e constituem-se mutuamente. Concluímos que as descrições elaboradas por Virginia Woolf possibilitam uma aproximação à vivência do tempo, a qual atravessa a totalidade da dimensão do ser. É no fluxo do tempo que se dão os significados das experiências na história dos personagens no seu contato ambíguo com o mundo.

Palavras-chave: Fenomenologia, Tempo vivido, *Mrs. Dalloway*, Virginia Woolf.



O HABITAR COMO EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL DO SER

Lívia Maria Guedes de Lima Andrade
Amilton Carlos Camargo

Este trabalho descreve a pesquisa acadêmica que foi realizada como trabalho conclusivo do curso de Psicologia na Universidade Ceuma, a partir da implicação pessoal da pesquisadora, arquiteta e psicóloga em formação. Em busca de uma pesquisa e um discurso possível entre a Arquitetura e a Psicologia, encontramos uma linha tênue que aproxima as duas profissões dentro do mais íntimo do homem: o seu habitar. Não nos esgotando nesse propósito, foi discutido, em uma perspectiva fenomenológico-existencial, conceitos como espacialidade, corporeidade e o habitar – sempre em diálogo com as possibilidades da existência dentro dos lugares da Arquitetura e como essa relação constitui e contorna o homem em sua linguagem, sua expressão e seu desenvolvimento. A espacialidade do corpo apresenta-nos a relação contínua do homem dentro do mundo vivido e a imbricação perceptível nos argumentos trabalhados neste trabalho. Com um mergulho em autores clássicos das duas áreas e autores contemporâneos que convergem para o objetivo deste trabalho, tentamos construir como método uma proposta a qual explorasse a fluidez dos conteúdos e as relações humanas. Pretendemos mostrar que a relação construída com os espaços funda e expressa nossa forma de habitar o mundo, além de que a existência humana e os espaços arquitetônicos são próximos e estabelecem relações consigo mesmo, com os outros e com as coisas do mundo, dada pela relação ser-no-mundo. A abertura de diálogo entre Arquitetura e Psicologia, dentro da perspectiva fenomenológica, conduz-nos a produzir interpretações; incorporando significados que confluem e proporcionam a visualização dos espaços como extensões de um corpo o qual nasce habitando-se e, quando transborda, ocupa coisas e lugares, captando e fornecendo sentidos e histórias singulares. A existência do homem amplia-se para muito mais que apenas um mundo interno ao corpo que ele habita: invade o mundo dos outros, com seus gestos, sua fala, seus olhares, todas as produções artísticas; e tanto mais coisas que preenchem, não só a arquitetura, mas as engenharias, a medicina, o design, a literatura, o direito e tantos outros campos do saber.

Palavras-chave: Psicologia, Fenomenologia, Arquitetura, Habitar.



A INFLUÊNCIA DA FENOMENOLOGIA NA PRÁTICA CLÍNICA GESTÁLTICA

Edna Correia da Silva Luciano de Oliveira
Ciro de Almeida Sampaio
Lillian Argolo Amaral
Milena da Silva Vieira
Tiara Andrade e Ferreira

A proposta desse estudo é apresentar a Gestal-Terapia como abordagem de atuação em psicologia clínica e sua relação com a Fenomenologia, que pode ser considerada um suporte teórico e prático. O pensamento de autores fenomenológicos como Edmund Husserl, que propunha a valorização da descrição ao invés da busca pela explicação dos fenômenos e sublinhava o aspecto da intencionalidade na relação entre o sujeito e o objeto, colaboraram com a construção da abordagem em tela. O método fenomenológico proposto por Husserl considerava que o conhecimento era possível através da experiência. Ao observar uma situação, o autor propõe que deixemos de lado conhecimentos prévios e olhemos para o fenômeno tal qual ele se apresenta. No tocante à intencionalidade, considera-se o mundo como um fenômeno que revela seu sentido pela vivência de quem o percebe. Somos nós que damos sentido ao percebido e esse perceber ocorre de forma processual, permanecendo, de certa forma, inacabado, possibilitando uma nova análise da consciência e compreensão, uma nova leitura fenomenológica a partir do fenômeno revelado inicialmente. Na prática clínica em Gestalt-Terapia, a Fenomenologia emerge como uma possibilidade metodológica para a atuação na clínica. Essa abordagem, em consonância com o pensamento fenomenológico, propõe a prevalência do “como” (processo) sobre o “porquê” (causa), a importância da vivência no aqui e agora e compreensão da percepção de mundo dominada por fatores subjetivos; assim, cada indivíduo tem seu modo de ver e sentir. Podemos definir a Gestalt-Terapia como uma abordagem fenomenológica clínica, centrada na descrição subjetiva do que é trazido pelo cliente em cada caso particular e na tomada de consciência “intersubjetiva” que está acontecendo no contato entre o cliente e o terapeuta. Não há como separar o fenômeno do ser que busca conhecê-lo nem como concebê-los. Dessa maneira, o olhar fenomenológico agrega valor à nossa prática clínica, ampliando as possibilidades de intervenções.

Palavras-chave: Fenomenologia, Gestalt-Terapia, Método fenomenológico.



A NÃO ESCUTA NA OBRA THIRTEEN REASONS WHY

Fátima de Menezes Dantas

De tempos em tempos, a temática do suicídio recebe maior atenção por parte da sociedade, notadamente quando é destacada pela mídia ou pela arte. Com a repercussão nacional da série *Thirteen Reasons Why*, criada pela Netflix e baseada no livro homônimo de Jay Asher, torna-se oportuno tecer algumas reflexões sobre a questão. Para tanto, tomamos como referencial teórico a fenomenologia hermenêutica heideggeriana, a fim de discutir os conceitos de ser-aí, ser-no-mundo, ser-para-morte, impessoalidade e escuta clínica a partir da obra em análise. Com isso, objetivamos favorecer a interdisciplinaridade, bem como evidenciar a não escuta como uma constante ao longo dos treze episódios que compõem a narrativa. O número de episódios alude ao fato de a protagonista, Hannah Baker, ter elencado treze motivos para escolher a morte como alternativa para lidar com a angústia vivida. Enquanto acompanhamos o desvelar da história de Hannah, não apenas compreendemos melhor seu sofrimento, mas também nos deparamos com a dor experienciada por outros adolescentes. Esses jovens, apontados pela protagonista como responsáveis pelo suicídio, ora contribuem para a personagem cair na impessoalidade, ora estão às voltas com suas próprias crises existenciais – de modo que a divisão entre culpados e vítimas já não parece tão nítida. Na verdade, confrontados com a angústia inerente à condição humana, todos esses adolescentes nem sempre encontram no outro – seja ele um familiar, amigo ou professor – o acolhimento de que necessitam. O maior exemplo disso pode ser percebido quando Hannah, em intenso sofrimento psíquico, recorre ao conselheiro escolar com um pedido de ajuda e não é escutada. A partir de tais considerações, é visível a função da arte como facilitadora de questionamentos e debates, alguns dos quais tão caros à Psicologia. Por isso, optamos por esse recurso como ponto de partida para a discussão. No que tange ao fazer do psicólogo, cabe atentarmos para a importância de uma atitude compreensiva perante as demandas trazidas, no intuito de oferecer uma verdadeira escuta clínica a despeito do contexto de atuação e auxiliar o cliente a encontrar formas mais próprias de ser-no-mundo. Afinal, desejamos que o ser-aí possa tornar-se cada vez mais ele mesmo.

Palavras-chave: Fenomenologia hermenêutica; Suicídio; Escuta clínica.



O CAMINHO FENOMENOLÓGICO DA HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE NO JOVEM HEIDEGGER (1919-1923)

Flávia Neves Ferreira

Em Freiburg, no período pós-Guerra, Martin Heidegger esforça-se para erigir seu próprio caminho filosófico, colocando em sua discussão central a vida fática. O que nos interessa do projeto filosófico inicial de Heidegger é a continuidade do método fenomenológico – herdado de Husserl –, que Heidegger desdobra para a experiência fática da vida e insere o elemento hermenêutico. O objetivo geral consiste em analisar a constituição do método fenomenológico, em seu caráter hermenêutico, nos anos juvenis de Heidegger. A fim de alcançar o objetivo proposto, realizaremos um percurso analítico-descritivo: um corte sincrônico das preleções heideggerianas corresponde aos anos 1919-1923, atrelado à literatura secundária relacionada ao objeto deste estudo. Partindo da experiência da vida fática, Heidegger trabalha em uma concepção própria de fenomenologia e faz uma distinção entre sua fenomenologia e a de Husserl. Assim, a interpretação fenomenológica, em Heidegger, conduz a uma importante visão hermenêutica da vida enquanto tal. Nessa perspectiva ocorre a constituição do projeto da hermenêutica da facticidade, que, posteriormente, transpõe a fenomenologia hermenêutica do ser-aí e – nessa medida – a constituição da ontologia fundamental. O que se pode constatar é que a fenomenologia é importante para Heidegger justamente porque propicia conhecer o ser-aí enquanto ser-aí. Ela é um método pertinente para se ter acesso ao Dasein em sua vida fática. Verificamos, portanto, que o ponto de partida de toda investigação fenomenológica e da própria filosofia, segundo o jovem Heidegger, deve ser a vida fática. Nesse sentido, a indicação formal aparece como um caminho para tratar a questão do ser do ser-aí em seu horizonte fático. A hermenêutica da facticidade é a autocompreensão de ser-aí na sua própria forma de ser, ou seja, na existência. Além disso, pensar o que a fenomenologia é para Heidegger implica tomar uma postura ontológica diante dos fenômenos na sua concretude e facticidade que se capta na existência, na relação entre ser e mundo, na qual o ser do ser-aí é um estar-no-mundo.

Palavras-chave: Fenomenologia, Hermenêutica, Vida Fática, Martin Heidegger.



ACESSANDO O VIVIDO NO PROCESSO GRUPAL DE PESSOAS QUE PENSARAM OU TENTARAM SUICÍDIO

Arethusa Eire Moreira de Farias
Sandra Souza

O suicídio é um comportamento consciente e intencional, cuja primeira tentativa é fator de risco para outra. A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) propõe uma Classificação de Risco de Suicídio em Alto, Médio e Baixo e indica estratégias terapêuticas diferenciadas para cada nível. Também sugere o trabalho com grupos terapêuticos com pessoas em risco de suicídio. O presente trabalho tem como objetivo descrever o processo grupal de pessoas em risco de suicídio com fundamentos na Psicologia Fenomenológica e Existencial com ênfase na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e na Gestalt-terapia. Para a formação do grupo, fizemos uma divulgação, seguida de triagem com levantamento dos dados sociodemográficos e avaliação de risco de suicídio em uma clínica escola de psicologia de uma universidade pública. Foram selecionadas 17 pessoas, 9 em Risco Médio e 8 em Risco Alto, divididas em dois grupos com encontros quinzenais cada um, alternados com sessões individuais. Cada grupo era facilitado por três estagiários e a supervisora de estágio da Clínica Escola. Para este trabalho, estão descritos os resultados do grupo de dez, com um total de treze sessões. A pesquisa é qualitativa fenomenológica. O acesso à experiência foi feito por meio da Versão de Sentido (VS), tendo como pergunta estímulo: “que sentido teve este encontro para mim?”. A análise foi feita por meio de Redes de Significação a partir das Asserções Articuladas das VS. Percebemos – inicialmente – uma relação rígida e distanciada entre os participantes na primeira sessão, o que sugeriu resistência na expressão individual, seguida de um movimento que se direcionava cada vez mais para a maior fluidez do Eu para com o grupo. A partir da quinta sessão, percebemos um movimento de mudança do Eu integrado ao movimento do grupo, seguindo até a última sessão, em que essa relação mostrou-se mais consolidada. Esse movimento foi percebido a partir dos Núcleos de Significação de cada sessão. Verificamos que os participantes estiveram mais disponíveis para repensar o suicídio, ampliar o autoconceito e ressignificar conflitos emocionais. Ao final do grupo, verificamos vínculos de amizade entre os membros que se mostraram gratos pelo espaço grupal do cuidar.

Palavras-chave: Suicídio, Psicoterapia de grupo, Psicologia Fenomenológica e Existencial.



CIÊNCIA EXISTENCIAL COMO PSICOLOGIA DA POSSIBILIDADE

Myriam Moreira Protasio

Este trabalho quer defender a possibilidade de uma ciência existencial a qual se inspire no pensamento de Kierkegaard. Para isso, busca rever algumas de suas obras, nas quais aparecem considerações acerca da psicologia e de ciência existencial. O pseudônimo Vigilius Haufniensis, na introdução de *Conceito de Angústia*, coloca em questão as ciências em seus modos de interpretar um fenômeno, apontando para o encurtamento operado pelas investigações que partem de um posicionamento teórico apriorístico e resguardando a angústia como espaço próprio para uma psicologia. Em seus diários, Kierkegaard critica as ciências que se constituem sobre hipóteses e propõe a Ciência Existencial como um inter-esse entre pensamento e ser, pois, ele diz, para o indivíduo sua existência é de máximo interesse. Ao pensar outro modo de interpretar os fenômenos e de se fazer ciência, ele não está rejeitando o pensamento objetivo ou sistemático, mas defendendo que a relação entre pensamento e ser aparece como de suma importância não no sistema, mas na vida mesma – na existência compreendida como o momento de tensão entre possibilidade e realidade. O fundamento dessa ciência é vida (psiqué), tensão entre contingente e transcendente que se materializa singularmente como palavra, ação (logos), campo de inquietação o qual se traduz, em Kierkegaard, por angústia, desespero, preocupação, inter-esse. Concluímos que a ciência sugerida por Kierkegaard não obedeceria aos critérios de certeza absoluta, de sistematicidade ou de probabilidade, mas se organizaria como uma comunicação entre homens e teria como pano de fundo a condição essencial da existência como possibilidade para a possibilidade. O que estaria em questão, então, seria a relação do indivíduo com sua existência, com sua verdade e a força que pode advir dessa relação. Essa ciência não seria descritiva de comportamentos ou construtora de explicações abstratas para esse mesmo comportamento, mas se constituiria como uma psicologia da possibilidade. Como diz Ana Maria Feijoo, tal psicologia prescinde do intrapsíquico, do objetivo e do empírico; constitui-se como um exercício de saber-fazer ao postar-se à margem da relação e cuidar ao modo de acompanhar, participar e esperar pacientemente pela reunião transformadora daquilo que aparece, inicialmente, desunido e sem saída.

Palavras-chave: Psicologia Existencial, Psicologia da Possibilidade, Clínica, Sören Kierkegaard.



ESTUDOS ATUAIS SOBRE O SUICÍDIO INFANTO-JUVENIL

Elaine Lopez Feijoo

A filosofia da liberdade de Sartre é fenomenológica, tematiza o ‘homem-no-mundo’; o ser humano *consciente* de seu ser é o princípio fundante do existencialismo, ser-homem é *ser consciência de ponta a ponta*. E é desse princípio que decorre todas as peculiaridades do ‘existencialismo ateu’, sobretudo a ‘liberdade humana absoluta’. Ora, como afirmar a liberdade e desviar-se do espinhoso assunto do inconsciente? A filosofia de Sartre é levada imediatamente a Freud, no intuito de mostrar as incongruências de ‘todo’ *possível humano inconsciente*. Mas, para Sartre, ser homem é *ser projeto*, que ele mesmo elege e traz ao mundo, e mesmo esse projeto de ser é *eleito livremente*, ou seja, para a filosofia da liberdade toda *causa* ou *razão* para além da consciência torna-se indesejável, e tudo o que tende a limitar a liberdade deverá ser combatido. É assim que se pode entender sua crítica à religião, ao marxismo, ao estruturalismo, ao capitalismo, à sociologia... à psicanálise e à psicologia em geral. Curiosamente, as críticas de Sartre a Freud se limitam a negar que possa haver qualquer instância – sobretudo *eletiva* – para além da consciência; afora isso, Sartre dirige rasgados elogios ao método psicanalítico e, por fim, propõe ele mesmo a criação de uma ‘Psicanálise existencial’ que em nada difere metodologicamente daquela freudiana; mas mantém uma diferença irreconciliável: para Sartre não pode haver escolha inconsciente, donde toda e qualquer eleição exija a *liberdade* para vir ao mundo; todos os casos em contrário serão considerados atos de ‘má-fé’. A psicanálise existencial não visa uma *determinação inconsciente* que será desvendada a partir de dicas apresentadas no discurso do paciente; ela parte do presente, daquilo que cada analisado *escolhe presentemente*, ou seja, o que é almejado é a *escolha original* que se realiza *atual e conscientemente*. Isso porque, conforme revela a ontologia fenomenológica, apenas a liberdade poderá estar no princípio do agir: não se trata de inconsciente como pensara Freud, mas de ‘Escolha Original’; esta alternativa *libertária* ao inconsciente é o tema dessa comunicação.

Palavras-chave: Suicídio, Infância, Adolescência.



A PESQUISA INTERVENTIVA E DE BASE FENOMENOLÓGICA: ESTREITANDO O DIÁLOGO ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

Luciana Szymanski
Alexandre Fausto
Ana Luiza Telles
Juliana Somekh
Felipe Fachim

Esta comunicação visa apresentar um projeto de investigação e inserção comunitária que o grupo Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional na Escola, Família e Comunidade (Ecofam) – do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP – realiza em parceria com equipamentos de educação formal e não formal. O projeto amplo abriga um conjunto de pesquisadores de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado e realiza parceria com equipamentos de educação formal e não formal. Tem, como objetivos, a investigação dos cenários habitados por crianças, adolescentes e seus cuidadores; além do aprimoramento de práticas psicoeducativas pautadas no diálogo e o investimento na formação de pesquisadores implicados com o tema psicologia e educação, com a pesquisa interventiva, com a educação pública e com o método fenomenológico. É, portanto, multitemático, como o é a vida institucional e o contexto da educação. O projeto e cada uma das pesquisas que o compõem fundamentam-se na abordagem fenomenológica em seus múltiplos desdobramentos, especialmente na noção heideggeriana de sentido, além de trabalhar com aspectos do pensamento de Paulo Freire e com aportes das reflexões de Gadamer no que diz respeito à noção de diálogo – entendido como troca e novidade na experiência de mundo. O grupo tem questionado a noção “desenvolvimento humano”, desnaturalizando a ideia de que o termo, conforme aparece nas discussões curriculares da psicologia e pedagogia, designa progressão/amadurecimento. Na crítica à ideia etapista de desenvolvimento que atravessa as discussões sobre crianças e adolescentes, o projeto amplo pergunta – e tenta responder – sobre aquilo que fundamenta a visão cronológica da criança e adolescente e o que essa visão produz como desdobramento nos discursos/currículos acadêmicos. Como resultados, além de ter fortalecido diversas parcerias institucionais, aproximando a Universidade da Comunidade, o projeto abriu espaço para discussões pontuais e importantes nas interfaces entre psicologia e educação que ocorrem agora sistematicamente no território, tais como: desenvolvimento humano, gênero e raça, o corpo na escola, o sentido da literatura para a primeira infância, entre outras; a partir do recorte fenomenológico, que sistematicamente desconstrói uma visão dicotômica e determinista, presente nos equipamentos de educação e na pesquisa acadêmica de forma mais ampla.

Palavras-chave: Fenomenologia, Educação, Pesquisa-intervenção, Infância, Adolescência.



A EXPERIÊNCIA DO PRIMEIRO CONTATO COM A PRÁTICA PSICOLÓGICA: ATENÇÃO E CUIDADO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Marinna Rezende de Lucena Marinho
Manuella Bila de Melo
Juliana de Oliveira Silveira
Symone Fernandes de Melo
Clara Maria Melo dos Santos

Este trabalho aborda o nosso primeiro contato, como graduandas em Psicologia, com a prática clínica, no âmbito de um projeto de extensão universitária desenvolvido na perspectiva fenomenológica heideggeriana. O projeto consiste em oferecer atenção psicológica clínica a crianças e adolescentes que estão sob medida protetiva de acolhimento institucional, a partir da produção de scrapbooks autobiográficos e atendimento psicoterápico. Inicialmente, facilitamos o processo de construção de scrapbook, com registros de fragmentos de uma história de vida e, posteriormente, começamos a prática como psicoterapeutas. De início, em ambos, deparamo-nos com expectativa e incerteza diante do desconhecido. A experiência, porém, proporciona o exercício de uma postura serena, dado que recuperamos o pensamento meditativo de espera do que vem ao nosso encontro e nos tornamos disponíveis e abertas às demandas do outro. Cientes dos estigmas e preconceitos que permeiam a população-alvo da intervenção, somos desafiadas ao exercício da suspensão fenomenológica. Embora já saibamos um pouco da história desses jovens, a partir do relato dos profissionais da Unidade de Acolhimento, precisamos estar disponíveis para uma escuta atenta e livre de pré-concepções; considerar as perspectivas e os sentidos que esses indivíduos atribuem às suas histórias e, assim, facilitar a emergência de uma apropriação reflexiva ante o vivido. O fato de termos de antemão algumas propostas de temas a serem construídos como páginas para o scrapbook serve como uma possível direção para a condução da atividade, além de ajudar-nos a amenizar as inseguranças experimentadas nos primeiros encontros com as crianças e adolescentes. Passar por essa atividade – que, apesar de “terapeutizante”, não constitui ainda um processo terapêutico – contribui para que enfrentemos com mais tranquilidade os desafios que encontraremos no atendimento psicoterápico, o qual será conduzido a partir do que vem do outro e da relação estabelecida. O confronto com histórias de violações de direitos mobiliza-nos, desvelando a disposição afetiva da angústia. As supervisões semanais constituem um espaço potente, no qual, além de narrar o vivido e tirar nossas dúvidas, também podemos compartilhar as afetações diante do que chega até nós. Em suma, a participação no projeto constitui uma experiência edificadora e formativa como iniciação à prática psicológica clínica.

Palavras-chave: Prática psicológica, Fenomenologia heideggeriana, Ludoterapia, Scrapbook.



A INCLUSÃO PELOS OLHOS DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Alyne Mayara Silva de Moraes
Ana Andréa Barbosa Maux
Alisson de Oliveira Santos

A deficiência é vista como uma característica de desigualdade dentro da sociedade, a partir de um conceito de normalidade socialmente estabelecido, o que impede a possibilidade de um espaço de expressão existencial desses sujeitos. No ambiente escolar, os estudantes deficientes são denominados inclusivos e costumam ser vistos como um problema dentro da instituição, por não estarem dentro da padronização estabelecida. Esses padrões impostos tornam tais alunos invisíveis. São excluídos por todos na escola, do estudante até a equipe pedagógica, desconsiderando-se todas as suas expressões existenciais. A fenomenologia visa entender o homem a partir da experimentação de seu existir, preocupando-se em compreender o sentido que ele faz de suas experiências. Este relato de experiência tem com base a experiência de uma estudante de psicologia que experienciou ser acompanhante terapêutica em uma escola privada da cidade do Natal/RN. Percebemos que, quando a escola não se volta para o acolhimento e para a criação de espaço para experimentação da estrutura da vivência escolar, incapacita e limita o desenvolvimento de potencialidades existenciais no estudante, dificultando a experiência de habitação naquele ambiente institucional. Compreendemos habitação fenomenologicamente como o reconhecimento de pertencimento, permitindo ao existente sentir-se abrigado naquele lugar. É sabido, pelo aprofundamento na literatura, que o não oferecimento de um espaço de expressão existencial poderá auxiliar na instalação de sentimentos negativos tais como angústia e medo e impossibilitar o desenvolvimento das potencialidades e do sentimento de pertencimento. Foi possível constatar na prática, a partir do envolvimento relacional e do acolhimento de como o estudante apresenta-se, o desvelando de potencialidades de existir para além daquela condição de “aluno inclusivo”. Lançou-se mão das disciplinas de leitura e exercícios matemáticos, de potencial da aluna, como forma de ampliar a consciência de suas habilidades, partindo de técnicas que viabilizassem sua expressão particular de aprendizagem, para que sentisse incluída. Refletimos que a inclusão não é só elaborar métodos, mas incluir o acadêmico como parte daquela experiência de aprendizagem, que acontece no aqui-e-agora, sendo fundamental o envolvimento do professor e a crença deste no potencial existencial daquele – não o reconhecendo como um deficiente, mas como um ser humano.

Palavras-chave: Fenomenologia, Inclusão, Psicologia Escolar.



ACOLHIMENTO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA URGÊNCIA DE UMA MATERNIDADE ESCOLA EM NATAL/RN

Manuella Mayara de Medeiros Nunes
Janice França de Queiroz
Mariana Carvalho da Costa
Melissa de Oliveira Araújo

Os hospitais mostram-se como um espaço dinâmico em razão da complexidade de seus serviços. O trabalho em saúde deve ser organizado e articulado em redes de cuidado para a garantia da integralidade e empoderamento dos usuários. A perspectiva crítica da saúde trabalha as significações sociais do processo saúde-doença, resultando na promoção do bem-estar individual, relacional e coletivo. No atendimento às vítimas de violência sexual realizado na Urgência da Maternidade Escola Januário Cicco – serviço de referência do estado do RN –, enfatiza-se a importância do acolhimento interdisciplinar, como proposto pela Política Nacional de Humanização. Objetiva-se promover acolhimento humanizado e cuidado integral às pacientes; identificar os danos decorrentes, auxiliando na sua ressignificação; estimular a emancipação; realizar os encaminhamentos necessários às redes de proteção. O apoio psicossocial às vítimas de violência sexual ocorre desde junho de 2015. As usuárias que chegam pela urgência têm prioridade no atendimento. Inicialmente, é realizado o acolhimento no serviço por meio do preenchimento da ficha de triagem, explicando-se procedimentos clínicos e de profilaxia a serem realizados. É ofertada a escuta psicossocial à vítima e/ou a seu acompanhante, buscando resguardar sua intimidade e privacidade. Após atendimento, é agendado acompanhamento ambulatorial. Realizam-se também encaminhamentos internos e externos às redes de proteção social e da saúde. Efetivou-se 149 atendimentos às usuárias – mulheres, adolescentes e crianças. Foi observado que possuem certo grau de vulnerabilidade, além de dependência social e/ou emocional com o agressor, que muitas vezes está inserido no seu âmbito social e familiar. Muitas vítimas não realizam o boletim de ocorrência por medo do agressor. Também chegam ao serviço de saúde desconhecendo seus direitos sociais e sexuais. Percebe-se uma resistência das vítimas em dar continuidade ao acompanhamento psicossocial no ambulatório, visto que muitas preferem não verbalizar, evitando entrar novamente em contato com a situação traumática vivida. Constata-se que a vítima de violência sexual sofre um processo de autculpabilização como reflexo da cultura machista na qual está inserida, sentindo-se responsável por ter sido violentada. Assim, os atendimentos psicossociais articulados à rede de cuidado estimulam a autorreflexão e o seu empoderamento para o enfrentamento da situação vivida.

Palavras-chave: Violência sexual, Mulheres, Acolhimento, Maternidade escola.



O VAZIO DA ESPERA: INQUIETAÇÕES ANTE A ESCASSEZ DE UMA PROCURA

Amanda Dias da Silva
Janne Freitas de Carvalho

A partir de inquietações surgidas durante uma experiência de plantão psicológico na rua, em evento realizado por uma instituição da cidade de Garanhuns-PE em parceria com a Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns – e o Núcleo de Estudo em Fenomenologia Existencial e Práticas Psicológicas (Nuefe), questionamentos sobre a espera do plantonista foram levantados. O presente trabalho tem como base a perspectiva fenomenológico-existencial e caráter qualitativo e exploratório, com o uso do diário de bordo como técnica de registro na qual a plantonista tece suas afetações mediante as narrativas, ao se deparar com o inesperado frente às suas expectativas durante o acontecimento do plantão psicológico. O desalojamento experienciado diante da espera pelos clientes espelha a angústia da plantonista ao perceber que as pessoas passavam e não procuravam pelo serviço. O objetivo deste relato é o de possibilitar compreensões e discussões sobre o desalojar-se enquanto plantonista na rua, tendo de lidar com a espera e com a possibilidade do vazio ao não realizar atendimentos. Ser plantonista é lançar-se para o encontro com o inesperado, que pode ser desalojador, angustiante e também pode frustrar o plantonista quando o encontro não acontece – uma vez que gera expectativas diante da possibilidade do desenvolvimento da prática psicológica. Desse modo, percebe-se que ser-plantonista não diz apenas do encontro físico com aquele que procura o serviço, mas de ser abertura para os movimentos que serão desvelados durante o plantão psicológico também no que concerne à disposição afetiva e à escuta clínica ante o “vazio da espera”. As inquietações surgidas a partir da vivência da plantonista – como sua ansiedade pelo acontecimento do plantão – resultaram em um movimento de isolamento, fechamento em si, o que impossibilitou compreensões outras. A experiência relatada tem significativa relevância no fazer Psicologia, ao se considerar a importância de tecer reflexões outras sobre os possíveis modos de compreender o Plantão Psicológico na rua como modalidade de prática psicológica, sem o reduzir apenas ao encontro com o outro de forma presencial.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Angústia, Espera.



NOTAS SOBRE A GEOGRAFIA DA DIVERSIDADE SEXUAL

Washington Ramos dos Santos Junior
Nubia de Fátima Baldoíno Lira

A diversidade sexual é um dos principais desafios sociais e epistemológicos da contemporaneidade, especialmente em um momento de transição da discriminação para o respeito, apesar do ressurgimento de movimentos políticos que perseguem grupos LGBT ao redor do mundo. O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre a diversidade sexual, concebendo-a como algo culturalmente determinado e, portanto, passível de variação de acordo com o tempo e com o lugar. Nossa pesquisa busca o levantamento das diversas formas de sexualidade, a fim de combater o preconceito e a ignorância acerca do tema. Em razão das limitações, abordamos a sexualidade na pré-história, bem como nas culturas chinesa e hindu, a fim de verificar possíveis diferenças. Trazemos ainda uma breve discussão sobre a sexualidade hoje e a relação jurídico-legal dos países do mundo com a população LGBT, o que permite perceber que a sexualidade e a sua regulação variam, necessariamente, de sociedade para sociedade. Nossa metodologia consiste na revisão bibliográfica sobre o tema e em idas ao Parque Nacional Serra da Capivara e à Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm). Na pré-história, são insinuadas as cenas de sexo grupal e de zoofilia. Embora haja controvérsia sobre a existência de pinturas rupestres homoeróticas, ocorrências na África e na Europa parecem sugerir que sim. Se o sexo hétero é sempre perceptível, o homoerotismo é sempre uma dúvida que demanda mais estudos. De todo modo, ainda há de se explicar até que ponto a visão sobre a sexualidade no Parque está tomada pela sociedade atual. Ao ler sobre as sociedades hindu e chinesa, pudemos perceber a diferença de valores como os de deus e de sexualidade, especialmente quanto às hijras. A sociedade burguesa de inspiração europeia dos anos noventa desenvolveu moral e medicina que, se não patologizam, tornam tabu. Em que pese a necessidade de mais pesquisas, há grandes chances de a maioria dos países que criminalizam a diversidade sexual serem os mesmos que negam direitos às mulheres. Neste trabalho, consideramos apenas duas variáveis: a mutilação genital feminina e o casamento forçado.

Palavras-chave: Diversidade sexual, Sexualidade, Geografia da sexualidade, Geografia Cultural, Criminalização da população LGBT.



PANORAMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO PÚBLICA: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Felipe Luis Fachim
Ana Luiza Telles Pereira
Luciana Szymanski

O presente trabalho propôs uma introdução da temática gênero e sexualidade em uma Escola Municipal do Ensino Fundamental (EMEF) de São Paulo, por meio da construção de um projeto sobre educação sexual e de gênero para professores, alunos e funcionários da escola e da análise de seus desdobramentos. Tem como objetivo geral intervir e investigar (n)os processos psicoeducacionais relacionados à temática gênero e sexualidade, no recorte das questões LGBTTs e – como objetivos específicos – participar dos processos psicoeducacionais relacionados ao tema gênero, sexualidade e seus correlatos junto a crianças, adolescentes e educadores e coconstruir um espaço horizontal na escola em que se possa discutir essa temática. O pensamento fenomenológico-existencial aparece como método na pesquisa e também como orientação filosófica que sustenta a intervenção psicoeducativa, justamente por se tratar da construção de sentidos junto à comunidade escolar, pautada em uma atitude metodológica que compreende o ser infante/adolescente situado em um mundo e – para isso – descarta esquemas teóricos anteriores à existência. Trata-se de intervir no e pelo encontro. Os temas encontrados foram: I) Os adolescentes da Morro Grande: reflexões sobre a adolescência; II) As educadoras da Morro Grande: reflexões sobre as educadoras; III) Atrás de um percurso conclusivo – pistas para intervenções: ressignificações no discurso de adolescentes e de professores. Os resultados apontam: I) discrepâncias entre adolescentes que diferem da categoria adolescência nos moldes criados pelo discurso psicoeducativo e a própria categoria adolescência, sendo que a segunda invisibiliza a primeira; II) a escola, entre outras instituições, exerce, por meio de atos heteroterroristas, violência sobre as pessoas que não se enquadram na ordem construída pela “Mente Heterossexual”; III) atitudes que, se de caráter reflexivo e coconstruídas nos termos da comunidade, mostram-se potentes na ressignificação de sentidos aos temas que envolvem a população LGBTT. A presença de pesquisadores na instituição propicia um espaço para discussões profícuas sobre crianças, adolescentes, educadores e o tema gênero. Em virtude dos resultados encontrados, o presente trabalho possibilitou um desdobramento dentro do grupo de pesquisa no qual está inserido – ECOFAM – visando à discussão da temática gênero e educação com as professoras da mesma instituição.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade, Psicologia da educação, Fenomenologia existencial, Formação de formadores.



SOBRE MÃES DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL: CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS

Gabriela Gibson Cunha
Elza Dutra

O presente trabalho faz parte de um projeto de mestrado em andamento. Dessa forma, aqui será apresentada a pesquisa bibliográfica realizada, tendo como objetivo fazer um levantamento de como as mães de crianças vítimas de abuso sexual vem sendo estudadas e discutir esses resultados a partir de um olhar fenomenológico. Nesse sentido, foram selecionadas pesquisas que tivessem o objetivo de investigar as mães nesse contexto de violência sexual de seus filhos, tendo-as como protagonistas do estudo. A busca por esses materiais aconteceu no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que inclui outros bancos como o Scientific Electronic Library Online (SciELO), o Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePsic) e a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Dentro dos critérios de inclusão estabelecidos, foram encontrados 12 artigos científicos, sendo que quase metade – cinco trabalhos – são estudos realizados no Rio Grande do Sul, dos quais quatro são das mesmas autoras. Semelhantemente a isso acontece com as pesquisas realizadas na Paraíba, que totalizam três trabalhos, sendo todos das mesmas autoras. Assim, os estudos encontram-se pouco distribuídos pelo país; em contrapartida, bastante concentrados em poucas autoras. Ademais, não foram encontradas pesquisas que tenham uma interface com a perspectiva fenomenológica. Os trabalhos selecionados apontam sofrimento das mães, que experienciam sentimentos de culpa, vergonha, desconfiança em construir novos vínculos amorosos, além de relembrar suas próprias vivências de violência. Além disso, há certo receio de um rompimento familiar a partir da revelação do abuso sexual, de modo que se veem ambivalentes entre seu papel de esposa, cuja função é manter um lar unido e funcional; e o de mãe, que deve proteger os filhos. Desamparadas nessa escolha, vão buscar em suas próprias histórias o seu modo de agir, apoiando-se em como suas mães reagiram nas situações em que elas também tenham sofrido algum abuso, ou nos seus modelos de família. Com isso, aponta-se a necessidade de mais estudos que possam ampliar a discussão dessa temática, contribuindo para um olhar para essas mães também enquanto mulheres inseridas em um horizonte histórico de determinações para o seu modo ser mãe e mulher.

Palavras-chave: Abuso sexual, Mãe, Fenomenologia, Pesquisa bibliográfica.



UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA ACERCA DA EXPERIÊNCIA DE UMA EX-ABRIGADA DA CASA CLARA CAMARÃO

Kadidja Suelen de Lucena Santos

Elza Dutra

Ana Karina Silva Azevedo

A violência contra a mulher é um fenômeno que vem sendo registrado cada vez mais no Brasil, sendo Natal a capital onde mais cresceu a taxa de homicídios de mulheres nos últimos 10 anos. A Casa-Abrigo Clara Camarão também apresentou crescimento nos seus atendimentos, abrigando 89 mulheres em 2016, enquanto em 2015 foram feitos 58 abrigamentos. O acompanhamento após a saída do abrigo vem sendo realizado com dificuldades devido a fatores institucionais e específicos da situação de violência, como o difícil acesso a essas mulheres após o abrigamento. Diante dessa realidade, alguns questionamentos surgiram: como era para essas mulheres retornar aos seus projetos após a situação de abrigamento? Quais as repercussões dessa experiência em suas vidas? A partir de tais questionamentos, esta pesquisa teve como objetivo compreender, a partir da fenomenologia existencial heideggeriana, a experiência de mulheres que sofreram violência doméstica e estão em situação de pós-abrigamento na cidade de Natal-RN. Esta é uma pesquisa inspirada na fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Foi realizada uma entrevista-narrativa a partir de uma pergunta disparadora com uma mulher que havia sido abrigada pela Casa-Abrigo Clara Camarão. A entrevista foi realizada com uma mulher de 35 anos, que está em um relacionamento com seu agressor há 19 anos. Ela relata que sua relação é marcada por agressões, porém não encontra apoio para romper com a situação de violência. Ao sair do abrigamento, a mulher retorna para uma condição onde continua sendo cobrada a exercer determinados papéis que são esperados das mulheres de sua época. Algumas reflexões apontam para as condições históricas e temporais nas quais o Dasein está lançado, que Heidegger chamou de facticidade, na qual o Dasein está sempre envolvido. É preciso também considerar que a existência revela-se, na maior parte das vezes, uma existência inautêntica; ou seja, a mulher acaba presa em situações de violência ao tentar corresponder às expectativas que se apresentam no seu horizonte. É possível perceber aqui uma crítica às ainda ineficientes medidas de proteção à mulher, o que indica a necessidade de construção de novos olhares sobre a violência contra a mulher.

Palavras-chave: Pós-abrigamento, Violência contra a mulher, Casa-Abrigo, Fenomenologia heideggeriana.



REFLEXÕES SOBRE CLÍNICA, SOCIEDADE E FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA

Luis Eduardo França Jardim

O objetivo desta apresentação é analisar a articulação da clínica com a noção de sociedade, com base na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. Em seguida, discutir a relevância da prática clínica no âmbito social. A apresentação está embasada em pesquisa teórica que articula fundamentos da fenomenologia com questões cotidianas da contemporaneidade no contexto da prática clínica. Discutiremos que o que a psicologia tradicional considera social é, para a fenomenologia, um caráter constitutivo do existir do Dasein enquanto ser-no-mundo-com-os-outros e, portanto, uma prática clínica fundada na fenomenologia hermenêutica está, desde o princípio, atrelada às questões ditas sociais. Dasein existe no mundo com os outros e isso significa que as experiências não são constituídas de modo estritamente singular ou isolado, mas com-os-outros, inserido em uma rede de significação compartilhada, em uma era histórica. A história de cada um se dá a partir da relação de si mesmo com o mundo, a partir das possibilidades existenciais já abertas pelo mundo em que habita. Dizer que a existência se dá no mundo significa que o existir acontece com os outros e junto aos entes. De modo que não se pode pensar sofrimento ou “vitórias” de um paciente como algo encerrado em um “eu” encapsulado. Essa pesquisa revelou, por exemplo, que o sofrimento singular de um paciente vítima de preconceito ou com dificuldades de relacionamento não acontece de forma isolada, mas sim, inserido em um contexto referencial instituído em um mundo, cuja complexidade relacional é dada de forma plural. De modo que as experiências do existir estão atreladas às possibilidades atreladas a determinada inserção na sociedade. A compreensão de sociedade está baseada no pensamento de Heidegger nos anos 1930 e sua interpretação da polis como o aí (Da), lugar do acontecimento histórico do Dasein e do estranhamento. Para o filósofo, o político de fato constitui um modo de organização dos entes, um modo no qual as palavras, as coisas e as ações se articulam e, ao mesmo tempo, o lugar de questionamento dessa organização. Pretende-se explicitar que a clínica não está desvinculada das questões pertinentes à sociedade.

Palavras-chave: Fenomenologia hermenêutica, Prática clínica, Sociedade, Engajamento.



DA EXISTÊNCIA À LOGOTERAPIA: A RELAÇÃO ENTRE KIERKEGAARD E FRANKL NO SENTIDO DA VIDA

André de Carvalho-Barreto
Bruno Emanuel de Melo Brasilino

Kierkegaard escreveu sobre a singularidade da pessoa humana, contrapondo-se aos ideais do Positivismo. Frankl é contemporâneo de Einstein, Freud, Husserl, entre outros pensadores que mudaram paradigmas científicos. A Logoterapia surgiu em contrapartida à Psicanálise e à Psicologia Individual, ambas de caráter também positivista; percebe-se, assim, algumas semelhanças iniciais entre os dois teóricos. A presente investigação tem como objetivo compreender como a filosofia de Kierkegaard está implicada na Logoterapia, delineando o processo pela busca por sentido como elemento principal para uma vida saudável. Para atingir esse objetivo, optou-se pela realização de um estudo de natureza teórica e interdisciplinar de base filosófica e psicológica, tendo como foco a interpretação e a relação das principais obras filosóficas de Kierkegaard e psicológicas de Frankl, além da leitura de obras e artigos secundários que falam sobre as teorias desses autores. Inicialmente, foram apresentados aspectos pertinentes da história de vida de Kierkegaard que contribuiriam para a produção de sua filosofia. Posteriormente, os três principais conceitos da Filosofia de Kierkegaard, ou seja, o Estético, o Ético e o Religioso. Para compreender esses conceitos, centrando no Existencialismo e na fé, fez-se leitura interpretativa tomando por base também seus comentadores. No segundo momento deste trabalho, a Análise existencial – Logoterapia de Frankl foi apresentada, sendo identificados os principais conceitos de sua teoria psicológica. Destacaram-se as bases epistêmicas do existencialismo e da fé na teoria de Frankl. Nessa etapa, não apenas as obras de Frankl foram essenciais, mas também seus críticos, em particular os da Escola de Paraíba, que têm historicamente apresentado contribuições sistemáticas e aprofundadas sobre diversas temáticas da Logoterapia de Frankl. Ulteriormente, na terceira parte deste estudo filosófico-psicológico, a influência do “existencialismo” teísta de Kierkegaard na Logoterapia de Frankl foi considerada. Somada a isso, foi também discutida a importância da fé, fenômeno que ambos experienciaram e vivenciaram, tornando-se o fundamento de suas teorias, como meio/caminho para encontrar o sentido da vida. Considera-se que este ensaio teórico destaca a relevância de investigações interdisciplinares como essas e a necessidade de mais investigações que relacionem a relação entre as teorias de Kierkegaard e Frankl.

Palavras-chave: Logoterapia, Existencialismo, Kierkegaard, Frankl.



FENOMENOLOGIA, EXISTENCIALISMO E AUTOAJUDA: NOTAS SOBRE A BUSCA HUMANA POR RESPOSTAS “DADAS” PARA O VIVER

Raisa Grasielle Rodrigues de Almeida
Emmanoel de Almeida Rufino

Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre os discursos motivacionais das obras de autoajuda que se propõem a ofertar respostas ideais, acabadas, testadas e infalíveis para a vida dos indivíduos os quais a elas recorrem ao buscar refúgio para suas angústias existenciais. Vivendo em um mundo de certezas líquidas, os indivíduos sofrem o desassossego de estarem lançados no mundo sem deter mecanismos que antecipem as instabilidades da existência e poupem-lhes de riscos e responsabilidades, cenário privilegiado da popularização dessa modalidade literária – cujo boom mercadológico traduz a busca dos indivíduos por sossego existencial e pelo controle/programação das relações que travam com o mundo. Inquietos com esse cenário e provocados pelos insights teóricos da fenomenologia e do existencialismo, dispomo-nos a pensar a seguinte problemática: que lições críticas essas perspectivas teóricas podem ofertar aos que buscam nas obras de autoajuda respostas prontas para o viver? Objetivando compreender os indicativos críticos dessa problemática, seguimos três etapas investigativas específicas que tangem, respectivamente, discursos de obras de autoajuda, princípios filosóficos gerais das supracitadas correntes de pensamento e a síntese crítica das etapas precedentes. Para tanto, assumimos uma tipologia teórico-bibliográfica de pesquisa, fundando nossa leitura fenomenológica e existencialista em um recorte epistêmico que compreende Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger e Sartre. Como resultado dessa investigação, uma conclusão despontou preeminentemente: cada indivíduo deve assumir o protagonismo na confecção do(s) sentidos(s) para sua vida e acolher suas angústias como caminho aberto à construção diária do sentido de sua existência. Na contramão dos discursos de autoajuda que prometem dar qualquer resposta conclusiva aos desafios da existência, nossa leitura de Kierkegaard sugeriu-nos que, diante do desespero e da angústia de ser, o caminho para uma vida – estética, ética e/ou religiosa – sábia passa pela responsabilidade com o autoconhecimento. Com Nietzsche, depreendemos que não há vida sem riscos e que devemos aprender com o sofrimento, abandonando a soberba de manipulação racional da vida. Já Sartre sugere o escape à heteronomia na fundamentação dos próprios valores/opções existenciais. Por fim, Heidegger adverte que qualquer explicação dada que se oferte ao sujeito como explicação pronta para/sobre ele reduz seu ser a um ente, coisificando-o e distanciando-o de sua autenticidade.

Palavras-chave: Autoajuda, Crise existencial, Existencialismo, Fenomenologia.



PSICOLOGIA DO ESPORTE, SAÚDE MENTAL E FENOMENOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA COM AS PRÁTICAS CORPORAIS

Adrieli Y. Ishimoto
Karoline Michalski
Luiza Figueiredo
Rodrigo Salomão;
Telma Sara Q. Matos

Ao refletir sobre a relação entre saúde mental e qualidade de vida, é possível considerar benefícios em diversas dimensões, como reabilitação física, psicológica e social, melhoria geral da aptidão física, valiosos ganhos de independência e autoconfiança para a realização de atividades da vida diária, além de uma melhora do autoconceito e da autoestima dos praticantes. Assim, pode-se entender que, ao ponderar a saúde mental e a qualidade de vida, a prática regular de atividade física para os pacientes psiquiátricos é, por si mesma, de relevância salutar. O propósito desta intervenção é ofertar práticas corporais, com base em uma perspectiva fenomenológica em Psicopatologia e Psicologia do Esporte, como recurso de promoção de saúde alinhado à proposta terapêutica do Grupo Comunitário de Saúde Mental do Hospital Dia (HD) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. Esse público é usualmente sedentário e apresenta queixas de efeitos colaterais da medicação que lhes é administrada, como, por exemplo, rigidez muscular e ganho de peso. Estudos fenomenológicos sobre a corporeidade nas variadas condições psicopatológicas deverão favorecer o reconhecimento das vivências a serem fomentadas pelas práticas, visando uma melhora integral dos pacientes. As atividades de intervenção ocorreram ao longo de 12 meses, atendendo em média 16 pacientes psiquiátricos do HD. As atividades práticas eram ministradas por um professor de educação física (EF), três monitores (EF), com acompanhamento de um psicólogo do esporte. Os procedimentos metodológicos são norteados por uma perspectiva fenomenológica em Psicopatologia e Psicologia do Esporte. Trata-se de uma coleta de dados de caráter qualitativo, na qual os resultados são interpretados de maneira a lançar um ensaio reflexivo, ou seja, uma alternativa que confere um olhar subjetivo a esses dados. Em consonância com os trabalhos terapêuticos, as práticas corporais buscam favorecer o apoio e a inclusão social, sendo as atividades permeadas pela valorização da subjetividade, da saúde mental e da própria experiência.

Palavras-chave: Práticas corporais, Psicologia, Fenomenologia, Psicologia do Esporte.



UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL EM *A REDOMA DE VIDRO* DE SYLVIA PLATH

Marcela Almeida Figueiredo
Anderson Barbosa de Araujo
Davi Corlett Silva
Sandra Souza

Sylvia Plath está entre as poetisas americanas mais importantes do século XX, sendo um dos maiores nomes do movimento literário denominado confessionalismo. Assim, suas obras contam um pouco de sua história, revelando o que significava ser Sylvia Plath. Em "A Redoma de Vidro", seu único romance, caracteriza-se a continuidade de sua poesia em prosa. A trama desenvolve-se em torno de Esther Greenwood, jovem prodigiosa e bastante ambiciosa que, aos 17 anos, sai da cidade natal para iniciar um estágio em Nova York. No desenrolar da viagem, Esther vive momentos que a fazem repensar episódios de sua vida, como tentativas de suicídio e momentos de internação psiquiátrica, acontecimentos relevantes no desenvolvimento do enredo. O objetivo desse estudo foi realizar uma análise fenomenológica da obra. Como marco teórico, foram relevantes as discussões de Heidegger para compreender o tema em questão. Diante disso, utilizou-se como método a hermenêutica fenomenológica, bem como uma análise existencial heideggeriana. A análise revelou como questão central o tema da inautenticidade, traduzida nas constantes tentativas de fuga de si empregadas pela personagem, e na vivência da dimensão do impessoal, conforme aponta Heidegger. Desde a alteração do próprio nome, até o distanciamento de si na figura da escritora e da grande poetisa com vários amantes – tal como simbolizado na metáfora da figueira, a personagem vivencia um esvaziamento de suas possibilidades existenciais, enquanto afastamento do Dasein de seu ser mais próprio. Durante toda a narrativa, a personagem segue caminhos que considera mais adequados, afastando-se, paulatinamente, de seus próprios desejos. Heidegger aponta que o preço da inautenticidade é a culpa pela perda do projeto existencial. Esse sentimento se acentua na personagem e desencadeia diversos episódios depressivos, levando-a a tentativas de suicídio e internação psiquiátrica, momento em que, nas relações vivenciadas, seja com a psiquiatra, seja com as internas, a mesma estabeleceu novas redes de sentidos em direção ao autoconhecimento e encontro consigo.

Palavras-chave: Fenomenologia, Existencialismo, Literatura, Sylvia Plath, A redoma de vidro.



OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SOBRE *O CASTELO*, DE FRANZ KAFKA

Bruna Borges Costa
Dária Maria Barbosa Dedê
André de Carvalho-Barreto

A presente pesquisa objetiva analisar a obra *O Castelo*, do autor Franz Kafka, sob uma perspectiva fenomenológico-existencial. Kafka tornou-se célebre no fim do século XX. Suas obras influenciaram existencialistas como Sartre e Camus. Dentre seus volumes, três ganham destaque: *O Castelo*, *O Processo* e *O Desaparecido*. Esses escritos foram publicados post-mortem por seu amigo Brod, que não atendeu ao desejo do autor de que eles fossem destruídos. Escrito em seis meses, *O Castelo* segue um estilo minimalista, caracterizado pela economia de palavras. Sua história parte de um evento pequeno que se amplia ao longo da narrativa. No livro, K. é um agrimensor – i.e., profissional dedicado à medição de terras – o qual é chamado por um conde que morava em um castelo de uma vila. Além de K., as principais personagens do volume são: Frieda – uma balconista do bar do Albergue dos Senhores –, Olga – membro de uma família socialmente decadente –, Barnabás – irmão de Olga, sapateiro e correspondente do castelo com a vila –, Klamm – alto funcionário do castelo –, os ajudantes de K. e Pepi – uma empregada do Albergue dos Senhores. A personagem principal, em seus monólogos e diálogos existenciais com outros personagens do livro, busca encontrar respostas para o fato de sua real importância na vila. Esse contexto fornece acesso a questões existenciais de K.: a liberdade, a angústia, o sentido da vida, a transcendência e a culpa são recorrentes nos seus diálogos. Ao longo de todo o livro, K. busca interpretar a realidade, ou seja, ter acesso ao sentido das coisas. Uma busca a qual faz com que, em determinados instantes da narrativa, o próprio leitor questione-se sobre o que é fato ou impressão. As próprias existência e importância de Klamm, as quais a história de muitos personagens circundam, são questionadas. O livro pode ser caracterizado como uma celeuma na qual o próprio leitor empatiza, muitas vezes, com alguns personagens e histórias do romance, deparando-se com seus próprios processos existenciais. Compreender esse Fausto kafkaniano fenomenológica e existencialmente é, muitas vezes, adentrar na vida do leitor e de sua visão de mundo.

Palavras-chave: Análise fenomenológico-existencial, Franz Kafka, *O Castelo*.



FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE EXISTENCIAL: A *ESCOLHA ORIGINAL* COMO ALTERNATIVA AO INCONSCIENTE

Luciano Donizetti

A filosofia da liberdade de Sartre é fenomenológica, tematiza o ‘homem-no-mundo’; o ser humano *consciente* de seu ser é o princípio fundante do existencialismo, ser-homem é *ser consciência de ponta a ponta*. E é desse princípio que decorre todas as peculiaridades do ‘existencialismo ateu’, sobretudo a ‘liberdade humana absoluta’. Ora, como afirmar a liberdade e desviar-se do espinhoso assunto do inconsciente? A filosofia de Sartre é levada imediatamente a Freud, no intuito de mostrar as incongruências de ‘todo’ *possível humano inconsciente*. Mas, para Sartre, ser homem é *ser projeto*, que ele mesmo elege e traz ao mundo, e mesmo esse projeto de ser é *eleito livremente*, ou seja, para a filosofia da liberdade toda *causa* ou *razão* para além da consciência torna-se indesejável, e tudo o que tende a limitar a liberdade deverá ser combatido. É assim que se pode entender sua crítica à religião, ao marxismo, ao estruturalismo, ao capitalismo, à sociologia... à psicanálise e à psicologia em geral. Curiosamente, as críticas de Sartre a Freud se limitam a negar que possa haver qualquer instância – sobretudo *eletiva* – para além da consciência; afora isso, Sartre dirige rasgados elogios ao método psicanalítico e, por fim, propõe ele mesmo a criação de uma ‘Psicanálise existencial’ que em nada difere metodologicamente daquela freudiana; mas mantém uma diferença irreconciliável: para Sartre não pode haver escolha inconsciente, donde toda e qualquer eleição exija a *liberdade* para vir ao mundo; todos os casos em contrário serão considerados atos de ‘má-fé’. A psicanálise existencial não visa uma *determinação inconsciente* que será desvendada a partir de dicas apresentadas no discurso do paciente; ela parte do presente, daquilo que cada analisado *escolhe presentemente*, ou seja, o que é almejado é a *escolha original* que se realiza *atual e conscientemente*. Isso porque, conforme revela a ontologia fenomenológica, apenas a liberdade poderá estar no princípio do agir: não se trata de inconsciente como pensara Freud, mas de ‘Escolha Original’; esta alternativa *libertária* ao inconsciente é o tema dessa comunicação.

Palavras-chave: Sartre, Freud, Escolha Original, Inconsciente, Liberdade.



IMPLICAÇÕES DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA NA PSICOLOGIA (HANS GEORG GADAMER)

Vytal Hírvey Magalhães Arruda Linhares
Gustavo Freitas Pereira

Este trabalho foi desenvolvido no decorrer de 2015, por meio de um projeto de trabalho de conclusão do curso que escrevi quando cursei Psicologia na Universidade Federal do Piauí (UFPI) do Campus de Parnaíba. A hermenêutica filosófica de Gadamer é uma atualização que esse aluno propõe à tese da chamada hermenêutica fenomenológica de seu professor Martin Heidegger (1889-1976) quando ambos debatiam a marcante Ontologia do Ser. Por meio da busca de estudos e artigos publicados na base de dados da Rede Mundial da Internet, não foram encontrados, no contexto da língua portuguesa, estudos em Psicologia embasados na hermenêutica filosófica como ferramenta para tratar da ética do serviço oferecido pelo profissional psicólogo. Este trabalho pretende reivindicar a importância das ideias de Gadamer no estudo e aplicação da Psicologia em sociedade. O objetivo foi compreender a hermenêutica filosófica de Gadamer (1900-2002) e, a partir daí, propor diálogo com a prática do psicólogo, de acordo com a perspectiva da construção do conhecimento fenomenológico de uma práxis próxima da filosofia atual. O trabalho desenvolve-se em uma pesquisa de caráter bibliográfico como parte de um projeto de trabalho de conclusão de curso de minha autoria, sob orientação do professor Dr. Gustavo Freitas Pereira – UFPI. O projeto está encerrado e culminou na confecção do trabalho monográfico *Hermenêutica e a Práxis do Psicólogo*, figurando como parte elementar no desenvolvimento da pesquisa o elo entre a história e a ética do pensamento hermeneuta na profissão do psicólogo. O estudo teórico e as primeiras aproximações dão a sensação de que a possibilidade do estudo da filosofia hermenêutica como ciência de base tem um bom papel para a atualização e a construção de um “saber fazer” fenomenológico em Psicologia. Observou-se, durante o processo de pesquisa, a importância da hermenêutica filosófica como uma possibilidade de diálogo com a práxis do psicólogo; uma vez que a Psicologia requer dos filósofos contemporâneos uma continuação nas obras dos grandes mestres que abriram o caminho para o surgimento das abordagens psicológicas, demonstrando a necessidade de elaborar uma atualização do saber filosófico aplicado à Psicologia.

Palavras-chave: Hermenêutica filosófica, Práxis, Psicologia.



O CUIDADO NA PSICOTERAPIA-VIVENCIAL: UM DIÁLOGO ENTRE LEONARDO BOFF E A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Isabela Florenzano da Motta
Luíz José Veríssimo

Este trabalho teve como objetivo abordar a relação entre o cuidado, proposto por Leonardo Boff, e a prática clínica existencialista sartriana, estruturada por Tereza Erthal no método da Psicoterapia Vivencial. Para tal, foi feita uma revisão bibliográfica da obra de Boff e Erthal com o intuito de expor os principais conceitos postulados por tais autores a respeito, respectivamente, do cuidado e da prática vivencial. O cuidado, descrito por Boff, é elaborado a partir da ética e da ontologia de Martin Heidegger. O teólogo enfatiza a relação com o outro e o cuidado com a natureza como pontos-chave para a construção de uma ética que responda ao descaso com o humano e com o meio ambiente que se testemunha em nosso tempo. A psicoterapia vivencial visa, através da empatia, da valorização da vivência e da interpretação da filosofia de Jean-Paul Sartre, trabalhar as escolhas e possibilidades da pessoa; e, assim, a conscientização, por parte do cliente, da própria liberdade e do assumir responsabilidade por suas escolhas e consequências. O cuidado na clínica existencial dá-se de diferentes formas, começando pela preocupação em não reduzir o homem a uma teoria, através da aplicação do método fenomenológico, pelo qual se busca a experiência do cliente; passando por reconhecer as possibilidades da pessoa que procura a psicoterapia, entendendo que escolher continuar no mesmo cenário, não mudar, é também uma escolha; chegando ao olhar cuidadoso do terapeuta, que deve adotar uma postura autêntica, procurando criar um ambiente acolhedor e ser um parceiro na jornada existencial do cliente – nunca impondo ou guiando, mas se colocando ao seu lado, aceitando-o como é e estabelecendo uma relação de existência para existência. Concluiu-se que o cuidado está presente no trabalho do psicoterapeuta existencial de diversas maneiras e que é fundamental para o exercício de uma prática ética e respeitosa. O cuidado, como demanda ética para o trabalho do psicólogo, é capaz de propiciar à pessoa em atendimento uma abertura para o outro e para suas próprias possibilidades, em consonância com um renovado sentido de projeto existencial e uma conscientização de que sua liberdade dá-se em um campo de relações.

Palavras-chave: Ética do cuidado, Clínica fenomenológico-existencial, Psicoterapia Vivencial.



CHEGANDO PERTO DA CASA NA MONTANHA: DESENVOLVIMENTO DO VÍNCULO NA PSICOTERAPIA DE ANDRÉ

Rosa Angela Cortez de Brito
Virginia Moreira

Um dos fatores que fundamentam a psicoterapia com crianças é o desenvolvimento do vínculo. Outros elementos também influenciam diretamente o estabelecimento da relação, como a qualidade da escuta e a comunicação condizente com a idade da criança. Apontamos ainda a importância da parceria com a família, coadjuvante do processo psicoterapêutico infantil. Nesse contexto, ressaltamos a relevância de compreender os fatores envolvidos no desenvolvimento do vínculo na psicoterapia infantil. No referencial humanista-fenomenológico de inspiração merleau-pontyana, que intenta acessar a experiência de mundo vivido (Lebenswelt) de forma pré-reflexiva e intersubjetiva, o ser humano existe em mútua constituição com o mundo e com os outros. O objetivo deste relato de experiência é discutir o desenvolvimento do vínculo na psicoterapia infantil a partir do caso de André – nome fictício –, paciente de 8 anos acompanhado pela primeira autora deste trabalho. André foi atendido em psicoterapia individual durante quatro meses, em sessões semanais de cinquenta minutos. O processo iniciou-se com uma entrevista com a família, na qual foram apresentadas as queixas de problemas no rendimento escolar e retraimento para falar de si. Nos atendimentos, desenvolvidos de forma lúdica, André apresentava bastante dificuldade para expressar seus sentimentos, dado evidenciado também em seus desenhos. Destacamos um desses, de uma casa situada no alto de uma montanha, descrita por André como abandonada e sozinha, sobre o qual André comentou ao longo dos atendimentos. À medida que os atendimentos aconteciam, André permitiu, gradativamente, a aproximação e a compreensão da psicoterapeuta de seu mundo vivido. Houve um aumento significativo de falas sobre seus sentimentos e suas percepções de fatos cotidianos. Em um segundo desenho sobre a casa da montanha, a psicoterapeuta aparece próximo da casa, o que foi compreendido como indicador do desenvolvimento da vinculação entre a psicoterapeuta e a criança. Concluímos que os elementos apresentados por André na psicoterapia são indicativos importantes do estabelecimento do vínculo e da relação intersubjetiva como promotora de mudança na psicoterapia infantil, na qual o vínculo entre psicoterapeuta e cliente possibilitou a abertura e a disponibilidade para a relação intersubjetiva.

Palavras-chave: Psicoterapia infantil, Vínculo, Lebenswelt.



UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA EXPERIÊNCIA DO VER

Flávia Moreira Protasio

Este trabalho pretende investigar o fenômeno da visão. Embora tenha sido amplamente estudado por diversos campos do conhecimento desde o século XVII, entendemos que este fenômeno foi e é compreendido de forma encurtada, sendo este o questionamento que sustenta esse trabalho. Neste sentido, nosso objetivo é buscar outra forma de compreender a experiência do ver, em sintonia com a perspectiva fenomenológico-existencial. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, tendo como referência textos dos autores Rômulo Ballestê, Ana Maria Feijoo, Lucia Scarlati e Roberto Novaes de Sá. Ao final do texto trazemos uma breve revisão narrativa de literatura do livro *O Olho*, de Vladimir Nabokov, buscando nos aproximar da experiência mesma do ver como apontada pela perspectiva fenomenológico-existencial. O trabalho parte do resgate das concepções da percepção da visão propostas por Isaac Newton e Johann Goethe, como desenvolvidas por Rômulo Ballestê. Entendemos que os autores apresentam propostas bastante distintas entre si sobre a percepção da visão, porém tanto um quanto o outro tem seus estudos e conclusões assentados na visão sujeito-objeto. Segundo Ana Maria Feijoo esta compreensão, inaugurada por Descartes no século XVII, fundou o caráter da modernidade e a vida do homem moderno com o que lhe vem ao encontro, sob a ótica do controle, da funcionalidade e da causalidade. Buscamos, então, junto à autora, elucidar as hipostasias contidas nesta pressuposição e apresentar uma outra abordagem do fenômeno do ver a partir do caminho proposto pelas filosofias da existência e pela fenomenologia hermenêutica. Em seguida, recorreremos a textos de Lúcia Scarlati e Roberto Novaes de Sá, que nos ajudam a mostrar, junto a Heidegger que, diferentemente da compreensão baseada na visão sujeito-objeto, a perspectiva fenomenológico-existencial não pressupõe uma supremacia do homem sob algo que é visto, ou um mundo já dado que abrimos os olhos e podemos ver. Há aí uma relação de co-pertença e cooriginalidade orientada por um sentido hermenêutico. Portanto, olhar já sempre pressupõe compreensão, interpretação, sentido. Concluimos que, numa perspectiva fenomenológico-existencial, o ver é um fenômeno que não pode nunca aparecer fora da relação homem-mundo, pois se constituem concomitantemente e indissociavelmente.

Palavras-chave:

Palavras-chave: Fenomenológico-existencial; Experiência; Visão; Fenomenologia-hermenêutica.



NOTAS SOBRE A ESTRUTURA DA INTENCIONALIDADE EM BRENTANO E HUSSERL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA HUMANISTA DE BASE FENOMENOLÓGICA

Katiane Fernandes Nóbrega
Mariana Cela

A intencionalidade constitui uma ferramenta analítica relevante no desenvolvimento da abordagem psicológica humanista de base fenomenológica. O objetivo deste trabalho é mapear as diferentes concepções do termo, além de apontar limites e desdobramentos de seu uso como ferramenta de análise empregada por Brentano e Husserl através de uma revisão sistemática realizada nas bases de dados PsycINFO, LILACS, Bireme/BVS e Scielo – utilizando o descritor Phenomenology AND Intentionality AND Brentano OR Husserl. Verificou-se que, para Brentano, a intencionalidade tipifica os fenômenos psíquicos ou define-se como o caráter específico de fenômenos psíquicos, na medida em que se refere a um objeto imanente. Para ele, a intencionalidade pode ser classificada em representação, juízo ou sentimento, os quais se distinguem entre si pela natureza do ato intencional que os constitui. Brentano, inicialmente, defende que o objeto da intencionalidade pode ser indiferentemente real ou irreal – proposição admitida por Husserl; depois, muda de ideia e defende que o objeto da intencionalidade é sempre um objeto real e que a referência a um objeto irreal é sempre uma referência indireta, portanto secundária. Husserl concorda com Brentano a respeito da existência de uma direcionalidade prévia dos atos intencionais, mas defende que a influência das experiências passadas define-se pelo modo como a experiência atual acessa tal passado. A partir desse conceito, desenvolve as noções de redução eidética, epoché, experiência transcendental, intencionalidade da consciência e fluxo de vivências; em que as retomadas das experiências (retenções) são determinadas pela experiência presente (impressão primária) e os alongamentos sobre um futuro ainda não ocorrido. Para Husserl, a intencionalidade implica uma relação dada entre o mundo real e a nossa experiência consciente. Husserl compreende a intencionalidade em função de três ideias centrais: ato intencional, objeto intencional e conteúdo intencional. Destaca a intencionalidade como um limitador do nosso acesso à realidade e como algo inerente ao ato de conhecimento. Conclui-se que a intencionalidade é um conceito central empregado na psicologia humanista de base fenomenológica e que há pontos de convergência e divergência nas definições empregadas por Brentano e Husserl.

Palavras-chave: Intencionalidade, Fenomenologia, Psicologia Humanista.



NARRATIVAS COMPARTILHADAS: RECONSTRUINDO SIGNIFICADOS

Lívia Maria Guedes de Lima Andrade
Rosa de Paula Prado
Amilton Carlos Camargo

Este trabalho é resultado de experiência de estágio curricular com foco na prevenção e promoção de saúde em contextos diversos, associado à formação de Psicologia, realizado no Centro de Equoterapia da PM-Maranhão – o qual promove atividade de equoterapia com crianças com comprometimentos físicos, psíquicos ou algum outro transtorno ou deficiência. A proposta inicial foi – muito inclusive – não haver proposta, suspendendo qualquer teorização sobre o campo e o que seria trabalhado, para despertar a percepção individual dos estagiários para os fenômenos os quais se apresentavam em campo. Assim, a demanda identificada foi uma intervenção de apoio psicológico aos familiares e acompanhantes. A condição de ser mãe, pai ou cuidador de uma criança que não está dentro dos padrões normativos impostos pela sociedade pode acarretar muitas mudanças na vida pessoal, impactando em várias dimensões, como a financeira, a conjugalidade e um abalo na autoestima do cuidador; que se anula em sua existência na dedicação exclusiva à criança. As relações sociais e a qualidade de vida dos pais devem ser tomadas com um olhar de cuidado, pois o suporte social e afetivo são fontes de apoio, auxílio e informações. Assim, foi desenvolvida uma terapia comunitária, que possibilita para o psicólogo uma realidade além do contexto clínico e uma ampliação de sua percepção de mundo, permitindo outros olhares sobre o sofrimento. As narrativas compartilhadas objetivaram estimular o grupo a usar suas próprias histórias para construir um aqui e agora com criatividade e sensibilidade. No âmbito da prevenção e qualidade de vida, foi promovido um espaço de acolhimento, onde os estagiários puderam assimilar e colocar em prática conhecimentos adquiridos na graduação. Contribuiu ainda para desmistificar o papel do psicólogo elitista e inacessível e para o aumento na qualidade dos processos de desenvolvimento e nas relações sociais envolvidas no referido contexto, desenvolvendo uma rede de relacionamento entre pais, famílias e cuidadores, que possibilitou a eles serem coconstrutores de suas significações relacionadas ao contexto das impossibilidades dos praticantes da Equoterapia. O estágio aconteceu com prática ativa dos estagiários, embasados e apoiados pelo supervisor técnico, utilizando o arcabouço teórico da Psicologia Social e Comunitária, fundado na perspectiva fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Formação em Psicologia, Saúde, Fenomenologia, Psicologia Social.



O DESABROCHAR DA FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS(AS): O SERVIÇO-ESCOLA COMO POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO

Jéssica Caroline de Moraes Veríssimo
Janne Freitas de Carvalho

Esta foi uma pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão de curso, na Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns, que pretendeu compreender a formação de psicólogos(as) em serviço-escola e a dimensão do cuidado desvelada pelas práticas psicológicas desenvolvidas, a partir da experiência de estágio supervisionado I e II, no último ano da graduação em Psicologia. Foram lançadas reflexões e questionamentos sobre este espaço formador de profissionais, além de serem oferecidos serviços psicológicos à comunidade. O cuidado aqui foi compreendido também, como atitude ética e política do(a) psicólogo(a). Recorrendo a uma metodologia fenomenológica existencial de investigação, foram realizadas entrevistas abertas a partir de uma pergunta disparadora. A compreensão das entrevistas/narrativas foi possível a partir das afetações e meditações decorrentes do diálogo entre o referencial teórico e a pesquisadora baseado na Analítica do Sentido. Foram tecidas reflexões sobre a experiência de estágio em clínica-escola, lançando olhares sobre os modos de atuação neste contexto. Deste modo, foi possível compreender que o delineamento da experiência não se restringe pelo local de atuação, se mostrando como o espaço em que a ação do psicólogo se desvela em constante formação, em que a cada experiência há possibilidade para o cuidado. Os desfechos confrontam ações e problematizam questões que nos soaram como reflexões e apropriações dos fundamentos da atuação, sendo possível dar um novo sentido a esta experiência significativa da ação. O modo como hoje compreendemos o estágio em serviço-escola, expressa o entrelaçamento da experiência, a partir do vivido e o narrado, significa o sentido da experiência, como clareira, como abertura, no sentido de disposição, nos possibilitando deixarmo-nos ser obra. A ação de ser-estagiária(o), ser-psicóloga(o) em formação, nos possibilitou reconhecer também a ação ético-política enquanto articulação teórica e prática no processo da apropriação do fazer. A escuta como uma dimensão do cuidado, se desvelou também como uma atitude de colocar-se disponível, presente nos entrelaçamentos, entre a morada de ser-psicóloga(o), não se configurando o último ano, este, do estágio específico I e II, como o único e responsável momento de formação ética e política do(a) estagiário(a).

Palavras-chave: Formação de Psicólogo(a), Clínica-Escola, Estágio Supervisionado.



O DESVELAMENTO DE NOVOS MÉTODOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA FENOMENOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ágnes Cristina da Silva Pala
Tamiris de Abreu Fonseca
Stephany Cecília da Rocha
Nayra Clycia da Costa Muniz Rodrigues
Mariana Rocha Leal Garcez

Esta Comunicação Breve de Pesquisa (CBP) apresenta a Iniciação Científica “O Ensino-Aprendizagem da Fenomenologia de Martin Heidegger na graduação de Psicologia: desvelando possibilidades”, coordenada pela Prof.a Ms. Ágnes Cristina da Silva Pala, da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) – Campus Niterói, com a participação de alunos da graduação de Psicologia, durante o segundo semestre de 2016 e o primeiro semestre de 2017. O processo ensino-aprendizagem no Contemporâneo exige uma maior dedicação e atualização do professor: aulas mais dinâmicas; seriedade e ética com leveza. A maioria dos graduandos dos cursos noturnos trabalham ao longo do dia e, o sono, o cansaço, a fome, o aborrecimento do trabalho, a preocupação com a família e outros fatores são grandes concorrentes para desviar a atenção e o interesse na aula. Lecionar Filosofia é um desafio num histórico educacional de aprovações automáticas, pouco diálogo e poucas disciplinas da área das Ciências Humanas e de Filosofia ao longo do Ensino Médio. A proposta da Iniciação foi a análise dos textos complementares de Fenomenologia, utilizados nas disciplinas obrigatórias “Psicologia Existencial-Humanista” e “Teorias e Técnicas Psicoterápicas” do curso de Psicologia, identificando as noções heideggerianas e, elaborando dinâmicas e dispositivos facilitadores no processo ensino-aprendizagem. A Metodologia utilizada é a pesquisa exploratória, com tratamento de dados qualitativo, através de pesquisa bibliográfica. As noções heideggerianas identificadas nos textos: fenômeno, ente simplesmente-dado, *Dasein*, mundo, angústia, cotidiano impessoal. Foram analisadas e sugeridas pequenas mudanças nas ferramentas didático-pedagógicas: folha de descrições dos vocábulos “fenômeno”, “mundo”, “angústia” e “cuidado”; atividade das balas comestíveis para conversar sobre “fenômeno”. Foram criados exemplos cotidianos: amarrar o cadarço do tênis; conscientização da presença do ente simplesmente-dado em seu cotidiano. Os pesquisadores puderam perceber o quanto é complexo explicar e exemplificar o simples. A criação dos exemplos e das dinâmicas, como material didático para as aulas das disciplinas mencionadas foram exercícios de reflexão, “de retorno às coisas mesmas”, meditação e compreensão do sentido ontológico de cada noção heideggerianas. O grupo de pesquisa está desvelando novos sentidos para os hábitos rotineiros, passando a ter um olhar de estranhamento e de questionamento de outros modos possíveis de execução das ações cotidianas.

Palavras-chave: Fenomenologia, Processo ensino-aprendizagem, Psicologia.



O PROBLEMA MENTE-CORPO NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE EDITH STEIN: IMPLICAÇÕES PARA UMA FUNDAMENTAÇÃO DA CIÊNCIA PSICOLÓGICA

Mak Alisson Borges de Moraes
Tommy Akira Goto

A Psicologia é um ramo científico relativamente novo, o qual ainda carece de alicerces metodológicos consistentes para sustentar suas investigações. Dada sua imaturidade, essa ciência encontra dificuldades para delimitar seu estatuto ontológico, o que gera diversos equívocos epistemológicos e metodológicos. Diante disso, a Psicologia não tem conseguido demarcar de forma precisa seu objeto de estudo, fato o qual ocasionou o surgimento de inúmeras concepções a respeito do psíquico, o que resultou na fragmentação dessa ciência. Portanto, para definir seu estatuto, a Psicologia deve ainda enfrentar esse problema e buscar elucidar o que é a mente, o que é o corpo e como eles relacionam-se. Em virtude da importância dessa questão e para uma demarcação rigorosa do objeto psicológico, buscou-se, nesta pesquisa, investigar o problema mente-corpo à luz da Psicologia Fenomenológica de Edith Stein (1891-1942). Para isso, a discussão foi subsidiada a partir dos aportes da Filosofia da Mente e das contribuições do método fenomenológico para o problema mente-corpo. A partir daí, através de uma metodologia qualitativa bibliográfica, procurou-se examinar o problema de pesquisa através da análise de algumas obras filosófico-psicológicas da filósofa, a saber: *Causalidade Psíquica* (*Psychische Kausalität*, 1922) e *Introdução à Filosofia* (*Einführung in die Philosophie*, 1920). Procurou-se analisar, portanto, como Stein concebeu a psique, o corpo e a relação entre ambos. Assim, Stein destacou o mecanismo causal da psique, o qual tem como fundamento as variações da força vital que desponta a partir da esfera vital. Em relação à dimensão corpórea, a filósofa, seguindo as análises de Edmund Husserl (1859-1938), destacou o duplo aspecto do corpo: o qual é, ao mesmo tempo, uma coisa material (*Körper*) e também corpo-vivo (*Leib*). Em face disso, entende-se que a psique e o corpo estão intimamente conectados, de modo a constituir uma unidade-dual a qual se manifesta no *Leib*. Essa compreensão do problema psique-mente/corpo proporciona uma rica análise dessa questão e propicia a superação de algumas incoerências das posições clássicas monistas e dualistas. Diante disso, possibilita uma rigorosa elucidação do objeto da Psicologia e contribui para a fundamentação dessa ciência.

Palavras-chave: Problema mente-corpo, Fenomenologia, Edith Stein, Psicologia Fenomenológica



SAÚDE MENTAL, PSICOLOGIA E FENOMENOLOGIA: COMO PENSAR ESSA INTERLOCUÇÃO?

João Marcos de Araújo Leite
Anna Karynne Melo
Virgínia Moreira

O trabalho apresentado tem como tema a articulação entre os saberes saúde mental, psicologia e fenomenologia. Entendemos que pensar a saúde mental no Brasil significa problematizar um contexto que se estabeleceu com a Reforma Psiquiátrica. A partir disso, a psicologia enquanto ciência e profissão buscou integrar saberes no campo da saúde mental por meio da psicologia da saúde, procurando pensá-la como preconiza tal reforma. Nesse contexto, reconhecemos o aporte teórico da fenomenologia tanto na psicologia como na saúde mental como importante para alcançar novas formas de compreender a esta última. Ante essa questão, problematizamos a psicologia fenomenológica no campo da saúde mental, procurando identificar seus discursos e pressupostos em estudos que realizam a interlocução entre psicologia, saúde mental e fenomenologia. Trata-se de uma revisão sistemática de literatura de cunho qualitativo, a qual parte dos termos *Saúde mental*, *Psicologia* e *Fenomenologia*, nas bases SciELO e BVS nos últimos 10 anos. Consideramos artigos publicados em periódicos A1, A2 ou B1 disponíveis em texto completo em português. Encontramos 15 artigos, sendo 9 no SciELO e 6 na BVS. Com os critérios de inclusão e exclusão, permaneceram 9 no SciELO e 3 na BVS, resultando em um total de 12 artigos a serem analisados. Após leitura e análise aprofundada, constatamos 7 artigos que usam a fenomenologia apenas como método para compreender a saúde mental a partir da filosofia de Heidegger e Merleau-Ponty e que há um foco no âmbito hospitalar, centrado na noção de experiência, tanto dos usuários quanto dos profissionais. Os 5 artigos restantes focaram na psicopatologia fenomenológica, apontando uma forma de pensar saúde e doenças mentais. Constatamos uma quantidade restrita de estudos fenomenológicos, o que nos fez pensar que a psicologia fenomenológica ainda pouco se apresenta como abordagem teórico-metodológica em saúde mental, apesar de termos diversos autores do movimento da antipsiquiatria os quais apontam a fenomenologia como um caminho para compreensão da loucura; tendo, inclusive, impacto na luta antimanicomial. Consideramos que há a necessidade de mais estudos fenomenológicos com pesquisas teóricas e/ou empíricas que apresentem uma compreensão da saúde mental para além das dicotomias do modelo tradicional da relação saúde e doença.

Palavras-chave: Saúde mental, Psicologia, Fenomenologia.



PLANTÃO PSICOLÓGICO NO DEPARTAMENTO JURÍDICO XI DE AGOSTO: ATENDIMENTO A ASSISTIDOS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE

Joyce Cristina de Oliveira Rezende
Giulia de Arruda Maluf
Lygia Arias Bagno
André Prado Nunes
Henriette Tognetti Penha Morato

O Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e o Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ), da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, possuem uma parceria desde 2001, a qual foi interrompida somente entre 2009 e 2011. O DJ é uma entidade que presta serviços de assistência jurídica gratuita à população de baixa renda da cidade de São Paulo, estando localizada no centro da cidade, lugar que concentra grande número de pessoas em situação de vulnerabilidade. Esse trabalho em conjunto da Psicologia e do Direito visa oferecer atenção e cuidado à comunidade atendida pelo DJ e seus membros, remontando seu início a um pedido feito pelo DJ, frente à procura que recebia de pessoas em sofrimento psíquico grave e às dificuldades com as quais se deparavam na relação com esses assistidos, as quais muitas vezes chegavam a impossibilitar o trabalho jurídico. Assim, com a entrada da Psicologia na instituição, esses casos passaram a ser, em geral, atendidos interdisciplinarmente, com a atuação conjunta do plantonista da Psicologia e do estagiário do Direito. Considerando isso, o objetivo desse trabalho é refletir acerca dos atendimentos a assistidos em sofrimento psíquico grave, considerando os limites que se impõem no atendimento em plantão a essas pessoas. Dentre essas limitações, destacam-se tanto questões referentes à atuação interdisciplinar – por exemplo a resistência de alguns estagiários do Direito a atenderem esses assistidos –, quanto problemáticas mais específicas à atividade da Psicologia. Dentre estas, é possível elencar a dificuldade de se pensar o cuidado à saúde mental quando muitas vezes o próprio assistido não procura esse tipo de atenção: ao buscar uma instituição jurídica, não raro concentra suas queixas apenas no âmbito legal, sem abertura, então, para outros tipos de cuidado. Além disso, em muitos casos faz-se relevante também um atendimento psiquiátrico, para a promoção de uma atenção mais integral à pessoa em sofrimento psíquico grave. Nesse sentido, DJ e LEFE estão buscando parcerias com serviços públicos de saúde e assistência social no centro de São Paulo.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Sofrimento psíquico, Interdisciplinaridade, Fenomenologia Existencial.



CORPO, PERCEPÇÃO E CULTURA DE MOVIMENTO NO CINEMA DE CARLOS SAURA

Raphael Ramos de Oliveira Lopes
Terezinha Petrucia da Nóbrega

As relações entre o corpo, a percepção e o movimento no cinema despertam pontos significativos sobre o universo da corporeidade e da cultura de movimento. O cinema pode contribuir para ampliar a compreensão de corpo e de movimento humano? Como as imagens cinematográficas afetam a percepção dos sujeitos? Como a percepção que temos dessas imagens relaciona-se com a compreensão de Cultura de Movimento? A partir desses questionamentos, objetivamos identificar e descrever as expressões do corpo e do movimento possibilitadas pela percepção cinestésica que temos das imagens fílmicas, relacionando-as com a compreensão de cultura de movimento, bem como apontar outros horizontes para o conhecimento estético da Educação Física; tendo em vista a íntima relação entre corpo, percepção e expressividade. O método de pesquisa utilizado funda-se no pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty, a partir de três aspectos que se encontram interligados: a experiência vivida, a intencionalidade da consciência e a redução fenomenológica. Utilizamos a variação imaginativa como estratégia fenomenológica, reconhecendo que os processos corporais e mentais são indivisíveis no ato imaginativo. Realizamos uma apreciação estética de quatro obras do cineasta Carlos Saura – *Bodas de sangue*, *Ibéria*, *Tango*, *Fados* –, por meio de uma ficha de conteúdo em que descrevemos alguns aspectos técnicos dos filmes, relacionando-os com as categorias Corpo/Percepção Cinestésica e Cultura de Movimento. Reconhecemos nos filmes em questão aspectos significativos para que possamos pensar sobre o conhecimento sensível da Educação Física diante da experiência corpórea, do esquema corporal, das fisionomias, das atitudes do corpo, que na experiência cinematográfica ampliam a nossa forma de ver e de perceber o corpo em movimento para além da vida comum. Os diversos temas da vida e dos próprios discursos da Educação Física encontram na experiência cinematográfica uma extensão de nossa existência pelo suscitar de um olhar liberto e criativo, o qual possibilita outros modos de ver, pensar e relacionar-se com o mundo. No cinema, portanto, a experiência perceptiva que temos das imagens amplia os horizontes de significações sobre os temas da corporeidade e da motricidade humana, ao despertar a dimensão poética do corpo para fazer desse uma obra de arte.

Palavras-chave: Corpo, Percepção, Educação Física, Fenomenologia, Cinema.



EXISTÊNCIA E DITADURA CIVIL-MILITAR: REVERBERAÇÕES NO COTIDIANO DO BRASILEIRO

Luis Eduardo França Jardim

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados de pesquisa de doutorado realizada com base em depoimentos sobre impactos da ditadura civil-militar no cotidiano de brasileiros. A investigação, desenvolvida sobre bases fenomenológicas hermenêuticas do pensamento de Martin Heidegger, pretendeu identificar e discutir como ações ligadas ao regime autoritário impactaram no modo de ser cotidiano de brasileiros, opositores ou aderidos ao golpe. No cotidiano, o Dasein está, de início e no mais das vezes, esquecido de si, no entanto, correspondendo à rede de significações instituída e compartilhada no mundo com os outros e junto aos entes. O existir cotidiano diz respeito a todos. Nele, os homens coexistem em meio à pluralidade com todos os aspectos da sua singularidade, tonalidades, sentimentos, julgamentos e pensamento. A investigação buscou sondar as tramas ônticas instituídas no cotidiano sob essa influência, a partir da memória de depoentes que viveram os anos da ditadura. Na pesquisa, de cunho qualitativo, foram ouvidos depoimentos de pessoas ligadas às áreas da educação, saúde, cultura, comunicação, militar e ao funcionalismo público. As análises dos depoimentos foram fundadas em uma escuta hermenêutica fenomenológica, escuta próxima à escuta clínica, atenta aos sentidos que se desvelaram nas narrativas, aos modos de ser e às articulações de experiências e pensamentos que se mostraram no discurso. As análises revelaram fortes indícios de que nos ambientes de trabalho, no cotidiano das famílias, nas instituições de convívio e na coexistência cidadina, o medo – ligado a violência, repressão, vigilância, desconfiança, censura e autocensura, autopreservação, silenciamento – esteja relacionado a um par de elementos ligados, primeiramente, à solidariedade, à busca por unidade, apoio daqueles que experienciam indignação e sofrimento semelhantes; e, junto com a solidariedade, a coragem constituída na reunião de um com o outro para se posicionar, se manifestar contra o regime e lutar por mudanças nos âmbitos públicos. A pesquisa não pretende generalizar suas observações para todos os brasileiros, mas apontar caminhos para continuidade e ampliação do estudo sobre os impactos existenciais e históricos da ditadura no cotidiano do brasileiro. Impactos que podem fundar e instituir novos modos de ser do Dasein com os outros no mundo.

Palavras-chave: Cotidiano, Ditadura militar, Coragem, Coexistência, Martin Heidegger.



PLANTÃO PSICOLÓGICO: CUIDADO, AÇÃO E CRIAÇÃO DE ESPAÇOS E ATUAÇÃO

Dimitri Carlo Gabriel da Silva
(Bolsista do CNPq)

O Plantão Psicológico é um instrumento ainda pouco utilizado nas instituições, nos cursos e serviços de Psicologia, apesar do aumento desse tipo de serviço nos últimos anos e de seu potencial como ferramenta ser bem amplo. Ao longo de cinco anos, trabalhou-se na Universidade Federal do Piauí (UFPI) com aconselhamento Psicológico sob o regime de plantão. Nesses anos de atuação, propôs-se um programa de extensão com três projetos de extensão em três localidades. O primeiro, na Clínica Escola da UFPI. Os outros, em duas instituições que recebiam adictos para tratamento. Os projetos tinham participação de alunos do bloco 6 ao 10 de Psicologia. Cada localidade contava com a participação de 4 a 9 plantonistas. Cada Plantonista estudante era convocado a ir uma vez ao local do plantão por semana, uma ao grupo de estudos e a uma supervisão semanal, totalizando 6 horas semanais dedicadas ao projeto. As ações do projeto comportaram estudos da Abordagem Centrada na Pessoa e da Gestalt-terapia e várias perspectivas fenomenológicas e existenciais abordadas com os alunos a partir de seus interesses e dos professores envolvidos. O objetivo era, então, o de formar estudantes de psicologia para as várias possibilidades de intervenções na área de aconselhamento e plantão psicológico; além de disponibilizar um serviço de qualidade à população que necessita de algum atendimento de características urgencial e emergencial, tanto na clínica, quanto na empresa, nos serviços comunitários, de saúde e assistenciais, entre outros. Embora os locais de prática fossem bem menores, sempre se apontou para a amplitude do plantão psicológico e do aconselhamento através do entendimento e de complexa compreensão fenomenológica: onde há pessoas, há a possibilidade de aconselhamento e, conseqüentemente, de institucionalizar o plantão a partir da perspectiva e ótica do encontro e do cuidado proporcionado pela relação humana. Assim, compreende-se que, onde há atividade prática do profissional psicólogo, há relação com pessoas, daí há possibilidades de encontro e conversação. A partir desse princípio relacional – ser/estar com outros –, pode-se e, quase que necessariamente, faz-se presente a probabilidade do aconselhamento no momento em que o psicólogo se relaciona como tal a outro, seja ele qualquer outro.

Palavras-chave: Aconselhamento, Plantão psicológico, Cuidado, Encontro, Psicologia.



O EXISTENCIALISMO NA OBRA *O PLANETA DOS MACACOS*

Fátima de Menezes Dantas
Tainá Ferreira Barros

É notória a estreita relação entre grandes nomes do existencialismo e literatura. Portanto, o interesse literário acaba por ser um movimento natural para pessoas familiarizadas com essa corrente de pensamento. Assim, achamos pertinente valermos-nos de um romance como pano de fundo para discutirmos conceitos existencialistas. Com este trabalho, queremos promover a interdisciplinaridade, tão importante para o bem fazer profissional do psicólogo. A arte, assim como a filosofia, é uma forma de conhecimento superior, por procurar ver o homem nas suas dimensões totais; logo, o intercâmbio entre a psicologia clínica e as artes tem muitos frutos a produzir. A obra de Pierre Boulle, *O Planeta dos Macacos*, torna-se especialmente oportuna aos nossos objetivos por conduzir seus personagens por uma trama intrigante, inovadora e reflexiva. A estória enquadra-se no gênero ficção científica, mas, diferentemente do esperado, aborda as ciências da sociologia, psicologia e filosofia – com o homem sendo desafiado a superar a própria falta de humanidade, muito mais do que inimigos ou perigos. As reflexões que podemos extrair dessa obra são inúmeras, porém escolhemos algumas para estarem presentes aqui. Ulysse – o protagonista – é lançado no mundo inóspito e, ante as adversidades, é convocado a responder a elas com liberdade. Nem sempre agir com liberdade é fácil, especialmente diante de situações-limite, por isso há momentos em que Ulysse cai na inautenticidade. Mas é no encontro, no desvelar-se ao outro, que ele redescobre sua humanidade. A angústia é um dos elementos mais marcantes da estória, pois é vivenciada pelo personagem e por nós, leitores, em vários momentos e tem seu ápice com um grande choque ao nos depararmos com a nossa finitude. Como podemos ver, a literatura proporciona-nos conhecer diferentes tipos de pessoa “a fundo” e até mesmo contextos e situações com as quais jamais teríamos contato. Isso é de grande auxílio para terapeutas, em especial os jovens psicólogos. Também propicia reflexões sobre o nosso mundo, autoanálise e compreensão de nós mesmos. Com isso, torna-se evidente a contribuição do estreitamento entre a psicologia clínica e as artes, no qual uma enriquece a outra e todos nós saímos mais humanos.

Palavras-chave: Literatura; Psicologia clínica; Existencialismo.



AUTOCUIDADO DISCENTE: UM NOVO OLHAR SOBRE A PRÁTICA DA PSICOPEDAGOGIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA E FENOMENOLÓGICA

Ciro de Almeida Sampaio
Edna Correia da Silva Luciano de Oliveira
Lillian Argolo Amaral
Milena Vieira da Silva
Tiara Ferreira e Andrade

O presente trabalho traz como tema a possibilidade de um novo olhar sobre a prática psicopedagógica a partir de uma visão fenomenológica e gestáltica, com enfoque no autocuidado discente. O autocuidado foi estudado tendo como base a prática da Psicopedagogia. Não obstante a Psicopedagogia buscar em outras ciências conhecimentos que promovam o desenvolvimento do trabalho no contexto de ensino-aprendizagem, tanto no âmbito clínico como no institucional, considerou-se como delimitação do tema ora apresentado um enfoque institucional-educacional. Buscou-se fazer uma análise fenomenológica e gestáltica, oportunas para se verificar novas formas de relação vivenciadas por entre as fronteiras de contato no ambiente escolar, ao considerar a importância do autocuidado discente. Considerou-se, para tanto, a Fenomenologia sob a interlocução da Gestalt como uma oportunidade de convergência entre os conhecimentos pertinentes ao campo da Educação que permitissem analisar contribuições para a Psicopedagogia, no que se refere à análise do autocuidado discente. Como metodologia, optou-se por revisão bibliográfica que englobasse autores que contribuíssem para a elucidação da temática, de forma que o presente trabalho utilizou-se de uma literatura abrangente correlata à visão de homem e de mundo concernente à Fenomenologia e à Gestalt e teve como principais referências, respectivamente, de um lado a obra de Müller-Granzotto; de outro lado, a obra de Burow e Scherpp. Verificou-se que, sim, há convergência entre a Fenomenologia e a Gestalt-terapia no concernente às contribuições no âmbito da Psicopedagogia que facilitem um olhar permissível ao autocuidado discente enquanto abordagem psicopedagógica. Como resultado, concluiu-se que a Fenomenologia contribui com uma perspectiva gestáltica do self-suport do discente na prática da Psicopedagogia. Notou-se a importância da atuação do profissional psicopedagogo no contexto escolar que integre esse olhar fenomenológico e gestáltico no âmbito educacional, ratificando como é possível elucidar melhoria nas fronteiras de contato da relação de ensino-aprendizagem quando a prática desse profissional é baseada na busca de uma contribuição assertiva para o exercício desse autocuidado discente no ambiente educacional. O resultado é o favorecimento de um contexto que contribua para a acentuação do autocuidado discente, cujos detalhes foram esmiuçados no presente trabalho.

Palavras-chave: Fenomenologia, Gestalt-terapia, Psicopegagogia, Gestaltpedagogia, Autocuidado.



ATUAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO PLANEJAMENTO FAMILIAR DA MATERNIDADE ESCOLA JANUÁRIO CICCO

Manuella Mayara de Medeiros Nunes
Mariana Carvalho da Costa
Janice França de Queiroz

Planejamento Familiar é o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garante direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal. É considerado um mecanismo eficiente quanto à prevenção da gravidez não planejada, oportunizando o bem-estar físico, psíquico e social. Orienta-se por ações preventivas e educativas e pela garantia de acesso igualitário a informações, meios, métodos e técnicas disponíveis, centrando na saúde integral. O Ministério da Saúde preconiza que a atuação na assistência à anticoncepção deve envolver atividades educativas, clínicas e aconselhamento. Objetiva-se garantir a integralidade da assistência, favorecer a autonomia das usuárias, conscientizar sobre os métodos contraceptivos, estimular escolhas contextualizadas e encaminhar para seguimento adequado. A equipe do planejamento familiar da Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC) redefiniu, em fevereiro de 2016, o fluxo do programa no Ambulatório de Ginecologia e Pré- Natal de Alto Risco. A partir disso, o fluxo inicia-se no acolhimento em roda de conversa pela equipe interprofissional, seguido pelos atendimentos da enfermagem, psicologia e serviço social para as pacientes que decidem pela realização da laqueadura tubária. Considera-se a reflexividade crítica fator imprescindível na tomada de decisão, possibilitando à usuária a oportunidade de reconhecer-se enquanto protagonista de sua própria saúde e transformação de vida. A consulta médica complementa a avaliação. De março de 2016 a abril de 2017, passaram pela roda de conversa 612 pacientes, que chegaram ao serviço com encaminhamento médico para realização da laqueadura tubária. Dentre essas, 61 usuárias (10%) desistiram de realizar a laqueadura, optando por outros métodos contraceptivos. Os principais motivos alegados para escolha desse método definitivo são: histórico de gestação de risco, vivências de perdas gestacionais, problemas de saúde – hipertensão, diabetes, cardiopatias –, questões socioeconômicas, idade avançada, elevado número de filhos. Observou-se o empoderamento das usuárias depois da troca de informações e do acolhimento na MEJC, uma vez que, após o atendimento interprofissional, puderam optar por diferentes métodos contraceptivos – DIU, pílula, hormônio injetável, preservativo, vasectomia –; sendo orientadas e encaminhadas para a rede de serviços, de acordo com o método escolhido, caso este não fosse disponibilizado pela maternidade.

Palavras-chave: Métodos contraceptivos, Mulheres, Empoderamento, Atuação interprofissional, Maternidade escola.



A MÃE QUE ENTREGA UM FILHO EM ADOÇÃO: UMA COMPREENSÃO HERMENÊUTICA DA EXPERIÊNCIA DE DOR E DE PRECONCEITOS

Laura Cristina Santos Damásio de Oliveira
Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Este trabalho volta-se para a experiência de mulheres as quais entregaram o filho em adoção. Historicamente, à mulher coube o cuidado do lar e da prole. Tal ideal ainda existe e, por isso, a entrega do filho em adoção é permeada por preconceitos sobre as genitoras. Em pesquisa qualitativa de mestrado, ancorada na Hermenêutica de Gadamer, entrevistou-se 3 mulheres que entregaram o filho, objetivando compreender suas vivências em relação à entrega. Para tal, utilizamos Entrevista em Profundidade com uso de Cenas, visando permitir a expressão delas sobre a experiência, motivações e repercussões da decisão. A partir disso, elas trouxeram uma diferenciação entre a mulher honrada e a perdida, demonstrando o quanto suas concepções de ser mulher e mãe são baseadas na visão compartilhada socialmente de que a mulher honrada é a mãe, a que cuida da casa e dos filhos; se trabalha, tem emprego digno. Já a boa mãe é a que não maltrata os filhos. Hermeneuticamente, para haver compreensão, é preciso considerar contexto e historicidade: aqui fica evidente o quanto essas concepções são baseadas naquilo que se espera historicamente da mulher, que é o exercício da maternidade. Além disso, vimos também que as motivações de nossas colaboradoras eram ligadas às dificuldades do criar, mas que elas distinguem abandono de entrega, sendo este um ato de amor. Gadamer nos traz que, ao compreender o outro, autocompreendemo-nos. Assim, entendemos a busca por essa distinção da entrega como forma de compreenderem-se e autoperdoarem-se; isso esperado, também, na esperança do reencontro com o filho no futuro. Por fim, percebe-se que elas vivem a invisibilidade da dor, que surge nos julgamentos sociais e por não se permitirem enlutar. Tudo isso relaciona-se com o ideal histórico e patriarcal de ser mulher, que coloca a maternidade como algo natural e que traz plenitude. Ao romper com isso, as mulheres são julgadas pelos outros e por si e não se perdoam pelo ato. O peso da entrega recai na mulher, além de ser permeada de dores que o estereótipo de desalmada não contempla. O estudo possibilitou um olhar mais aprofundado sobre esses preconceitos.

Palavras-chave: Entrega, Adoção, Abandono, Maternidade.



ANALISANDO OS CONCEITOS DE SAÚDE, DE DOENÇA E DE CLÍNICA NOS SERVIÇOS DE PSICOLOGIA DO BRASIL

Davi Barreto
Anna Karynne Melo
Virgínia Moreira

Os serviços de saúde mental do Brasil, conhecidos – após a Reforma Psiquiátrica – como substitutivos, nasceram de uma intensa mobilização social que almejava medidas reversivas para o tratamento desumanizado nas instituições asilares. Observando o percurso do modelo de saúde atual, pode-se afirmar que qualquer sistema de saúde é fruto de um contexto social e, juntamente com ele, conceitos fundamentais para a compreensão e prática em saúde mental são modificados. Entendemos que, para compreender o modelo assistencial vigente e os direcionamentos da saúde mental, faz-se necessário um estudo da noção de saúde, de doença e de clínica. Com isso, este trabalho tem como objetivo identificar e discutir os estudos que abordam as noções conceituais de saúde, de doença e de clínica nos serviços de psicologia do contexto brasileiro; com o intuito, também, de reconhecer quais as principais mudanças ocorridas ao longo do processo de implementação desses serviços e suas possíveis interlocuções com a fenomenologia. Este estudo consiste em uma revisão de literatura e, para tal, analisamos produções escritas em português das bases de dados Scielo, BVS e Periódicos Capes que contextualizam a temática com os serviços brasileiros de saúde no período de 2011 a 2016. Os estudos abordam principalmente as temáticas da Reforma Psiquiátrica, da integração dos serviços e práticas de saúde, bem como das dificuldades da implementação do modelo psicossocial na rede assistencial do SUS. Identificamos que as ideias de saúde, de doença e de clínica ainda são pouco discutidas fora do ambiente hospitalar – o que indica uma continuidade e um resgate de traços de um modelo manicomial. No contexto fenomenológico, foi encontrado um número reduzido de produções que realizam uma interlocução com essa temática, o que nos leva a problematizar o seu espaço na saúde mental, visto que a fenomenologia pode ser compreendida como um caminho para se pensar os conceitos de saúde, de doença e de clínica de forma não estigmatizada. Portanto, novos estudos acerca de conceitos que alicerçam o conhecimento e a prática em saúde mental são necessários como forma de proporcionar um cenário mais distante do modelo psiquiátrico tradicional no âmbito das políticas públicas.

Palavras-chave: Doença, Saúde mental, Clínica, Serviços, Fenomenologia.



O ZELA-A-DOR: UM ENREDO PROTAGONIZADO PELO IDOSO INSTITUCIONALIZADO SOBRE O CUIDADOR

Monique Pimentel Diógenes
Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Este trabalho é baseado na dissertação que estudou a percepção do idoso institucionalizado sobre o cuidado prestado pelo cuidador. A institucionalização é um fenômeno irreversível, à qual boa parte da população idosa deverá submeter-se nas próximas décadas, tendo em vista o aumento expressivo dessa população e as mudanças nas relações sociais de gênero, que desobrigaram a mulher do ônus do cuidado dos idosos e enalteceram o papel do cuidador. Diante dessa realidade, realizou-se uma pesquisa qualitativa visando compreender, na vivência de idosos institucionalizados, os significados atribuídos ao bom cuidador, a fim de subsidiar estratégias para a qualidade do cuidado prestado a essa população. A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Longa Permanência de caráter filantrópico. Como estratégias metodológicas, utilizaram-se a entrevista narrativa mediada pelo “baú de recordações” e o diário de campo. Para análise e interpretação das narrativas, recorreu-se à Hermenêutica Gadameriana. Os resultados indicaram que as participantes trazem significados de “ser idoso” que vão desde a comparação com ser criança às dores e alegrias, tendo como questão central a autonomia, que pode ser uma alegria quando mantida ou uma dor quanto ela está tolhida. A busca pelo envelhecimento ativo também foi evidenciada nas vozes das idosas. A realidade dos abrigos para as colaboradoras ressaltou que essa alternativa foi uma decisão do outro, além de trazer ganhos – como um lugar para se viver e ser cuidado – e perdas – evidenciadas nas dificuldades da relação em um ambiente coletivo com outras idosas. O zelar foi o significado atribuído ao cuidar pelas idosas. Sobre o cuidador, narraram as dificuldades da delimitação do seu lugar profissional e a sobrecarga de trabalho. Acerca do bom cuidador, descreveram atributos do Cuidado humanizado e integral, presente em suas vivências com seus cuidadores em uma constante inter-relação dos aspectos instrumentais e os aspectos humanistas, configurando a denominação de Zela-a-dor como aquele que cuida zelando todas as dores. Espera-se agregar reflexões aos conhecimentos já existentes para vislumbrar novos scripts. O Zela-a-dor pede mais cenas, mais protagonistas e mais enredo para fomentar estratégias de Cuidado que (re)conheçam o idoso institucionalizado em suas necessidades.

Palavras-chave: Idoso, Instituição de Longa Permanência para Idosos, Cuidado, cuidador, humanização.



O CUIDADO INTRÍNSECO À FORMAÇÃO DE PSICÓLOGO(A)

Ana Priscila da Silva Ferraz

Amanda Dias da Silva

Amanda Gabriela de Sá Ferraz Souza

Janne Freitas de Carvalho

Michelly Farias Rocha

Este trabalho objetiva relatar experiências de quatro monitoras de disciplinas do curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco (UPE – Campus Garanhuns), evidenciar as noções de cuidado necessárias ao desenvolvimento profissional, bem como articular essas experiências com a perspectiva fenomenológico-existencial e também com o momento de ocupação da referida universidade. Ao vivenciarem tal ocupação do Campus, como movimento de questionamento do cenário político vigente, as monitoras refletiram sobre como a atividade de monitoria pode ser desenvolvida permeada por ações de cuidado; o que corrobora a fenomenologia existencial, que questiona, entre outros aspectos, a reprodução tecnicista. Para expor os argumentos aqui propostos, optou-se pelo caminho qualitativo de caráter exploratório e pelo relato de experiência, esta registrada em formas de narrativas. A monitoria possibilita compreensões sobre o lugar docente dentro da graduação em Psicologia e abre espaço para reflexões sobre essa ciência, suas práticas e seu espaço formador. Em 2016, tal cenário formador foi constituído, também, por um movimento de debate e manifestação, configurando-se como modo de mobilização contrária ao panorama político atual. Nessa direção, foi proposta uma ação política que apoiava as desobediências ao instituído/vigente/hegemônico em favor de modo poético e solidário de invenção das práticas psicológicas – diferentemente do que propõe a técnica moderna. O cuidado, em uma perspectiva fenomenológico-existencial, é uma das dimensões fundamentais as quais constituem o ser-no-mundo. Ao se considerar a cotidianidade, o cuidado desvela-se pelo movimento próprio do existir. Em outras palavras, é no cuidado que o ser-com se coloca na abertura para a compreensão de si mesmo, do outro e dos contextos de con-vivência. Não obstante, as experiências de ocupação, atravessadas pela responsabilidade na atuação como iniciantes à docência, possibilitaram modos outros de compreender e olhar a formação em Psicologia na universidade mencionada. Mediante ação entre homens, que se dá no “inter-esse” – ou seja, na relação entre esses –, as autoras atentaram para a mutualidade nos cuidados enquanto princípio ético a ser exercido e transmitido, de modo a tecer novas formas de pensar as mudanças consideradas necessárias e de cuidar tanto do curso em si quanto do âmbito educacional no atual contexto político brasileiro.

Palavras-chave: Cuidado, Formação, Monitoria, Ocupação.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM CENTRO DE CONVIVÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO DO VIVIDO

Eberson dos Santos Andrade
Nilton Júlio de Faria

O presente trabalho objetiva descrever o processo de facilitação de um grupo de contação de histórias desenvolvido em um Centro de Convivência como parte das ações de um estágio supervisionado em Saúde/Clínica. Os Centros de Convivência e Cooperativa (CECO) são dispositivos públicos componentes da rede de atenção substitutiva em saúde mental onde são oferecidos às pessoas espaços de sociabilidade, produção artística e intervenção cultural. Esses locais destacam-se pelo papel estratégico que desempenham na inclusão de pessoas com transtornos mentais por meio da convivência e dos processos culturais. As ações descritas neste trabalho foram desenvolvidas por dois estagiários de Psicologia em um Centro de Convivência localizado na cidade de Campinas (SP) e foram embasadas pelo referencial da Abordagem Gestáltica. Os encontros grupais, mediados pela construção coletiva de histórias, almejaram facilitar o contato psicológico, o aprofundamento das relações sociais e a experiência da relação grupal de forma autêntica. Tais encontros eram realizados semanalmente e tinham como proposta a construção conjunta de histórias com temáticas escolhidas pelos membros do grupo. Tal grupo era composto por sete pessoas – em média – e caracterizava-se pela diversidade dos participantes. Por meio do espaço acolhedor e de escuta qualificada criada, favoreceu-se a estimulação da criatividade e da imaginação dos participantes e o convívio entre eles. As onze histórias criadas coletivamente destacam-se pela criatividade, comicidade e, sobretudo, pela carga de vivências pessoais que emergiram do processo grupal, as quais eram (re)significadas no compartilhamento das histórias pessoais e/ou na construção de uma nova história. A experiência com os contadores de histórias permitiu compreender o quão mobilizador é o narrar em grupo, permitindo a ressignificação das vivências, o fortalecimento de vínculos entre os participantes, a ampliação da consciência (awareness) e o desenvolvimento de potencialidades na troca de experiências com o outro. Partindo disso, a Contação de Histórias em grupo pode ser compreendida como um recurso rico para a ressignificação do mundo vivido e para a ampliação e fortalecimento de vínculos entre os participantes.

Palavras-chave: Grupos, Contação de histórias, Saúde Pública, Abordagem Gestáltica.



REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL DE PACIENTES NO AMBULATÓRIO PSIQUIÁTRICO EM UM HOSPITAL: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL

Fernanda Ingredy Dantas de Araújo
Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

O estado de Roraima passou a contar com atendimento especializado para pessoas em sofrimento mental/psicopatológico na década de 1990, a partir da ala psiquiátrica do Hospital Geral de Roraima e no Hospital Coronel Mota, com a Unidade Integrada de Saúde Mental (Uisam) possuindo um ambulatório de psiquiatria, que tem como finalidade a ressocialização dos seus utentes. Foi nesse ambulatório que o presente trabalho desenvolveu-se. Os principais objetivos da pesquisa são investigar os elementos das redes de suporte psicossocial e comunitário do paciente em tratamento ambulatorial de psiquiatria, identificar como ele lida com o acesso à rede de atenção à saúde mental no processo de reabilitação psicossocial e quais são as principais demandas trazidas por ele. Para tanto, foi utilizada a pesquisa qualitativa, cujo procedimento de coletas de dados foi feito por meio de observação clínica e entrevista aberta com usuários do serviço. A coleta de dados foi obtida após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Roraima. Aplicou-se a análise fenomenológica para o tratamento dos dados, fundamentada em Giorgi, com o objetivo de analisar – à luz da fenomenologia de Stein – o sentido dos pacientes em tratamento de algum transtorno mental, tendo como foco a subjetividade, intersubjetividade, comunidade, corporeidade e medicação, cultura e psicopatologia. A partir dos resultados parciais, pode-se perceber que a maioria dos participantes percebem o processo de acolhimento dos profissionais como importante para a construção de autonomia e protagonismo, coloca o ambulatório como um marco no processo de tratamento e afirma que esse foi o local onde se possibilitou o conhecimento sobre o processo de adoecimento e prognóstico. Além disso, observa-se que, inicialmente, apresentaram resistência ao frequentar o psiquiatra devido a estigmas presentes na sociedade que o associam à loucura. Mesmo assim, reconhecem que os profissionais do ambulatório contribuem para o processo terapêutico e ressocializador, oferecendo cuidados efetivos. Fora as pontuações expostas, há a necessidade de avaliar e ponderar sobre alguns outros fatos, como a carência de profissionais, que se relaciona aos problemas de acessibilidade, devido à grande demanda de atendimento e à necessidade da efetivação da rede integrada de serviços de saúde mental.

Palavras-chave: Hospital, Aspectos psicossociais, Saúde mental, Fenomenologia, Psicopatologia.



HISTÓRIAS DE QUEM CUIDA: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE CUIDADORES INFORMAIS DE IDOSOS

Gessica Raquel Clemente Rodrigues
Ana Andréa Barbosa Maux

O envelhecimento populacional vem crescendo consideravelmente e, junto com essa mudança, questões como dependência física, surgimento de doenças crônicas e incapacidades também têm crescido, sendo fatores que levam o idoso à dependência funcional. Quando essa dependência instala-se, é a família que geralmente assume a tarefa do cuidado diário ao idoso dependente. As mudanças as quais ocorrem ao se assumir esse papel de cuidador são diversas e afetam o sujeito de forma integral. Assim, com o objetivo de contribuir para o atendimento e o cuidado à citada população, este estudo buscou compreender a experiência de ser cuidador informal de idoso a partir da perspectiva de quem vivencia essa realidade. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e de enfoque fenomenológico-existencial, que se baseou nas ideias apresentadas pelo filósofo alemão Martin Heidegger para embasar as reflexões. Foram realizadas quatro entrevistas, que foram transcritas, literalizadas e organizadas sob a forma de narrativas, cujo conteúdo foi disposto a partir de temáticas que emergiram mediante as afetações do pesquisador com cada entrevistada e com suas narrativas. Os resultados chamam atenção pelo fato de as colaboradoras serem todas do sexo feminino, o que evidencia a questão de gênero, a qual emerge também quando se fala em cuidar. Além disso, foram observadas diversas formas de expressão do cuidado, termo esse refletido a partir das considerações heideggerianas, as quais o apresentam como característica ontológica do ser humano que, em suas expressões extremas, mostra-se como libertadora e substitutiva. Ademais, foi observado que as entrevistadas depararam-se com questões existenciais como morte, angústia e temporalidade. Ao final, o estudo evoca reflexões a respeito da necessidade de um olhar mais atencioso para a saúde física e psíquica dos cuidadores familiares, pois as demandas que eles enfrentam ao exercerem esse papel são significativas e, por vezes, existencialmente densas. Isso gera uma carga emocional profunda e pode levar os cuidadores a sentirem-se sobrecarregados e esgotados mediante a tarefa de cuidar, o que pode prejudicar tanto esses sujeitos quanto os idosos os quais serão alvo de seus cuidados.

Palavras-chave: Cuidado, Cuidador, Idoso, Fenomenologia.



MATRIMÔNIOS DITOS BEM-SUCEDIDOS: UMA ANÁLISE DA CONTEMPORANEIDADE

Willi Uhlendorf de Oliveira
Sandra Souza

Na estrutura social e cultural vigente, a família apresenta posição de maior privilégio e o casamento estabelece-se como regra básica. De um lado, o matrimônio apresenta-se como um contrato entre um casal que declara sua vontade de unir-se em virtude de um sentimento amoroso, implicando em uma busca pela felicidade. Por outro lado, Bauman afirma que as relações modernas caracterizam-se por uma paixão intensa porém efêmera, denominada de amor líquido, sinalizando a fragilidade dos vínculos humanos na contemporaneidade. Carl Rogers, na década de 1970, entrevistou alguns clientes e casais e escreveu sobre matrimônios, classificando-os em dois: os que não funcionam e que terminam e os que funcionam e são ditos bem-sucedidos. Que elementos são importantes no matrimônio de casais que consideram suas relações bem-sucedidas na contemporaneidade? Essa foi a pergunta problema do presente estudo. A pesquisa é qualitativa e utilizou-se de entrevista semiestruturada na obtenção dos dados. Participaram 6 casais heterossexuais da cidade de João Pessoa/PB. Todos possuem casa própria e renda mensal acima de cinco salários mínimos (R\$ 937,00 o salário mínimo). A média de idade foi de 37,8 anos (DP=5,47) e estão casados há cerca de 9 anos (DP=5,21). Utilizou-se o método da Análise de Conteúdo, de Bardin, a fim de analisar o material coletado. Encontraram-se seis categorias e três subcategorias: 1) Abertura ao Diálogo; 2) Autorreferência sobre o casamento; 3) Leveza na Relação; 4) Alteridade e suas duas subcategorias: 4.1) Respeito pela Alteridade e 4.2) Afinidade na Alteridade; 5) Monogamia e sua subcategoria 5.1) Ênfase no vínculo afetivo; e 6) Dedicação no Casamento. As categorias mais frequentes foram: Dedicação no Casamento (33,3%), Alteridade (24,4%) e Abertura ao Diálogo (19,4%). Compreende-se que a vontade de estar junto, de ceder e renunciar ao cônjuge, o respeito pela liberdade e a criação de um canal de comunicação no qual há uma expressão e ouvir autênticos de cada consorte são os principais características de um casamento bem-sucedido. Entende-se que esta pesquisa possui limitações e sugerem-se novas pesquisas com outras amostras, como casais de orientação sexual homoafetiva ou de baixa escolaridade ou baixa renda, para melhor compreender o fenômeno.

Palavras-chave: Casamentos bem-sucedidos, Análise de Conteúdo, Pesquisa qualitativa.



O PRECONCEITO RACIAL VISTO COM BASE NA CONCEPÇÃO NIETZSCHIANA DOS VALORES MORAIS

Sérgio Gonçalves Ferreira

O tema desta comunicação é o comportamento preconceituoso na sociedade, fazendo uma análise com base em Nietzsche e, a partir daí, inferindo sobre uma política pública para lidar com o preconceito racial. Assim, questiona-se a eficácia da forma tradicional de enfrentamento desse problema social, bem como da reação que ele provoca nas pessoas – o que, na comunicação, chama-se de luta contra os preconceitos. Para tratar dessa questão, o artigo resgata o pensamento do filósofo sobre os valores morais e abrange a discussão quanto aos nobres, escravos, fortes, fracos e o problema do ressentimento. Observa-se que Nietzsche levantou enfaticamente a necessidade do estudo dos valores e ressalta-se que, para esse filósofo, trata-se de estudar com o foco no desenvolvimento da valoração moral. Para tanto, redigiu especificamente o livro *Genealogia da moral*, de fato dedicando-se muito à questão, principalmente na terceira e última fase da sua filosofia. Na sequência, mostra-se que existe uma relação entre o ressentimento nietzschiano e a questão dos preconceitos. Discute-se a visão do filósofo, que se intitulava também um psicólogo, em um mundo o qual banuiu a escravidão – pelo menos tomando o ideal da Declaração Universal dos Direitos Humanos – e, com isso, a própria palavra escravo adquiriu conotação ainda mais negativa do que tinha na época em que o conceito foi trabalhado pelo autor por volta de 1887. O artigo é teórico e o método foi a pesquisa bibliográfica na filosofia do terceiro Nietzsche, a qual é delimitada a partir do livro *Assim falou Zaratustra*. Registra-se que o propósito da comunicação é ir além da apresentação de um pensamento filosófico. Dessa forma, apresenta-se a conexão do pensamento do filósofo do martelo com os dias de hoje pelo resgate de sua genealogia da moral como um modelo de análise dos valores morais. Com isso, reforça-se a visão do pensador, que via todos os valores refletirem-se em formas de comportamento que vão sendo construídos e reformados ao longo da história. Enfim, observa-se que o pensamento de Nietzsche, o qual se dizia um pensador extemporâneo, continua atual e – mais de um século após escrito – pode clarear discussões sobre problemas contemporâneos.

Palavras-chave: Valores, Moral, Ressentimento, Preconceito, Nietzsche.



SERES REDUNDANTES? OS REFUGIADOS E A INOSPITALIDADE PÓS-MODERNA – REFLEXÕES A PARTIR DE HEIDEGGER E BAUMAN

Symone Fernandes de Melo
Francisco Bento da Silva Filho

De acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados, de 1951, o consequente Protocolo de 1967 e a Lei pátria nº 9474, de 1997; será reconhecido como refugiado todo indivíduo que, devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país. Nas últimas décadas, temos assistido a uma grave crise humanitária concernente à questão dos refugiados. Estatísticas oficiais registram 65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos até o final de 2015. Dessas, 52% são crianças e jovens até 18 anos. No Brasil, segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), as solicitações de refúgio cresceram 2.868% de 2010 a 2015. A questão do refúgio não é um fenômeno recente, porém ganha nova configuração na modernidade líquida; um cenário profícuo em criar “pessoas redundantes”, conforme Bauman e, segundo Heidegger, em tomar a técnica como lastro, em um processo que realça o pensamento calculante em detrimento ao pensamento meditante; tendo por consequência o encobrimento do ser, o recrudescimento de inospitalidades e seus reflexos sobre o habitar humano. Busca-se, no presente trabalho, o desenvolvimento de reflexão, contemplando o pensamento dos autores supracitados, em torno da premente questão dos refugiados. Cada indivíduo é um testemunho do seu tempo histórico e das contingências que o marcam. O que, então, a experiência de refúgio desvela? Como é possível que, em pleno século XXI, Estados não consigam proteger os direitos sociais, econômicos e culturais de seus habitantes, ante uma generalizada violação de direitos humanos que leva indivíduos a buscarem novos territórios em busca de sobrevivência? Quais os desdobramentos, a longo prazo, da crise pós-moderna no tocante à hospitalidade e solidariedade social? A questão dos refugiados ilumina a discussão em torno de seres desencaixados dos limitantes tempo e espaço, desconectados da tradição, tiranizados pelas (im)possibilidades, (in)certezas e marcada inospitalidade que se apresentam no universo pós-moderno. Problematisa-se, por fim, o lugar do psicólogo diante de tal cenário e a urgência dessa categoria profissional voltar-se para tal temática.

Palavras-chave: Refugiados, Pós-modernidade, Heidegger, Bauman, Psicologia.



VIVÊNCIA COMUNITÁRIA DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS EM BOA VISTA-RR: UM OLHAR DA FENOMENOLOGIA STEINEANA

Matuzalém Lima e Sousa
Joelma Ana Gutiérrez Espíndula
Emerson Almeida da Silva

Atualmente, a população idosa representa 9% no Brasil e projeta-se que, até 2020, essa população será de 12%. Esta pesquisa buscou compreender as redes de apoio psicossocial para os idosos residentes em abrigo no município de Boa Vista-RR. O estudo caracteriza-se por ser descritivo-qualitativo, na perspectiva da análise fenomenológica Steineana, a partir do referencial teórico dos aspectos psicossociais e da fenomenologia; tendo como focos: subjetividade, intersubjetividade, corporeidade e comunidade – temas fundamentais para a condição humana. A coleta de dados foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Roraima. Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas com os participantes. Obtiveram-se os seguintes eixos temáticos: dimensão corpórea, apoio emocional e dimensão comunitária do idoso que reside no abrigo. Foram criadas oito unidades de significados, duas referentes ao primeiro eixo e três para cada um dos demais eixos. Os resultados mostraram que a maioria dos residentes é do sexo masculino. Isso pode estar relacionado ao fato de que a maioria dos moradores homens do abrigo veio da região Nordeste e do Amazonas com a intenção de trabalhar no garimpo, na região de Roraima, ficando sem o apoio familiar. Constatou-se, através de uma entrevista com a gestora, que a instituição cumpre o seu papel no que se refere ao apoio material no acolhimento e no cuidado à saúde. Além disso, a maioria dos idosos – por não ter referência familiar no estado de Roraima – acaba fazendo parte da comunidade interna da Instituição, à qual pertencem os funcionários, profissionais e usuários. É a essas pessoas que o idoso institucionalizado partilha a vida, seus anseios, inquietações, desejos, medos, incertezas e sonhos. Por outro lado, percebeu-se a necessidade de atividades que promovam autoestima e motivação, tendo em vista que todos os entrevistados relataram uma rotina monótona nas atividades diárias, segundo eles “resumida apenas na alimentação e no sono”.

Palavras-chave: Envelhecimento, Institucionalização, Aspectos psicossociais, Políticas públicas e Fenomenologia.



O (NÃO) LUGAR DA(S) FENOMENOLOGIA(S) NA SAÚDE COLETIVA

Anna Karynne Melo
Maria Lúcia Magalhães Bosi

A Saúde Coletiva, no Brasil, constitui-se a partir de três núcleos: o da epidemiologia, o das ciências sociais e humanas e o da planificação e gestão de sistemas de saúde. No núcleo das ciências sociais e humanas, a fenomenologia e o marxismo histórico foram as fortes influências teóricas. Para o enfoque marxista histórico, as abordagens fenomenológicas eram frágeis, a-históricas e de análises individualizadas e fragmentadas; além de não se preocuparem com o cultural, o social, o político e o histórico. Dois textos de referência na Saúde Coletiva reforçam essa compreensão: *Correntes de Pensamento e Medicina e Sociedade: as correntes de pensamento no campo da saúde*. Eles apresentam a fenomenologia como uma perspectiva teórica que passa de um posicionamento radical para o reacionário. Este estudo busca reconhecer qual o lugar do pensamento fenomenológico no campo em análise. Trata-se de uma revisão de literatura que intenta sintetizar as informações sobre um tema específico em um determinado momento. Inicialmente, apresentamos a fenomenologia a partir dos textos de referência citados acima; posteriormente, buscamos na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) artigos dos principais periódicos de Saúde Coletiva. Utilizamos-nos da combinação dos termos *fenomenologia AND saúde coletiva*. Obtivemos que os artigos tratam de temas variados como diabetes, saúde e enfermidade, trabalho em saúde, corporeidade, transtorno alimentar, entre outros; mas que vários artigos utilizam o termo "fenomenologia" sem fundamentá-lo teoricamente. Quando um estudo emprega "fenomenologia", usa-o como instrumento ou método, sem, muitas vezes, explicar as bases epistemológicas. Diversos estudos fazem confusão no que concerne à distinção entre a filosofia e a metodologia fenomenológica e referem-se à fenomenologia apenas na parte metodológica, como forma de coletar os discursos dos sujeitos informantes. Verificamos a ausência de definições dos principais conceitos da fenomenologia e de explicações sobre a qual fenomenologia o texto refere-se. Entendemos que os textos são constituídos com suporte em comentadores da fenomenologia e não com as fontes primárias. Consideramos a importância de se encetar uma discussão maior e aprofundada acerca de como a Saúde Coletiva utiliza-se da(s) fenomenologia(s) e da necessidade de resgatar a potencialidade do pensamento fenomenológico para a Saúde Coletiva.

Palavras-chave: Fenomenologia, Saúde Coletiva, Revisão de literatura.



UMA FENOMENOLOGIA DOS AFETOS EM MERLEAU-PONTY: NINGUÉM ESTÁ SALVO, NINGUÉM ESTÁ PERDIDO

Terezinha Petrucia da Nobrega

A comunicação aborda a fenomenologia de Merleau-Ponty e discute as questões do corpo, da sexualidade e dos afetos. Busca-se compreender uma fenomenologia do afeto na obra de Merleau-Ponty, em particular em seu diálogo com a Psicologia Gestalt, a Daseinanalyse e a Psicanálise. O método da pesquisa ampara-se na abordagem fenomenológica e em seu diálogo com as ciências humanas, notadamente a Psicologia e a Psicanálise. Em Merleau-Ponty (1960), particularmente no ensaio *O homem e a adversidade*, publicado na coletânea *Signes*, a noção de corpo e de alma ultrapassa as teses vitalista, materialista, idealista e criticista; além de propor uma nova maneira de compreender a vida, as relações natureza, cultura, humanidade e animalidade por meio da noção de corpo vivido. Para muitos pensadores do século XIX e, sobretudo, para a medicina, o corpo era compreendido como um feixe de mecanismos. O corpo como órgão dos sentidos encarrega-se da metamorfose da existência, em particular no domínio da sexualidade, do Eros e da libido, como Merleau-Ponty irá demonstrar nos cursos sobre a Natureza. O corpo que tem sentidos é também um corpo o qual deseja e a estesiologia prolonga-se em uma teoria do corpo libidinal. A síntese do corpo, sempre incompleta, provisória e aberta, diz respeito à espacialidade do corpo, seu volume e extensão. Mas o corpo do qual falamos na fenomenologia não se resume ao universo mecânico da extensão, pois se trata do corpo vivo, sexuado, que deseja, sofre, sorri e fala. Na fenomenologia apresentada por Merleau-Ponty, podemos perceber a afetividade não apenas como mosaico de estados afetivos, prazeres ou dores fechados em si mesmos, mas como um modo original de ser e estar no mundo; portanto, como uma dialética dramática de um corpo em direção a outro corpo. Corpo, afeto e linguagem são organizadores da nossa condição humana, de nosso encantamento sensorial e histórico na infinita tarefa de imprimir sentidos aos acontecimentos de nossa existência. Nesse sentido, parafraseando o filósofo, ninguém está a salvo, ninguém está perdido.

Palavras-Chave: Corpo, Fenomenologia, Afeto, Sexualidade, Merleau-Ponty.



A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O ASSUJEITAMENTO DA MULHER NA RELAÇÃO EU-ISSO

Maria Tamires
Ana Jamily
Camila Souza

A violência contra a mulher é um fenômeno complexo que pode estar presente em vários âmbitos da vida e manifestar-se de diferentes formas. Dentre elas, destaca-se a violência doméstica, a qual se refere a todo tipo de comportamento dominante praticado no meio familiar. No Brasil, a cada 2 minutos, 5 mulheres são espancadas. Esse tipo de violência é caracterizado pela presença de um opressor, ou seja, de uma pessoa que possui um nível hierárquico mais elevado na relação familiar, tornando-a assimétrica. Na sociedade contemporânea, percebe-se o predomínio do poder patriarcal, tema este amplamente discutido e que possui grande peso nas relações sociais em geral. Por percebermos as desigualdades de gênero nas funções sociais, no ambiente de trabalho e na vida cotidiana, neste trabalho temos como objetivo compreender a violência doméstica a partir das relações Eu-Tu e Eu-Iso descritas na obra do filósofo Martin Buber. A atitude Eu-Tu é caracterizada pela integração do homem ao mundo, pois é um ato essencial e um encontro em que há reciprocidade, envolvimento e integração mútua. Na atitude Eu-Iso, temos uma relação de coisificação, ou seja, o sujeito é visto como objeto distanciado do mundo e de sua alteridade. Na violência doméstica, percebemos a mulher como objeto a ser dominado pelo agressor. Tem-se presente um modelo de violência conjugal no qual o opressor toma a vítima como objeto e utiliza-se da violência para a resolução de conflitos, deixando de lado o diálogo, a reciprocidade e subjugando o potencial autêntico da vítima. Concluímos que, nas situações de violência doméstica, as mulheres encontram-se assujeitadas a viver sentimentos negativos como desvalorização, baixa estima e pouca significação de vida em uma relação adoecida pela predominância do Eu-Iso no contato com seus parceiros. É negada à vítima a chance de ser abordada diretamente como pessoa, ocorrendo um congelamento que não flui e nunca poderá caminhar para o Eu-Tu. Deixa-se claro que, enquanto humanas, os dois tipos de relação são autênticas, havendo a necessidade de alternância entre ambas, pois não podemos viver exclusivamente no Eu-Iso assim como também não conseguiríamos no Eu-Tu.

Palavras-chave: Violência doméstica, Martin Buber, Eu-Tu, Eu-Iso.



AMOR COMO TEMA DA CLÍNICA PSICOLÓGICA – DIÁLOGOS COM JOAQUIN XIRAU E MARTIN HEIDEGGER

Marcello Furst de Freitas Accetta

O presente trabalho refere-se ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa, anteriormente apresentado no III Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais, que visa discutir a temática do amor a partir da fenomenologia e sua relação com a clínica psicológica. O amor como um conceito extremamente amplo e, ao longo dos anos, definido de formas variadas, permitiu que diversas análises fossem feitas acerca de sua relevância, origem e/ou efeitos no mundo. A importância e a incompreensão sobre os possíveis significados ou as formas de se vivenciar o amor não se esgotaram. Aposta-se na fenomenologia como possibilidade de abordar e contribuir para as produções a respeito do amor e na necessidade de uma fenomenologia do amor para se pensar uma clínica inspirada na fenomenologia. Articulando o conceito de consciência amorosa – proposto pelo fenomenólogo Joaquim Xirau em *Amor e Mundo* – como a condição de possibilidade para atribuir sentido ao mundo, com a de ser-no-mundo na fenomenologia de Martin Heidegger em *Ser e Tempo*, propõe-se pensar o amor nas relações estabelecidas pelo Dasein, recuperando a dimensão do cuidado. Longe de se propor uma definição ou interpretação final sobre tal conceito, a abordagem a partir da fenomenologia nos possibilita escapar de abordagens já consagradas que remetem o amor a meras contingências históricas e/ou genéticas, evolutivas ou identitárias. Acreditando que o amor é o tema da clínica psicológica e, ao mesmo tempo, um tema de interesse social, cabe à psicologia a observação e a produção sobre esse fenômeno próprio das relações humanas, sem recair em psicologismos que retratem a experiência amorosa como parte de pressupostos que afastam os sujeitos da própria experiência. Percebendo-se uma necessidade de maior produção de pesquisas psicológicas com bases fenomenológicas acredita-se poder assim apresentar e retornar à problemática do amor como uma questão ontológica e despida das tradicionais referências ônticas que permeiam as práticas e produções em psicologia.

Palavras-chave: Amor, Clínica, Psicologia, Fenomenologia.



DIFICULDADES NO ACESSO E USO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE PELAS TRAVESTIS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM NATAL- RN/BRASIL

Antonia Nathalia Duarte de Moraes
Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Os serviços de saúde apresentam-se, muitas vezes, como locais de manutenção e reprodução das desigualdades e preconceitos da sociedade, em vez de serem locais de acolhimento e promoção de um cuidado humanizado. Por não se sentirem à vontade nesses locais, muitas travestis só procurem assistência médica em último caso, quando já estão em uma situação muito grave. A partir dessas constatações, temos como objetivo, para este trabalho, investigar as dificuldades e/ou facilidades no tocante ao acesso e ao uso de serviços de saúde pelas travestis na atenção primária, na cidade de Natal-RN/Brasil. Para tal, estamos realizando uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica. Os colaboradores foram travestis que já tinham procurado atendimento na saúde básica na cidade de Natal. Como estratégias metodológicas utilizamos a entrevista em profundidade, com roteiro e oficina com utilização de “cenas”. Garantimos um total de 7 participantes. Para análise e interpretação das narrativas recorremos à Hermenêutica-Dialética gadameriana. Diante das análises, foi possível identificar no relato das travestis quatro categorias mais recorrentes no que diz respeito às dificuldades encontradas no acesso e uso dos serviços na atenção primária: a resistência dos profissionais em chamá-las pelo nome social; a associação das travestis ao vírus HIV/aids; a invisibilidade das travestis nos locais de saúde, ou a visibilidade rejeitada e a percepção das travestis sobre a representação que os profissionais de saúde possuem delas. Muito foi construído para um funcionamento mais digno e respeitoso na nossa saúde pública, e muito há de se fazer para operacionalizar de fato os princípios do SUS, as diretrizes da PNH, a fim de se ter uma atenção à saúde passível de ser chamada de humanizada e integral. A luta pela dignidade, garantia do acesso à saúde das travestis e qualidade do cuidado não passa somente por questões de estruturação do sistema. É preciso estabelecer uma rede de diálogos entre as necessidades das travestis e os profissionais que trabalham no SUS, pois são eles que efetivam (ou não) a construção de um cuidado humanizado. Espera-se que a pesquisa possa contribuir com o campo do conhecimento acerca do saber-fazer na assistência à saúde das travestis.

Palavras-chave: Travestis, Saúde, Atenção primária.



HOMOEROTISMO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SÃO RAIMUNDO NONATO

Washington Ramos dos Santos Junior
Mariana de Fátima da Silveira Negreiros

O homoerotismo deixou de ser motivo oficial de perseguição do Estado e em menos de quatro décadas passou a ser reconhecido como parte do livre exercício da sexualidade, um direito humano, ao menos em alguns países ocidentais ou de forte influência europeia. Contudo, ainda vivemos em uma sociedade intolerante e preconceituosa, na qual homossexuais são marginalizados ou excluídos, devido unicamente a sua orientação sexual. Este trabalho tem por objetivo analisar como o homoerotismo é trabalhado na Educação Básica na cidade de São Raimundo Nonato, Piauí. Para a execução desse trabalho, utilizamos revisão da literatura acerca dos temas relacionados e entrevistas e questionários com homossexuais e profissionais da Educação. Apesar de as normativas educacionais e a legislação estabelecerem o direito à vida e à liberdade e o respeito à população LGBT, a escola não cumpre com seu papel de forma adequada, já que não se torna o local para a convivência entre alteridades e para a emancipação dos sujeitos; a escola é, via de regra, o local em que atos homofóbicos ocorrem com frequência. À medida que tenta negar direitos aos LGBT, a sociedade termina por ver seus próprios direitos esvaziados e limitados - evitar que se debata a orientação sexual na escola, em nome do preconceito e da homofobia, contribui para a gravidez de adolescentes e para a contaminação por HIV entre jovens de 15 a 19 anos. Quanto ao discurso dos educadores, exceto pelo professor 1, que mostra preconceito ao relacionar doenças e homossexualidade, e responde às perguntas de modo non-sense, a fim de fugir delas, podemos dizer que é o discurso esperado por um educador, nada mais. Ações concretas não há, e tampouco haverá, porque como disse a própria diretora da escola pesquisada, não há estratégias, já que a homossexualidade, em São Raimundo Nonato, é tabu. Junte isso a professores preconceituosos, despreparados e medrosos, e poderemos compreender a dificuldade no combate à homofobia. Sugerimos o protótipo de um projeto de Educação utilizando o Parque Nacional Serra da Capivara, já que as pinturas rupestres também mostram a sexualidade.

Palavras-chave: Homoerotismo, Educação básica, Direitos Humanos, São Raimundo Nonato.



OS SENTIDOS DAS MASCULINIDADES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS SENTIDOS DAS MASCULINIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

Rafaelle Fernanda Costa Benevides
Vannessa Brasil Fernandes de Oliveira
Georges Daniel Janja Bloc Boris

As novas pesquisas sobre a masculinidade ganharam espaço nos últimos anos devido aos estudos feministas desenvolvidos a partir das décadas de 1960 e 1970 e às recentes mudanças sociais que ocorreram com relação aos papéis dos gêneros. Na construção sociocultural destas mudanças, ocorreram o início recente da desconstrução do poder masculino e a maior expressão das subjetividades nas diversas sociedades. O objetivo desta pesquisa foi compreender a construção social dos sentidos de masculinidade na contemporaneidade, presentes nas produções, publicadas em português em revistas científicas de acesso aberto. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura que consiste em sintetizar resultados obtidos nas pesquisas sobre o tema em questão. A pesquisa foi realizada nos portais de periódicos da Capes e PePsic, durante o mês de fevereiro de 2017. A pesquisa utilizou o descritor “masculinidade” na busca, localizando 13 resultados no portal PePsic, retirando os artigos com abordagem psicanalítica, restando 6 artigos para análise. Foram localizados 726 artigos no portal Capes, após busca avançada com o mesmo descritor no título e refinamento da busca por “gênero”, restaram 8 artigos, dos quais foram excluídos os artigos em duplicidade com relação ao portal PePsic e os que estavam relacionados à saúde do homem, totalizando 2 artigos ao final. Ao todo, foram utilizados 8 artigos, a partir da coleta de dados desta pesquisa, dos quais 2 tratam mais especificamente sobre consumo e sobre o discurso midiático na construção social do sentido de masculinidade na contemporaneidade. Em suma, os estudos demonstraram que não se trata da construção de uma única masculinidade, ou seja, de uma única forma de ser homem, revelando que há uma preocupação social com a construção dos sentidos das masculinidades na contemporaneidade, isto é, em compreender como elas são vivenciadas e quais os desdobramentos de tal reformulação nos discursos sobre os homens e a masculinidade de maneira geral. A pesquisa mostra que as masculinidades têm se desenvolvido no contexto de esfacelamento do modelo patriarcal, o que põe em questão os valores criados a partir do discurso hegemônico do patriarcado e traz a necessidade de reformulação dos sentidos de ser homem.

Palavras-chave: Masculinidades, Gêneros, Subjetividades, Estudos feministas, Contemporaneidade.



(DES)QUALIFICAÇÃO DO COPING RELIGIOSO NA SAÚDE MENTAL

Thauana Gabriela Almeida Ferreira

O presente trabalho buscou compreender a atuação do(a) profissional da psicologia frente às estratégias de enfrentamento religioso (coping), conforme definido por Pargament (1997), que o usuário da saúde mental pode adotar ao longo do seu tratamento. Esse trabalho teve como questionamento central investigar como os(as) psicólogos(as) identificam o enfrentamento religioso e se, na sua atuação, existe estímulo para a expressão da religiosidade/espiritualidade do usuário ao longo do tratamento. Além disso, foram elencados como objetivos específicos: identificar as expressões verbais da psicóloga relacionadas ao coping no contexto de saúde mental; analisar as falas da psicóloga acerca do coping do usuário, buscando identificar nesses estratos os estilos de enfrentamento definidos por Pargament (1997); discutir/relacionar os conceitos de Pargament (1997) expressos nas falas da psicóloga; propor novas percepções relacionadas ao papel da psicologia e à sua formação em saúde mental. Para tal, optou-se pelo estudo de caso como delineamento metodológico para este estudo estritamente qualitativo. Como instrumento, foi utilizada uma entrevista realizada com uma psicóloga de uma instituição de saúde mental do DF (CAPS). Após a transcrição das entrevistas, foi utilizada a análise de discurso como forma de estabelecer um diálogo entre os dados e o aporte teórico eleito. A análise da entrevista levou a uma percepção dicotômica acerca da fala da psicóloga entrevistada: ao mesmo tempo que existe o reconhecimento e manejo do coping (identificando a religiosidade como rede de apoio e como forma de potencializar o tratamento) existe uma desqualificação do coping e das experiências religiosas do usuário (identifica a religiosidade como resistência ou manifestação psicopatológica). Foi possível perceber que existe uma deficiência na fala da psicóloga no modo de lidar com a religiosidade presente no setting terapêutico. Mas isso não pode ser considerado uma deficiência somente dessa psicóloga. A ausência de estudos, ao longo da formação profissional, voltados para a religiosidade/espiritualidade, aliada às abordagens teóricas que tendem a subestimar a significância da religiosidade nas práticas terapêuticas, colaboram para a existência de uma barreira entre as duas áreas.

Palavras-chave: Enfrentamento religioso, Saúde mental, Psicologia.



A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER INFANTIL: RECURSOS PARA UM CUIDADO HUMANIZADO?

Beatriz Mendes Pereira
Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Apesar dos avanços científicos para o alcance da cura e qualidade de vida do paciente oncológico pediátrico, o impacto do diagnóstico do câncer, o tratamento e suas repercussões são vivenciados pelas crianças com dor e sofrimento. Logo, percebe-se a necessidade de que elas busquem recursos para enfrentar tais problemáticas. Nesse sentido, este estudo objetiva compreender se e como a espiritualidade e/ou a religiosidade, enquanto recurso de enfrentamento para as crianças em tratamento oncológico, pode contribuir para a efetivação de um cuidado humanizado e integral. Trata-se de uma pesquisa de dissertação de mestrado, de delineamento qualitativo, ancorada na Hermenêutica Gadameriana. Torna-se pertinente tal lente teórica dado o fato deste pensar os sujeitos não como meros fornecedores de dados, mas como participantes relacionais, visto que se inserem em uma relação dialógica com o pesquisador, negociando os significados encontrados. A construção de Gadamer acerca da hermenêutica parte de uma concepção de que todo conhecimento do mundo é permeado pela linguagem e o modo de ser de uma coisa só se expressa quando falamos sobre ela. Os colaboradores serão entre 5 e 8 crianças, de 6 a 12 anos, hospitalizadas em um hospital infantil, referência em oncologia em Natal/RN. Foi utilizada a entrevista narrativa mediada por recursos lúdicos: o “boneco-personagem” – como elemento mediador do diálogo – e o desenho. Como resultados preliminares, apreendeu-se que religiosidade é um aspecto que transita na fala das crianças, demonstrando um desconhecimento sobre o conceito, mas uma vivência da religião a partir da crença em Deus, da liturgia e aspectos morais presentes na instituição religiosa que frequenta, além da influência dos familiares sobre isso. Ademais, a crença na ajuda constante de Deus, em seu poder de cura e nos propósitos que ele tem para as vidas das pessoas foram estratégias sinalizadas por elas no enfrentamento do câncer. Por fim, espera-se que o presente estudo possa contribuir para uma maior compreensão sobre o adoecimento oncológico e os possíveis aliados nesse enfrentamento, dando ênfase à dimensão da espiritualidade e religiosidade a partir de um novo olhar: o da criança; trazendo, assim, possíveis pistas para a produção de um cuidado humanizado e integral.

Palavras-chave: Câncer infantil, Espiritualidade, Religiosidade, Enfrentamento, Cuidado humanizado.



A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE NO CONTEXTO DA ONCOLOGIA: UMA VISÃO DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Sarah Xavier Vasconcelos de Fialho Rodrigues
Andréa Cristina T. Biselli
Vládya Tatyane P. de Lira
Marcus Túlio Caldas

O contexto oncológico traz questões inerentes à morte, suscitando fatores espirituais e religiosos em suas demandas, com muitas pessoas buscando na espiritualidade ou religiosidade o apoio necessário para experienciar essas questões. No que se refere à espiritualidade humana, Viktor Frankl e a Logoterapia e Análise Existencial aventam que o ser humano possui, além das dimensões psicológica e biológica, a dimensão noológica – também nomeada dimensão espiritual, que deve ser considerada no contexto de cuidado. Nessa dimensão encontra-se a capacidade do homem de distanciar-se não apenas de uma situação, mas também se distanciar de si mesmo, tomando uma atitude com respeito a si e assumindo uma posição ao colocar-se diante de seus condicionantes psicobiológicos. A religiosidade aparece então como um caminho de representação dessa espiritualidade, consistindo no nível de envolvimento religioso e o reflexo desse envolvimento na vida da pessoa, o quanto isso influencia seu cotidiano e sua relação com o mundo. Preocupada com essa temática, a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde assegura ao cidadão um atendimento que respeite os seus valores e garante o seu direito de receber ou recusar assistência religiosa, psicológica e social nos hospitais públicos e privados. Através de uma visão fenomenológica à luz da Logoterapia e Análise Existencial, objetiva-se discutir acerca da atenção dada à espiritualidade e à religiosidade de pacientes oncológicos nos cuidados a eles oferecidos, a fim de refletir acerca da consideração dessas demandas pelos profissionais da oncologia. Desse modo, foi realizada uma revisão de literatura sobre dos estudos realizados que apontam a interseção da espiritualidade/religiosidade no contexto oncológico. Através dessa revisão percebeu-se que, embora grande parte dos profissionais avaliem a consideração da dimensão espiritual/religiosa como primordial no atendimento oncológico, a falta de habilidade em identificar demandas dos usuários e o receio de influenciar as crenças dos pacientes constituem barreiras percebidas pelos próprios profissionais, dificultando a abordagem da religiosidade/espiritualidade nos atendimentos. Diante de tais considerações, é incontornável que novos olhares sejam direcionados a essa temática, como se propõe a logoterapia e análise existencial, a fim de compreender a experiência desses profissionais da oncologia no cuidado à dimensão espiritual dos pacientes oncológicos.

Palavras-chave: Espiritualidade, Religiosidade, Oncologia, Logoterapia e Análise existencial.



A RELIGIOSIDADE NA PRÁTICA DE PSICÓLOGOS(AS) QUE ATENDEM MULHERES COM DEMANDAS DE ABORTAMENTO

Raffaella da Silva Bomfim
Luciana da Silva Santos

O abortamento ainda é um tema pouco problematizado na sociedade. Ainda há desafios quanto à compreensão das experiências de mulheres as quais escolhem romper com a gravidez, assim como dos(as) profissionais que realizam tal prática. Entre os fatores que atravessam o tema, a religiosidade talvez seja o principal. Indaga-se a respeito de possíveis conflitos que um(a) profissional poderia ter ao trabalhar com o abortamento legal, por exemplo, quando a sua religião é absolutamente contrária a qualquer tipo de aborto. Diante disso, feita através de um estudo exploratório, esta pesquisa buscou compreender a percepção de psicólogos(as) sobre a religiosidade das pessoas envolvidas em situação de aborto em uma instituição hospitalar. Para tanto, foram contatadas duas psicólogas e um psicólogo que trabalham no cuidado de mulheres em processo de aborto, vítimas de violência sexual (estupro), dentro de hospital maternidade que realiza procedimentos de abortamento dentro da Lei. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, a partir de uma postura fenomenológica, com tais profissionais. A análise dos dados foi feita pelo método fenomenológico, que visou sistematizar em linguagem científica o fenômeno vivido pela pessoa e seus sentidos. As Unidades de Significados (US) que emergiram foram: 1) Religiosidade da mulher e o aborto; 2) Religiosidade dos familiares; e 3) Religiosidade da equipe profissional. Cada US foi discutida, destacando-se as convergências e divergências das falas dos(as) profissionais entrevistados(as). Diante disso, compreendeu-se que há culpabilização e responsabilização por parte da mulher que decide abortar ou não, ante o potencial limitador de liberdade e punitivo das religiões; muitas famílias das mulheres abusadas não aceitam a violência e veem o fato como pecado e pagamento pelo mesmo; em geral a equipe busca focar na saúde, assistência e suporte e não na religiosidade e busca separação entre religiosidade pessoal e técnica profissional em sua atuação, em especial ante a religiosidade da paciente e de seus familiares, ainda que possa gerar conflitos internos para as psicólogas e o psicólogo entrevistados.

Palavras-chave: Aborto, Religiosidade, Espiritualidade, Saúde, Mulher.



O DESPERTAR DE UM GRUPO DE PESQUISA EM *DASEINSANALYSE*: ESTUDOS E REFLEXÕES DE “CONVERSA SOBRE TERAPIA”, DE BILÊ TATIT SAPIENZA

Ágnes Cristina da Silva Pala
Tamiris de Abreu Fonseca
Stephany Cecilia da Rocha
Raquel Passeri de Aguiar
Solange dos Santos Lima

Este Relato traz a experiência de alunos do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) – Campus Niterói, ao participarem da criação de um grupo de pesquisa sobre Fenomenologia e *Daseinsanalyse*. Em 2016, foi realizada a Iniciação Científica “Reflexões teóricas sobre a prática psicoterápica segundo a abordagem fenomenológica-existencial”, vinculada à linha de pesquisa “Intervenções Clínicas: Psicologia Fenomenológica-Existencial” sob coordenação da Psicóloga e Profa Ms. Ágnes Cristina da Silva Pala. A proposta desta Iniciação foi o estudo e a apresentação das obras de Bilê Tatit Sapienza – *Conversa sobre terapia; Do desabrigo à confiança* –. Para este Relato, apresentar-se-á as reflexões de “Conversa sobre terapia”, tendo sido utilizada a metodologia de pesquisa exploratória, com tratamento dos dados qualitativos, através de pesquisa bibliográfica da referida obra. O livro foi dividido em temas para apresentação dos alunos em grupo. À cada apresentação, ocorria uma interlocução com os participantes, onde todos ‘conversavam sobre terapia’. O livro era estudado e, também, “reescrito” através do diálogo sobre psicoterapia. Através das apresentações, os alunos percebiam a importância de um espaço de estudo e pesquisa sobre a clínica fenomenológica, além de desmistificarem a complexidade de participação em uma Iniciação Científica. Os alunos expuseram receios e dúvidas em relação à *Daseinsanalyse* não possuir técnica mas, ‘somente’ um embasamento filosófico/teórico que orientará a prática clínica na compreensão da Existência humana. Os participantes foram compreendendo a simplicidade da prática clínica em *Daseinsanalyse*. Simplicidade em estar aberto para a percepção do fenômeno-cliente que se apresenta e desvela a cada sessão, sem técnicas pré-estabelecidas; apenas os árduos exercícios de suspensão dos juízos e da observância do fenômeno que se apresenta no *setting* terapêutico. O espaço da Iniciação Científica transformou-se numa grande conversa com um tema e inúmeros afetos, além de enfatizar a importância da supervisão e da terapia individual para os estudantes e os profissionais e; a orientação ética nos preceitos das Resoluções do Conselho Federal de Psicologia. Os alunos, ao encerrarem as apresentações do livro, puderam constatar o quanto suas visões de prática clínica haviam modificado, além da importância de um espaço de estudo e pesquisa em *Daseinsanalyse*.

Palavras-chave: Fenomenologia, Iniciação Científica, Psicologia, Psicoterapia, *Daseinsanalyse*.



A DIMENSÃO DA ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE EM USUÁRIOS DO PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UM HOSPITAL GERAL

Anderson Barbosa de Araujo;
Marcela Almeida Figueiredo;
Delby Fernandes de Medeiros Neto;
Davi Corlett Silva;
Sandra Souza

A espiritualidade e a religiosidade se apresentam como fenômenos da existência humana, com claras diferenças conceituais. Frankl define como espiritualidade, uma dimensão ontológica da existência humana relacionada à busca de sentido. Pinto considera como religiosidade as expressões dogmáticas das diversas religiões. A presente pesquisa teve como objetivo principal identificar as vivências de espiritualidade e religiosidade dos usuários do plantão psicológico do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW). Utilizou-se como método a Análise de Conteúdo Temática, conforme propõe Bardin. Totalizaram-se 12 descrições dos atendimentos realizados com 9 participantes nas sessões do Plantão Psicológico. Após categorização e análise por um juiz, havendo índice de concordância de 100%, encontraram-se 6 categorias temáticas: (1) A religião como fator de proteção e ajuda (47%); (2) Identidade religiosa (17,6%); (3) A psicologia como alternativa de autoconhecimento frente à religião (11,7%); (4) A espiritualidade como plenitude (11,7%); (5) Deus não tem culpa (5,8%); e (6) Sensação de falta de sentido (5,8%). Corroborando a primeira categoria, alguns estudos apontam a religião como fator de proteção, impactando positivamente a saúde mental e também física (sistema cardíaco, imunológico e prevenção de patologias). Na segunda categoria, a religião configurou-se como parte da identidade dos participantes, a qual se mostrou importante para a compreensão de suas questões psicológicas. Na terceira categoria, a psicologia também pôde ser vista como nova possibilidade de busca por autoconhecimento, além da religião, no atendimento do plantão. A quarta categoria sinalizou a dimensão espiritual como a mais saudável e exclusivamente humana, uma ideia de plenitude espiritual que se aproxima do que Frankl aponta como a dimensão noológica do ser humano. Na quinta categoria, o conteúdo expressa uma questão importante no que diz respeito à relação entre as queixas psicológicas e a religiosidade, inexistindo atribuição de culpa a “Deus” pelo sofrimento. Finalmente, a sexta categoria revela conteúdos de sensação de falta de sentido e vazio existencial, fenômenos componentes do que Frankl chama da espiritualidade humana, assim como a liberdade, a criatividade etc. Por fim, sugerem-se pesquisas futuras que possam relacionar a queixa do paciente e os aspectos trazidos para o plantão a respeito da espiritualidade e/ou religiosidade.

Palavras-chave: Plantão psicológico, Espiritualidade, Religiosidade.